

Túlio Augusto Paz e Albuquerque

**Entre Campos – O Intercâmbio espírita Brasil-Portugal e a (re)construção do
movimento espírita português (1940-1980)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de Doutor em História sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Gizele Zanotto.

Passo Fundo

2018

Dedico esta tese aos meus amados pais: Antônio Barbosa de Albuquerque e Maria do Socorro Paz e Albuquerque; a minha amada esposa Katiana Diniz de Almeida e Albuquerque e aos meus queridos irmãos: Tales Iuri, Tiago, Tássio Lívio, Tarsila Lívica, Tairone, Tauan e Leonardo.

A Deus, porque sem Ele nada seria possível!

À minha família, pelo carinho e motivação a cada etapa vencida!

À minha esposa, que me apoiou nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, pela paciência e apoio!

Aos professores avaliadores, que contribuíram com este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UPF extensivo aos professores e colegas de turma pelas experiências e aprendizados compartilhados nesse período!

Ao Laboratório de Estudos das Crenças (LEC-NEMEC, PPGH/UPF)

À Dona Geni e Sidiane pelo acolhimento em Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

Ao prof. Dr. Vitor Neto da Universidade de Coimbra - Portugal que viabilizou a minha ida à Portugal, viagem imprescindível para concretização dessa pesquisa!

Ao presidente da Federação Espírita Brasileira Jorge Godinho por conceder o acesso ao acervo.

A Divaldo P. Franco que abriu as portas do seu acervo privado na Mansão do Caminho em Salvador – Bahia.

Ao presidente da Federação Espírita Portuguesa Vitor Mora Féria pelo apoio e permissão em acessar o acervo da FEP.

À Dona Fátima e Isabel Antunes pela acolhida em Amadora-Lisboa, Portugal.

Aos novos laços de afetos construídos por onde caminhei durante essa trajetória.

Aos demais familiares e amigos!

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Na França, em 1857, era lançado *O Livro dos Espíritos* por Allan Kardec, conectado com o contexto “cientificista” do século XIX, que pretendia trazer respostas aos fenômenos tidos como “sobrenaturais”. Poucos anos após o lançamento da primeira obra, há relatos da inserção do Espiritismo no Brasil e em Portugal. Em ambos os cenários religiosos, o Espiritismo foi acolhido principalmente por uma elite local letrada. Sua difusão evidenciou-se a partir de uma imprensa opositora, a qual despertava a curiosidade popular. A expansão espírita em Portugal e no Brasil teve suas especificidades: enquanto que em Portugal foi visto um espiritismo mais ligado às bases científicas; no Brasil, o movimento espírita foi se fortalecendo através de um viés mais social e cristão. No Brasil, essa ênfase se consolida com a atuação principalmente de Francisco Cândido Xavier e da Federação Espírita Brasileira (FEB), quando da publicação de *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938). Essa obra fundamentou a construção de uma tradição espírita brasileira. A partir dela, o Brasil era tido como um país dotado de uma “missão espiritual”, uma ressignificação espírita do mito fundador do Brasil “Terra do por vir”. Apoiados nessa “missão espiritual”, algumas autoridades espíritas brasileiras, principalmente após o Pacto Áureo em 1949, intensificaram sua atuação no campo religioso português. O movimento espírita português teve uma expansão significativa principalmente no início do século XX. Porém, entre os anos de 1933-1974, o regime salazarista, apoiado pela Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR dominava o campo político. Em 1953, o Governo português suspendeu as atividades da Federação Espírita Portuguesa - FEP, pois não a reconhecia enquanto uma instituição pedagógica e científica. Diversos centros espíritas também tiveram suas atividades suspensas, restringindo o movimento espírita português a poucos centros espíritas e a cultos familiares. Apenas a *Revista Estudos Psíquicos*, fundada por Isidoro Duarte Santos (1939), esteve em circulação durante quase todo esse período. Essa revista foi a principal fonte utilizada neste trabalho para compreender historicamente o encontro entre esses dois campos religiosos (BOURDIEU, 2004), Brasil e Portugal, na ação do processo de (re)construção do movimento religioso espírita português (1940-1980). A fundamentação teórica se norteia em Arribas (2014) para compreender o papel das autoridades espíritas brasileiras, portuguesas e luso-brasileiras, suas atuações nos tipos específicos de autoridades: intelectuais, institucionais e carismáticas, as quais fortaleceram o intercâmbio e direcionaram referências histórico-religiosas de experiências consolidadas no movimento espírita brasileiro para Portugal, apontadas por Bernardo Lewgoy (2008) e acrescida a categoria transcendental “missão espiritual”. A conexão histórica entre Portugal e Brasil foi ressignificada culturalmente e lhes permitiu construir para si representação(ões) específica(s) do espiritismo em seus campos. O intercâmbio de suas ideias uniu convicções que se reafirmaram historicamente, conectadas “espiritualmente”, trazendo para o Brasil um protagonismo no campo religioso, com um tipo de discurso representativo de um espiritismo “religioso” (social e cristão) que, acreditamos, influenciou não só o campo religioso português, mas que avança na atualidade no campo religioso internacional.

Palavras-chave: Campo Religioso, Espiritismo, Brasil-Portugal, Autoridades Religiosas, História Cultural.

ABSTRACT

The Book of Spirits, written by Allan Kardec, was published in France in 1857, in connection with the nineteenth-century "scientistic" context, aiming to bring answers to the phenomena considered "supernatural". A few years after its launch, there are reports of the insertion of Spiritism in the Brazil and Portugal. In both religious scenario, mainly local highbrow elite welcomed Spiritism. Its diffusion was evidenced from an opposition press, which aroused the popular curiosity. The spiritist expansion in Portugal and Brazil had specific characteristics: whereas in Portugal we saw a spiritism more linked to the scientific bases, in Brazil the spiritist movement was strengthened through a social and Christian bias. In Brazil, this emphasis was consolidated by the work of Francisco Cândido Xavier and Brazilian Spiritist Federation - FEB, by the time of the publication of Brazil, Heart of the World, Homeland of the Gospel (1938). This book founded the construction of a Brazilian spiritist tradition. After its release, it was considered Brazil as having a "mission spiritual", a spiritist resignification of the founding myth of Brazil "Land of Promise". Supported on this spiritual mission, the Brazilian Spiritist authorities intensified their work in the Portuguese religious field, especially after the 1949 Gold Pact. The Portuguese spiritist movement had a significant expansion mainly in the early twentieth century. However, between the years 1933 and 1974, the Salazar regime, supported by the ICAR, dominated the political field. In 1953, the Portuguese government suspended the activities of the Portuguese Spiritist Federation - FEP, since it did not recognize it as a pedagogical and scientific institution. Several spiritist centers also had their suspended activities, restricting the Portuguese spiritist movement to a few spiritist centers and family services. Only the Revista Estudos Psíquicos was in circulation during the period, which was founded by Isidoro Duarte Santos (1939). This journal was the main source for the historical understanding of the encounter between these two religious fields (BOURDIEU, 2004), Brazil and Portugal, in the process of (re)construction of the Portuguese Spiritist movement (1940-1980). We are based in Arribas (2014) to understand the role of the Brazilian, Portuguese and Luso-Brazilian Spiritist authorities and their actions in the specific types of authorities: intellectual, institutional and charismatic. Those types of authorities have strengthened the exchange between those fields and guided historical-religious references of experiences consolidated in the Brazilian Spiritist Movement for Portugal, as pointed out by Bernardo Lewgoy (2008), adding the transcendental "spiritual mission" category. The historical link between Brazil and Portugal was culturally resignified and allowed the construction of specific(s) representation(s) of Spiritism in those fields. The exchange of their thoughts united convictions, which are historically reassured and "spiritually" connected, making Brazil a protagonist on the religious field, as a discourse that represents the "religious" Spiritism (social and Christian), which we believe influenced not only the Portuguese, but also on the international religious field, that is in progress nowadays.

Keywords: Cultural History, Religious Field, Spiritism, Brazil-Portugal, Religious Authorities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Ao Serviço do Espiritismo luso-brasileiro”	127
Figura 2 – Órgão Oficial da Maternidade Casa de Mãe Pobre, Rio de Janeiro	127
Figura 3 – Órgão Oficial da Casa do “Tio Juca”, Salvador.....	128
Figura 4 – Órgão Oficial Lar de Jesus, Nova Iguaçu	128
Figura 5– Revista de Metapsicologia – Ano 1, n. 2, fevereiro de 1949	145
Figura 6 – Revista de Metapsicologia – Ano 5, n. 2, fevereiro de 1953	146
Figura 7 – Conferência de Divaldo Franco em Leiria, Portugal - 24 de julho de 2018	179
Figura 8 – Conferência de Divaldo Franco em Lagos, Portugal - 27 de julho de 2018	179

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Distribuição populacional segundo os grupos de religião (2000-2010).....	25
Quadro 2 - Edições em que consta o termo Espiritismo ou Spiritismo.....	46
Quadro 3 - Edições em que consta o termo Espiritismo ou Spiritismo [Por Região]	47
Quadro 4 – Elementos para uma tradição: “Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho” (1938).....	81
Quadro 5 – Conteúdo da Revista Estudos Psíquicos – 1º Ano / Junho	119
Quadro 6 – Conteúdo da Revista Estudos Psíquicos – 4º Ano / Abril	120
Quadro 7 – Conteúdo da Revista Estudos Psíquicos – 4º Ano / Maio	120
Quadro 8 – Autoridades Intelectuais – Colaboradores da Revista Estudos Psíquicos (1905)	121
Quadro 9 – Autoridades Intelectuais – Colaboradores da Revista Estudos Psíquicos (1942)	124
Quadro 10 – Autoridades Intelectuais – Colaboradores da Revista Estudos Psíquicos (1955)	129
Quadro 11 – Autoridades brasileiras que foram capa da Revista Estudos Psíquicos (1940- 1955).....	135
Quadro 12 – Autoridades brasileiras que foram capa da Revista Estudos Psíquicos (1956- 1960).....	137
Quadro 13 – Ênfases doutrinárias nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na Revista Estudos Psíquicos entre os anos de 1943-1949.	139
Quadro 14 – Isidoro Duarte Santos no campo religioso brasileiro – Instituições visitadas. ..	158
Quadro 15 – Lugares visitados por António Cardoso no campo religioso brasileiro presente em suas publicações na Revista Estudos Psíquicos.	164

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Autoridades Espíritas em destaque nas capas da Revista Estudos Psíquicos (1943-1949).....	131
Gráfico 2 – Autoridades Espíritas em destaque nas capas da Revista Estudos Psíquicos (1950-1955).....	132
Gráfico 3 – Instituições Espíritas em destaque nas capas da Revista Estudos Psíquicos (1943-1960).....	133
Gráfico 4 – Instituições espíritas brasileiras em destaque nas capas da Revista Estudos Psíquicos (1943-1955).....	133
Gráfico 5 – Inserções de Autoridades Espíritas Brasileiras nas capas da Revista Estudos Psíquicos (1943-1949).....	134
Gráfico 6 – Inserções de Autoridades Espíritas Brasileiras nas capas da Revista Estudos Psíquicos (1950-1955).....	134
Gráfico 7 - Ênfases doutrinárias nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na Revista Estudos Psíquicos, entre os anos de 1943-1949.	144
Gráfico 8 – Número de publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na Revista Estudos Psíquicos entre os anos de 1943-1949.....	144
Gráfico 9 – Ênfase doutrinária –“Científica” nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na Revista Estudos Psíquicos entre os anos de 1943-1949.....	147
Gráfico 10 – Ênfase doutrinária –“Moral/Religiosa” nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na Revista Estudos Psíquicos entre os anos de 1943-1949.....	148
Gráfico 11– Ênfase doutrinária –“Filosófica” nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na Revista Estudos Psíquicos entre os anos de 1943-1949.....	149
Gráfico 12 – Instituições Espíritas Brasileiras que foram capa da Revista Estudos Psíquicos (1940-1960).....	153
Gráfico 13 – Número de instituições por cidades que Isidoro Duarte Santos conheceu no Brasil (1955).....	160
Gráfico 14 – Tipo das instituições que Isidoro Duarte Santos conheceu no Brasil (1955)....	161

Gráfico 15 – Número de instituições por tipologia que Isidoro Duarte Santos conheceu no Brasil (1955).....	161
Gráfico 16 - Número de inserções de Divaldo Franco na Revista Estudos Psíquicos (1960-1980).....	177
Gráfico 17 - Número de publicações sobre Divaldo Franco por direcionamento de conteúdo na Revista Estudos Psíquicos (1960-1980)	177
Gráfico 18 - Proporção das publicações sobre Divaldo Franco por direcionamento de conteúdo, na Revista Estudos Psíquicos (1960-1980)	178

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADEP	Associação dos Divulgadores do Espiritismo de Portugal
ANCINE	Agência Nacional do Cinema
CEI	Conselho Espírita Internacional
CEPA	Congresso da Confederação Espírita Pan-americana
CFN/FEB	Conselho Federativo Nacional
FEB	Federação Espírita Brasileira
FEP	Federação Espírita Portuguesa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
LEAL	Livraria Espírita Alvorada Editora
LEB	Liga Espírita do Brasil
USE	União das Sociedades Espíritas do estado de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O ESPIRITISMO E O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO	22
1.1 – O campo religioso brasileiro	25
1.1.1 – O Espiritismo entre a oferta e a demanda social dos leigos	27
1.2 – Inserção do Espiritismo no cenário religioso brasileiro	34
1.2.1 – O cenário religioso Brasileiro no Século XIX	34
1.2.2 – Primeiros movimentos – a circulação das ideias espíritas no Brasil	38
1.2.3 – Federação Espírita Brasileira – um/o modelo	55
2 A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADIÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA ...	65
2.1 – O Brasil: da Terra do “Por vir” a uma “missão espiritual”	65
2.2 – Chico Xavier	69
2.2.1 – Uma “missão espiritual”	76
2.2.2 - Demais referências históricoreligiosas construídas através da experiência espírita no campo religioso brasileiro	89
3 O ESPIRITISMO E O CAMPO RELIGIOSO PORTUGUÊS	98
3.1 – A inserção do Espiritismo no cenário religioso português do século XIX e expansão e declínio no Campo Religioso Português (XX)	99
3.2 – Entre Campos – O Intercâmbio espírita Brasil-Portugal e a (re)construção do espiritismo português (1940-1980)	112
3.2.1 – O Espiritismo nas páginas da <i>Revista Estudos Psychicos</i> (1905-1909) e a ascensão do Espiritismo “brasileiro” na <i>Revista Estudos Psíquicos</i> (1940-1955)	118
3.2.2 – Intercâmbio fortalecido - Autoridades espíritas portuguesas no campo religioso brasileiro (1955- 1965)	153
3.2.3- O papel das autoridades espíritas brasileiras na (re)construção do movimento espírita português (1965-1980)	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
FONTES	199
REFERÊNCIAS	204
ANEXOS	214

INTRODUÇÃO

Amigos de Portugal, espiritistas militantes! É preciso ver para crer! Este movimento espantoso que se exerce de Norte a Sul do Brasil está criando raízes fundas em todos os recantos! Em face do que observamos, [...] temos a certeza de que a Doutrina subirá cada vez mais alto, engastada em legendas de fraternidade e bondade. (SANTOS, Isidoro. *Revista Estudos Psíquicos*, n.6, 1955, p. 184)

No Brasil é assim que se faz. Não será tempo de lhe seguirmos na esteira?... Cimentemos o ideal em alicerces de amor e fé e ele se firmará para os séculos! (SANTOS, Isidoro D. *Revista Estudos Psíquicos*, n.5, 1955, p. 161)

Os trechos, na epígrafe de Isidoro Duarte Santos, diretor da *Revista Estudos Psíquicos*, quando da sua visita ao Brasil, na década de 1950, afirmava ser preciso conhecer o campo religioso brasileiro, que dispunha de destacadas instituições e autoridades espíritas; sendo considerado um “movimento espantoso”, ele então apontava a necessidade da união, do intercâmbio entre os espíritas portugueses e brasileiros. O movimento espírita brasileiro torna-se uma referência importante para as autoridades portuguesas, principalmente para Santos, o qual se apresentava como porta-voz dos espíritas portugueses e buscava novos horizontes numa desejada (re)construção do movimento espírita português.

Após 1953, segundo Luís Santos (2002, p. 479), o movimento espírita português se resumia ao funcionamento de cinco instituições. As demais, incluídas a Federação Espírita Portuguesa (FEP), foram consideradas ilegais e apenas um periódico espírita estava em circulação, a *Revista Estudos Psíquicos*, que se soma, só a partir de 1963, à *Revista Fraternidade*. Essa interferência do governo António Salazar, no movimento espírita português, representou regressão das pretensões do movimento espírita português de expansão e unificação.

Luís Santos (2002, p. 478) afirmou que existiam, até o início do regime salazarista, aproximadamente cinquenta centros espíritas filiados à FEP e vinte periódicos que circulavam no país. Eis o cenário que Isidoro D. Santos visava alterar quando da visita ao Brasil.

Na atualidade, no espiritismo em Portugal, percebemos um modelo de organização espírita federativo que está em expansão. Segundo último levantamento, de 30 de abril de 2018, a Associação dos Divulgadores do Espiritismo de Portugal (ADEP, 2018)¹ afirmou que o campo religioso português possui 123 instituições espíritas, os quais comparados com os

¹Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal - Lista disponível em: http://adep.pt/wp-content/uploads/2018/05/2018_04_30_centros_espiritas_portugueses.pdf; Acessado em 20 de maio de 2018.

dados apresentados por Manuela Vasconcelos (2015, p. 520-522), em 2003 - quando existiam 60 instituições federadas – representa um aumento considerável.

Tendo em vista este quadro comparativo, pretendemos aprofundar as análises acerca do intercâmbio entre os campos religiosos dos dois países que resultou em um processo de (re)construção do movimento espírita português (1940-1980).

Para termos uma ideia do lugar de autoridade do Espiritismo no Brasil, apontaremos alguns dados estatísticos. De acordo com o IBGE, 3,8 milhões de espíritas estão no Brasil, colocando-o como a maior nação espírita do mundo e a terceira² maior religião no Brasil, ficando atrás da ICAR e dos Protestantismos. Segundo Ivan Franzolim (2008, p. 15), “o mercado editorial espírita [brasileiro] possui 205 editoras, 4.330 títulos, 998 autores” sendo um dos mercados que mais vende no Brasil.

Vê-se, por exemplo, em Franzolim (2008, p. 9) que, no ano de 2002, havia três mil títulos de obras, um aumento de 44,33% comparado aos dados publicados em 2008 pelo autor, além do surgimento de cinquenta novos autores. A editora da FEB, uma das mais antigas e mais consolidadas editoras espíritas brasileiras, possui em seu catálogo 500 títulos, dos quais 88 psicografados por Francisco Cândido Xavier, tendo 45 milhões de obras impressas, por 160 autores, sendo 10 milhões das obras básicas de Allan Kardec. Desses, há traduções para mais de dez idiomas (principalmente espanhol, inglês, francês, esperanto, russo e húngaro) (FEB, 2018). Na Livraria Espírita Alvorada Editora, a maioria dos livros editados é do médium Divaldo P. Franco, somando 178 obras psicografadas, das quais 90 foram traduzidas para quinze idiomas³ (LEAL, 2016).

O Espiritismo tem na tradição literária sua base fundamental, mas na atualidade percebe-se certa recorrência na produção de séries, novelas e filmes⁴ com temática espírita, o que denota interesse ou curiosidade da população por essa ‘religião’ ou por suas ideias. De acordo com a ANCINE (2010), dois desses filmes com temática espírita tiveram destaque especial, foram eles: *Nosso Lar* (2010), que foi visto por 4.060 milhões de pessoas, e *Chico Xavier* (2010), visto por 3.414 milhões, ficando, respectivamente, em 2º e em 3º lugares como filmes mais vistos no ano de 2010.

²Segundo o IBGE, 2010. Disponível em:

https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf

³ Principalmente: espanhol, francês, inglês, alemão, sueco, albanês, holandês, húngaro, italiano, theco, esperanto, norueguês.

⁴ Novelas: *A Viagem* (1975 original, 1994, remake), *Alma Gêmea* (2005/2006), *O Profeta* (2006), *Escrito nas Estrelas* (2010), *Aquele Beijo* (2011), *Amor Eterno Amor* (2012); *Série a Cura* (2010), *minissérie Chico Xavier* (2011). Filmes: *Bezerra de Menezes* (2009), *Chico Xavier* (2010), *Nosso Lar* (2010), *As Mães de Chico Xavier* (2011), *O Filme dos Espíritos* (2011), *E a vida Continua* (2012).

De acordo com Ivan Franzolim (2008), no livro *Análise do Mercado Editorial Espírita*, o Brasil, no ano de 2008, tinha em seus registros no Cadastro de Pessoa Física e Jurídica, 12.290⁵ instituições espíritas. Os números nos dão uma ideia da difusão e consolidação do Espiritismo no campo religioso brasileiro, mas tal consolidação não é de hoje, diante dos números expostos, percebe-se que as bases do movimento espírita no Brasil foram construídas ao longo de um processo histórico, de intercâmbios culturais.

Para termos uma ideia, as bases que fundamentaram a (re)construção do movimento espírita português foram construídas principalmente através do intercâmbio histórico Brasil-Portugal, e que se intensificaram entre os anos de 1940-1980, a partir de referências históricas construídas através das experiências religiosas consolidadas no campo religioso brasileiro.

A possibilidade do contato de autoridades brasileiras no campo religioso português, em 1977, foi resultante do fortalecimento desse intercâmbio de autoridades religiosas. Na tarde do dia 14 de maio de 1977, os portugueses recebiam diversas autoridades espíritas brasileiras (Francisco Thiesen (FEB), Divaldo P. Franco e Nilson Pereira) que estavam em Portugal para uma série de encontros de divulgação doutrinária e orientação para (re)organização do movimento espírita português. No dia 11 de junho de 1977, “[...] a direcção da Federação Espírita Portuguesa, aprovou em sua reunião [...] as Bases da Organização Espírita Portuguesa [...] esta primeira fase determinará o ‘levantamento nacional’ [...] ponto de partida para a segunda fase, que determinará a sua ‘organização’.” (*Revista Estudos Psíquicos*, n.7, 1977, p. 220-221)

O momento era de transição política, pois o fim do regime salazarista, no dia 25 de abril de 1974, foi um marco, uma conquista em prol da “liberdade” sentida em diversos campos, inclusive no campo religioso português. O órgão máximo do Espiritismo português, a Federação Espírita Portuguesa, reabriu suas portas em 1976, fechadas desde 1953, devido às ações políticas do então regime de António Salazar. Este governo português, enquanto apoiava a Igreja Católica, extinguiu as ações da Federação Espírita e da quase totalidade de seus centros espíritas.

Constatado que havia essa troca de experiências através do intercâmbio, podemos indagar: como aconteceu e em que se fundamentou esse processo de (re)construção do movimento espírita português? Porque o movimento espírita brasileiro se legitimou enquanto

⁵ Os estados com maiores números de instituições espíritas: São Paulo (3.946), Minas Gerais (1.849), Rio de Janeiro (1.177), Rio Grande do Sul (814), Goiás (655) e Bahia (644), enquanto que os que possuem menos instituições espíritas são: Tocantins (62), Rondônia (61), Acre (24), Amapá (12) e Roraima (10). As oito cidades que mais possuem instituições espíritas são encabeçadas por: São Paulo (1.075), Rio de Janeiro (501), Belo Horizonte (245), Salvador (208), Goiânia (192), Recife (179), Porto Alegre (147) e Fortaleza (138).

protagonista do campo religioso português? Quem são as principais autoridades religiosas brasileiras, luso-brasileiras e portuguesas que contribuíram no fortalecimento desse intercâmbio, entre os campos religiosos português e brasileiro?

A partir destas indagações, o presente trabalho tem como objetivo compreender historicamente o intercâmbio do espiritismo no Brasil e Portugal, na ação do processo de (re)construção do movimento religioso espírita português (1940-1980). Tem ainda como objetivos específicos: refletir acerca da inserção, expansão e consolidação de um tipo de espiritismo religioso no campo religioso brasileiro, que tem como vetor difusor a Federação Espírita Brasileira; compreender historicamente acerca da construção de uma tradição espírita brasileira, o Brasil dotado por uma “missão espiritual” a partir, principalmente, da análise da obra *Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho*; por fim, analisar através das páginas da *Revista Estudos Psíquicos*, entre os anos de 1940-1980, o papel das autoridades espíritas brasileiras, portuguesas e luso-brasileiras, na (re)construção do espiritismo no campo religioso português, identificando suas atuações a partir dos tipos “intelectual”, “institucional” e “carismático”.

Problematizar sobre religião, antes de qualquer debate historiográfico inerente às pesquisas históricas, é ter um olhar sobre indivíduos, sobre vidas que aceitaram ideias e princípios, que responderam às demandas enquanto sujeitos históricos e que viram, no intercâmbio, uma saída para fortalecer o grupo social ao qual pertencia, e o *ethos*⁶ em que acreditavam.

Acreditamos que, independente das temáticas estudadas sobre religião e religiosidade, torná-las pertinentes aos estudos historiográficos é sobremaneira desenvolver uma sensibilidade histórica em torno do vivido, como bem se expressa Pirenne, “Se eu fosse antiquário, só teria olhos para coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida.” (PIRENNE *apud* BLOCH, 2001, p. 66). Nesse aspecto, Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, junto com seu amigo Lucien Febvre, comenta que é “Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, com efeito, a qualidade mestra do historiador.” (BLOCH, 2001, p. 66).

A história das religiões e religiosidades nasce na abertura historiográfica no século XX, quando a perspectiva da Nova História, a história cultural, torna-se uma possibilidade. Segundo Le Goff (2012, p. 453), a Nova História, que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como ‘uma revolução da

⁶ Para Pierre Bourdieu (2007, p. 266) o *ethos* é um sistema de valores implícito no[s] grupo[s] social[ais]/classe[s] social[ais].

memória’. Complementa Antoine Prost (1998, p. 123-137) que o social e o cultural são indissociáveis, uma vez que “toda cultura, é cultura de um grupo [...] pois a cultura é mediação entre os indivíduos que compõem o grupo. É o que estabelece entre eles comunicação e comunidade.”.

Assim, embasaremos nossa pesquisa na História Cultural, esta “como História da Cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida” (BARROS, 2009, p. 56); uma produção cultural que não se resume à produção material. Isso porque o ser humano, ao existir, já está produzindo cultura, pois “A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de cultura.” (BARROS, 2009, p. 57). A presença dos diversos discursos e práticas religiosas nos campos religiosos analisados os torna complexos, embora estejamos também cientes de que não conseguiremos expressar todas as relações socioculturais que envolveram esse intercâmbio.

Neste campo tão abrangente da História Cultural, a História das Religiões e das Religiosidades tem um papel especial na tentativa de compreender as construções das memórias coletivas do grupo, os elementos históricos utilizados que legitimam a sua identidade no campo religioso, social. Se não dispõem de uma visibilidade para desenvolver uma sensibilidade histórica quanto a essas memórias no campo social, não raro, sofrem com intolerância, preconceito e violência.

Tais fatores nos levam a refletir sobre o fato de que “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural.” (CERTEAU, 2013, p. 47). É a partir desse lugar social, que “cada sociedade se pensa ‘historicamente’ com os instrumentos que lhe são próprios” (CERTEAU, 2013, p. 65). Esses instrumentos poderiam ser retificados como técnica, intervenção, uma prática particular que passa por uma articulação natureza-cultura e que referenda a escrita crítica da história.

A documentação coletada⁷ e utilizada para responder as questões centrais dessa pesquisa, foi resultante de diversas visitas a acervos particulares e/ou institucionais. Entre os dias 14 a 17 de julho de 2015, estivemos no acervo pessoal de Divaldo P. Franco localizado na Mansão do Caminho, no Bairro Pau da Lima em Salvador, onde consultamos principalmente periódicos que tratavam das ações dessa autoridade no campo religioso internacional. Entre os dias 25 a 29 de janeiro de 2017, estivemos em Brasília, na Federação Espírita Brasileira, consultando o acervo da biblioteca de obras raras.

⁷

Estatutos, livros, periódicos espíritas, periódicos brasileiros e portugueses, entre outros;

Após essa etapa, sentimos a necessidade de realizar o estágio sanduíche⁸, com apoio da CAPES, em parceria com a Universidade de Coimbra, para a busca de novos documentos, e tudo sinalizava para a *Revista Estudos Psíquicos*, única revista espírita que circulou durante todo o regime salazarista. Nessa experiência, estivemos no acervo da sede da Federação Espírita Portuguesa, situado em Amadora-Lisboa, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional em Lisboa, durante os meses de Maio a Agosto de 2017. Apesar de não ser o nosso foco, na ocasião, tivemos a oportunidade de acompanhar *in loco* como funcionava essa rede de sociabilidades, resultante do fortalecimento histórico desse intercâmbio entre campos religiosos, quando acompanhamos Divaldo P. Franco, durante os dias 21 a 29 de julho de 2017, nos quais realizou conferências, seminários, palestras e reuniões com autoridades espíritas portuguesas, em sete cidades: Lisboa, Coimbra, Leiria, Évora, Ourique, Lagos e Faro.

Para nos auxiliar nessa leitura histórica, fundamentaremos nossa análise em Pierre Bourdieu (2007). Para o autor, os agentes religiosos ou as autoridades religiosas são reconhecidos dentro de uma teia de sociabilidades e a tudo que os liga, em busca da autoridade religiosa no campo de disputa. Para tanto, cada agente, conhecendo o seu lugar no campo (que não é fixo), é simbólico, terá suas próprias estratégias de ação, que serão repercutidas nas suas práticas culturais/sociais. Compreender essas relações sociais é o grande desafio, pois nem tudo está visível nesse jogo de disputas, em busca da autoridade, da hegemonia, de ter para si o poder de consagração da autoridade, inclusive em outros campos.

Dentre os agentes religiosos, utilizamos a divisão proposta pela pesquisadora Célia Arribas (2014), que pedagogicamente apresenta três tipologias de autoridades religiosas: “Intelectual”, “Institucional” e “Carismática”, as quais fortaleceram o intercâmbio e direcionaram referências histórico-religiosas de experiências consolidadas no movimento espírita brasileiro para Portugal, apontadas por Bernardo Lewgoy (2008) e acrescida a categoria transcendental “missão espiritual”.

Bernardo Lewgoy (2008), em seus estudos, identifica um tipo de Espiritismo transnacional brasileiro, fundado na formação de grupos de imigrantes que, movidos numa afirmação identitária, exportavam referências histórico-religiosas espíritas brasileiras, a “Brasilianização”. Ou seja, os imigrantes pretenderiam simultaneamente ter laços com a origem brasileira e afirmarem-se universais. Para tanto, encerram as referências resultantes da experiência espírita brasileira por alguns vetores: o modelo federativo da FEB; organização e

⁸ Acompanhado pelo prof. Dr. Vítor Manuel Parreira Neto (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

funcionamento dos centros espíritas; o *ethos*, os estilos rituais e as ênfases praticadas pelo kardecismo no Brasil e a incorporação patrimônio bibliográfico do espiritismo brasileiro, especialmente as obras psicografadas de Chico Xavier e Divaldo Franco.

Apoiado em Bernardo Lewgoy (2008), pretendemos buscar reconhecer algumas das referências históricas do Espiritismo brasileiro, através do papel de suas principais autoridades no intercâmbio Brasil-Portugal de (re)construção do movimento espírita português, junto à categoria “missão espiritual”, propulsora das demais categorias levantadas por Lewgoy (2008). Essa categoria transcende as demais, por ser a que legitima as ações das autoridades religiosas, principalmente fora do campo religioso brasileiro, se apresentando enquanto “missão espiritual”. Acreditamos que o uso do conceito “brasilianização” nos traz problemas no campo da hermenêutica, haja vista que o nome por si já caracteriza um caminho de via única, apontando para um movimento de exportação de referências, distante das trocas culturais, religiosas dos campos envolvidos. Nesse sentido, se observa o processo histórico que desencadeou na (re)construção do movimento espírita em Portugal, demonstrando que as trocas culturais entre os dois campos são bem mais profundas e dinâmicas que aparentemente poderia apontar como uma simples exportação.

Para dar conta de nossa proposta, procuramos compreender o processo de (re)construção do movimento espírita português, através da análise principalmente da *Revista de Estudos Psíquicos*, órgão mais influente em Portugal durante o período de declínio e (re)nascimento do movimento espírita português (1940-1980). A *Revista Estudos Psíquicos – Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental* foi [re]fundada em 1939 por Isidoro Duarte Santos e sua esposa Maria Gonçalves Duarte Santos com o apoio do brasileiro Chelmicki Afflalo, do Rio de Janeiro. A revista foi impressa, inicialmente, pela tipografia Silvas. Seus editores fizeram ressurgir o título de uma revista que tinha circulado em Portugal na primeira década do século XX, a primeira versão era chamada de *Estudos Psychicos – Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental*, fundada pelo advogado José Alberto de Sousa Couto⁹ e teve seu primeiro número circulando em junho de 1905 e seu último em 1909.

O fim do século XIX e início do século XX foi o período de início da expansão do movimento espírita português através dos inúmeros periódicos que circulavam Portugal, como: *A Aurora d’Além Túmulo* (1879), *O Espiritismo* (1887). Em 1896, era fundada, por

⁹ Era filho de José Alberto de Sousa, natural de Sandim - distrito do Porto, rua das Colchas, n. 4.

Claudino da Silva Neto, na cidade do Porto, a *Revista Espírita do Porto* (1896-1910), o periódico *Psychismo* (1899) e *Estudos Psychicos* (1905).

A proposta do periódico *Estudos Psychicos* (1905) objetivava a utilização do método da ciência moderna e positivista na observação e experiência rigorosa dos fatos externos [espirituais] em busca da verdade, com uma proposta de verificação experimental, distante das especulações filosóficas ou processos metafísicos. Afirma o diretor da revista, na sua primeira edição, que a atividade anímica do espírito poderia ser captável em circunstâncias especiais.

Estudos Psychicos – Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental (1905-1909), em seus primeiros números, tinha os seguintes colaboradores: Laurent de Faget¹⁰ (França), De Reyle¹¹ (França), Marzorati (Itália), Roso de Luna (Espanha), Wolowski, Dr. Maxwell, Quintin Lopes (Espanha) e Martins Velho (Portugal), espíritas influentes em Portugal e na Europa que, junto com Sousa Couto, buscavam aprofundar o conhecimento que naquele momento estava em expansão, os estudos psíquicos, a psicologia, os quais reafirmavam seu caráter científico.

Assim, demos ênfase em nossa pesquisa a *Revista Estudos Psíquicos*, haja vista o reconhecimento que esta dispunha no campo religioso português. Embora tenha nascido em Portugal, a referida revista se declarava “lusobrasileira”. É a partir dela que vemos a formação mais enfática desse intercâmbio, entre as autoridades religiosas de ambos os países. Além disso, ela conseguiu transitar durante o governo autoritário de António Salazar, obtendo, no campo religioso brasileiro e no campo religioso internacional, seu reconhecimento, principalmente pela capacidade de mobilização e trânsito do diretor Isidoro Duarte Santos, que possuía um número de colaboradores espalhados por diversos países, principalmente Brasil, Inglaterra, França, Espanha e Itália.

Ao utilizar como fonte primária a *Revista de Estudos Psíquicos* (1939-1985), reconhecemos sua autoridade de porta-voz do Espiritismo, não só no campo religioso português. A Revista atuava em diversos países, inclusive todos os de língua portuguesa. Seu diretor, Isidoro Duarte Santos, alcança o cargo de presidente da Federação Espírita Portuguesa, nos primeiros momentos de (re)abertura da instituição, cargo que exige um

¹⁰ Adolphe-Laurent de Faget - Poète et publiciste, né Le 8 octobre 1846, à Montpellier. Entre temps, cet écrivain donnait une quantité considérable d'articles à des revues et des journaux, sur la philosophie en general et, plus particulièrement, sur Le spiritisme. Rédacteur en chef du journal Le Spiritisme, remplacé en 1894 par Le Progrès Spirite, qu'il dirige, président du Comité de propagande spirite, à Paris: longtemps membre du comité directeur de l'Académie des Lettres, Sciences et Beaux-Arts de la province, M. Laurent Faget fait partie, em outre, de la Société des auteurs, éditeurs et compositeurs de musique. (CURINIER, 1919, p. 150-151)

¹¹ Poeta Francês, publicou o livro *Páginas de Amor* (1902).

reconhecimento entre seus pares. A *Revista Estudos Psíquicos* funcionou como vetor de fortalecimento desse intercâmbio religioso, o que unia e tornava visível as ações que propiciavam uma (re)construção do movimento espírita português e que contou com a participação de diversas autoridades espíritas.

Quanto a organização deste trabalho, assim está dividido: no primeiro capítulo, *O Espiritismo e o Campo Religioso Brasileiro*, fazemos uma reflexão sobre o momento histórico de inserção (sec. XIX) e expansão do espiritismo no Brasil (séc. XX). Analisamos a partir da bibliografia específica, como este campo religioso reagiu à chegada desta nova doutrina espiritualista francesa, de cunho científico, filosófico e moral, como ela veio a se consolidar, no Brasil, numa vertente majoritariamente religiosa com apoio da Federação Espírita Brasileira.

No segundo capítulo, *A Construção de uma Tradição Espírita Brasileira*, com a ajuda de Fábio Luiz da Silva (2005) temos o objetivo de compreender historicamente como se processou a construção dessa tradição, quais elementos culturais foram utilizados principalmente por Francisco Cândido Xavier e difundidos pela Federação Espírita Brasileira – FEB para embasá-la. Reconhecendo o Brasil enquanto dotado de uma tradição espírita específica e de uma “missão espiritual”.

No terceiro capítulo – *O Espiritismo e o campo religioso português* - analisamos como o Espiritismo francês se inseriu no campo religioso português, suas diversas fases de expansão, declínio e reconstrução, ocorridas ao longo do século XIX e XX. Buscaremos responder às questões: como se deu a inserção do Espiritismo no campo religioso português? Quais os principais motivos de sua expansão e seu declínio? Como aconteceu o intercâmbio entre as autoridades brasileiras, luso-brasileiras e portuguesas, que permitiu um (re)nascimento do movimento espírita português? Quais as referências histórico-religiosas utilizadas para direcionar essa (re)construção do movimento espírita português?

1 O ESPIRITISMO E O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO

Para compreendermos historicamente a inserção e a consolidação do discurso e das práticas sociais espíritas no campo religioso brasileiro, partiremos da discussão dos conceitos de “campo”, *habitus* e, posteriormente, de “campo religioso”. Após essa reflexão teórico-conceitual, apresentaremos o uso desses conceitos a partir de uma reflexão histórico-sociológica acerca das práticas espíritas.

Pierre Bourdieu (2004, p. 119) conceitua ‘campo’ enquanto espaço simbólico, socialmente construído e estruturado a partir de um sistema de lutas simbólicas, através do qual os agentes deste, lutam pela autoridade simbólica do campo, definindo o jogo, o que é jogado no campo e os trunfos necessários para se estabelecerem nesse campo. Deste modo, o que está em jogo depende das demandas sociais, principalmente dos leigos¹². Os agentes possuidores de autoridade neste campo, ou seja, que possuem os melhores trunfos, são aqueles que melhor conseguem traduzir as demandas sociais dos leigos, e impõem seu *habitus*, suas percepções de mundo e práticas no campo (seja ele, religioso, político, científico...), exercendo o seu domínio no campo.

O conceito de *habitus* para Maria Graça J. Setton (2002, p. 62) surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais. Apesar do conceito de *habitus* já ter sido bastante utilizado por diversos pensadores, fizemos a opção pelo conceito de *habitus*, defendido por Bourdieu, que assim o compreende:

[...] como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças as transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e as correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados. (BOURDIEU, 1983, p. 65)

O *habitus* tem uma relação dialética com o campo, ao mesmo tempo em que o “campo” condiciona o *habitus*, este reinventa o campo. De acordo com Bourdieu, podemos compreender o *habitus* como uma possibilidade socialmente construída, durável, com certa homogeneidade de grupo, nas formas de pensar e perceber o mundo a sua volta, porém,

¹² leigos aqui se refere aos que não possuem capital religioso – o termo deriva do olhar de Bourdieu acerca do espectro cristão, embora aqui estaremos tratando de líderes e fiéis do campo espírita.

flexível às mudanças, às novas experiências que podem surgir ao se relacionarem com um contexto específico, ou mesmo, já influenciadas por novas experiências no campo.

Pierre Bourdieu nos capítulos “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”, no livro *Economia das Trocas Simbólicas* (2007), e “A dissolução do religioso”, no livro *Coisas Ditas* (2004), nos revela a origem e o funcionamento interno desse campo e sua dinâmica. Com base na abordagem desse autor, é possível questionar: qual a função e como se organiza conceitualmente o *campo religioso*?

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2007, p. 57)

O campo religioso, desse modo, pode ser compreendido como um campo autônomo, com regras próprias, um campo extremamente dinâmico, de intensas trocas e lutas políticas entre as diferentes instâncias religiosas quando fazem uso do seu respectivo capital de autoridade religiosa em busca de uma hegemonia no campo, fazendo valer seu *habitus* religioso entre os leigos, reproduzindo assim os princípios de uma visão política do mundo social.

De um lado (I), este capital religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre *demanda religiosa* (ou seja, os interesses religiosos dos diferentes grupos ou classe de leigos) a *oferta religiosa* (ou seja, os serviços religiosos de tendência ortodoxa ou herética) que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de força religiosa (ou seja, em função de seu capital religioso) e, de outro lado (II), este capital religioso determina tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos, como as funções que tais instâncias cumprem na divisão do trabalho religioso, e em consequência, na divisão do trabalho político. (BOURDIEU, 2007, p. 57)

É importante dizer que o lugar dos leigos, não é fixo, é dinâmico. O leigo em um primeiro exemplo, depois da iniciação com um (vários) agente(s) religioso(s), seja(m) ele(s) individual(ais) ou institucional(ais), poderá despertar o desejo de se tornar um agente religioso

com vistas a conservar ou subverter, podendo assim reproduzir, criar ou ressignificar a sua crença/religião.

O leigo, em um segundo exemplo, poderá aderir a um agente religioso individual ou institucional, ou mesmo ter uma autonomia religiosa individual, aderindo a aspectos, discursos e práticas que se misturam entre diversos agentes religiosos individuais ou institucionais. Karina K. Bellotti (2011, p. 25) afirma que, no mundo contemporâneo, há uma forte tendência dessa autonomia individual¹³. A autora acredita que tal tendência está intimamente relacionada com a grande concorrência religiosa no campo.

A força que cada agente religioso exerce no campo diz respeito à capacidade de tradução das demandas dos leigos, de conseguir produzir e ofertar discursos e serviços religiosos capazes de suprir tais demandas. O agente religioso que melhor conseguir articular a tradução das demandas dos leigos, justificadas por sua trajetória social e a aceitação de seu *habitus* no campo religioso, terá grande possibilidade de se tornar hegemônico no campo religioso.

Trazendo esse olhar para nossa sociedade, essa hegemonia pode ser constatada em diversos aspectos, principalmente culturais e sociais. Nela se consegue construir uma tradição. Um exemplo é a construção do calendário, sua composição, as decisões políticas, demarcadas festas, conquistas, seus líderes, seus feriados, o que representam. São memórias revisitadas social e ciclicamente ano após ano, como uma ação política.

O [re]lembrar é extremamente importante para conservar as tradições, manter a hegemonia uma vez conquistada através dos agentes do campo. Como nos apresenta Jacques Le Goff (2012), em *História e Memória*, o calendário não é uma construção fixa, mas dinâmica, se transforma conforme as demandas sociais ocasionando rupturas, ressignificações, frente às disputas entre os agentes políticos nos campos, resultando dessas uma implementação de novos marcos de memórias, novos feriados, novas festividades, feriados que deixam de sê-lo e festas que são esquecidas, silenciadas.

Para Bourdieu (2007, p. 57), a conquista do capital religioso, depende do estado, em um dado momento do tempo, além da estrutura das relações objetivas (demanda e oferta), de como essas relações entre agentes e leigos também se relacionam com o seu contexto ou a superfície social que dispõe essa relação. A busca ou conquista desse capital vai determinar a natureza, a forma e a força das estratégias (que não são fixas) as quais podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos. Dessa forma, as estratégias podem ter uma

¹³ Saiba mais em: Stewart Hoover (1998).

conformação conservadora ou subversiva, institucional ou individual, e ter uma força progressiva ou tradicional, influenciando as funções que tais instâncias cumprem na divisão do trabalho religioso, em consequência, do trabalho político.

1.1 – O campo religioso brasileiro

Na atualidade, o campo religioso brasileiro tem uma composição extremamente plural, é composto por diversas crenças e religiões. No Brasil, é destacado o domínio exercido pelo grande número de seguidores católicos, mas há uma diversidade de religiões e crenças presentes no país, resistindo ao domínio católico, como nos aponta os dados¹⁴ do IBGE (2010).

Quadro 1- Distribuição populacional segundo os grupos de religião (2000-2010)

Grupos de Religião	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
2000	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Católica Apostólica Romana	73,6	71,3	79,9	69,2	77,4	69,1
Evangélicas	15,4	19,8	10,3	17,5	15,3	18,9
Evangélicas de Missão	4,1	4,3	2,9	4,3	5,7	4,2
Evangélicas de origem pentecostal	10,4	14,4	6,9	12,0	8,7	13,4
Evangélica Não Determinada	1,0	1,1	0,5	1,2	0,9	1,3
Espírita	1,3	0,4	0,6	2,0	1,2	1,9
Umbanda e Candomblé	0,3	0,0	0,1	0,4	0,5	0,1
Sem Religião	7,4	6,6	7,7	8,4	3,9	7,8
Outras religiosidades	1,8	1,7	1,3	2,2	1,5	2,0
Não sabe/Não declarou	0,2	0,2	0,2	0,3	0,1	0,2
2010	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Católica Apostólica Romana	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica Não Determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1
Espírita	2,0	0,5	0,8	3,1	2,0	2,3
Umbanda e Candomblé	0,3	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1
Sem Religião	8,0	7,7	8,3	9,0	4,8	8,4
Outras religiosidades	2,7	2,5	2,0	3,4	2,2	2,7
Não sabe/Não declarou	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000/2010

Fonte: IBGE/2010¹⁵.

De acordo com a tabela acima, temos o campo religioso brasileiro em valores aproximados divididos entre (a) Católicos (64%); (b) Evangélicos (22,2%); (c) Sem religião (8%); (d) Espíritas (2%); (e) Umbandistas e Candomblecistas (0,3%); (f) Outras religiosidades (2,7%). De acordo com o IBGE, o número de seguidores que transitam e buscam serviços religiosos em mais de uma denominação religiosa é de 15.379 pessoas, o

¹⁴ Estes dados já foram analisados por diversos pesquisadores: para conhecer mais sobre o campo religioso na atualidade, para as religiões afro-brasileiras sugiro Reginaldo Prandi (2013a e 2013b); para os “sem religião”, Regina Novaes (2013); para os evangélicos pentecostais, Cecília Mariz e Paulo Gracino Jr. (2013); evangélicos de missão, Leonildo S. Campos (2013); Espiritismo, Bernardo Lewgoy (2013); para conhecer outras reflexões do censo 2010, Faustino Teixeira e Renata Menezes (2013).

¹⁵ Sítio acessado em 10 de Abril de 2017, disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>

número é baixíssimo, a comparar com o que já vem sendo discutido na academia¹⁶ através das ideias de “trânsito religioso”, “múltiplas pertencas”, “fluxos religiosos”. De acordo com Faustino Teixeira (2013, p. 79), “Talvez seja mais correto afirmar que os declarantes estão resistindo a indicar sua múltipla pertença.”

Essa questão fica evidente quando comparamos os números do IBGE com os números de simpatizantes espíritas apontados pela FEB (Federação Espírita Brasileira) como sendo de mais de 20 milhões. Através das pesquisas de Ivan Franzolim (2008) temos um panorama do número de instituição ditas “espíritas” no Brasil: até o ano de 2008, o Brasil tinha em seus registros no Cadastro de Pessoa Física e Jurídica (CNPJ), o cadastro de 12.290¹⁷ instituições espíritas, sendo a região com mais instituições a Sudeste (7125), seguida pela região Nordeste (1875), Sul (1587), Centro-Oeste (1297) e a região Norte (406). Os números nos dão uma ideia de como a oferta do ideário e serviço religioso espírita podem traduzir demandas sociais na sua inserção desde o século XIX, e prosseguiu nos séculos seguintes, conseguindo expandir-se, consolidar-se no campo religioso brasileiro, e, como veremos, exportando esse modelo de Espiritismo brasileiro para outros países.

Esse contexto nos induz a uma indagação: como o Espiritismo, religião de tradição literária, conseguiu se inserir em um país que tem o catolicismo como sua religião oficial e apresenta taxas elevadas de analfabetismo? O que aconteceu durante a trajetória do Espiritismo no campo religioso brasileiro que veio a favorecer sua consolidação enquanto mais uma religião a atuar nesse campo, disputando com as demais religiões o capital religioso, a autoridade religiosa?

Para refletirmos sobre a inserção do Espiritismo no campo social brasileiro nas décadas de 1850-1860 e, posteriormente, sua consolidação no campo religioso brasileiro, buscaremos responder as seguintes questões: qual a oferta religiosa espírita? Qual a demanda religiosa dos leigos? Qual a natureza, a forma e a força das estratégias que a instância religiosa espírita coloca a serviço da satisfação de seus interesses religiosos? Passemos à análise dessas questões.

¹⁶ Ver mais em: Campos, 2013; Lewgoy, 2013; Almeida; Barbosa, 2013.

¹⁷ Os estados com maiores números de instituições espíritas: São Paulo (3.946), Minas Gerais (1.849), Rio de Janeiro (1.177), Rio Grande do Sul (814), Goiás (655) e Bahia (644), enquanto que os que possuem menos instituições espíritas são: Tocantins (62), Rondônia (61), Acre (24), Amapá (12) e Roraima (10). As oito cidades que mais possuem instituições espíritas são encabeçadas por: São Paulo (1.075), Rio de Janeiro (501), Belo Horizonte (245), Salvador (208), Goiânia (192), Recife (179), Porto Alegre (147) e Fortaleza (138).

1.1.1 - O Espiritismo entre a oferta e a demanda social dos leigos

A partir das questões: “qual a oferta religiosa espírita e qual a demanda dos leigos” nos perguntamos ainda sobre o que o Espiritismo produz de discursos, produtos e serviços religiosos para satisfazer a(s) demanda(s) dos leigos, ou seja, daqueles que buscam esse agente religioso? E, afinal, quais seriam essas demandas?

Para os seguidores da doutrina espírita, o Espiritismo não deve ser reduzido apenas ao viés religioso, pois esse seria um dos seus aspectos, haja vista que mesmo o aspecto religioso não pode ser compreendido distante dos outros dois, o científico e o filosófico. Para os espíritas, o campo de atuação do Espiritismo ultrapassa os limites do campo religioso, atingindo o campo científico, com o lançamento do pentateuco kardequiano, criando um espaço próprio no campo filosófico-científico denominada pelos sistematizadores como ciência do Espírito. Só com o lançamento de *L'Évangile selon le Spiritisme- O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864) houve um direcionamento inevitável na atuação do Espiritismo no campo moral-religioso, disputando espaço com outros agentes religiosos.

O Espiritismo ou a doutrina espírita surgiu em 1857, com a publicação da primeira edição de *Le Livre des Esprits (O Livro dos Espíritos)* por Allan Kardec, pseudônimo utilizado por Hippolyte León Denizard Rivail¹⁸ (1804-1869), na França. Porém, a chamada codificação kardequiana envolve outras quatro obras, sendo vistas, por seus adeptos, como as obras básicas do Espiritismo: *Le livre des médiums (O Livro dos Médiuns)* (1861); *L'Évangile selon le Spiritisme (O Evangelho Segundo o Espiritismo)* (1864); *Le Ciel et l'Enfer (O Céu e o Inferno)* (1865) e *La Genèse selon le spiritisme (A Gênese segundo o Espiritismo)* (1868).

Por Espiritismo, Allan Kardec¹⁹ queria designar a construção de uma teoria doutrinária, espiritualista, definida por ele como: “uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele (o Espiritismo) consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações” (KARDEC, 2006, p. 54-55). Nesse sentido, o autor o via como um novo

¹⁸ Pedagogo, com formação educacional realizada no Instituto Pestalozzi, em Yverdon, Suíça, e que já havia publicado inúmeros livros voltados para o ensino em geral. Ao longo de sua vida, manteve interesse também pelo chamado "magnetismo", fato esse que teria lhe conduzido a observar o "fenômeno das mesas girantes" e, posteriormente, se dedicado ao estudo dos fenômenos espirituais (ou espíritas) (WANTUIL; THIESEN, 2004)

¹⁹ **Porque Allan Kardec?** Rivail, em uma dessas comunicações, teria recebido uma mensagem, por um médium, do seu pretense Espírito protetor, Z, que afirmava em outra existência tê-lo conhecido. No tempo dos druidas teriam vivido juntos nas Gálias. Relata o médium que o espírito teria mencionado que naquele tempo o nome de Denizard Rivail era Allan Kardec. Rivail teria adotado o pseudônimo Alan Kardec anos depois, quando sua crença nos espíritos estaria mais consolidada.

paradigma de ciência, que (re)interpretaria os fenômenos espirituais, e [re]estabeleceria, assim, um modelo de *ethos* cristão, visando compreender as consequências morais que surgiriam dessas relações.

Para os espíritas, esses três aspectos (ciência, filosofia e religião) estariam principalmente representados em três, dos cinco livros da chamada codificação kardequiana, marcando diferentes momentos de inscrição do pensamento espírita. O primeiro deles, O Livro dos Espíritos, introduz toda a fundamentação filosófico-doutrinária do Espiritismo. O segundo, O Livro dos Médiuns, explica os fenômenos espirituais e sua relação com o mundo corporal, e fundamenta a prática para o exercício adequado da mediunidade. Com o terceiro livro, O Evangelho Segundo o Espiritismo, o Espiritismo reanalisa as passagens da vida e os ensinamentos de Jesus. (ALBUQUERQUE, 2009, p.18,19).

O cientificismo do século XIX, fruto do amadurecimento da revolução científica do século XVI ao XVIII, fez surgir várias disciplinas do conhecimento científico. A Sociologia, Antropologia, Biologia, Psicologia, entre outras, ganharam uma organização e formatação própria, cada qual com seu objeto de estudo bem delimitado. Havia uma crença de tradição iluminista que tudo poderia ser explicado através da razão, e de que só através desta chegaríamos ao progresso.

É no século XIX, caracterizado pelo racionalismo e desenvolvimento da imprensa, que os olhares de pessoas de diversos países se deslocariam para buscar compreender tais “fenômenos mediúnicos”, como os casos das “mesas girantes e falantes” que ganharam os grandes salões da França, Alemanha, Inglaterra, Portugal, Brasil, Estados Unidos, entre outros.

A rápida repercussão dos fenômenos “mediúnicos” do século XIX só foi possível graças ao desenvolvimento da imprensa no século XV-XIX. Asa Briggs e Peter Burke (2006, p. 15) datam a origem da impressão em 1450, supostamente atribuída ao inglês Johann Gutenberg (1400-1468) “prensa gráfica – talvez inspirado pelas prensas de vinhos de sua região natal, banhada pelo rio Reno – que usavam tipos móveis de metal.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24). A dúvida é notória, pois a impressão já era praticada desde o século VIII no Japão e na China, como afirmam os autores ingleses.

“O surgimento de jornais no século XVII aumentou a ansiedade sobre os efeitos da nova tecnologia.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 26). As ideias que vinham das palavras impressas rodavam a Europa, estavam retransmitindo ideários iluministas, mudando costumes, incentivando a alfabetização, apresentando visões bem distintas sobre o mesmo

assunto, além de propiciar o acesso a mapas do globo terrestre, estimulando uma consciência global, como afirmam Asa Briggs e Peter Burke (2006, p. 47).

No século XIX, “[...] a Sociedade para a Difusão do Conhecimento Útil, fundada em 1827, foi apelidada de ‘Sociedade do Intelecto a Vapor’.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 113). O advento da máquina a vapor, nesse século, e a ideia de “usar um cilindro rotativo para impressão” não eram novos, mas o cilindro de Koenig sim, e, como salientou o jornal *The Times* de 29 de novembro de 1814, sem se referir ao vapor, a edição daquele primeiro dia significava “o resultado prático do maior desenvolvimento ligado à impressão gráfica desde a sua descoberta”. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 117). Assim, uma única máquina fazia o serviço de centenas de funcionários, agilizando o trabalho, fazendo com que as notícias estivessem cada vez mais recentes e mais difundidas pelo mundo.

Dentre as notícias mais comentadas do século XIX, o fenômeno das “mesas girantes”, “dançantes”, “volantes”, ganhou espaço especial, fato que ilustrava as páginas de jornais de todo o mundo, inclusive chegando em terras brasileiras. Assim, em uma terça-feira, dia 2 de agosto de 1853, saiu nas primeiras páginas do jornal liberal, *O Cearense*, um destaque especial acerca das notícias que vinham do velho mundo, em especial da França. As primeiras linhas da reportagem eram intrigantes: “As experiências magnéticas são hoje o entretenimento universal.” A reportagem traz trechos de notícias de vários periódicos europeus: *La Presse, A Pátria, Correio de Lyão, Dunkerqueoze, Nacional do Porto, Folhas lithographicas, L’Illustracio*. (CEARENSE *apud* WANTUIL, 1978, p. 134)

É neste contexto, de intenso uso da racionalidade como mecanismo de explicação de si, da natureza, dos fatos e acontecimentos que pertenciam ao mundo, que o professor, Denizard Rivail, começou a refletir e lançar uma teoria explicativa sobre o que acontecia com as mesas: não eram apenas simples fenômenos magnéticos, mas fenômenos espirituais²⁰. O Espiritismo surgiu, de acordo com Artur Isaia (2001, p. 188-189), “interagindo com uma rede bastante complexa de interesses, significados, transformações históricas e guardando um parentesco espiritual com uma constelação desigual de ideias que iam do Liberalismo às utopias socialistas, passando pelo positivismo ‘comtista’.”. Percebe-se na teoria spiritista uma conciliação que perpassava o campo teórico-filosófico e atingia o tecido social. Kardec afirma:

Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava

²⁰ Ver mais em Aubrée & Laplantine (2009, p. 32) e Arthur Conan Doyle (1995, p. 12).

atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. (KARDEC, 2013b p. 327)

Podemos perceber que Allan Kardec construindo uma narrativa sobre si, não apresenta distanciamentos do professor Denizard Rivail. O método utilizado na nova ciência seria o mesmo utilizado em toda sua vida de pesquisador e depois de codificador. A trajetória do cientista Rivail fora construída ao mesmo tempo em que o caráter científico da doutrina era ratificado. O pretense cuidado para não se deixar “levar pelas ilusões” ficava evidente nas narrativas autobiográficas.

Inicialmente na casa do Sr. Baudin, Allan Kardec (2013b, p. 15) buscava “resolver os problemas que [...] interessavam sob o ponto de vista da Filosofia, da Psicologia e da natureza do mundo invisível.” Em cada sessão comparecia, segundo seu relato:

[...] com uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas: eram respondidas com precisão, profundidade e de modo lógico. Desde esse momento as reuniões tiveram caráter muito diferente, e, entre os assistentes, encontravam-se pessoas sérias que tomaram vivo interesse pelo trabalho. (KARDEC, 2013a, p. 15)

Denizard Rivail movido pela curiosidade científica buscava compreender a lógica de tais fenômenos, a razão em si, pois acreditava que nenhum efeito existiria sem uma causa. As ideias compreendidas através dos fenômenos mediúnicos²¹ tomava “proporções de uma doutrina, tive o pensamento de o publicar para instrução de todos. Foram essas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, fizeram a base de o livro dos espíritos.” (KARDEC, 2013b, p. 15).

Necessário se faz enumerar, a partir de Aubrée e Laplantine (2009, p. 107), Artur Isaia (2001 e 2012) e Emerson Giumbelli (1997) cinco aspectos possíveis para explicar a expansão espírita na França, Europa e em diversos países: (1) “Sentimento de Vazio”; (2) Plasticidade do repertório Espírita; (3) O caráter democrático; (4) o caráter consolador e (5) Progresso Tecnológico – avanço da Imprensa. Detalhá-los nos parece importante para posteriormente compará-los e adicionarmos outros aspectos que se relacionam especificamente à expansão espírita no Brasil.

²¹ O método utilizado para compreensão de tais fenômenos está descrito no Livro dos Médiuns, capítulo III – Do método, de Allan Kardec.

Em primeiro lugar, quanto ao “sentimento de vazio” em relação às transformações sociais no contexto histórico da França e Europa no século XIX, Aubrée e Laplantine (2009, p. 107) detalham como sendo um período de revolução técnica e econômica. Afirmam ainda que houve um crescimento demográfico surpreendente no período. A população europeia que contabilizava 187 milhões, em 1800 se ampliaria para mais de 400 milhões em 1900. Houve um intenso movimento de êxodo da população rural para as cidades. Esses migrantes foram logo transformados, em sua maioria, em operários, atraídos pelos avanços tecnológicos e pelo surgimento de inúmeras vagas nas indústrias surgidas no contexto da Revolução Industrial na França.

De acordo com Aubrée e Laplantine (2009, p. 107), “a classe operária [superexplorada] [...] cognominado de *Os Miseráveis* por Victor Hugo, [abandona] os valores tradicionais da sua região de origem, como também a prática religiosa, e conhecem sob o efeito dessas perturbações uma perda de identidade”. Ainda segundo Aubrée e Laplantine,

Esta confusão de inquietude (de uma época que começa a perceber que os frutos do progresso científico e técnico só beneficiam alguns) vão encontrar uma de suas expressões no que denominamos “mal do século” ou ainda “spleen”, este sentimento de vazio que conduz à busca sem rumo de um *outro lugar*, enfim de *uma outra vida*. (AUBRÉE; LAPLANTINE. 2009, p. 107-108)

Esse sentimento de vazio, de desespero, de perda de identidade, de estados alterados de consciência que pairavam no século XIX, também vão ser o contexto de nascimento da psicanálise, com o austríaco Sigmund S. Freud (1856-1939). Há, em meados do século XIX, leituras antagônicas da sociedade materialista e espiritualista. Para o Espiritismo, há uma conciliação dessas duas leituras de mundo. Elas estão interligadas e são, ao seu modo, interdependentes.

Essa conciliação é identificada por Artur Isaia (2001, p. 189), através do repertório da doutrina quando afirma que: “a obra de codificação espírita trouxe um repertório suficientemente amplo e plástico de respostas nas quais pôde abrigar-se às inquietações do prisma social engendrado pela industrialização e inchamento do meio urbano”. A plasticidade da doutrina espírita fez com que a repercussão de sua teoria fosse avassaladora, “O desejo de não morrer na miséria ou a desordem da sociedade de agora pode adiante se transformar numa esperança (a da reencarnação) atestada pela ciência.” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 108)

A lógica do discurso espírita frente à angústia do século XIX é consoladora, tornando-se atrativa, ganhando nos seus primeiros anos repercussão surpreendente em toda a Europa, América, principalmente na França. Ainda nesse aspecto, poderíamos destacar a dimensão sintética do Espiritismo apresentado por Aubrée e Laplantine (2009, p. 108-109), e chamado por Artur Isaia (2012) de caráter conciliatório, pois permite uma composição social.

Sua doutrina permite reunir passado e futuro, a vida e a morte, o espírito e a matéria, ricos e pobres, operários e patrões, conciliando a fé religiosa e o “positivismo” científico. “Tornar-se espírita é poder manter intacta a esperança da religião, na qual se desenvolveu, abandonando o pessimismo do pecado e do inferno. O Espiritismo canaliza e civiliza uma crença advinda da noite dos tempos.” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 108-109). Para a doutrina espírita, a existência humana não se encerra na morte.

Para o historiador Artur Isaia (2012), o caráter conciliatório é bastante evidente no discurso espírita, especialmente quando justifica que o “Espiritismo não concordava com a ideia de revolução. Essa oposição à ideia revolucionária mostra as idiossincrasias do Espiritismo francês do século XIX diante da leitura moderna da história.” (ISAIA, 2012, p. 105). E acrescenta que, de acordo com a

codificação espírita, percebemos uma ligação muito estreita com propostas que enfatizavam a necessidade de conservação da ordem após o espetáculo das barricadas. Nesse sentido compunha-se tanto com o liberalismo do século XIX quanto com a proposta positivista. A palavra de ordem do discurso espírita parece ser conciliação. (ISAIA, 2012, p. 105)

Como explicar essa atitude política? Isaia (2012, p. 105) destaca o ecletismo do filósofo Victor Cousin (1792-1867), que visava conciliar a razão com a sensação e o sentimento.

Conciliação, em âmbito geral, entre espiritualismo e materialismo. O verdadeiro, o belo e o bom só poderiam ser acessados por intermédio dessa conciliação entre maneiras de captar a realidade, já que os sistemas filosóficos, por si só, eram considerados todos incapazes de realizar essa tarefa. (COUSIN *apud* ISAIA, 2012, p. 106)

As ideias conciliatórias do ecletismo de Vistor Cousin no início do século XIX permeariam o discurso espírita, como afirma Artur Isaia (2012, p. 106): “Essa mesma disposição em unir matéria e espírito, natural e sobrenatural, experimentação científica e revelação divina, utopia social e conservação da ordem, [...] mais do que uma atitude política, um princípio epistemológico.”

O terceiro aspecto apresentado por Aubrée e Laplantine (2009, p. 109) é o caráter democrático da doutrina, que estaria ao alcance e acesso de todos. O Espiritismo teria uma estrutura pedagógica simples que facilitaria a leitura do texto, e não faria uma exigência de renúncia da religião então vivenciada. No discurso espírita, esta crença seria compatível com todas as religiões. Envolveria, portanto, todos aqueles que encontrassem respostas das suas demandas sociais na doutrina.

O quarto aspecto que levou a rápida expansão do Espiritismo estaria relacionado aos outros três: o aspecto consolador da doutrina, “é o fato de amenizar o imenso sofrimento daqueles que se sentem exilados, frustrados no seio da sociedade do Segundo Império Francês (e posteriormente do início da Terceira República), daqueles que perderam um ente querido, daqueles que padecem e que se questionam” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 109). A revelação das leis naturais difundidas pelo Espiritismo apontava para um tempo novo, com um novo modelo de *ethos*. “O futuro acenava com uma nova era assentada na solidariedade entre os homens e não na competição egoísta; na tolerância mútua e não nos particularismos de raça, credo e nação.” (ISAIA, 2001. p. 199).

Isaia afirma que “a sociedade humana desenvolvera sentimentos, instituições e crenças totalmente contrárias às leis naturais. Disso advinha a desarmonia social, que deveria ser restabelecida através da conformação da sociedade às leis naturais, frutos da sabedoria divina” (ISAIA, 2001 p. 190). A codificação espírita desvendaria as leis naturais, descortinaria o mundo dos espíritos, explicaria os fatos tidos como “sobrenaturais”, orientaria o caminho que deveríamos seguir para se ter a consciência tranquila e paz de espírito, pois as leis que regeriam o universo “às leis divinas ou naturais” estariam em nossa consciência. O protagonismo é do indivíduo, assim como a responsabilidade por suas escolhas. Para o Espiritismo, aquele que se esforçaria para agir, em sintonia com Deus, tem maior probabilidade de ter paz de espírito, e mesmo quando se distancia dele, a partir das suas escolhas, não recebe a “ira” de Deus, mas terá as consequências das suas más escolhas. Enfim, como afirmam Aubrée e Laplantine (2009, p.110-111), “o Espiritismo ocuparia o vazio que o materialismo científico fora incapaz de preencher”.

O quinto e último aspecto se refere à difusão da doutrina espírita no mundo inteiro, a qual teria sido amparada pelo “progresso tecnológico”, especialmente pelo desenvolvimento da imprensa moderna: “A doutrina de Kardec se difunde em poucos anos no mundo inteiro, graças à imprensa (espírita, e também a imprensa hostil aos espíritas) que lhe serve de caixa de ressonância” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 110-111).

Emerson Giumbelli (1997, p. 59) afirma que o Espiritismo se difundiu rapidamente através de inúmeros grupos e das obras literárias. Aubrée e Laplantine sugerem a existência, entre os anos 1880-1910, de uma verdadeira “cultura espírita” na França. De acordo com os autores, “existiam 13 periódicos em circulação [na França]; na Espanha o número atingia 36. Em 1890, são registrados 88 periódicos circulando por toda a Europa.”.

Giumbelli (1997, p. 59) nos salienta que em 1889, “Paris havia sediado a realização do ‘I Congresso Internacional Espírita e Espiritualista’, com a presença de 500 delegados vindos de várias partes do mundo (França, Bélgica, Noruega, Suécia, Rússia, Alemanha, Suíça, Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Argentina e México)”. Há algumas décadas antes do fim do século XIX, o Espiritismo já estava presente em grande parte da Europa, Ásia, e América, inclusive já havia chegado ao Brasil.

1.2 – Inserção do Espiritismo no cenário religioso brasileiro

Quando direcionamos o nosso olhar para compreender o(s) movimento(s) de inserção das novas religiões no cenário religioso brasileiro, no século XIX, estamos lidando com “insatisfações” e “resistências”. As insatisfações dizem respeito a um grupo de leigos que não sentia suas demandas respondidas pelo(s) agente(s) individual(is) ou institucional(is) existentes no campo e, portanto, fazem circular novas religiões, entre elas o Espiritismo. Essa circulação das novas religiões, assim como das ideias religiosas espíritas, sofreram resistência da religião hegemônica, que tentou no primeiro momento bloquear a circulação destas ideias, e depois combatê-las. Estava em jogo o seu posto simbólico de autoridade religiosa, quiçá também política, no campo religioso brasileiro.

Vimos que o Espiritismo surge, em 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, e logo nos anos seguintes, essas ideias já circulavam no Brasil. Mas, como era o cenário religioso brasileiro no século XIX? Como essas ideias chegam ao Brasil? Por quem chegam? Quais os grupos de leigos que melhor acolhem as ideias espíritas? De que modo a popularização dessas ideias se relacionam com os discursos de resistência?

1.2.1 – O cenário religioso Brasileiro no Século XIX

O cenário religioso brasileiro no fim do século XIX, apesar de ter a matriz Católica, como religião oficial do Estado, era plural e de intensas disputas religiosas e políticas. A hegemonia do Catolicismo no campo religioso brasileiro foi instituída através de intensas

ações políticas e religiosas que datam de sua inserção nessas terras, porém, essas ações não impediram a entrada de outras religiões como o Judaísmo, o Islamismo, o Protestantismo, assim como o próprio Espiritismo, entre outros agentes.

A inserção do Catolicismo no cenário religioso brasileiro data da chegada das naus portuguesas às terras que futuramente seriam chamadas de Brasil. Os nativos que aqui viviam, diferentemente, chamavam-na de *Pindorama* “Terra das Palmeiras”. Já os portugueses, a partir de 1500, chamaram-na de *Monte Pascoal - Terra de Vera Cruz*, *Terra de Santa Cruz*, vindo a ser chamada de *Brazil*, só no século XIX e *Brasil* no século XX. Vimos que o termo *Vera Cruz*, *Santa Cruz*, *Brazil* ou *Brasil*, assim como afirma Marilena Chauí, é uma invenção histórica. Construção que está intimamente associada à percepção de mundo que a religião oferecia aqueles sujeitos.

O Brasil foi instituído como colônia de Portugal e inventado como “terra abençoada por Deus”, à qual, se dermos crédito a Pero Vaz de Caminha, “Nosso Senhor não nos trouxe sem causa”, palavras que ecoarão nas de Afonso Celso, quando quatro séculos depois escrever: “Se Deus aquinhoou o Brasil de modo especialmente magnânimo, é porque lhe reserva alevantados destinos”. É essa construção que estamos designando como mito fundador. (CHAUÍ, 2001, p. 58)

Marilena Chauí considera essa construção de Brasil “terra abençoada por Deus”, como o mito fundador do Brasil que se reproduz na trajetória histórica do Brasil, em vários contextos e com [re]significações diversas. Para tanto, era necessária a conversão e submissão dos nativos em reconhecimento ao poder de Deus, o que ficou a cargo, por longos anos, das missões jesuíticas.

O projeto religioso Católico na colônia, e depois no Império, se consolidou de tal forma que o seu rigor autoritário não permitia o culto a outras matrizes religiosas. Os breves momentos de liberdade religiosa no período colonial foram sentidos entre os anos de 1630 e 1654, durante a invasão holandesa, em Pernambuco. Foi o período de grande inserção de Judeus no Brasil, se aproveitando do momento de liberdade religiosa implantado pelos holandeses. O interessante é que também alguns brasileiros ditos “cristãos-novos” começaram a se declarar judeus. Como afirma Gaspar Barléu (2005, p. 161) holandeses e alguns portugueses simulavam a fé cristã sob o domínio do rei da Espanha, mas livres do rigor papista associavam abertamente aos judeus. Porém, a liberdade para a prática do Judaísmo, assim como a entrada de missionários protestantes, só veio a acontecer através dos tratados do início do século XIX.

Foi a partir de 1808, de acordo com Hermisten Costa (2005, p. 104), com a “transmigração” da Família Real para o Brasil, que se deu início ao processo de abertura religiosa, mesmo que de forma indireta. Em 1810, Costa (2005, p. 105) indica que foram assinados dois tratados com a Inglaterra, no governo de D. João VI. Fazia referência o Tratado da Aliança e Amizade e do Tratado de Comércio e Navegação. Pelo Tratado de Aliança e Amizade, concedia-se liberdade de culto aos protestantes britânicos como aos demais estrangeiros, que posteriormente construíram as suas congregações, mesmo tendo permitido o direito aos protestantes de construírem um templo Cristão para o culto da Reforma, fazia-se algumas restrições externas a esse culto.

A Constituição de 1824 acabou por ampliar os direitos às diferentes crenças. Segundo o texto, “Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo.”²² O Catolicismo enquanto agente religioso hegemônico, atuava de modo a conservar as tradições, buscando silenciar as demais ofertas religiosas no campo público. “Por outro lado, era dos países protestantes que ele (Dom Pedro II) esperava a imigração, grandemente necessária ao Brasil na realização do magnífico programa de civilização, do seu primeiro ministério, o do marquês do Paraná (1854)” (LEONARD, 1981, p. 48).

De acordo com Êmile Leonard (1981, p. 70), é em meados do século XIX, que se intensifica a inserção dos protestantes estrangeiros no Brasil, os quais se organizaram em missões²³ de diferentes igrejas protestantes estrangeiras e assim se inseriam no território brasileiro. Para Êmile Leonard (1981, p. 50) o dia 11 de julho de 1858 ficou conhecido como a data da fundação da primeira comunidade protestante congregacionalista, a Igreja Evangélica, que depois ficou conhecida como a Igreja Fluminense.

A inserção protestante e, como veremos adiante, também Espírita, no século XIX, coincidem com uma redução na atuação do Catolicismo nesse cenário religioso. “A insuficiência numérica do clero brasileiro se fez acompanhar de um enfraquecimento de sua vida espiritual”, (LEONARD, 1981, p. 30) que pode ser entendido como reflexo de desinteresse dos leigos à oferta católica. Isso porque o catolicismo se confundiu com a política do estado, e já não conseguia traduzir as demandas dos leigos. “Apesar de mais rico, o clero

²² Acessado em 20 de abril de 2018, disponível no sítio: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

²³ Êmile Leonard (1981, p.74), a primeira Missão Presbiteriana, em 1867, a Missão Metodista Episcopal, em 1870, a Missão Presbiteriana dos Estados Unidos do Sul, em 1871, a Missão Batista, em 1881, a Missão Episcopal, em 1890, sem esquecer ainda a “Help for Brazil”, congregacionalista, em 1893.

regular nem por isso era mais florescente. [...] “Ninguém quer ser frade” [...] “A despeito de ser uma vida cômoda e opulenta, tal é a aversão que a ela votam o governo e o público, que ninguém quer se aproveitar dessas vantagens inglórias”. (LEONARD, 1981, p. 30)

No século XIX, as religiões indígenas e afro-brasileiras estavam difundidas no cenário religioso brasileiro, apesar de não serem reconhecidas pelo Estado Brasileiro, havia uma tradição milenar nas terras batizadas pelos portugueses, chamada Brasil.

Difícil saber as origens da maioria dos negros africanos do Brasil, pois correspondiam a uma diversidade de nações e grupos étnicos, de acordo com a Biblioteca Nacional (1988, p. 9) foram “quase 10 milhões o número de negros transferidos para o Novo Mundo, entre os séculos XV e XIX. Para o Brasil teriam vindo em torno de 3.650.000.”, acredita-se que a maioria tenha vindo da “Guiné e o Sudão, ao norte da linha do Equador, o Congo e Angola, no centro e sudoeste da África, e a região de Moçambique, na costa oriental”

O Brasil, segundo João José Reis (2007, p. 81), fora o país que mais importou escravos africanos no continente americano, a entrada de escravos no Brasil foi tão grande, que os escravos²⁴ africanos e seus descendentes crioulos e mestiços influenciaram em profundidade a formação cultural do país, desde a época em que este era América portuguesa.

Atualmente, segundo João José Reis (2007, p. 91), nos estudos sobre religião, ocorre uma mudança de direcionamento de enfoque. O sincretismo entre as tradições africanas e o catolicismo ibérico está dando lugar à perspectiva de formação das religiões afro-brasileiras como resultado de elaborações mais complexas, que orientam sua explicação por dois lados, o primeiro: as convergências de tradições africanas entre si; o segundo: a recriação de um catolicismo negro-popular em torno das irmandades de cor, que floresceram em toda parte do Brasil colonial. “As promessas a santos, pagas com o sacrifício da missa, tinham algo estruturalmente semelhante aos pedidos feitos aos deuses e espíritos africanos em troca de oferendas de diversos tipos, sobretudo o sacrifício dos animais preferidos por cada divindade.” (REIS, 2007, p. 91)

Em escala um pouco menor, pode se verificar a entrada de escravos muçulmanos com poucos registros, porém confirmada ao menos no século XIX. João José Reis (2007, p. 91) argumenta que os escravos seguidores do Islã, protagonizaram algumas rebeliões escravas, bem organizadas. A mais conhecida foi a de 1835, revolta do Malês, que ocorreu no dia 24-25

²⁴ Raros serão os aspectos de nossa cultura que não tenham sido moldados com a ajuda da mão e da inteligência africanas e afro-brasileiras. O assunto já foi sobejamente tratado por historiadores e antropólogos, estudando domínios como família, língua, religião, música, dança, culinária e a arte popular em geral. (REIS, 2007, p. 90)

de janeiro, na cidade de Salvador, Bahia. De acordo com o autor: “Práticas muçulmanas mais discretas têm sido descobertas nos arquivos da escravidão em Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.” (REIS, 2007, p. 91)

Entre uma maioria das religiões indígenas e africanas permeava a crença em vários deuses, pensamento mitológica, crença em espíritos, a prática do transe mediúnico, sejam, através dos xamãs, pajés, pai ou mãe de santo, ou por seus seguidores em alguns casos específicos quando realizavam a comunicação com os deuses e os espíritos, nas quais havia uma relação muito intensa do homem com a natureza.

Em meados o século XIX, o Catolicismo era reconhecido como a religião oficial do Império Brasileiro, dominante neste cenário religioso, e vai se confrontar com ideias que se contrapunham às suas verdades, como da entrada das ideias que vinham principalmente dos Estados Unidos e Europa, as correntes Espiritualistas e especificamente o Espiritismo.

1.2.2 – Primeiros movimentos – a circulação das ideias espíritas no Brasil

É interessante pontuar que as ideias advindas da Europa chegaram desde a vinda das esquadras portuguesas à Pindorama, ou Terra das Palmeiras como os nativos chamavam o Brasil. Os fluxos de pessoas e de ideias se intensificaram com o passar dos séculos em consequência principalmente dos avanços tecnológicos.

No século XIX, por volta de 1860, relata Emerson Giumbelli (1997, p. 56) que *O Livro dos Espíritos* (1857), recém-lançado na França, passou a fazer parte da bagagem de viajantes e imigrantes que aportavam no Brasil, vindos da França. Esse trânsito de pessoas e ideias se intensificou desde a Revolução Francesa. Segundo, Damazio (1994, p. 12), os viajantes e imigrantes ao retornarem ao Brasil traziam “as mais diferentes tendências científicas, filosóficas e religiosas” que “eram absorvidas pela intelectualidade do país: a teoria da evolução e da seleção natural, o materialismo, o positivismo, o espiritualismo moderno” foram as mais difundidas.

Maciel Barros (*apud* Giumbelli, 1997, p. 60-61) assim define esse momento de chegada das correntes: (1) Cientificista, o pensamento positivista, evolucionista e darwinista; (2) Liberal, afirmação dos princípios de liberdade, representada nas bandeiras políticas do republicanismo e do abolicionismo, e a (3) Conservadora, ideias dominadas pela Igreja Católica, no século XIX, como a ‘ilustração brasileira’.

A dita “ilustração brasileira” do século XIX no Brasil, como veremos nos dados apresentados a seguir, esteve relacionada principalmente a um grupo social, alfabetizado²⁵. Com dificuldades, algumas ideias conseguiram circulação nos grupos mais populares, porém as taxas de analfabetismo que atingiam o Brasil eram certamente um grande obstáculo.

As três vertentes - cientificista, liberal e conservadora -, que dominariam o panorama intelectual brasileiro, apresentadas por Maciel Barros, vão estar de algum modo relacionadas à corrente espiritista. Como afirma Giumbelli (1997, p. 60-61):

Os partidários do Espiritismo, formados do mesmo modo sob o influxo de ideias estrangeiras, vão possuir relações com personagens e saberes associados a cada uma das três vertentes: como maçons; os espíritas vão se identificar com as causas abolicionistas e republicanas; passam a dialogar com a ‘ciência’ dos modernos escolápios; e se contrapõem às doutrinas e às instituições católicas.

O discurso espírita, de acordo com Artur Isaia (2001, p. 189 e 2012), possui repertório amplo e “plástico” de respostas com fins “conciliatórios”; definido por Aubrée e Laplantine (2009, p. 108) como de “dimensão sintética”. O Espiritismo, ao revelar as leis divinas e naturais, se propõe a explicar os fenômenos do nosso tempo partindo da realidade espiritual, a realidade do espírito. A evolução espiritual ocorreria quando da necessidade da conciliação entre espírito e matéria (reencarnação). É necessário o espírito voltar à carne, nascer de novo, para evoluir/progredir. Há uma ideia de purificação do espírito à medida que ele vai superando as más inclinações, suas paixões através das vidas sucessivas, até não ter mais a necessidade de voltar a um novo corpo físico.

Acredita Artur Isaia (2001, p. 199) que com a revelação das leis naturais, o Espiritismo vislumbrava um novo tempo, uma utopia, um novo modelo de *ethos*. “O futuro acenava com uma nova era assentada na solidariedade entre os homens e não na competição egoísta; na tolerância mútua e não nos particularismos de raça, credo e nação”. Esse novo modelo de *ethos* era difundido pela doutrina com a máxima: “Fora da Caridade não há Salvação”. O *ethos* espírita se relacionava nas produções e nos serviços espíritas - o Espiritismo seria a lente pela qual tudo poderia ser traduzido a partir da realidade espiritual.

Aos poucos, em meados do século XIX, o Espiritismo vai encontrando espaço na sociedade brasileira, em alguns grupos que não buscavam suas respostas apenas no mundo

²⁵ Segundo dados, no “primeiro Censo brasileiro, em 1872, [...] a taxa de analfabetismo para o conjunto do País é de 82,3% para as pessoas de 5 anos ou mais, situação esta que se mantém inalterada pelo menos até o segundo Censo, realizado em 1890 (82,6%), já no início da República”. (FERRARO; KREIDLOW, 2004, p. 182)

material. “O Espiritismo, dessa maneira, teria gozado [...] de uma sobrevida à sombra não apenas dos seguidores de Mesmer, mas também entre os homeopatas e os socialistas utópicos, muitos dos quais se tornaram os primeiros espíritas.” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 31).

É interessante constatar como as ideias propagadas em meados do século XIX se integram com o discurso e ideias espíritas. Aubrée e Laplantine (2009, p. 133) fazem essas conexões quando afirmam que:

A teoria mesmeriana do “magnetismo animal” que renascia na França, na época da restauração, graças aos esforços de Puységur. Este, recriava a Sociedade da Harmonia Universal, cara a seu mestre Mesmer, cujas teses um pouco modificadas inspirariam, entre outros, o pensamento utópico de Charles Fourier, que pode ser considerado tanto no Brasil, como na França, um dos precursores de Kardec, em vista sua crença na reencarnação e também porque conforme veremos, sua doutrina social inspiradora do “solidarismo” do espírita francês P. G. Leymarie, nos anos 1870, é encontrada hoje na dinâmica das obras sociais promovidas pelos kardecistas brasileiros.

O Espiritismo chega à capital, o Rio de Janeiro, por esses grupos receptivos à doutrina espírita, e logo seu discurso chega à corte através “(do) francês Casimir Lieutaud, educador de prestígio, que publica o primeiro livro de divulgação espírita em francês, no ano de 1860, com o título de *Les tempos sont arrivés* (Os tempos são chegados)”. (COLOMBO, 1998, p. 53)

O Espiritismo, devido à sua tradição literária, teve uma maior facilidade de penetração nas classes letradas²⁶, média e alta. Sua difusão teria sido promovida, em larga medida, “pela curiosidade, pelo interesse particular que despertavam os seus principais temas: a vida pós-morte e a possibilidade de comunicação com os mortos. Esses temas introduziam algo de inovação ao mesmo tempo em que davam continuidade em relação a certas tradições existentes na Europa” (STOLL, 1999, p. 25).

A curiosidade, o apoio e a oposição em torno das ideias espíritas mobilizaram a imprensa distrital, estadual e nacional a abordarem tais conteúdos. Assim, como os simpáticos às ideias espíritas (leigos) começaram a se reunir em grupos de estudos, pequenas sociedades, instituições, tornando-se agentes religiosos no campo religioso brasileiro.

²⁶ São mencionados por Emerson Giumbelli (1997, p. 62-63) que os letrados eram médicos alopatas e homeopatas, engenheiros, militares, funcionários públicos, entre outros e pessoas influentes na política.

“A explosão Espírita” – Luiz Olympio Telles de Menezes

A difusão das ideias espíritas no cenário religioso brasileiro trouxe um incômodo ao clero, às autoridades religiosas do catolicismo, religião politicamente reconhecida como a oficial do império. A Igreja Católica atuava contra a formação de um campo religioso plural, hegemônica, desejava ser uníssona. Apesar de reconhecerem a existência de uma diversidade religiosa no Brasil do século XIX, essas religiões não deveriam aparecer, ou, se aparecessem, seriam atacadas. O objetivo era o silenciamento, não apenas das ideias, mas de suas memórias e histórias.

A documentação histórica disponível sobre esses movimentos aponta a Bahia como um dos estados pioneiros, principalmente a cidade de Salvador, em meados dos anos de 1860. Conforme sugere Ubiratan Machado (1997, p. 87), as divulgações com maiores repercussões foram motivadas pela repressão das ideias espíritas através do clero da Igreja Católica. Ainda segundo esse autor (MACHADO, 1997, p. 87), como consequência das ações do Clero em Salvador, houve uma “explosão espírita” naquela cidade. As obras de Allan Kardec eram lidas em francês e “discutidas apaixonadamente” entre membros das classes cultas.

Magali Fernandes (2003, p. 21) traz a participação especial de Luiz Olympio Telles de Menezes²⁷ (1828-1893), que, além de outras profissões, era professor e jornalista, dominava o Latim, o Inglês, e Espanhol e o Francês. Foi colaborador do *Diário da Bahia* e do *Jornal da Bahia*; já na *Época Literária* foi redator em 1849, e posteriormente chegou a ser diretor. Luiz Olympio Telles de Menezes foi um dos primeiros tradutores de textos espíritas, principalmente de Allan Kardec. Publicou folhetos e livros: “[...] na época dos primeiros momentos do kardecismo no Brasil, ainda não existiam casas editoriais com linhas²⁸ específicas de publicações e catálogos definidos, como acontece hoje.” (FERNANDES, 2003, p. 21).

As confrontações ao Espiritismo, entretanto, não ficaram reservadas apenas ao clero da Igreja Católica. A crítica realizada pelo escritor Amedée Déchambre (1812-1885) teve uma grande repercussão na sociedade brasileira. Segundo Magali Fernandes (2003, p.19). Déchambre escreveu uma crítica dividida em inúmeros artigos, acerca das “reuniões mediúnicas”, os quais foram publicados no jornal francês: *Gazette Hebdomadaire de Médecine* traduzido e divulgado em três artigos intitulado “Doutrina Espírita” pelo

²⁷ Ver mais em: Magali Fernandes (2003) no livro *Vozes do Céu – Os Primeiros Momentos do Impresso Kardecista no Brasil*.

²⁸ As tipografias não tinham uma identidade, uma mesma tipografia poderia fazer serviços de um jornal comercial, um folheto espírita ou católico.

periódico de maior circulação na Bahia no ano de 1865, entre os meses de setembro e outubro, o *Diário da Bahia*.

De acordo com Magali Fernandes (2003, p. 26-27), Déchambre mostrava-se preocupado ao ver a França, “gênio intelectual e moral”, entretida com esses “extremos de supernaturalismo religioso”. Em resposta, seis meses depois da publicação dos artigos críticos do médico Amedée Déchambre, Luiz Olympio Telles de Menezes lançou seu primeiro livro: *O Spiritismo. Introdução ao Estudo d’a Doutrina Spiritica, Extrahida d’o Livro d’os Spiritos (1866)* (FERNANDES, 2003, p. 36).

As autoridades eclesiásticas da Bahia percebendo o avanço espírita no estado atuaram tentando reprimir esse movimento: “Entraram em cena personalidades baianas, dentre elas o arcebispo da Bahia, Dom Manoel Joaquim da Silveira, que lançou em 1867 uma *Carta Pastoral*, ‘premunindo os seus diocesanos contra os erros perniciosos do espiritismo’.” (FERNANDES, 2003, p. 45). Luiz Olympio Telles de Menezes não se inibindo, publicou aquele que seria conhecido como o primeiro periódico kardecista brasileiro - *Echo d’Além-Túmulo – Monitor d’o Spiritismo n’o Brazil (1869-1870)*.

Podemos destacar, a partir de Albuquerque (2013, p. 31), que Telles de Menezes, em 1865, “funda, na cidade de Salvador/BA, *O Grupo Familiar de Espiritismo* – primeiro centro espírita do país”, e em 1873, “[...] Luiz Olympio era fundador, na Bahia, da Associação Espírita Brasileira e dela presidente honorário.” (FERNANDES, 2003, p. 22-23). O presidente conseguiu fazer contato com a Sociedade Espírita de Paris e obteve autorização para divulgar os artigos da *Revue Spirite* em seu periódico.

A atuação de Luiz Olympio Telles de Menezes foi criticada entre os espíritas. Segundo Fernandes (2003, p. 25), Telles de Menezes teve uma atuação importante visando aproximar as duas vertentes religiosas (Catolicismo e Espiritismo). Ele dizia para o Espiritismo deveria defender “a necessidade de renovação dos preceitos cristãos, promovidos pela Igreja Católica”, porém também afirmava “ser católico” ainda.

Telles de Menezes não via problema em praticar o Espiritismo e se afirmar católico, uma vez que o Espiritismo, na época, tinha mais um viés filosófico do que religioso. Telles de Menezes recebeu elogios e críticas da Sociedade Espírita de Paris, no artigo de Desliens direcionado ao editor de *Echo d’Alem Tumulo*: “Permite-nos, caro senhor, desde já vivamente felicitar-vos por vossa generosa e corajosa iniciativa”. Efetivamente era preciso uma grande coragem, ele dizia, “para publicar, em um país quase absorvido pelos interesses materiais, como é o Brasil, um jornal espírico destinado a popularizar nossos ensinamentos” (*apud* FERNANDES, 2003, p. 75).

No final deste artigo, a Sociedade Espírita expõe suas críticas a Telles de Menezes, por atacar aos ensinamentos de Calvino, Lutero, João Huss. Para a Sociedade Espírita de Paris, “o Espiritismo não deve adstringir-se a nenhuma forma religiosa determinada; ele é, e deve permanecer, como uma filosofia progressiva e tolerante, abrindo seus braços a todos os deserdados, qualquer que seja a nacionalidade e a crença religiosa a que eles pertençam.” (Apud FERNANDES, 2003, p. 76)

O avanço espírita no estado da Bahia, em comparação com outros estados brasileiros, chega a seu limite e é ultrapassado pelo Rio de Janeiro. Segundo Fernandes (2003, p. 83), Telles de Menezes reconhece, em seu último pronunciamento, realizado no dia 17 de setembro de 1874, na Associação Espírita Brasileira, as limitações do movimento espírita baiano²⁹, e exalta o espiritismo da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, reverenciando o trabalho do rico editor da corte do império o Sr. Garnier, que acabara de conseguir a autorização para a tradução em português das obras de Allan Kardec:

Se, na Bahia e no Nordeste em geral, o entusiasmo dos pioneiros do meio do século tinha decaído nitidamente, novas regiões tinham sido também tocadas pela “Terceira Revelação” e a doutrina kardecista continuava, portanto, a se implantar aos poucos em zonas mais afastadas, em particular nos estados do Sudeste e do Sul. (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 157)

Vimos que Telles de Menezes alerta sobre o deslocamento do Espiritismo para o Rio de Janeiro: “O espiritismo no Rio parecia identificar-se com outra realidade, mais definida e aproximada das questões republicanas.” (FERNANDES, 2003, p. 87). Dessa forma, o Espiritismo entrou em uma nova fase.

O Spiritismo e Espiritismo na Imprensa

A expansão e consolidação do Espiritismo no Brasil obtiveram sucesso em grande medida pela tradição literária espírita que já vinha da França do tempo de Allan Kardec e prosseguiu pelas obras complementares de diversos autores³⁰ de várias nações. Essa tradição

²⁹ Consta no *Relatório d’a Associação-Spiritica-Brazileira, apresentada em sua sessão-magna*. Bahia, Typ. de Francisco Queirolo, 1874, indicado por Magali Fernandes (2003, p. 85).

³⁰ Dos franceses Camille Flammarion (1842-1925), Léon Denis (1846-1927), Gabriel Delanne (1857-1926); do italiano Ernesto Bozanno (1861-1943), da espanhola Amália Domingo Soler (1835-1909), do português Fernando de Lacerda (1865-1918), e dos brasileiros: os paulistas Cairbar de Souza Schutel (1868-1938), Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), Paulo Alves Godoy (1914-2001), Wanda Albertina Canuti (1932-2004), José Herculano Pires (1914-1979), Roque Jacinto (1928-2004), Edgard Pereira Armond (1894-1982), Eduardo Carvalho Monteiro (1950-2005), Mário Boari Tamassia (1916-1993) e Carlos Toledo Rizzini

literária não se relacionava apenas a produção e tradução de livros espíritas, mas também ao lançamento de periódicos espíritas. Essa tradição vai sendo ressignificada com o passar do tempo e continua a se reinventar.

No Brasil, vimos a imprensa espírita nascer com o lançamento do primeiro periódico espírita, *Echo de Além Túmulo*, sob a supervisão de Telles de Menezes, em Salvador. Na capital da nação, a livraria Garnier, principal casa editorial do Rio de Janeiro, na época, lançou a tradução em português de *O Livro dos Espíritos*, em 1875. Para Stoll: “Esse investimento no campo editorial colocou imediatamente o Brasil em posição de destaque no cenário internacional. [...] O conhecido jornalista João do Rio, testemunha [...] (que em) 1900 circulavam no mundo 96 jornais e revistas espíritas, [...] 19 somente no Brasil.” (STOLL, 1999, p. 50).

Essa tradição literária formada não só em livros, mas também na disseminação de periódicos, teria vetorizado a inserção das ideias espíritas nas classes média e popular. A pesquisadora Sylvia F. Damazio (1994), no livro *Da Elite ao Povo – Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*, reflete sobre esse momento de ruptura dessas barreiras socioeconômicas na disseminação do Espiritismo. A autora pontua que:

Aos poucos configuram-se correntes distintas dentro do movimento espírita no Rio de Janeiro. Grosso modo, firmou-se um Espiritismo de origem europeia, sóbrio, sem sincretismo com os cultos populares, baseado no estudo da doutrina e na prática da caridade, e o Espiritismo popular, que incorporava as práticas dos curandeiros, dos feiticeiros e das sonâmbulas, mais o catolicismo tradicional centrado no culto dos santos. (DAMAZIO, 1994, p. 13)

Para Aubrée e Laplantine (2009, p. 157), a expansão espírita esteve intimamente ligada ao desenvolvimento da imprensa e circulação de informações. Suas lideranças teriam aproveitado os periódicos para defender sua doutrina e responderem aos ataques feitos tanto por médicos quanto por católicos.

No Rio, em 1884, Augusto Elias da Silva funda o periódico *Reformador*, que é um dos mais antigos periódicos³¹ espíritas em circulação ainda hoje. Aubrée e Laplantine (2009, p.

(1921-1992); os mineiros Francisco Cândido Xavier (1910-2002), João Nunes Maia (1923-1991), Lamartine Palhano Júnior (1940-2000), Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984), Zilda Gama (1878-1969) e Corina Novelino (1912-1980); dos cariocas Carlos Imbassahy (1844-1969), Clóvis Tavares (1915-1984) e Henrique Rodrigues; do paranaense Hercílio Maes (1913-1993), dos baianos Divaldo P. Franco (1927- aos dias atuais), Deolindo Amorim (1908-1984) e Carlos B. Cajazeira Loureiro de Souza (1942-2006); do sergipano Francisco Leite Bittencourt Sampaio (1834-1895), da pernambucana Maria Dolores de Araújo Bacelar (1914-2006); do paraibano Eurícles Formiga (1924-1983), do cearense Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900), entre outros.

³¹ Ver mais sobre os primeiros periódicos espíritas no Brasil em: Aubrée e Laplantine (2009, p. 158).

158) relatam sobre o surgimento dos periódicos kardecistas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além do *Reformador*, no Rio, em 1886, em São Paulo, os autores apontam sobre a revista *Espiritismo Experimental* fundada por Santos Cruz Jr. A revista circulava de forma irregular e não durou mais do que cinco anos. Em 1890, a revista *Verdade e Luz*³², fundada pelo português, Bатуíra, a substituiu. Este fundador é considerado uma liderança espírita importante em São Paulo. “Apesar da autodefinição de ‘órgão do espiritualismo científico’, o conteúdo dos artigos testemunha a orientação mais religiosa que caminhava no mesmo sentido que a revista da FEB do Rio.” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 158).

Os periódicos espíritas kardecistas não se restringiam a Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Os autores Aubrée e Laplantine (2009, p. 158-159), a partir do recenseamento de B. Kloppenburg conseguiram apontar outros periódicos fundados e divulgados na última década do século XIX como *Era Nova* (Rio), *A luz* (Curitiba), *Regenerador* (Belém). Tal dinâmica se manteve durante toda a década: *Evolução* (1892, Rio Grande do Sul), *Farol* (1893, Paranaguá), *A Voz Espírita* (1894, Porto Alegre), *A Verdade* (1894, Cuiabá), *Eco da Verdade* (1895, Porto Alegre) e outros. Em pesquisa recente, identificamos 38 periódicos³³ através da Hemeroteca Digital Brasileira, os quais fizeram referência ao *Espiritismo* ou *Spiritismo* entre os anos de 1859 a 1869³⁴. Certamente que esta breve busca por termos-chave em um acervo restrito não dá conta de toda realidade de publicações do período, mas nos auxilia na compreensão do espaço dado ao espiritismo tanto na imprensa dessa matiz ou não.

³² A revista teve crescimento e circulação bastante interessante para a época, segundo Aubrée e Laplantine (2009, p. 158), essa iniciou sua tiragem de 2.000 ou 3.000 exemplares, segundo Zeus Wantuil, atingiu 15.000 em 1897, e segundo a *Revista Espírita* n. 2, de fevereiro de 1900, em sua “Revista da imprensa espiritualista” como tendo tiragem de 24.000 exemplares. Estes eram, em sua maioria, distribuídos gratuitamente para todo o país. Relata os autores que nos anos 1900 no Brasil, nenhum jornal diário ultrapassava 6.000 cópias.

³³ Pesquisa realizada entre março e abril de 2017, entre periódicos comerciais e/ou religiosos.

³⁴ Entre 1857, data de lançamento de *O Livro dos Espíritos*, e o ano de 1860, identificamos seis periódicos diferentes que formam um total de 11 referências em notícias, comentários, ou breves notas. Entre os estados dos periódicos identificados, localizamos quatro da capital do Brasil, o Rio de Janeiro: (1) *Revista Popular* (1859-1862); (2) *Correio Mercantil, Instructivo, Político e Universal* (1848-1868); (3) *Diário do Rio de Janeiro* (RJ) (1860-1878) e (4) *Jornal do Comércio* (RJ) (1860-1869); um de São Paulo: (5) *Correio Paulistano* (SP) (1854-1859) e um de Recife: (6) *Diário de Pernambuco* (PE) (1860-1869).

Quadro 2 - Edições em que consta o termo *Espiritismo ou Spiritismo*

Periódico	1857-1860	1861-1865	1866-1870	Total
A Actualidade: Jornal político, litterário e noticioso (RJ)	Nd	1	-	1
A Constituição (CE)	-	1	nd	1
A Cruz (RJ) [Católico]	-	4	-	4
A Estrela do Norte (PA)	-	nd	1	1
A Formiga (RJ)	-	2	-	2
A Nação (MA)	-	-	1	1
A Pátria (RJ)	Nd	3	2	5
A Reforma (RJ)	-	-	1	1
A Regeneração (SC)	-	-	1	1
Album Litterario (RJ)	Nd	1	-	1
Annaes Brasiliense de Medicina (RJ)	Nd	2	nd	2
Brasil. Ministério do Império (RJ)	Nd	nd	1	1
Constitucional (RJ)	-	2	-	2
Correio da Victoria (ES)	Nd	nd	2	2
Correio da Tarde (RJ)	Nd	1	-	1
Correio Mercantil, Instructivo, Político e Universal (RJ)	1	16	10	27
Correio Paulistano (SP)	1	2	5	8
Dezenove de Dezembro (PR)	Nd	1	Nd	1
Diário de Pernambuco (PE)	5	7	16	28
Diário de São Paulo (SP)	Nd	nd	6	6
Diário do Rio de Janeiro (RJ)	2	1	7	10
Gazeta Campinas (SP)	-	-	1	1
Imprensa Evangélica (RJ) [Evangélico]	Nd	Nd	1	1
Jornal da Victoria (ES)	-	nd	1	1
Jornal de Recife (PE)	Nd	nd	36	36
Jornal do Commércio (RJ)	1	15	8	24
Jornal do Pará (PA)	-	-	1	1
Monitor Macahense (RJ)	Nd	nd	1	1
O Apóstolo (SP) (Católico)	Nd	nd	8	8
O Cearense (CE)	Nd	nd	2	2
O Despertador (SC)	-	-	1	1
O Écho D'Além Túmulo (BA) [Espírita]	-	-	6	6
O Jequitinhonha (MG)	-	Nd	1	1
O Paiz (RJ)	Nd	1	Nd	1
O Publicador (PB)	-	2	1	3
Publicador Maranhense (MA)	Nd	nd	2	2
Revista Popular (RJ)	1	nd	-	1
Semana Ilustrada (RJ)	Nd	6	1	7
TOTAL:	11	68	124	203

Fonte: dados da BNDigital – Hemeroteca Digital(2017). Autoria própria (2017)

Quadro 3 - Edições em que consta o termo *Espiritismo* ou *Spiritismo* [Por Região*]

Periódico/Região	1857-1860	1861-1865	1866-1870	Total:
Norte	0	0	2	2
Nordeste	5	10	64	79
Centro-Oeste	0	0	0	0
Sudeste	6	57	56	119
Sul	0	1	2	3
TOTAL:	11	68	124	203

Fonte: dados da BNDigital – Hemeroteca Digital(2017). Autoria própria (2017) *de acordo com as atuais configurações regionais.

No Rio de Janeiro, o Espiritismo foi tema de cinco edições, em quatro periódicos diferentes. Recife teve apenas um jornal que nesse período trouxe a problemática espírita, o qual retratou o Espiritismo em cinco edições no ano de 1860 (edição 4, 5, 7, 8, 9). Enquanto que São Paulo só apresentou o Espiritismo em uma edição nesse período.

Assim, como visualizamos no quadro 1 - *Edições em que consta o termo Espiritismo ou Spiritismo* e no quadro 2 - *Edições em que consta o termo Espiritismo ou Spiritismo [Por Região]* as ideias espíritas foram mais evidenciadas inicialmente na região “Nordeste” e “Sudeste” nas configurações atuais. Não por acaso, foram as regiões que tiveram os primeiros periódicos espíritas, e os primeiros grupos/centros/instituições espíritas e/ou associações/federações. É possível constatar que em uma década, a repercussão do Espiritismo em periódicos teve um aumento de dez vezes, e que em fins da década de 1860, o Nordeste e o Sudeste, ainda são as regiões com uma maior difusão das ideias espíritas pela imprensa comercial e/ou religiosa.

A rápida difusão das ideias espíritas através da imprensa comercial, espírita, católica e evangélica no campo religioso brasileiro resultou na formação de pequenos grupos e fundações de instituições espíritas em todo o Brasil.

No Rio de Janeiro, a Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio³⁵ (1873) foi o primeiro centro fundado. Emerson Giumbelli (1997, p. 61) esclarece que este grupo se dedicava ao “estudo dos fenômenos relativos às maneiras espíricas bem como o de suas aplicações às ciências morais, históricas e psicológicas”, no mesmo ano em que Telles de Menezes fundava na Bahia, a Associação Espírita Brasileira.

³⁵ “Deve-se a esse grupo a tradução integral de quatro das cinco obras ‘fundamentais’ de Allan Kardec, editadas pela Garnier em 1875 e 1876. Entre 1875 e 1876, é editada a *Revista Espírita* (‘publicação mensal de estudos ‘psicológicos’), cujo conteúdo abrangia desde artigos extraídos da *Revue Spirite* e de mais alguns jornais estrangeiros até comentários e explanações doutrinárias.” (GIUMBELLI, 1997, p. 61-62)

Em 1876, de acordo com Giumbelli (1997, p. 61), foi formada na cidade do Rio de Janeiro, a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade³⁶, transformada em ‘sociedade acadêmica’ em outubro de 1879.

Ainda segundo esse o autor (GIUMBELLI, 1997, p. 62), em março de 1880, surge a Sociedade Espírita Fraternidade – da qual se originou, em 1881, o Grupo Espírita Humildade e Fraternidade – que compartilhava membros com o Grupo de Estudos Evangélicos; este último, fundado em 1880, ficaria mais conhecido como Grupo dos Humildes, tornando-se uma das mais importantes agremiações espírita carioca.

Em São Paulo, de acordo com Ivan Franzolim (2008, p.57), “O Centro Espírita Anjo da Guarda, na cidade de Santos – São Paulo é o mais antigo ainda em funcionamento, tendo mais de 120 anos. Foi fundado em 2 de novembro de 1883”. Porém, esse autor afirma que o primeiro centro espírita fundado em São Paulo parece ter sido o Grupo Espírita Areense, na cidade de Areias, em janeiro de 1881, que também lançou no mesmo ano o jornal *União e Crença*.

Em Santa Catarina, o centro espírita “Caridade de Jesus” foi o primeiro do estado, fundado no ano de 1895, sob liderança de Joaquim S. Thiago. De acordo com Aubrée e Laplantine (2009, p. 161), Joaquim S. Thiago era “fixado em Florianópolis, onde exercia a profissão de professor em um ginásio. Sua ação pioneira foi alvo de ataques dos adversários do Espiritismo que, certa vez, apedrejaram seu centro “Caridade de Jesus”, também sua moradia”.

Naquele período, a expansão espírita acontecia, mesmo em meio a um movimento difuso, não se tinha uma organização centralizada e hierarquizada. Aubrée e Laplantine (2009, 159) ressalta ainda que o movimento era composto “de centros dispersos nos quatro cantos do país, animados por indivíduos cuja convicção doutrinal era o melhor dos trunfos na tarefa de ‘regeneração’ social a que se atribuíam e se atribuem como missão”. No extremo sul Aubrée e Laplantine (2009, p. 159) mostram que a fundação da Sociedade Espírita do Rio Grande do Sul, em 1887, teve a iniciativa de reunir os centros espíritas da região. Outros estados também assim o fizeram, muitas vezes chamando de Federações estaduais ou Uniões espíritas.

Esses grupos e associações vão estar, como vimos, conectados a uma elite letrada brasileira. O pesquisador Emerson Giumbelli (1997, p. 62) destaca alguns nomes³⁷ de

³⁶ A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade editou uma revista durante a década de 1880 e foi responsável pela tradução de outras duas obras de Kardec. (GIUMBELLI, 1997, p. 61)

³⁷ Mencionando as profissões de algumas dessas pessoas, podemos ter certa ideia da inserção social da doutrina de Kardec entre 1870 e 1890 no Rio de Janeiro. Havia médicos alopatas como Joaquim Carlos Travassos e Bezerra de Menezes; homeopatas como Antônio Pinheiro Guedes, Antônio de Castro Lopes e Francisco Menezes Dias da Cruz; engenheiros, como Antônio da Silva Neto; advogados, como Francisco Leite de Bittecourt Sampaio, Júlio Cesar Leal, Ernesto dos Santos Silva e Antônio Luiz Sayão; militares, como

lideranças espíritas no período entre 1870-1890 na cidade do Rio de Janeiro, dentre eles: políticos, médicos, advogados, engenheiros e militares. É interessante constatar que, a partir desses nomes, podemos compreender mais claramente os principais grupos sociais que interagiram primeiro com a doutrina espírita, antes de sua popularização.

As práticas religiosas

O século XIX foi um período de grandes debates políticos e sociais, nos fins deste, para além de uma transição de sistema políticos no Brasil, da Monárquica para a República, ocorreu uma transição na qual vieram à tona aspectos da formação cultural e social brasileira. Para Artur Isaia (2007, p. 292) a proposta espírita possuía uma ênfase na urbanidade e nas virtudes da cidadania e estava distante de representar um corpo estranho e desarticulado com esse novo momento do Brasil.

De acordo com José Murilo de Carvalho (1990, p. 23) para a Monarquia brasileira manter-se viva, era preciso unir as províncias e pacificar o campo social, para tanto mesclou elementos estrangeiros, principalmente de Portugal e França, que repercutia uma visão estatista e centralizadora, mas nem sempre a centralização política respondia as demandas sociais, e a saída eram as referências de fórmulas anglo-americanas, como a justiça e a paz, o júri e uma limitada descentralização política.

Apesar da abolição da escravidão ser realizada pela Monarquia, ela já não conseguia os apoios necessários para manter uma centralização política. As ideias que vinham principalmente da Europa e dos Estados Unidos combinadas ao contexto social brasileiro resultaram na proclamação da República em 1889, um ano após a abolição da escravidão. O Estado, antes católico, viu sua separação realizada na primeira Constituição Republicana em 1891: as liberdades individuais de culto eram então propagadas, o campo religioso brasileiro, autônomo, apesar da presença hegemônica da ICAR, politicamente garantia espaço no campo às demais religiões, embora isso não tenha impedido a ocorrência de intensas disputas entre os agentes religiosos no campo.

As disputas no campo religioso eram sintomas das disputas identitárias no campo social brasileiro. Com a Proclamação da República além das questões primordiais no campo, havia uma preocupação no início do século XX a respeito da formação da nação brasileira e

Raimundo Ewerton Quadros; outros eram simples funcionários públicos, como Frederico da Silva Júnior, João Gonçalves do Nascimento e Carlos Joaquim Lima e Cirne, ou autônomos, como Augusto Elias da Silva e Affonso Torterolli. Algumas mulheres também marcavam presença, ora como esposas desses personagens, ora não, como era o caso de mme. Collard, uma das fundadoras do Grupo Confúcio. (GIUMBELLI, 1997, p. 62)

sua identidade, ou seja, quais atributos e/ou propriedades iriam identificar a nação brasileira. Como vimos em José Murilo de Carvalho (1990, p. 23-24), o problema social da escravidão, o problema da incorporação dos ex-escravos à vida nacional e, mais ainda, à própria identidade da nação, mal começava a ser enfrentado.

A inclusão da cultura afro-brasileirana sociedade brasileira ainda gerava receios diversos em parte dos grupos de uma elite brasileira, a resistência dessa mistura cultural era percebida em políticas nacionais, mas também nas instituições espíritas em suas práticas religiosas espíritas, a partir do início do século XX, quando esse dois grupos se aproximaram. Além das reuniões públicas doutrinárias e das sessões mediúnicas, os centros espíritas investiam em atividades que promoviam grupos sociais que estavam à margem, como nos afirmam Aubrée e Laplantine: “realizavam tarefas cotidianas nas quais o desenvolvimento da educação, da higiene e da saúde tinham papel preponderante. Criavam as primeiras obras espíritas de benemerência [...] a exemplo da Sociedade de Assistência aos Necessitados da F.E.B.”. (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 160)

As obras de caridade realizadas pelos agentes religiosos do movimento espírita brasileiro, de Norte a Sul do país, foram extremamente importantes para aproximação da doutrina espírita das camadas mais populares. Como consequência, surge uma interpretação peculiar do espiritismo, chamada de “espiritismo popular” por Sylvia Damázio (1994), e, por Aubrée e Laplantine (2009, p. 156) chamado de “baixo espiritismo”: “Esse misturava crenças católicas e rituais mágicos de origem africana às teses espíritas sobre reencarnação e o diálogo com os mortos”. Os significados em ambos nos apresentam o conceito de circularidade cultural entre o espiritismo, catolicismo, religiões afro e indígenas. Seja o espiritismo “místico”, “científico” e “baixo espiritismo” ou “espiritismo popular”, as práticas religiosas da elite circulavam³⁸ entre a população mais simples e vice-versa.

A “comunicação mediúnic”, “curas”, “espíritos”, “Deus”, “pluralidade dos mundos habitados”, “reencarnação”, etc., são elementos do sistema religioso espírita que transitaram/transitam entre um discurso “mágico” e “moderno” nas diversas configurações traduzidas pelos pesquisadores. Ao ser racionalizado, explicado através do uso da lógica espírita, o elemento “mágico” ganharia uma aura moderna para os espíritas, deixando de ser compreendido como sobrenatural, mas pertencente à própria natureza.

³⁸ termo circularidade: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo. (GINZBURG, 1987, p. 13)

Dessa forma, o “espiritismo popular” ou “baixo espiritismo” gerou incômodo às lideranças espíritas kardecistas, as quais buscaram uma saída para impedir o avanço de tais movimentos na sociedade brasileira, primeiro destacando as diferenças entre ambos, deixando claro qual o Espiritismo era digno de legitimidade e a pureza doutrinária. Essa discussão será aprofundada mais adiante, pois tais aspectos favoreceram o ímpeto de fortalecimento e unificação do Espiritismo, a partir do projeto da Federação Espírita Brasileira.

Entre o século XIX e início do XX, o “espiritismo” estava sendo criminalizado através das “práticas de curas”³⁹, o foco era o seu aspecto “mágico”. Como vimos, os tipos de espiritismos eram variados, mas comumente generalizavam práticas diversas numa só palavra: ‘espiritismo’. Apesar da aprovação do novo código penal, o debate amplo que se realizava na sociedade brasileira era outro. Se discutia sobre liberdade religiosa, secularização, preconizadas pela Constituição Federal de 1891:

Art. 72 – A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: § 1º - Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei. § 2º - Todos são iguais perante a lei. A República não admite privilégios de nascimento, desconhece foros de nobreza e extingue as ordens honoríficas existentes e todas as prerrogativas e regalias, bem como os títulos nobiliárquicos e de conselho. § 3º Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.⁴⁰

O debate sobre liberdade religiosa seguia as discussões que se sucediam na Europa e Estados Unidos. Porém, apesar desses avanços, algumas práticas religiosas ainda eram questionadas, criticadas e criminalizadas. A expansão espírita inquietava a comunidade católica. As “práticas de curas” afligiam os médicos brasileiros. Os artigos 156, 157 e 158 do código penal, de 1890, começaram a ser questionados na justiça através do artigo 72, preconizado pela constituição de 1891. O que diziam tais artigos, do código penal de 1890 - referente ao capítulo III – dos crimes contra a saúde pública?

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos: Penas - de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

³⁹ Leia mais sobre esse debate na dissertação de Adriana Gomes (2013) *Entre a fé e a polícia: o espiritismo no Rio de Janeiro (1890-1909)*.

⁴⁰ Acessado em 20 de abril de 2018, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm

Paragrapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica: Penas - de prisão celllular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000. § 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas: Penas - de prisão celllular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000. § 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

Art. 158. Ministrarr, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fôrma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro: Penas - de prisão celllular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000. Paragrapho unico. Si o emprego de qualquer substancia resultar á pessoa privação, ou alteração temporaria ou permanente de suas faculdades psychicas ou funções physiologicas, deformidade, ou inhabilitação do exercicio de orgão ou aparelho organico, ou, em summa, alguma enfermidade: Penas - de prisão celllular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000. Si resultar a morte: Pena - de prisão celllular por seis a vinte e quatro annos.⁴¹

Tais artigos tiveram um direcionamento bastante específico: criminalizar uma conduta que não estava agradando a vários setores da sociedade. Mas o que realmente os incomodava? A ideia de criar uma lei para combater tais práticas demonstrava que o avanço espiritista era temido, independentemente se “espiritismo kardecista”, “baixo espiritismo” ou “espiritismo popular”.

Os juristas que elaboraram os artigos 156, 157 e 158 do Código Penal do Brasil de 1890 passaram por pressão do alto clero da igreja católica, dos positivistas, e principalmente da classe médica brasileira alopática, os quais temiam a “disseminação incontrollável” do curandeirismo. Desejavam, assim, por fim às práticas dos médiuns receitadores, da homeopatia e interferir no dito “espiritismo popular”. (MACHADO, 1997, p. 191). O termo ‘espiritismo’, citado nos artigos das leis, incomodou muitos kardecistas que questionaram o jurista Antônio Batista Pereira e o próprio presidente:

Em 22 de dezembro de 1890, o Centro Espírita do Brasil dirigiu ao Marechal Deodoro da Fonseca, então primeiro Presidente da República Brasileira, uma representação em que se pedia fossem suprimidos de dois artigos do novo Código Penal a palavra Espiritismo. Encarregaram-se deste trabalho o Dr.

⁴¹ Acessado em 20 de abril de 2018, disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>

Bezerra de Menezes e os Drs. João Carlos de Oliva Maia, Ernesto José dos Santos Silva, Francisco Menezes Dias da Cruz, e Antônio Luiz Sayão. (SOARES, 2006, p. 84-85)

Foi solicitada à Assembleia que fosse reconhecida a inconstitucionalidade do Código Penal na parte relativa ao Espiritismo. “O presidente do Congresso remeteu a representação à Comissão Revisora do Código Penal para que a tomasse em consideração.” (SOARES, 2006, p. 85). A lei, apesar de abranger a todos, tinha endereço: o “espiritismo popular”, o “sincretismo” religioso do espiritismo com a cultura afro, indígena e o catolicismo.

Na época de sua publicação, esse artigo provocou polêmicas. Muitos juristas o consideraram inconstitucional, retrógrado, ferindo os direitos assegurados pela Constituição. Mas ele foi defendido por figuras exponenciais do direito e da medicina brasileira, como Nina Rodrigues, Soriano de Sousa e Duarte Azevedo, entre outros. Apesar do brilho da defesa, era confuso, impreciso e difícil de ser caracterizado. (MACHADO, 1997, p. 191-192)

O “espiritismo popular” invocava espíritos caboclos e de ex-escravos que fluidificavam a água, receitavam mezinhas e ervas. Ao lado dos tabletes homeopáticos, para essa classe isso era inaceitável. Para Machado, “A intenção real dos legisladores parece ter sido iniciar uma pequena inquisição doméstica, autorizando a polícia a perseguir as tendas e centros de cultos afro-brasileiros e os de espiritismo popular.” (MACHADO, 1997, p. 193)

Entre fins do século XIX e início do século XX, o debate sobre nação e região, cultura e exotismo, moderno e atraso mobilizava parte da intelectualidade brasileira. Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Francisco A. de Varnhagen, etc, recebiam influências das teorias de autores das Ciências Sociais, tais como Paul Broca, Edward Tylor, James Frazer, Lewis Morgan, que levavam em crédito as tendências biológicas “evolucionistas”. Desse modo, hierarquizaram “raças”, apresentando o branco europeu como “raça” superior às demais, aquela que serviria de modelo para se constituir um país moderno e que pretendesse produzir uma cultura universal.

Quando analisamos as práticas religiosas espíritas, além do projeto espírita, identificamos na teleologia histórico-espiritual do Espiritismo, um conceito fundamental para dar sentido à construção da narrativa espírita: o conceito de Evolução. No século XIX, o cientista naturalista Charles Darwin (1809-1882), ao lançar a obra *On the Origin of Species by Means of Natural Selection* (1859), conhecida popularmente no Brasil, como *A Origem das Espécies*, propagou a teoria da evolução natural. Interessante constatar que *o Livro dos Espíritos* é de 1857, ou seja, dois anos antes de Charles Darwin, torna o conceito de evolução referência científica no século XIX.

Para a época, o conceito popularizado acerca de *evolucion* vem do poema de H. More em 1647, e consta no *Oxford English Dictionary* assim como foi apresentado por Gould (1978) em seu livro *Ever Since Darwin: Reflections in Natural History*:

Oxford English Dictionary traces it to a 1647 poem of H. More: 'Evolution of outward forms spread in the world's vast spright [spirit].' [...]. It implied 'the appearance in orderly succession of a long train of events,' and more important, it embodied a *concept of progressive development* -an orderly unfolding from simple to complex. The O.E.D. continues, 'The process of developing from a rudimentary to a mature or complete state.' Thus evolution, in the vernacular, was firmly tied to a concept of progress. (GOULD, 1991, p. 34)

O conceito de evolução espírita estaria associado ao conceito acima, intimamente ligado ao “progresso”, o qual sugere uma sucessão ordenada dos acontecimentos, das ideias mais simples às mais complexas, por exemplo: espíritos mais “ignorantes” aos mais “lúcidos”, “mundos primitivos” aos “mundos puros”, como vemos exposto no *capítulo IV – Da pluralidade das existências* em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec (2004, p. 159)

O conceito de “evolução”, dessa forma, está atrelado a máxima espírita: “Fora da caridade não há salvação”, e é roteiro para a busca da perfeição. O conceito de caridade entendido pelos espíritas é respondido na questão 886⁴² de *O Livro dos Espíritos*: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”, conceito semelhante à máxima cristã que vemos em Marcos, 12: 28-31: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. A prática do “bem” é o roteiro, e a lei⁴³ a consciência, o “autoconhecimento” extremamente necessário para que todos se reconheçam como espíritos criados por Deus, como irmãos, submissos a Deus, desse modo, às suas leis. Assim, tomando conhecimento dessa realidade, os espíritas acreditam que os seres humanos teriam uma vontade renovada para superar os vícios e as más inclinações na busca incessante rumo ao progresso, à(s) virtude(s). Dessa forma, a evolução no Espiritismo compreende principalmente o campo moral.

Segundo Artur Isaia (2007, p. 290) “Se a luta revolucionária mais radical não é endossada pelo Espiritismo é devido à sua visão processual e evolutiva da história”, o aspecto

⁴² “886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?” (KARDEC, 2007)

⁴³ “621. Onde está escrita a lei de Deus? — Na consciência’.” (KARDEC, 2007 p. 211)

evolucionista presente na doutrina espírita, era um aspecto que favorecia a aceitação do indivíduo ao seu lugar social. O progresso, a evolução vinha através da ordem, à disciplina.

Nessa perspectiva conceitual de evolução como progresso, como um ordenado desdobramento do mais simples ao mais complexo, a doutrina espírita se apresenta como a terceira revelação. A primeira revelação: *Moisés* e a segunda revelação *Jesus*. Um *continuum* de progresso espiritual, que fundara o Espiritismo em uma tradição cristã, que segue um ordenado de acontecimentos para “provar” suas ligações conceituais, teóricas, históricas e evolutivas. Um exemplo: a construção histórica de um modelo de *ethos* mais restrito, tribal (hebreus), para um modelo de *ethos* universal (espírita).

Interessante refletirmos que, apesar do movimento espírita apresentar divisões entre seus diversos seguidores, na análise de algumas argumentações teórico-doutrinárias, eles se uniam na defesa dos interesses dos negros e das mulheres. De acordo com Ubiratan Machado (1997, p. 198):

O espiritismo se associou aos movimentos de libertação social. Abolicionista, durante a propaganda pela libertação do escravo, republicano durante a campanha republicana, os seguidores brasileiros de Kardec se empenhavam, nessa nova fase histórica, em procurar a dignificação, sobretudo, da mulher e do negro. (MACHADO, 1997, p. 198)

O Espiritismo, de acordo com Emídio João *apud* Machado (1997, p. 198), “não admite discriminação de nacionalidade, grandeza, cor, sexo e estado”. A doutrina tinha o papel social de “colocar a mulher em seu verdadeiro lugar”, pois só assim se chegaria a “uma sociedade forte e cercada de todas as felicidades”. Bezerra de Menezes, um dos proeminentes defensores da abolição da escravatura está intimamente ligado ao processo de estruturação e unificação pelo qual passara a FEB.

1.2.3 – Federação Espírita Brasileira – um/o modelo

Como vimos, nos fins do século XIX, algumas décadas após a chegada do Espiritismo no Brasil, este se apresentava bastante difuso. Emerson Giumbelli (1997, p. 65) afirma que os discursos difundidos pelos espíritas mais proeminentes privilegiavam duas categorias, a de “Religião” e a de “Ciência”, em torno das quais orientavam seus princípios, concepções e práticas. “Embora o Espiritismo se apresente como revelação divina e possua diversas conotações morais, sua doutrina se constitui a partir de procedimentos supostamente

experimentais, capazes de explicar racionalmente certos fenômenos.” (GIUMBELLI, 1997, p. 65).

Essa visão dualística⁴⁴ de luta entre “cientificistas” e “místicos” explicaria as transformações do Movimento Espírita, ou seja, sua própria história. Para Emerson Giumbeli (1997), as fronteiras desses grupos não eram assim tão rígidas. Havia uma atuação dos agentes religiosos em ambos os grupos. De acordo com esse autor (1997, p. 67), o próprio Bezerra de Menezes era considerado por eles como “místico”, escrevia e falava do Espiritismo a partir de uma ênfase “religiosa” no Brasil, porém foi ele quem escreveu a obra *A Loucura sob Novo Prisma*, cujo subtítulo é “estudo psíquico-fisiológico”, demonstrando a expectativa por contribuir com novos rumos na ciência psiquiátrica.

No Espiritismo brasileiro, de acordo com Emerson Giumbeli (1997, p. 65-66), é como se essa complementaridade estivesse se rompido: por um lado, grupos que privilegiavam apenas um aspecto e, por outro, uma predominância do aspecto “religioso” sobre o “científico”. Qual a saída? Que fato poderia reunir o maior número de grupos “espíritas”?

Naquele período, dificilmente qualquer criação de instituição conseguiria reunir a todos em um movimento tão difuso, em um país de tão largas proporções territoriais. A primeira tentativa foi a *Associação Spiritica Brasileira* em 1873 na cidade de Salvador por Telles de Menezes, porém o movimento em Salvador era aquém do que acontecia no Rio de Janeiro. A ideia de uma instituição que pudesse congrega as linhas interpretativas⁴⁵ do Espiritismo, tantos os “místicos” como os “científicos”, como afirma Célia Arribas (2008, p. 82).

Muitas das referências históricas a respeito da fundação da Federação Espírita Brasileira estão relacionadas à literatura espírita, no documento *Escoço Histórico da Federação Espírita Brasileira*⁴⁶, disponível no sítio da Federação Espírita Brasileira, no qual ficam evidenciadas as limitações de interpretação do fato com o contexto da época. O livro, *Grandes Espíritas do Brasil*, escrito por Zêus Wantuil (1969), filho do ex-presidente da Federação Espírita Brasileira, Antônio Wantuil de Freitas, que exerceu mandato nos anos de 1943-1970,

⁴⁴ Compartilhada por: Canuto de Abreu, Francisco Acquarone, Ubiratan Machado, Sylvia Damazio, evidencia que a história do movimento espírita se explicaria a partir das lutas entre “cientificistas” kardecistas e os “místicos”.

⁴⁵ Apesar de grande parte do grupo de sócios fundadores da FEB estarem mais ligado à ênfase “religiosa”, também “foram convidados a se cadastrarem como sócio-fundadores Angeli Torterolli e Joaquim Távora, ambos explicitamente científicos.” (ARRIBAS, 2008, p. 82)

⁴⁶ Este escoço histórico está quase totalmente calcado nos trabalhos "O Centenário do Reformador" e "O Centenário da Federação Espírita Brasileira", publicados nos números de dezembro de 1982 (1845), dezembro de 1983 (1857), janeiro de 1984 (1858) e fevereiro de 1984 (1859) da revista febian, ambos do mesmo autor, os quais tiveram alguns acréscimos e supressões.

traz alguns detalhes específicos importantes para reflexão daquele momento histórico de difusão e consolidação do movimento espírita.

O pesquisador Pedro Paulo Amorim (2017, p. 77) divide a história da FEB em quatro gerações: (1) os fundadores; (2) a liga; (3) O pacto e sua (4) internacionalização, gerações que o autor articula aos conceitos de intelectual e sociabilidade, apesar de não darmos uma atenção aos aspectos específicos dessas gerações, apontaremos a construção dos elementos principais na constituição e consolidação da FEB que repercutiram no intercâmbio com campo religioso português e sua internacionalização.

A autoridade portuguesa, luso-brasileira⁴⁷, Augusto Elias da Silva (1848-1903), muito embora seja apresentado como fundador da revista *O Reformador* (1883) e da própria *Federação Espírita Brasileira* (1884), teve o apoio de um grupo de intelectuais. Zêus Wantuil (1990, p. 169-170) o apresenta como “fotógrafo profissional”, membro da Comissão Confraternizadora da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade do Rio de Janeiro. Em seguida, ele funda o “Grupo Espírita Menezes”⁴⁸. Essa Sociedade depois se funde à Federação Espírita Brasileira, em um período que, apesar da religião Católica ser a oficial, de acordo com a Constituição de 1824, o art. 5⁴⁹, permitia o culto doméstico de todos os tipos de religiões no campo religioso brasileiro. Isso explica em parte, o porquê das primeiras agremiações, associações, instituições, federações espíritas, terem nas residências⁵⁰ seus primeiros endereços de funcionamento, de seus seguidores antes da proclamação da República e algumas seguiram funcionando ainda no início do século XX.

Ainda no ano de 1884, Augusto Elias “alugou para a FEB uma sala à rua Alfândega, n.º 153, onde foram pronunciadas [...] conferências públicas.” (WANTUIL, 1990, p. 182), ele tinha o propósito de unir os espíritas, mesmo diante das dificuldades enfrentadas após a promulgação do novo código Penal. O novo código Penal, “trouxe inquietação em toda a sociedade espiritista, porém, ele mais uma vez aproveitou o momento para dar corpo àquilo a que aspirava.” (WANTUIL, 1990, p. 185).

⁴⁷ Autoridade que nasceu em Portugal, mas veio viver no Brasil;

⁴⁸ “Nome dado em homenagem a Antônio Carlos de Mendonça Furtado de Menezes, que fora diretor da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, e cujo bondoso Espírito, desencarnado em 11 de Dezembro de 1879, dirigia então os trabalhos do referido grupo.” (WANTUIL, 1990, p. 172)

⁴⁹ Acessado em 20 de abril de 2018, disponível no sítio: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

⁵⁰ Não por acaso, constatamos a partir de Zêus Wantuil (1990, p. 176-177) que tanto a revista *Reformador*, fundada em 1883, como a Federação Espírita Brasileira fundada em 2 de janeiro de 1884, funcionavam então na Rua Carioca, 120, 2º andar na residência de Augusto Elias. Naquele período, três grupos importantes na cidade do Rio de Janeiro poderiam ter assumido o papel da Federação Espírita Brasileira, não sendo necessária sua fundação. Porém, Wantuil (1990, p. 177)

Vimos que em 1887, o Espiritismo estava distante de uma consolidação, o projeto espírita ainda estava em fase embrionária, porém já tinha força entre uma parte da elite brasileira, inclusive com o apoio do deputado da província do Rio de Janeiro, Bezerra de Menezes, que escrevia sob pseudônimo “Max” uma série de artigos sobre o Espiritismo no periódico *O Paiz*, jornal bastante respeitado em todo Brasil, e, que tinha um diretor simpático à doutrina espírita, o senador Quintino de Bocaiúva. (SOARES, 2006)

Interessante constatar que a iniciativa da fundação da Federação Espírita Brasileira, assim como afirmam Aubrée e Laplantine (2009, p. 147) partira de espíritas pouco conhecidos. O primeiro presidente (1884-1888) foi o general Ewerton Quadros, que “participara da fundação, em 6 de junho de 1881, do Grupo Humildade e Fraternidade⁵¹ que, por sua vez, era originário do Grupo Fraternidade” (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009, p. 147).

Entre os novos nomes figura igualmente o do Dr. Pinheiro Guedes, médico de Mato Grosso, participante das transformações da Sociedade Acadêmica de Deus, Cristo e Caridade da qual foi o presidente durante algum tempo (provavelmente bastante curto). Tratando-se de um político, era bom orador e colocou tal facilidade a serviço da doutrina que propagava por meio de vibrantes discursos em um ou outro grupo. Foi um dos que escreveu, em *o Reformador*, as defesas e ilustrações do kardecismo face aos ataques sucessivos dos meios leigos, em 1881, e da Igreja católica, em 1882. Depois da fundação da F. E. B. deu, nesse âmbito, ciclos de conferências (1886) que atraíram um grande número de pessoas. (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009, p. 147)

A reflexão que os pesquisadores, Aubrée e Laplantine (2009, p. 148), apresentam sobre o momento de instalação da Federação Espírita Brasileira está intimamente ligada às características sociais e políticas, do Brasil e da Europa. Estes pesquisadores relatam que havia uma massa de fiéis que lutavam contra as hierarquias religiosas e civis, que ansiavam pela liberdade, inclusive a liberdade religiosa, liberdade para seus grupos organizarem sua própria liturgia.

A visão espírita questionava os dogmas da Igreja Católica e sua hierarquia eclesiástica, através da lógica cientificista e filosófica que permeava sua doutrina. E tinha como resultado pensar a respeito das “consequências morais”, relacionadas ao caráter religioso da doutrina. “Além disso, [...] permitiam às classes médias emergentes afirmarem sua diferença em relação às práticas populares ditas “fetichistas”, às quais elas próprias recorriam antes, e se

⁵¹ Nesse caso, a cisão se fizera em relação à obra de J. B. Roustaing, a qual começava a ser estudada no Brasil, produzindo aqui as mesmas polêmicas que suscitara na França. O próprio Ewerton Quadros era um grande entusiasta dessa nova interpretação já que foi ele quem traduziu e vulgarizou a obra daquele autor. (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009, p. 147)

ligar dali para frente ao “povo” sob a forma de “missão” de benemerência e educação. (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 148). O *ethos* espírita, reproduzido através da vida de Francisco Cândido Xavier, analisado por Bernardo Lewgoy (2007), será mais cautelosamente relacionado no próximo capítulo, todavia, em linhas gerais reproduz o tipo ideal de *ethos* a ser seguido, que passava pela disciplina, o estudo e o trabalho. Não deixava de ser a forma encontrada para delimitar fronteiras, a práticas ditas fetichistas, que para os espíritas precisavam de ordem, disciplina, que só vinha através do estudo e do trabalho no bem.

Dessa forma, conclui Aubrée e Laplantine (2009, p. 148), a criação da Federação Espírita Brasileira respondia não só a uma necessidade social e política, mas permitiria, acima de tudo, organizar e estruturar sensibilidades, cuja referência comum era o “corpus” doutrinário contido na obra de Allan Kardec. (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009, p. 148). E que, como já vimos, a partir de 1895, no segundo mandato do presidente Bezerra de Menezes, a obra *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing também tornara-se obra de importância equivalente aos livros da codificação kardequiana.

Compreender a FEB para além do seu papel social e político é vê-la como o lugar de “organizar e estruturar sensibilidades”. Seria uma forma de aproximação das discussões levantadas por Pedro P. Amorim (2013), quando afirma que a instituição pretendia como trajetória histórica, tornar-se porta-voz legítima do Espiritismo no Brasil, responsável por construir, delimitar, divulgar e reconhecer as práticas Espíritas no Brasil, ou seja, a pretendida identidade espírita, sua identificação⁵².

Era preciso unificar! O nome de Bezerra de Menezes, de acordo com Aubrée e Laplantine (2009, p. 148) possibilitaria conciliar a medicina e o mundo político, sendo uma das mais importantes personalidades espíritas do Brasil, que, trabalhando com outras lideranças conseguiriam direcionar um projeto de unificação do Espiritismo no Brasil. De acordo com Aubrée e Laplantine (2009, p. 155), Bezerra desenvolveu o estudo sistemático da doutrina como atividade indispensável aos centros espíritas filiados à FEB. O modelo foi constituído pelo grupo Ismael, presidido também por Bezerra de Menezes, e baseava-se no estudo aprofundado das obras de Kardec e Roustaing. Enquanto que outro grupo de espíritas, rotulados por “cientificistas”, sob liderança por Angeli Torteroli, buscavam resguardar apenas a codificação, que de acordo com Pedro Paulo Amorim (2017, p. 82) estava representada no Centro da União Espírita e Propaganda no Brasil, funcionava nas dependências da FEB,

⁵² “como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processos”. Ela não é, nunca completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”, no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada” (HALL, 2000, p. 106)

utilizavam a revista *Reformador* para divulgar suas atividades, e tinham como lema “Amor, Deus e Liberdade”, contestado por Bezerra de Menezes no artigo *Clama, não cesses* da Revista *Reformador* (ano XIV, n. 324, 1º set. 1896, p. 1), ambos apontados por Pedro Paulo Amorim (2017, p. 87).

Difundindo tal modo de funcionamento, “Bezerra contribuirá, dando ao espiritismo kardecista seu caráter de “religião das classes médias”, distinguindo-o do “baixo espiritismo” que florescia, então, em todos os bairros do Rio.” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 156). O modelo implementado pela FEB se fundamentou em lançar a sociedade e o homem num ciclo de transformação moral. Essa busca pelo progresso através primeiramente do estudo, resguarda o Espiritismo a uma elite intelectual que, até os dias atuais, não conseguiu romper tais fronteiras.

Ao presidente Leopoldo Cirne, que assumiu a FEB entre os anos de 1900-1914, após a morte de Bezerra de Menezes, ficou reservado levar o projeto de unificação adiante. Leopoldo Cirne era paraibano, mas passou boa parte de sua trajetória na cidade do Rio de Janeiro. Era comerciante e tinha formação nas ciências humanas. Foi o mais jovem presidente da FEB, aliado de Bezerra de Menezes. De acordo com Aubrée e Laplantine (2009, p. 164), era conhecido pela sua organização e simpatia, e, por isso chamado de o “Leon Denis” brasileiro, também devido às traduções dos livros de Allan Kardec.

Ele teve importante papel não só na organização da FEB, mas na expansão das federativas regionais, afirmam Aubrée e Laplantine (2009, p. 164), com a divulgação, em 1904, do Manual *Bases da Organização Espírita*, que auxiliaria na instalação das federações regionais. Suas ações buscaram convergir para a ideia de trazer o reconhecimento da Federação Espírita Brasileira. Segundo ele, era necessário que a FEB estivesse estabelecida, no sentido próprio e figurado, e é no período de Cirne à frente da FEB que se realizam, além das reformas⁵³ nos estatutos da instituição, as campanhas para aquisição do terreno e edificação da instituição⁵⁴.

E assim, nos anos que seguiram ao Pacto Áureo, tivemos enquanto representantes da FEB, políticos, jornalistas, bacharéis em direito, funcionários públicos, escritores, farmacêutico, almirante, oficial da marinha e aeronáutica, personalidades da elite brasileira:

⁵³ “Leopoldo Cirne [...] realizou profundas reformas nos estatutos da instituição, retirando os amplos poderes concedidos ao presidente e também retirando a obrigação de se estudar a obra de Roustaing. O estudo de Os Quatro Evangelhos passaria a ser opcional no interior da FEB. Somente em 1917, com o segundo mandato de Aristides Spínola, restabeleceu-se a obrigatoriedade do estudo de Roustaing, o que continua até hoje.” (AMORIM, 2017, p. 96)

⁵⁴ Em 14 de julho de 1910, lançavam os alicerces do edifício da FEB na cidade do Rio de Janeiro, após adquirirem e demolirem dois prédios à rua do Sacramento, n. 28 e 30.

Aristides de Souza Spínola⁵⁵, Manuel Justiniano de Freitas Quintão⁵⁶, Luís Olímpio Guillon Ribeiro⁵⁷, Luiz Barreto Alves Ferreira⁵⁸, Francisco Vieira Paim Pamplona⁵⁹ e Antônio Wantuil de Freitas⁶⁰).

No Brasil, a expansão espírita aconteceu principalmente entre a classe média das cidades de médio e grande porte. Essa elite acreditava que o progresso vinha através das ideias propagadas pela Europa, enquanto que a população mais pobre dos grandes centros urbanos tentava reconstruir seu universo religioso com fragmentos dos diversos sistemas à sua disposição. (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 197)

É importante ressaltar que a expansão espírita e o fortalecimento da FEB até meados do século XX, não gerou a sua completa unificação. Pedro Amorim (2011, p. 2) relata que havia, desde os primeiros anos do século XX, conflito entre os Kardecistas e Roustainguistas, conflito este que impedia a unificação e consolidação da FEB. No início da consolidação da FEB, havia uma demasiada influência de Roustaing e isso ficou evidenciado nas páginas da

⁵⁵ Foi o 7º, 9º e 12º presidente: mandatos: 1914, 1916-1917 e 1922-1924. (Caetité, BA, 1850 - Rio de Janeiro, 1925). Atuou como bacharel em Direito, político e jornalista. Ingressou na FEB em 1905, exercendo a vice-presidência deste ano até 1913. Em 1914 foi iniciada a evangelização infantil na sede da FEB. (FEBNET, 2016).

⁵⁶ Foi o 8º, 10º e 15º presidente: mandatos: 1915, 1918-1919 e 1929. (Valença, RJ, 1874- Rio de Janeiro, 1954). Jornalista, autor de livros em prosa e verso e portador de dons musicais. Colaborou na FEB durante 44 anos, sendo várias vezes vice-presidente, diretor do Grupo Ismael, da Livraria e de Reformador. Atuou também como orador espírita. Visitou várias vezes Chico Xavier em Pedro Leopoldo, tendo sido o responsável pela publicação de Parnaso de Além-Túmulo, pela FEB em 1932. (FEBNET, 2016)

⁵⁷ Foi o 11º e 16º presidente: mandatos: 1920-1921 e 1930-1943. (São Luís, MA, 1875- Rio de Janeiro, 1943). Fez carreira como funcionário do Senado. Traduziu dezenas de livros espíritas, principalmente a Codificação Espírita. Autor de livros publicados pela FEB e artigos em Reformador. Em sua gestão foram publicados o primeiro e dezenas dos livros iniciais psicografados por Chico Xavier e em 1939 foi inaugurada uma pequena oficina gráfica na então Sede da FEB. (FEBNET, 2016)

⁵⁸ Foi o 13º presidente: mandato: 1925-1926. (Fortaleza, CE, 1890; Rio de Janeiro, 1944). Trabalhou como oficial da Marinha e da nascente Aeronáutica. Praticou mediunidade curadora (de passes) e receitista. Ingressou no Grupo Ismael em 1916 atuou como 3º secretário e vice-presidente da FEB. O trabalho assistencial e atenção às crianças era uma de suas marcas. (FEBNET, 2016)

⁵⁹ Foi o 14º presidente: mandato: 1927-1928. (Sampaio, RJ, 1872; Rio de Janeiro, 1955). Na Marinha, chegou a ser Almirante. Integrou a administração do Asilo de Órfãos Anália Franco e foi membro do conselho da “Casa da Mãe Pobre”. Atuou também como membro do Conselho Fiscal e do Conselho Superior da FEB. (FEBNET, 2016)

⁶⁰ Foi o 17º presidente: mandato: 1943-1970. (Patrocínio de Muriaé, MG, 1895; Rio de Janeiro, 1974). Atuou como farmacêutico inclusive em nível industrial. Apoiou a publicação das obras psicografadas por Chico Xavier. A FEB superou momentos difíceis durante a fase da ditadura Vargas. Houve ganho de causa no processo movido pela família de Humberto de Campos. Criou o Departamento Editorial da FEB e construiu a “cidade do livro” em 1948, onde este funcionou até 2013. Formalizou o “Pacto Áureo” em 1949 e instalou o Conselho Federativo Nacional da FEB em 1950. Durante sua gestão foi efetivada a “Caravana da Fraternidade” e foram realizados os Simpósios em várias regiões do país, com apoio do CFN. Obteve a edição de selos comemorativos pelos Correios, pelo Centenário de O livro dos Espíritos, de O Evangelho segundo o espiritismo e da desencarnação de Allan Kardec. Deu início à construção da FEB em Brasília, em terreno doado pela Novacap em 1965 e cinco anos depois foi concluído o primeiro prédio, o Cenáculo. (FEBNET, 2016)

revista *Reformador*, periódico oficial da FEB, no ano de 1903, quando uma série⁶¹ de artigos foi publicada sobre a personalidade de Jesus. Porém, a popularização da contestação de Allan Kardec, no livro *A Gênese*, a respeito das ideias de Roustaing sobre o “corpo fluídico de Jesus”⁶² gerou uma reviravolta no movimento espírita.

Em oposição à FEB, em meados da década de 1920, foi formada uma assembleia constituinte espírita que viria a dar origem a Liga Espírita do Brasil⁶³. De acordo com Eugênio Lara (2002), a FEB, no mesmo período, fez uma reunião também no Rio de Janeiro, a qual foi considerada o embrião do Conselho Federativo Nacional.

De acordo com Pedro Amorim (2011, p. 3), nos anos de 1944-45, tanto a União Espírita Mineira como a Federação Espírita do Rio Grande do Sul realizaram seus primeiros congressos espíritas. O movimento se expandia rapidamente e a unificação ainda era um projeto. Em São Paulo, o movimento espírita se articulava entre eles na fundação da União Social Espírita (USE) em 1946, mais tarde chamada de União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Faziam parte desta: a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, União Federativa Espírita Paulista, Federação Espírita do Estado de São Paulo e Liga Espírita do Estado de São Paulo. De acordo com Pedro Amorim (2011, p. 3), a USE foi responsável, em 1947, pelo Primeiro Congresso Espírita do estado de São Paulo, e no ano seguinte, o Congresso Espírita Centro-Sulino, com representantes de quinze estados. A FEB, apesar de ter recebido o convite, se absteve de participar. Nos anos seguintes, os congressistas modificaram o nome para Primeiro Congresso Brasileiro da Unificação Espírita.

A unificação estava para acontecer, desejasse a FEB ou não. A resposta da FEB viria no ano seguinte apoiando o Segundo Congresso da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA), nesse evento “foi assinado um acordo para tentar pôr fim às históricas divergências

⁶¹ A personalidade de Jesus, *Revista Reformador*, editorial, (Jan), Rio de Janeiro, 1903. (p. 2, p.8, p. 17-20); op. cit. (fev), Rio de Janeiro, 1903. (p. 34, p. 49-53); op. cit. (mar), (p. 66, p. 72, p. 81-84); op. cit. (abr), (p. 100-104, p. 113-117); op. cit. (maí) (p. 145-149); op. cit. (jun) (p. 162, p. 177-181); op. cit. (out) (p. 296-302);

⁶² É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres. (Cap. XIV, item 36.) Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem. (KARDEC, 2013a, p. 310-311)

Cap. XIV, item 36. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem, como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba donde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto carecerem de corpo carnal. Atingiriam o vácuo os golpes que se lhes desferissem. Tal o caráter dos agêneres, com os quais se pode confabular, sem suspeitar de que eles o sejam, mas que não demoram longo tempo entre os humanos e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família. (KARDEC, 2013a, p. 263)

⁶³ Fundada em 31 de março de 1926, durante o primeiro Congresso Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, com o advento do Pacto Áureo, teve a sua denominação modificada para Liga Espírita do Distrito Federal, passando a integrar a organização federativa coordenada pela FEB, como membro do Conselho Federativo Nacional (CFN). Com o passar dos anos sua denominação foi alterando-se até chegar à atual: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. (AMORIM, 2011, p. 9)

que ocorriam no movimento espírita, o qual posteriormente passou a ser conhecido como o Pacto Áureo”. (AMORIM, 2011, p. 3). Dentre as deliberações aprovadas no dia 05 de outubro de 1949 na sede da Federação Espírita Brasileira estavam as seguintes:

- 1º) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo;
- 2º) A F.E.B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa;
- 5º) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos;
- 7º) O presidente da Federação Espírita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas espíritas e dois confrades de reconhecida idoneidade, para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propor as modificações que se tornarem necessárias nos atuais Estatutos da Federação Espírita Brasileira;
- 12º) A ação do conselho só se verificará, fraternalmente, no caso de alguma sociedade passar a adotar o programa que colida com a doutrina exposta nas obras: “O Livro dos Espíritos” e o “Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele, o Conselho, orientador do espiritismo no Brasil; (CFN-PACTO AUREO, 1949)⁶⁴

É importante ressaltar o “silêncio unificador” percebido por Pedro Amorim (2011, p. 4) quando o Conselho referencia as obras de Kardec como parâmetro para as demais atividades e obras do movimento espírita e deixava de lado, na ata do pacto, qualquer referência à obra de Roustaing e ao Evangelho Segundo o Espiritismo. O silêncio auxilia a uma conformação da unificação espírita, haja vista que as teorias de Roustaing geravam divergências no movimento espírita, José Herculano Pires defendia que o Roustaing deveria ser esquecido. O silêncio, neste caso, deve ser considerado ato político, para que a FEB alcançasse o seu objetivo de ser a porta voz do Espiritismo no Brasil, unificado.

É interessante constatar, entre as deliberações do Pacto, a divulgação e total apoio à obra de Francisco Candido Xavier, *Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, a qual é obra símbolo de fundação de uma tradição brasileira do Espiritismo, que será analisada no segundo capítulo desta tese.

A inserção do Espiritismo no campo religioso brasileiro se dá em um contexto político opositor: o Catolicismo não bastava ser hegemônico, era a religião oficial do Império, ainda assim, o Espiritismo encontrou eco propício, e pôde se reinventar no contexto social

⁶⁴ Acessado em 24 de Abril de 2018, disponível em: http://www.febnet.org.br/ba/file/CFN/pacto_aureo_completo.pdf

brasileiro, divulgado inclusive pela visibilidade que o movimento católico dava quando realizava as suas críticas à doutrina espírita na grande imprensa nacional, mas foi com a atuação das autoridades espíritas brasileiras, na utilização dos elementos principalmente da tradição judaico-cristã, mas também das religiões mediúnicas de origem africanas e indígenas, que o espiritismo foi fixando raízes no campo religioso brasileiro.

O Projeto da Federação Espírita Brasileira é o grande exemplo dessa conformação do movimento espírita no campo religioso brasileiro, como vimos era uma instituição que organizava e estruturava sensibilidades religiosas, que formava redes de sociabilidade dentro do próprio campo religioso brasileiro. Ela, em suma, se pretendia porta-voz do espiritismo no Brasil, aquela que reproduz, divulga, uniformiza práticas religiosas através das ações de suas autoridades religiosas e das decisões do CFN-FEB.

2 A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADIÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

O Espiritismo consegue inserção no campo religioso brasileiro entre 1850 e 1860, tendo uma expansão nas décadas posteriores. Concomitantemente a isso, houve sua consolidação no campo religioso brasileiro, que aconteceu, principalmente, nos anos 1940 a 1960. A consolidação do Espiritismo no Brasil teve nas suas bases um direcionamento à ênfase religiosa cristã, sedimentada com a construção de uma tradição específica: uma tradição espírita brasileira

A construção dessa tradição contou com a participação de diversos agentes do campo religioso brasileiro e de agentes religiosos que vieram de outros países, principalmente de Portugal. Para tanto, nos propomos a compreender historicamente a construção do elemento transcendental, “missão espiritual” dessa tradição espírita brasileira, a partir da análise do livro de Francisco Cândido Xavier *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938) e das mensagens de Allan Kardec, *Instruções de Allan Kardec aos Espíritas do Brasil* (1889) e Ismael (1873), observando como esse elemento se relacionou com outros elementos importantes da cultura brasileira e se sedimentou no movimento espírita do Brasil, atrelado há um conjunto de práticas religiosas identificadas por Bernardo Lewgoy (2008).

2.1 - O Brasil: da Terra do “Por vir” a uma “missão espiritual”

No primeiro dia do mês de maio de 1500, Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral, redige aquele que ficou conhecido, a partir da historiografia europeia, como o documento do “descobrimento” da *Terra de Vera Cruz*, mais tarde chamada *Terra de Santa Cruz* e, por fim, de *Brasil*. A carta foi endereçada a D. Manuel I, rei de Portugal, e fazia um relato acerca do lugar recém-chegado.

Segundo a pesquisadora Marilena Chauí (2001, p. 57), na sua obra *Brasil – Mito Fundador e Sociedade autoritária*, é preciso inicialmente desnaturalizar o termo “descobrimento”⁶⁵. O Brasil é uma invenção histórica. “Brasil (como a América) é uma criação dos conquistadores europeus” (CHAUÍ, 2001, p. 58). Afirma ainda Chauí (2001, p. 58) que a fundação do mito fundador do Brasil passou por três etapas: (a) “visão do paraíso”⁶⁶, elaboração mítica do “oriente”; (b) teologia providencial, o milenarismo de

⁶⁵ O uso dessa terminologia, quando afirma que o Brasil não foi achado ou descoberto, mas sim construído culturalmente. (CHAUÍ, 2001, p. 57).

⁶⁶ Terminologia criada por Sérgio Buarque de Holanda *apud* CHAUÍ, 2001, p. 58.

Joaquim de Fiore⁶⁷; (c) elaboração jurídico-teocêntrica da figura do governante como rei pela graça de Deus.

Para Chauí (2001, p. 58) as denominações cristãs para as terras que viriam a se chamar “Brasil” demonstram que os portugueses sacralizaram essas terras, chamaram-se de santa, o lugar da esperança. A “Verdadeira Cruz”, “Santa Cruz” é o símbolo mais importante do Cristianismo, o lugar ideal para uma reconciliação com Deus. Assim, Pero Vaz de Caminha (1997, p. 51) ainda em sua descrição destaca: “Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem”. Águas em abundância que não tem fim, o que se plantar, se colherá. A representação da esperança que os portugueses devotam nessas terras, é compartilhada por uma autoproclamação de uma “missão espiritual” ao mesmo tempo em que há um estranhamento com a cultura dos nativos, que poderia ser modificada através da ação evangelizadora dos portugueses.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andavam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. (CAMINHA, 1997. p. 14)

“O melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será **salvar essa gente**. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.” (CAMINHA, 1997, p. 51 grifo nosso). Na visão portuguesa de Caminha, os nativos precisavam ser evangelizados, ter pudor, aderir à moral cristã católica, ser salvos.

O Brasil foi instituído como colônia de Portugal e inventado como “terra abençoada por Deus”, a qual, se dermos crédito a Pero Vaz de Caminha, “Nosso Senhor não nos trouxe sem causa”, palavras que ecoarão nas de Afonso Celso, quando quatro séculos depois escrever: “Se Deus aquinhoou o Brasil de modo especialmente magnânimo, é porque lhe reserva alevantados

⁶⁷ Abade e filósofo medieval da cidade de Fiore (Itália) que viveu entre os anos de 1136-1202. Marcou profundamente o seu tempo e os séculos que se seguiram. Publicou obras como: (1) *Liber Concordiae Novi AC Veteris Testamenti*, (2) *Expositio in Apocalypsim*; (3) *Psalterium decem chordarum*; (4) *Tractatus super Quatuor Evangelia*. A importância teológica da doutrina trinitária na obra de Joaquim nos permite avaliar o seu papel na formação de sua concepção de história. A Trindade se manifesta na história da humanidade determinando suas etapas e permitindo uma interpretação. Joaquim constrói a periodização que representa as três idades do mundo. O período do Pai, no qual os homens viviam segundo a carne (Velho Testamento); a segunda e o período do Filho, é o período da Graça, estado intermediário entre o espírito e a carne (Novo Testamento); Já o terceiro período é o do Espírito Santo, o período do Amor, onde predominará o espírito (in quo vivitur secundum spiritum), caracterizado pelo Evangelho do Espírito Santo ou o Evangelho Eterno (evangelium aeternum), que significa um conhecimento espiritual superior dos dois Testamentos (o Velho e o Novo). Esse espírito eterno sacado das Escrituras pelo spiritualis intellectus, por uma interpretação espiritual superior, é o que subsistirá enquanto a letra escrita desaparecerá no futuro. Essa intelligentia spiritualis será comunicada aos viri spiritualis, fundamento da nova Igreja Espiritual (Ecclesia spiritualis) assentada sobre uma nova ordem monástica (ordo iustorum; ordo monachorum), tomando o lugar da Igreja carnal, hierarquizada e predominante até o seu tempo. (FALBEL, 1996, p. 273-274)

destinos”. É essa construção que estamos designando como mito fundador. (CHAUI, 2001, p. 58)

Marilena Chauí considera essa construção de Brasil, “terra abençoada por Deus”, como o mito fundador do Brasil, que se reproduz na trajetória histórica do país, em vários contextos e com [re]significações diversas.

É sintomático o primeiro contato com os portugueses, as primeiras ações, a Carta, as referências de nomes aos lugares e às terras recém-chegadas, a primeira missa realizada em um domingo de Páscoa na terra de Vera Cruz, etc. Todos esses recursos e ações começam a dar origem ao que Eric Hobsbawn nos chama de uma ‘tradição inventada’. Trataremos dessa categoria para refletir sobre a construção do Brasil em “terra da promessa” ou “missão espiritual”. Para Hobsbawn, por:

“tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWM, 1984, p. 9)

Em 1843/1844, Von Martius (1794 – 1868), médico, antropólogo e botânico, autor da obra em três volumes *Viagem pelo Brasil 1817-1820*, juntamente com Johann Baptiste von Spix, chega ao Brasil, fazendo parte de uma comitiva da Grã-duquesa Caroline Josepha Leopoldine von Habsburg-Lothringen, “Maria Leopoldina”. Ele, Von Martius, escreveu para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o projeto de História do Brasil, projeto este elogiado por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1864), visconde de Porto Seguro, diplomata, militar e historiador brasileiro, que defendia as teses lusitanas.

Para Varnhagen, nos anos 1850, fazendo uma leitura ultraconservadora, lusitana (desse projeto) [...] o Brasil era um país branco-embranquecido, monárquico, cristão, neoportuguês, neoeuropeu, centralizado no imperador, **em direção a um futuro grandioso**. O Brasil vinha de um passado de glórias e será uma nação poderosa. Não havia nada a mudar. (REIS, 2012, p. XX),

Foram escritos conservadores que alimentaram por séculos a tradição portuguesa em terras brasileiras de “lugar do por vir”, que vai sendo ressignificado na História. A aura desse lugar estava intimamente ligada às ações lusitanas. Segundo José Carlos Reis (2012, p. XX), o ideal de Varnhagen era ver o Brasil, um império colonial, outro Portugal. O autor via o Brasil construído a partir de uma tradição portuguesa de glórias, que viria a ser uma nação poderosa.

Nessa linha de pensamento, Varnhagem “esperava que o Brasil não pagasse muito caro por ter na sua identidade branco-europeia a “mancha” das alteridades indígenas, negra e mestiça.” (REIS, 2012, p. XX). Para Reis (2012, p. XX), “o problema é que essa ‘alteridade’ reunia cerca de 90% da população do tal ‘império colonial’! A própria população deveria ser excluída ou então, ‘embranquecida’, para ser integrada a essa autoritaríssima identidade imperial”.

Para Varnhagem, fica clara a determinação dos ideais lusitanos na expectativa futura de Brasil enquanto “Terra do por vir”. Quaisquer características na formação étnica cultural brasileira que se distanciasse desses ideais poderiam significar a ruína para o Brasil futuro.

Outro pesquisador que alcançou grande destaque no início do século XX foi Gilberto Freyre (1900-1987), discípulo do americano Franz Boas. Ele se aproxima de Varnhagem, quando leu sobre a realidade brasileira ao creditar a Portugal o futuro do Brasil. Porém, diferentemente de Varnhagem, Gilberto Freyre traz uma renovação da leitura sociocultural brasileira da época. Conforme Reis;

Para Gilberto Freyre o Brasil era o único país do mundo em que a democracia racial se realizou; era um país culturalmente miscigenado, democrático, livre, sem ódios raciais ou sociais, que vivia em um tempo tranqüilo, sem pressa, feliz. O Brasil era o maior feito da colonização portuguesa, que foi eficiente, competente, democrática e, por isso, inesquecível. (REIS, 2012, p. XX-XXI)

Apesar das diferenças teóricas entre Varnhagem e Freyre, uma linha de pensamento era firme: o Brasil precisava seguir o exemplo português. Freyre, crente na implantação de uma democracia racial nos trópicos por Portugal, trouxe um novo olhar, assim como afirma José Carlos Reis (2012, p. XX-XXI):

Freyre reconstruiu o Brasil colonial em cores vivas, brilhantes, integrando negros e índios no mundo profundamente democrático (!) que o português criou nos trópicos. O Brasil era “moreno”, sim, e a miscigenação não tornou o brasileiro uma sub-raça, mas criou o tipo físico ideal para os trópicos.

A tipologia física ideal que Freyre apresenta é distinta da ideal para o Brasil defendido anteriormente por Varnhagem. Enquanto que para este autor a aproximação com a ‘raça’ negra seria um atraso, Gilberto Freyre, influenciado por Franz Boas, pensa o contrário, e traz uma renovação na compreensão da participação dos negros e indígenas na formação cultural brasileira. Para o autor: “Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que

primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural”. (FREYRE, 2003, p.32)

Gilberto Freyre, opondo-se às teorias naturalistas do século XIX, faz justiça aos negros e mulatos quanto às teorias que encerravam a capacidade de produção de cultura nos determinismos biológicos. Ele aprendeu “a considerar fundamental a diferença entre *raça e cultura*; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio” (FREYRE, 2003, p. 32). Essa diferença, apontada por Freyre, é extremamente importante para a historiografia da época, pois lança uma perspectiva teórica com menos preconceitos e divisões. Seria possível no Brasil a construção da identidade nacional, pautada pela diversidade cultural? Que Brasil se pretendia construir?

No mesmo período, no início do século XX, vimos que o debate não fica exposto apenas nas lides acadêmicas e/ou historiográficas. Viu-se emergir a reprodução do mito fundador “terra abençoada”, “Visão do paraíso”, “terra do por vir” também no campo religioso brasileiro. A obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938) de Francisco Cândido Xavier, ou simplesmente “Chico Xavier”⁶⁸, analisada também por Fábio Luiz da Silva (2005), se insere no debate acerca da construção do Brasil. Como foi apresentada na obra essa missão espiritual? Faremos a seguir uma imersão neste texto, e nas mensagens atribuídas a Ismael e Allan Kardec, artefatos principais para construção de uma tradição espírita brasileira. Mas antes dessa imersão, faz-se necessário responder: quem foi Chico Xavier?

2.2 – Chico Xavier

Não temos a pretensão de construir uma biografia de Chico Xavier, nem mesmo uma história linear com sucessão de acontecimentos, pois “o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BOURDIEU, 1996, p. 185). Nossa pretensão, neste item, se baseia na busca da trajetória de Chico Xavier, e em linhas gerais, compreender como suas escolhas, suas experiências vão resultar em um horizonte de expectativa de “missão espiritual brasileira”. Sua atuação também foi interpretada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que leram o sujeito Chico Xavier como: “bem simbólico” (SILVA, 2002), “síntese de perfeição”

⁶⁸ Apresentaremos as citações como XAVIER, mas, para os espíritas a obra foi escrita por Humberto de Campos, apenas psicografada por Chico Xavier.

(ALBUQUERQUE, 2009) e “o grande mediador” (LEWGOY, 2004). Filiamos-nos a Bourdieu que afirma:

não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 1996, p. 190).

Para refletir sobre essa trajetória, será preciso inserir Chico Xavier e suas representações nos estados do campo em que elas se relacionam, ou seja, compreender o processo histórico de construção dessa trajetória, suas mudanças no próprio campo religioso [espírita] brasileiro, refletindo acerca da trajetória de Chico Xavier e a tradição do Espiritismo brasileiro no campo religioso do Brasil.

Será necessário retomar algumas discussões para “a construção dos espaços” no qual a trajetória se relaciona, a posição em que ocupa, diz muito de sua autoridade religiosa o qual ela exerce sobre os outros agentes no(s) campo(s), seu *habitus* e *ethos*, suas práticas e atributos, estão diretamente ligados à forma de se relacionar com o sagrado, de sua autoridade no campo religioso. (BOURDIEU, 1996, p. 190)

Chico Xavier, enquanto sujeito socialmente construído, está inserido no campo religioso brasileiro, porém, os bens simbólicos por ele produzidos, e que lhe são característicos do próprio *habitus*, tiveram grande ressonância em outros campos relacionais, onde o médium - enquanto sujeito - foi transformado socialmente em representações em bem simbólico.

A narrativa exposta por Rocha (2008), acerca de Chico Xavier, apresenta as primeiras ideias na construção de seu “*habitus* individual”. De acordo com Setton (2002, p. 65), “Os *habitus* individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas, [...] em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e a cultura de massa”. As narrativas sobre Chico Xavier apresentam enquanto seu primeiro espaço de socialização, a família, a qual compartilhava uma vida simples em cidade do interior. Ele era filho de pais católicos, de família grande e de pouca condição financeira. Ainda há relatos do drama da perda de familiares e o contato com os espíritos. Alexandre Caroli Rocha narra que Chico Xavier:

Nasceu em 2 de abril de 1910, em Pedro Leopoldo, pequena cidade de Minas Gerais próxima de Belo Horizonte. Seus pais – João Cândido, vendedor de bilhetes de loteria, e Maria João de Deus, dona-de-casa e lavadeira – tiveram nove filhos. A mãe de Chico Xavier morreu quando ele tinha cinco anos. [...] período durante o qual, ele conta, começou a ver o espírito de sua mãe, com quem conversava. (ROCHA, 2008, p. 75).

Chico Xavier, após a morte de sua mãe, vai morar com sua madrinha, Rita de Cássia, também adepta da tradição católica. O combate sofrido por ele da sua vivência com os espíritos é ainda mais enfático, quando se relaciona à madrinha. “minha madrinha diz que eu estou com o diabo no corpo” (XAVIER *apud* PONSARDIN, 2010, p. 17). Tanto as explicações genéricas e preconceituosas, como as surras que ele sofreu por causa das pretensas comunicações mediúnicas que recebia, fazem com que Chico Xavier comece a se incomodar com o lugar, com o campo religioso católico no qual estava inserido.

No quintal da casa em que eu morava, via frequentemente minha mãe desencarnada em 1915 e outros espíritos, mas as pessoas que me cercavam então não conseguiam compreender minhas visões e notícias e acreditavam francamente que eu estivesse mentindo ou que estivesse sob perturbação mental. [...] Cresci debaixo de muitos conflitos íntimos, porque de um lado estavam pessoas grandes que me repreendiam ou castigavam, supondo que eu criava mentiras, e do outro lado estavam entidades espirituais que perseveraram comigo sempre. Disso resultou muita dificuldade mental para mim, porque **eu amava os espíritos que me apareciam, mas não queria vê-los para não sofrer punições da parte das pessoas encarnadas com quem eu precisava ver.** (XAVIER *apud* BARBOSA, 1967, p. 26-27, grifo nosso)

Chico Xavier, depois de um bom tempo separado de seu pai e dos oito irmãos, retorna a convivência com eles, após o casamento de seu pai com Cidália Batista. Ambos decidem reunir todos os filhos de João Cândido, no mesmo teto. De acordo com Mickaël Ponsardin (2010, p. 20), Cidália também era católica, mas diferente da madrinha que o maltratava, ela prometeu proteger Chico. De acordo com seus biógrafos, Cidália cuidou de todos os filhos. Apesar das dificuldades econômicas enfrentadas pela família, ela planta uma horta e com a venda dos produtos, compra lápis e caderno, conseguindo assim encaminhar as crianças para a escola. O fenômeno da pretensa mediunidade era aceito por sua madrasta, Cidália Batista, mas não encontrava a mesma compreensão de seu pai.

Este fato [comunicação mediúcnica] é apresentado como causador da ira de seu pai que, por achar que o filho era um “louco”, pretendia interná-lo num sanatório. No entanto, João Cândido, por recomendação do padre da cidade, procurou ocupar o tempo do garoto com tarefas dedicadas à Igreja: impôs-lhe que frequentasse às missas, participasse das procissões, entre outras atividades religiosas. Além disso, empregou-lhe numa fábrica de tecidos,

que lhe exigia um grande sacrifício pois, entrava às 15:00 horas e saía à 1:00 do dia seguinte, tendo ainda que ir para a escola pela manhã. Esta rotina estafante é apresentada como sendo o motivo que o levou a abandonar os estudos aos doze anos, concluindo apenas o 4o ano primário. (SILVA, 2002, p. 66)

Há um reconhecimento na ação do pai em relação às comunicações mediúnicas do filho de que havia uma anormalidade que deveria ser “curada”, que necessitava ser tratada. A igreja sentia-se no lugar de porta voz da sociedade, responsável pela coesão social, pela paz. Nessa perspectiva, as comunicações mediúnicas eram uma afronta a essa “paz social”. De acordo com Raquel Silva (2002, p. 67) elas estavam presentes, apesar de Chico Xavier continuar indo à igreja em sua adolescência, comungando, confessando, comparecendo às missas e às procissões.

A sua trajetória religiosa muda quando o médium percebe sua irmã “doente”. Ela estaria “enlouquecendo”⁶⁹. Seus familiares levam-na a um Centro Espírita, e a relação de Chico Xavier com o Espiritismo modifica seu horizonte de expectativa no campo religioso católico. Relata a autora que:

em 1927, quando sua irmã adoeceu. Os médicos não encontravam a causa da sua doença, que se manifestava através de uma “perturbação mental”. Apesar de ser muito católico, João Cândido levou a filha a um casal espírita que diagnosticou que a moça estava com “obsessão”, isto é, tratava-se de uma “perseguição” de um “espírito” sofredor. Após algumas sessões de tratamento, a moça foi curada. Consta que foi graças a essa “obsessão” que Chico Xavier se converteu ao espiritismo. (SILVA, 2002, p. 67)

A família de Chico Xavier conseguiu uma explicação e cura da “perturbação mental” da irmã na doutrina espírita. Para a época, a busca por respostas para o “incômodo psíquico” mobilizou não só a irmã de Chico Xavier e sua família, mas muitos brasileiros em busca de “cura”, do consolo que o campo espírita dizia propiciar.

No início do século XX, havia uma expansão no Brasil de Hospitais Psiquiátricos Espíritas. De acordo com Angélica A. Silva de Almeida (2007, p. 170), “Entre os anos de 1918-40, identificamos cinco hospitais psiquiátricos espíritas que foram inaugurados, além de outros que estavam em fase de construção”, enquanto que nos anos 80, “haveria cerca de cem hospitais psiquiátricos de orientação espírita no país” (2007, p. 172).

O movimento espírita no Brasil organizou uma ampla rede de terapias complementares, numa dimensão que não foi encontrada em nenhum outro país. Deste modo, uma especificidade do Espiritismo brasileiro foi o

⁶⁹ Saiba mais sobre a relação entre a loucura, o espiritismo e a psiquiatria em: ALMEIDA, 2007.

desenvolvimento de formas institucionalizadas de integração entre Medicina e Espiritismo. (ALMEIDA, 2007, p. 170)

Após o tratamento de sua irmã, Chico Xavier e seus familiares, de acordo com Raquel Silva (2002, p. 67), começaram a realizar reuniões espíritas em casa, fundando o Centro Espírita Luiz Gonzaga. Conta a autora que, em uma das primeiras reuniões, Chico Xavier recebeu uma extensa “mensagem psicografada”, iniciando seu trabalho de psicógrafo. E complementa que a dificuldade de sua tarefa, fora alertada pelo espírito de sua mãe, através de outra mensagem mediúnica, vinda por intermédio de outro médium.

No início, Chico sofreu com a psicografia, pois esta lhe exigia muito esforço físico: tratava-se de um “exercício extenuante” que, inclusive, causava-lhe fortes dores na cabeça e no braço. Durante quatro anos esteve apenas a exercitá-la. Esta fase foi considerada como sendo seu período de aprendizagem. Aos poucos ele foi conquistado mais familiaridade e, de certa forma, mais facilidade com a psicografia. Foi quando o seu “espírito protetor”, chamado “Emmanuel” apareceu-lhe e anunciou que se tornaria o seu guia. O primeiro contato entre os dois teria ocorrido em 1931, quando “Emmanuel” teria perguntado a Chico Xavier se ele estava disposto a difundir o espiritismo através de sua mediunidade (SILVA, 2002, p. 67).

A difusão do Espiritismo, através de Chico Xavier, é realizada principalmente através do seu *habitus religioso*, e da produção psicográfica⁷⁰, que se iniciou com a escrita de mensagens e poesias. A popularização das mensagens e poesias levou Chico Xavier, através do apoio da Federação Espírita Brasileira, ao centro do debate acerca da mediunidade no Brasil, principalmente quando da divulgação do seu primeiro livro *Parnaso de Além-Túmulo* (1932).

Este é um livro de poesias de diversos autores espirituais portugueses e brasileiros, e o próprio Chico afirmava que o livro não lhe pertencia, mas aos espíritos. Isso gerou uma grande repercussão entre críticos e simpáticos da doutrina. O livro que tinha como pretendidos autores Casimiro Cunha, Castro Alves, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Júlio Diniz, Augusto dos Anjos, entre outros, tornou-se o primeiro artefato cultural de maior repercussão, até então, desenvolvido através da mediunidade de Chico Xavier.

O jornalista, Marcel Souto Maior (2003, p. 20), em seu livro *As Vidas de Chico Xavier*, relata que quando Chico completou 70 anos (2 de abril de 1980), segundo a sua assessoria, ele já havia psicografado 10 mil cartas de mortos às suas famílias. Na época, já

⁷⁰ Psicografia Direta: “O Espírito comunicante age sobre o médium; este, assim influenciado, move maquinalmente o braço e a mão para escrever, não tendo (pelo menos no comum dos casos) a menor consciência do que escreve;” (KARDEC, 2007A). Para o Espiritismo, o médium é apenas o intermediário, entre o mundo material e o mundo dos espíritos.

eram duas mil instituições de caridade, fundadas e beneficiadas através dos direitos autorais recebidos das vendas dos seus livros e nas campanhas realizadas por Chico Xavier. A renúncia aos direitos autorais das obras psicografadas por Chico Xavier seguiu durante toda sua trajetória, atitude que o ajudou a ser reconhecido enquanto autoridade máxima do Espiritismo contemporâneo, haja vista que o discurso espírita se funda no princípio da caridade.

A forma de Chico Xavier atuar no campo religioso, e como ele responde às demandas dos leigos no seu espaço de experiência, faz com que se criem horizonte(s) de expectativa que talvez o próprio Chico Xavier desconhecesse. Quando sua imagem deixa de se relacionar apenas a Chico Xavier, se torna nos fins do século XX e início do século XXI, o sujeito mais importante no movimento espírita brasileiro. O seu reconhecimento era(é) tamanho, que seu discurso era(é) recebido (ainda) com o poder de verdade inquestionável no movimento espírita não só no Brasil, como em muitos países.

A relação tão intensa de Chico Xavier com o movimento espírita brasileiro resultou em diversas produções acadêmicas sobre quem foi Chico Xavier. Entre essas pesquisas Raquel Silva (2002)⁷¹; Alexandre Caroli Rocha (2008 e 2012)⁷² e Tiago Albuquerque (2013)⁷³, todas destacam características importantes na leitura da personagem Chico Xavier, porém, escolhemos destacar a pesquisa de Bernardo Lewgoy (2001), pois esta contribui diretamente com o foco desta pesquisa. Acredita Bernardo Lewgoy (2002) que Chico Xavier “cria” em volta de si e de sua produção uma mediação cultural entre o Catolicismo e o Espiritismo. Ele o considera o grande mediador da cultura brasileira, um colaborador da construção de um Espiritismo no Brasil cristão, pautado em três aspectos: modelo de cidadania, prática religiosa e projeto de nação.

O modelo de cidadania construído no Espiritismo brasileiro, de acordo com Lewgoy (2001, p. 74), esboça-se em Chico Xavier com a noção de pessoa espírita em dois horizontes. Primeiro, na relação dele com os outros: a prática do *ethos* católico luso-brasileiro de santidade, de “graça”, de caridade e perdão (*o Santo*); e, segundo, na relação dele consigo

⁷¹ Raquel Marta da Silva (2002) traz Chico Xavier enquanto representação de “bem simbólico” que consolida no imaginário popular a cidade de Uberaba como a capital do Espiritismo.

⁷² A questão da autoria mediúmica é problematizada por Alexandre Caroli Rocha (2008 e 2012), o qual constata que o escritor Humberto de Campos, ao ter contato com a obra de Chico Xavier, *Parnaso de Além-Túmulo*, verifica que as características de escrita de pretensos autores espirituais que aparecem nessa obra são bastante semelhantes das publicações dos mesmos autores em vida física.

⁷³ A pesquisa de Tiago Albuquerque (2013) apresenta Chico Xavier enquanto representação de “síntese de perfeição espírita”, modelo que conseguiu ultrapassar o presente de dificuldades e que alcançou a expectativa de futuro, a “perfeição”.

mesmo: o reconhecimento dos valores meritocráticos e militares (o Caxias), “dever e ordem” por vezes “regulado por um autêntico código militar de conduta, em que imperam a “disciplina”, o “trabalho” e o “estudo”.” (LEWGOY, 2001, p. 74) Bernardo Lewgoy (2002) compreende que a divulgação do modelo de cidadão espírita, por Chico Xavier, é realizada de forma sutil em romances e não em ensaios doutrinários, mas é encarnado pelo exemplo de Chico Xavier na prática religiosa. A sua atuação no espaço de experiência cria um horizonte possível de um novo cidadão espírita.

O *habitus* em Chico Xavier faz-nos compreendê-lo talvez não como uma experiência individual, mas uma vida doada ao social/“espírita”, uma renúncia de sua individualidade. “Trata-se de um personagem cujos percalços biográficos nunca permitiram que construísse ou “optasse” por uma história individual: ele viveu a sua vida, cumprimento de uma missão programada, no eixo cristão do sacrifício/doação ao outro.” (LEWGOY, 2002, p. 55).

Há vários fatos na vida de Chico Xavier que o apresentam enquanto dotado de uma missão espiritual, e Bernardo Lewgoy (2001) apresenta um desses fatos em que há o pretenso diálogo entre Chico Xavier e seu mentor espiritual Emmanuel:

1931 é o ano da maioridade do médium e do encontro com seu mentor Emmanuel. [...] **Informando-lhe sobre a sua missão de psicografar uma série de trinta livros**, Emmanuel diz que são exigidos três condições: “disciplina”, “disciplina” e “disciplina”. Severo e exigente seu mentor lhe instrui a manter-se fiel a Jesus e a Kardec, mesmo em caso de conflito com a sua orientação. (LEWGOY, 2001, p. 59)

É interessante constatar que a missão espiritual de Chico Xavier é pretensamente informada por seu mentor espiritual, Emmanuel. Dito isto, é necessário pensar a respeito da figura de Emmanuel na vida de Chico Xavier. Lewgoy (2001, p. 59) explica que “Emmanuel havia sido o senador romano Públio Lêntulus, posteriormente renascido como escravo e simpatizante do Cristianismo. Na encarnação seguinte, seu mentor reencarnaria como o padre jesuíta Manoel da Nóbrega, ligado à evangelização do Brasil”. Sua [Emmanuel] produção com Chico Xavier chega a aproximadamente 110 livros publicados; desses, os livros⁷⁴ que ganharam destaque no movimento espírita foram os que relacionaram a moral evangélica e a história do cristianismo primitivo.

O terceiro aspecto apresentado por Lewgoy (2002) gira em torno do projeto de nação, que tem como base a conexão das obras espíritas com a cultura brasileira cristã: *Parnaso de*

⁷⁴ *A Caminho da Luz* (1939); *Há dois mil anos* (1940); *Cinquenta anos depois* (1940); *O Consolador* (1941); *Paulo e Estevão* (1942); *Renúncia* (1943); *Caminho, Verdade e Vida* (1949); *Pão Nosso* (1950); *Vinha de Luz* (1952); *Ave, Cristo!* (1953); *Fonte Viva* (1956).

Além Túmulo (1932); *Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho*(1938); *Nosso Lar* (1944) e os romances cristãos que Chico Xavier atribuí a Emmanuel. É preciso constatar que nesse projeto de nação, apesar da fusão entre espiritismo cristão e nacionalismo, não converteu o Espiritismo numa mística patriótica completa, não assumiu simbologia da nação em seus rituais, não colocou bandeiras ou hino nacionais nos centros espíritas. A nação passaria a ser lida como uma programação no plano espiritual superior. (LEWGOY, 2004, p. 71)

Desse modo, percebemos que as obras espíritas desde a codificação são a chave essencial na construção de um *habitus espírita*. Mas por este não ser fixo, imutável, ele se reinventa incessantemente a partir do contato com as demais produções resultantes da socialização de seus agentes em atuação no mesmo campo, por exemplo: a publicação de outras obras espíritas. A influência que essa obra poderá ter no campo dependerá do poder simbólico do autor (agente) nesse determinado campo, e como ele articula esses bens de salvação.

Assim, a própria trajetória de Chico Xavier é um exemplo das transformações percebidas no campo religioso brasileiro e, principalmente, no campo espírita o *carisma* conquistado demonstra que Chico Xavier conseguiu interpretar as demandas sociais e espirituais dos leigos, tornando-se uma referência, uma autoridade no campo religioso espírita nacional e internacional, criando, a partir de si, novos horizontes de expectativa para o Espiritismo.

2.2.1 – Uma “missão espiritual”

Francisco Candido Xavier (1910-2002) se insere, em 1938, no debate acerca da construção do Brasil a partir da publicação da obra: *Brasil - Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de autoria espiritual do escritor Humberto de Campos⁷⁵. Antes da publicação dessa obra, Chico Xavier já havia publicado cinco livros: *Parnaso de Além Túmulo* (1932); *Cartas de Uma Morta* (1935); *Palavras do Infinito* (1936); *Crônicas de Além-Túmulo* (1937) e *Emmanuel* (1938).

Vimos que o projeto de nação brasileira foi construído alicerçado sob um mito fundador (CHAUÍ, 2001) o de “terra abençoada por Deus”, mito que foi ressignificado na história brasileira e também no meio espírita. Compreender com era definida essa “missão

⁷⁵ Sobre *Humberto de Campos*. (Rocha, 2008).

brasileira” difundida pelo Espiritismo e como ela foi utilizada pela própria Federação Espírita Brasileira, nos ajudará a entender o sucesso que o Espiritismo obteve e tem em terras brasileiras, fundando uma tradição brasileira no movimento espírita internacional.

De fato, o mineiro Chico Xavier, que em 2006 chegou a ser eleito por leitores de uma revista semanal como “o maior brasileiro de todos os tempos”, começa a se tornar conhecido nos anos 30, quando, mesmo com pouca escolaridade, publica seus primeiros livros psicografados, entre eles *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. A essa altura, o espiritismo de inspiração kardecista, importado da França desde o século XIX, já fincara firmes raízes em solo brasileiro. (GIUMBELLI, 2012, p. 88)

Mas, antes de vislumbrar esse movimento, nos anos 30 do século XX, é impreterível que entendamos o processo de construção dessa tradição espírita brasileira. De que modo a “missão espiritual” presente na obra *Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho* se relaciona com a fundação dessa tradição no Brasil? Como esta se relaciona com o contexto específico brasileiro?

Em busca de respondermos a essas questões bastante significativas, inicialmente refletiremos acerca da obra *Brasil - coração do mundo, pátria do evangelho*, a partir dos conceitos de região trazidos por Pierre Bourdieu (1998), especificamente respondendo como se dá a construção de uma região simbólica, *o coração do Mundo*, assim como o nascimento da *Pátria do Evangelho*, e de quais elementos Chico Xavier se utiliza para demarcar tais fronteiras e legitimá-las.

Para compreendermos o Brasil enquanto coração do mundo e Pátria do Evangelho, é preciso ir além do conceito “espaço territorial” da região, do conceito geopolítico, bastante difundido pela geografia. “Enquanto espaço territorial, a região é uma construção de geógrafos, mas, enquanto espaço social torna-se uma construção de historiadores.” (PRIORI, *apud* VISCARDI, 1997, p. 88). Nós, historiadores, precisamos romper as barreiras fixas, impostas pela geopolítica da região. As fronteiras não são fixas, elas são estabelecidas ou não pela própria reflexão acerca do social na sua política de uso desses espaços.

O conceito de região, apresentado por Bourdieu (1998), é ampliado em consequência de sua compreensão sobre a região e suas fronteiras: “a região é uma construção do sujeito, que igualmente a delimita, a partir de padrões próprios, porém fundamentados na realidade existente.” (BOURDIEU, *apud* VISCARDI, 1997, p. 89).

Nessa dinâmica social de uso dos espaços, de novas significações, podemos concluir que essa delimitação regional é uma construção simbólica, como nos afirma Bourdieu, “a divisão regional não existe na realidade, pois essa mesma realidade é a representação que dela

fazemos.” (BOURDIEU, 1998, p. 87). A região simbólica é “uma “realidade” que, sendo em primeiro lugar, representação, depende tão profundamente do seu conhecimento e reconhecimento.” (BOURDIEU, 1998, p. 108).

O reconhecimento dessa representação simbólica (interpretação) se dará através de sua identificação entre os agentes do campo, dotando o intérprete de *carisma* e a representação como uma referência identitária para o grupo no campo. Refletir sobre o *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938) é reconhecer a aceitação interpretativa do Espiritismo, da ressignificação de Chico Xavier e da participação da FEB na construção da região simbólica, *Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho* além da consolidação de uma tradição brasileira no Espiritismo.

Há na obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, uma teleologia histórica que credita ao Brasil uma “missão espiritual”. Afirma Fábio Luiz da Silva (2005, p. 54) que a história do Brasil é vista na obra como uma epopéia espiritual, pré-determinada por Cristo sob as bênçãos de Deus, seguindo um objetivo: a construção de uma pátria do Evangelho, por um povo fraterno que devolve ao mundo o paraíso perdido.

Fábio Luiz da Silva (2005) fez uma leitura da obra através dos três elementos: naturais, humanos e imaginários; rerepresentamos esses três elementos, como quatro marcos: (1) Demarcação do Espaço-Territorial; (2) Conciliação Histórica; (3) Conciliação Sociocultural; (4) Expectativa Religiosa. Na narrativa do livro, notamos que tais etapas estão totalmente imbricadas, elas se relacionam e se confundem. Porém, para uma melhor compreensão dessas etapas, preferimos separá-las, com o objetivo de melhor explicar a construção da “missão espiritual” do Brasil explicada por esta obra.

Na primeira etapa, *Demarcação do Espaço-Territorial*, há uma preocupação primeira em se justificar a escolha do espaço que seria destinado a receber a nação que traria em seu bojo a responsabilidade missionária. De modo que poderemos compreender que a “missão espiritual” brasileira, se justificaria na obra como sendo anterior ao próprio desenvolvimento do Brasil enquanto estado-nação.

Nessa primeira etapa, o elemento natural/espacial é percebido em toda a obra com representações prodigiosas, “A primeira característica do paraíso é a natureza pródiga” (SILVA, 2005, p. 40), *a região, coração do mundo* é “criada” por Xavier em referência à sua situação geográfica especial e com o seu patrimônio imenso de riquezas (XAVIER, 1938, p.113):

Praias extensas e claras e as florestas cerradas e bravias[...] As águas do Paraíba do Sul e as de todo o percurso do São Francisco ainda constituem roteiro singular, onde se descobrem as características mais fortes do povo fraternal da terra do Cruzeiro, (XAVIER, 1938, p. 30), e “o vale extenso do Amazonas, [onde] [...] se encontrava o celeiro do mundo. (XAVIER, 1938, p. 5).

Para Xavier este espaço planetário foi reservado para a construção de uma promessa: a terra *brasilis* com atuação em todos os recantos do mundo. Assim como afirma Fábio Luiz Silva (2005, p. 38) a imagem desse lugar estava vinculada a ideia de “paraíso”, esse seria um lugar de uma expectativa missionária. Tudo havia sido programado por um grupo de espíritos elevados do Senhor, que celebraram o descobrimento dessas terras pelos portugueses. (XAVIER, 1938, p. 18).

O elemento natural/espacial é apresentado por Xavier na etapa de *Demarcação espaço-territorial* para legitimar essa região como terra abençoada, a escolhida para possuir uma “missão espiritual”, “a mão do Senhor se alça sobre sua longa extensão e sobre as suas prodigiosas riquezas” (XAVIER, 1938, p. 17).

Na segunda etapa, a *Conciliação Histórica*, constatamos a partir da narrativa utilizada, a construção de uma linha argumentativa cujo objetivo é conciliar a história brasileira e do mundo com a história Espiritual do Brasil. A História da “missão espiritual” brasileira foi inicialmente justificada pela incapacidade da *Galileia* de prosseguir na realização de sua “missão espiritual”, “[as] lutas arrasadoras das Cruzadas, [...] lhe talharam todos os campos, transformando-a num montão de ruínas.” (XAVIER, 1938, p. 18); “No coração da Úmbria haviam cessado os cânticos de amor e de fraternidade cristã.” (XAVIER, 1938, p. 10): Afigurava-se que a região dos pescadores humildes, que conheceu, bastante assinalados, os passos do Divino Mestre, se havia transplantado igualmente para o continente novo, dilatada em seus suaves contornos. (XAVIER, 1938, p. 18).

A “missão espiritual” foi transplantada, desse modo, para o Brasil, pelo cultivo da “árvore sagrada dos ensinamentos”. Qual a justificativa que a narrativa propõe para que essa missão não tenha sido transplantada para a Europa? Chico Xavier (1938, p. 24) esclarece que:

Não constitui objeto do nosso trabalho o exame dos erros profundos da condenável instituição, que fez da Igreja, por muitos séculos, um centro de perversidade e de sombras compactas, em todas as nações europeias, que a abrigaram à sombra da máquina do Estado.

Desse modo, o Brasil figurava como o lugar ideal para que fosse estabelecida a *Pátria do Evangelho*, pois “Só o Brasil conseguiu manter-se uno e indivisível na América, entre os

embates políticos de todos os tempos. [...] O coração geográfico do orbe não se podia fracionar.” (XAVIER, 1938, p. 17). É destacado, nessa obra, o percurso histórico brasileiro, um sentido da história, ou parafraseando o Nobert Elias (1994), o processo civilizador, “o progresso”, só viria numa leitura espírita dentro de uma perspectiva de um “processo evangelizador”, necessário à população brasileira para, em um horizonte de expectativa futuro, serem exemplo de fraternidade e propagarem ao mundo.

A história brasileira presente na obra se resume a alguns acontecimentos que trouxeram pretensos ensinamentos morais e valores aos seus cidadãos, por exemplo: a chegada dos Portugueses; a invasão Holandesa; restauração de Portugal; a Inconfidência Mineira; a Revolução Francesa; D. João VI no Brasil; a Independência; fim do Primeiro Reinado; Confederação do Equador; D. Pedro II; A Guerra do Paraguai; O Movimento Abolicionista e a República.

Há a justificativa de que os portugueses já sabiam da existência de terras fronteiriças ao continente Africano: “[...] o mapa de André Bianco, datado de 1448, mencionava uma região fronteira à África.” (XAVIER, 1938, p. 14). Porém, no roteiro daquela viagem estaria prevista a ida às Índias. No livro de Chico Xavier, se credita a mudança de roteiro a influência dos espíritos:

As noites de Cabral são povoadas de sonhos sobrenaturais e, insensivelmente, as caravelas inquietas cedem ao impulso de uma orientação imperceptível. Os caminhos das índias são abandonados. Em todos os corações há uma angustiada expectativa. O pavor do desconhecido empolga a alma daqueles homens rudes, que se viam perdidos entre o céu e o mar, nas imensidades do Infinito. Mas, a assistência espiritual do mensageiro invisível, que, de fato, era ali o divino expedicionário, derrama um claror de esperança em todos os ânimos. As primeiras mensagens da terra próxima recebem-nas com alegria indizível. (XAVIER, 1938, p. 15).

Chico Xavier descreve uma chegada pacífica, pois teria havido o respeito dos nativos com os portugueses. A descrição se justifica em um encontro esperado, aguardado, de pessoas ou grupos que necessitariam se [re]encontrar para por em prática o “projeto espiritual”. A *fraternidade* é o elemento central para essa justificativa.

Os naturais os recebem como irmãos muito amados. A palavra religiosa de Henrique Soares, de Coimbra, eles a ouvem com veneração e humildade. **Colocam suas habitações rústicas e primitivas à disposição do estrangeiro e reza a crônica de Caminha que Diogo Dias dançou com eles nas areias de Porto Seguro**, celebrando na praia o primeiro **banquete de fraternidade** na Terra de Vera Cruz. (XAVIER, 1938, p. 16, grifo nosso).

Sem precisamente discutirmos cada um dos fatos da história do Brasil presentes na obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, elaboramos a tabela abaixo relacionando os valores (elementos) articulados através da história do Brasil, os quais serviram de base na fundação da tradição, *Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho*.

Quadro 4 – Elementos para uma tradição: *Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938)

Período	Momento Histórico	Valor Moral
1500-1550	Chegada dos Portugueses	Fraternidade
1624	A Invasão Holandesa (Maurício de Nassau)	Liberdade-Justiça - Liberal-democracia
1640	Restauração de Portugal	Misericórdia
1789	A Inconfidência Mineira	Liberdade – Liberdade Política - República.
1789	Revolução Francesa	Liberdade, Igualdade e Fraternidade – Evolução
1808	D. João VI no Brasil (Vinda da Família Real ao Brasil)	Reforma Política – Liberdade Econômica
1822	A independência	Liberdade Política – A colônia vira nação.
1823	Fim do I Reinado	Autonomia
1824	Confederação do Equador	Liberdade
1840-1889	D. Pedro II	Ordem
1864-1880	Guerra do Paraguai	Respeito, Paz
1888	Movimento Abolicionista	Liberdade Étnico-social
1989	A República	Paz, Liberdade Política e Liberdade Religiosa.

Fonte: Dados do livro *Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938). Autoria própria, 2017.

Observamos assim que na obra em análise, *Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, os acontecimentos da história brasileira são apresentados em relação direta com a espiritualidade, muitas vezes até orientados previamente por ela. A representação do papel da espiritualidade é tão forte que apresenta uma linearidade histórica de uma possível missão espiritual brasileira. Desse modo, a obra ao mesmo tempo em que apresenta as consequências espirituais do Brasil ter passado por cada acontecimento, também propõe ao leitor vivenciar os acontecimentos da história do Brasil, para que possa aprender, enquanto “povo”, os valores que a nação “pátria do evangelho” teria que possuir para progredir em sua missão.

O valor que mais se repete nos acontecimentos históricos descritos na obra foi a *Liberdade*: seja ela política, econômica, social ou religiosa. O conceito de Liberdade na obra é transmitido como uma conquista que foi acontecendo aos poucos, como “progresso”. Por

consequente, iriam se conquistando outros valores imprescindíveis na fundação da “pátria do evangelho” da missão espiritual, como: a Justiça, a Fraternidade e a Paz.

A literatura espírita dá uma visibilidade a valores iluministas, que se justificam no contexto histórico da própria fundação da doutrina espírita. Assim como defendido pelos pensadores mais ilustres da corrente iluminista, os livros espíritas, e, em especial na obra analisada encerram a liberdade como valor central para o desenvolvimento de outras virtudes. A crença no progresso através do conhecimento era outro exemplo de aproximação entre o Iluminismo e o próprio Espiritismo, na busca de uma sociedade mais justa e pacífica.

Tais valores não ficavam distante do mundo político, assim afirma Fábio Luiz Silva (2005, p. 60) pois com a instalação do Estado Novo em 1937, o tema da centralização política não era estranho, o governo propagava a ideia de um estado forte, tais ideias resultavam na busca por uma unificação do movimento espírita em torno da Federação Espírita Brasileira – FEB. Mas para isso, era preciso uma conciliação mais ampla.

Na terceira etapa - *a conciliação sociocultural e espiritual*, vemos os valores apresentados na história [espiritual] brasileira, presentes e justificados na fundação de uma identidade brasileira. A promessa do futuro radioso, ou seja, da constituição da Pátria do Evangelho é fundamentada na obra a partir da construção de uma fraternidade étnica. Quais etnias fariam parte dessa fraternidade étnica? Como elas são representadas na obra? Que relação essas etnias teriam com as discussões socioculturais dos anos 1930?

No século XIX e início do século XX, no campo científico, o debate sobre as etnias, recaía sobre o conceito “racial”. Esse conceito fora utilizado no sentido de diferenciação das “raças” humanas, sua própria hierarquização, ou seja, havia a raça “superior” e a “inferior”. Essa leitura só foi possível pelo fato de vários cientistas frenologistas, eugenistas, antropólogos e etnólogos, a exemplo de Müller, Tylor e James Frazer, terem feito uma ligeira transposição teórica naturalista da “evolução natural”, que servia para explicar os fenômenos biológicos e também os horizontes socioculturais.

Como nos afirma Bellotti (2011, p.18), o preconceito às diversas etnias, no fim do século XIX e início do XX, era legitimado pela própria ciência. Os povos primitivos não teriam cultura, por não desenvolverem instrumentos de dominação da natureza. Dessa forma, se entendia que a etnia branca - tida como hierarquicamente superior às demais -, era a única capaz de guiar a civilização e formar uma nação superior. Se à época o debate era esse, como está representada a etnia branca nessa obra de Chico Xavier? Como definir o conceito de “evolução” presente nessa obra?

Há na obra uma grande diferença entre o *evolucionismo naturalista* para o conceito de *evolução* espírita kardecista. No *evolucionismo naturalista* as características físicas definiriam hierarquicamente as raças superiores das inferiores. Já o *evolucionismo* espírita, também compartilhado na obra por Chico Xavier, deixa claro que o conceito espírita se aplica à prática do bem: “os homens brancos ainda não perceberam que a evolução se processa pela prática do bem.” (XAVIER, 1938, p. 26).

O homem branco estava distante de uma idealização, segundo Xavier (1938, p. 26), prejudicado por “uma educação espiritual condenável e deficiente. [...] Desejando entregar-se ao prazer fictício dos sentidos, procura eximir-se aos trabalhos pesados da agricultura, alegando o pretexto dos climas considerados impiedosos”. Terão eles o livre arbítrio de humilhar ou não seus irmãos, e aqueles que praticarem atos nefastos poderiam sofrer “[...] o mesmo martírio, [...] quando forem também vendidos e flagelados em identidade de circunstância” (Idem).

Porém, dentre esses homens brancos, alguns mereceram destaque na obra de Chico Xavier, por exemplo, quando ele faz uma aproximação com a religiosidade católica brasileira, desconsiderando desregramentos do passado. O autor procura exaltar membros da elite portuguesa e da própria Igreja Católica, “missionários do Pai Celestial [...] José de Anchieta e Bartolomeu dos Mártires, Manuel da Nóbrega⁷⁶, Diogo Jácome, Leonardo Nunes” (XAVIER, 1938, p. 23) que contribuíram com a construção da sociedade brasileira direcionada a uma coesão social com valores cristãos.

Apesar de deixar subentendido que os homens brancos possuíam racionalidade de dominação, Xavier apresenta, na obra em análise, as etnias como irmãs, ou seja, sem diferenças hierárquicas. Cada qual com suas características distintas que se complementariam no convívio social.

A Nação, Pátria do Evangelho, seria constituída, em sua base, na interação dos elementos étnicos. As etnias brancas, indígenas e negras são percebidas na obra como uma integração necessária para a constituição de um povo virtuoso, diferente da visão do início do século XX, compactuada pela elite que torcia pelo sucesso do projeto político de “branqueamento” da sociedade brasileira, tendo este projeto características visivelmente racistas, como nos afirma Alexandre Bueno (2013, p. 35).

⁷⁶

Segundo Chico Xavier, o Padre Manuel da Nóbrega foi uma das reencarnações do Espírito Emmanuel.

Se aos negros “eram impostas as mais dolorosas torturas, nos primórdios da organização do Brasil, não menores sacrifícios se exigiam dos indígenas, acostumados à amplitude da terra, propriedade deles.” (XAVIER, 1938, p. 36).

Percebemos, não só nesse trecho, mas no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* em geral, que a fraternidade, mesmo que ainda não alcançada completamente, está a caminho. “Há ambientes da mais pura fraternidade”, é um claro reforço dessas ideias que promove a “utopia” espírita a uma “conciliação social” traduzida por Artur Isaia (2001) na análise da doutrina espírita. A ideia de “conciliação sociocultural” é apresentada na obra com bastante ênfase, importante marco para fundação da tradição espírita brasileira, fundada na fraternidade, no respeito, no consenso social, na paz social.

A “conciliação sociocultural” de todas as etnias presentes no cenário brasileiro é, desse modo, construída principalmente quando necessita de articulações visando o fim da abolição da escravidão: “As falanges de Ismael contavam com colaboradores decididos no movimento libertador (da abolição), quais Castro Alves, Luiz Gama, Rio Branco [...] Patrocínio [...] Princesa Isabel” (XAVIER, 1938, p. 98). Na obra, Xavier cita várias outras personalidades das diversas etnias (brancas, indígenas e negras) que vão ressignificando a história do Brasil, em luta pela unidade na fraternidade:

Por toda parte, no país, há um ensinamento caricioso do seu resignado heroísmo, e foi por essa razão que a terra brasileira soube reconhecer-lhes as abnegações santificadas, incorporando-os definitivamente à grande família, de cuja direção muitas vezes participam sem jamais se esquecer o Brasil de que os seus maiores filhos se criaram para a grandeza da pátria, no generoso seio africano. (XAVIER, 1938, p. 35).

Interessante constatar que Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1936), anterior ao próprio Xavier, tinha uma preocupação que se assemelhava à reconstrução do Brasil plural:

O Brasil não teria futuro excluindo a sua própria população do gozo dos direitos da cidadania. [...] O Brasil precisava mudar e não poderia continuar mais na mão dos seus conquistadores. Se os conquistadores do Brasil e seus descendentes dominaram sem contestação no passado, nos anos 1930 a contestação se radicaliza – o Brasil precisa ser “redescoberto” e reconstruído pela sua própria população. (HOLANDA, *apud* REIS, 2012, p. 118).

Essa reconstrução pela sua população envolvia também a grande referência ao papel dos negros na sociedade brasileira, no horizonte econômico, social, cultural. Eles que ensinaram aos europeus as lições sobre o trabalho e a obediência, como afirma Chico Xavier:

Todos os grandes sentimentos que nobilitam as almas humanas eles os demonstraram e foi ainda o coração deles, dedicado ao ideal da solidariedade humana, que ensinou aos europeus a lição do trabalho e da obediência, na comuna fraterna dos Palmares, onde não havia nem ricos nem pobres e onde resistiram com o seu esforço e a sua perseverança, por mais de setenta anos, escrevendo, com a morte pela liberdade, o mais belo poema dos seus martírios nas terras americanas. (XAVIER, 1938, p. 34-35).

Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936) trata o relacionamento do português com o negro distinto do americano com os negros. Segundo Freyre: “[...] gente de uma mobilidade, de uma plasticidade, de uma adaptabilidade tanto social como física que facilmente se surpreendem no português navegador e cosmopolita do século XV.” (FREYRE, 2003, p. 69).

De acordo com Jessé de Souza (2000) é essa plasticidade, presente na cultura do português, que propiciou a influência da cultura negra, nos costumes, língua, religião e, especialmente, numa forma de sociabilidade entre desiguais que mistura cordialidade, sedução, afeto, inveja, ódio e praticamente todas as nuances das emoções humanas.

Apesar de Chico Xavier não citar essa plasticidade do português observada por Gilberto Freyre, há na obra em questão a aceitação do português no projeto *Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho*, em virtude da sua honra, grandes qualidades de seu caráter e sentimento. É o sentimento e seus valores que fazem o português durante sua trajetória no Brasil, ir se modificando, se aceitando, se transformando, vencendo seus vícios, a inveja, a cobiça e a ambição.

Infelizmente, não encontramos, na atualidade do planeta, outro povo que substitua os portugueses na grande obra de edificação da Pátria do Evangelho. Todas as demais nações, como o próprio Portugal, se encontram presas da cobiça, da inveja e da ambição. Os vícios de todas as identificam perfeitamente umas com as outras, e no povo lusitano temos de considerar a austera honradez aliada a grandes qualidades de valor e de sentimento, que o habilitam, conforme a vontade do Senhor, a povoar os vastos latifúndios que constituirão mais tarde o pouso abençoado da lição de Jesus. (XAVIER, 1938, p. 37).

A obra transmite uma esperança, uma expectativa de evolução de cada indivíduo, português, indígena e negro, em aprendizado contínuo e conjunto, aprendizado esse que iria

resultar numa transformação social e espiritual, a qual se iniciaria no Brasil, mas mudaria o mundo. O conhecimento e o exercício dos princípios cristãos, de amor e solidariedade, visivelmente detalhados no reconhecimento do sentimento de fraternidade entre seus membros, tornavam-se essenciais para a realização dessa transformação.

Chico Xavier, não levava em conta os determinismos biológicos. Os homens e mulheres com suas diferenças estariam construindo esse país através da fraternidade étnica, e a promessa de *missão espiritual* só iria se concretizar se os brasileiros agissem no bem, na solidariedade, para a construção efetiva da Pátria do Evangelho. A missão espiritual viria atrelada ao modelo de *ethos*.

Nesse ponto, entraria em cena a última etapa, *A expectativa religiosa*. Há nessa obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, uma expectativa de restauração dos valores cristãos, como já dito; a árvore transplantada do evangelho deveria florescer em terras brasileiras. Essa expectativa, de acordo com a interpretação de Fábio Luiz Silva (2005, p. 46-47), estaria no nascimento no Brasil de um novo paraíso, um paraíso moderno, uma nação exemplo de cristianismo, formada sob valores de fraternidade e solidariedade. Essa missão brasileira para o Espiritismo, não se inicia nessa obra, mas tem nela a fundação dessa tradição, a argumentação mais forte e reverenciada pela doutrina espírita no Brasil.

É interessante que, mesmo o livro sendo o documento com maior força política dentro do movimento espírita, ainda no século XIX, no ano de 1873, surge a primeira mensagem espiritual que trata da missão do Brasil. Essa foi psicografada no Centro Espírita Confúcio, pelo espírito Ismael, na cidade do Rio de Janeiro.

O Brasil tem a missão de cristianizar. É a Terra da Promissão. A Terra de todos. **A Terra da fraternidade.** A Terra de Jesus. **A Terra do Evangelho...** Na Era Nova e próxima, abrigará um povo diferente pelos costumes cristãos. Cumpre ao que ouve os arautos do Espaço, que convocam os homens de boa vontade para o preparo da Nova Era, reconhecer em Jesus o chefe espiritual. Com o Evangelho explicado à luz do Espiritismo, a moral de Jesus, semeada pelos jesuítas e alimentada pelos católicos, atingirá a sua finalidade, que é rejuvenescer os homens velhos, que aqui nascerão ou para aqui virão de todos os pontos do Globo, cansados de lutas fratricidas e sedentos de confraternidade. **A missão dos espíritas no Brasil é divulgar o Evangelho em espírito e verdade.** Os que quiserem cumprir o dever, a que se obrigaram antes de nascer, deverão, pois, reunir-se debaixo deste pálio trinitário: **Deus, Cristo e Caridade.** Onde estiver esta bandeira, aí estarei eu, Ismael. (Ismael *apud* SOUZA, 2000b, p. 4, grifo nosso).

Diferentemente da obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, das etapas analisadas e seus elementos, apenas dois deles aparecem com mais ênfase, o (1) *Demarcação*

espaço-Territorial e o (4) *A Expectativa Religiosa*. Há uma clara referência ao Brasil e sua “missão espiritual” de evangelização, de fraternidade, de caridade, de divulgação do Evangelho em espírito e em verdade, ou seja, de explicar o Evangelho à luz do Espiritismo.

Também no Rio de Janeiro, no ano de 1889, na Sociedade Espírita Fraternidade, o médium Frederico Júnior, teria recebido a mensagem *Instruções de Allan Kardec aos Espíritos do Brasil*.

Paz e amor sejam convosco

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da **fraternidade**, estudar essa **doutrina de paz e amor, de justiça e esperanças**, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura - o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas **humildes**.
[...]

Sendo assim, a esse **pedaço de terra a que chamamos Brasil foi dada também a revelação da revelação, firmando os vossos espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes**. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do **amor e da fraternidade humana**, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela – **DEUS, CRISTO E CARIDADE**. Forte pela sua dedicação, animado pela **misericórdia de Deus**, que nunca falta aos seus trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão das pombas; onde unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde entrelaçados num único segmento – o do amor - , pudessem **adorar o Pai em espírito e verdade**; onde se levantasse a grande muralha da **fé**,
[...]

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, **Templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade**. Então sim; - distribuí a luz, ela vos pertence.
[...]

Meus amigos! **Sem caridade não há salvação. Sem fraternidade não pode haver união.**

Uni-vos, pois, pela fraternidade debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e protetor. **Salvai-vos pela Caridade**, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto. Aquele que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem intencionado e verdadeiramente cristão.(KARDEC *apud* ABREU, 1981, p.75-84, grifo nosso).

O contexto era da abolição da escravidão no Brasil e, conseqüentemente, da implantação da República. Havia uma esperança de progresso frente às transformações político e sociais comemoradas pelos agentes mais progressistas no campo. Porém, a

construção da ideia de Brasil ainda não estava embasada na ideia de *fraternidade* pregada através das mensagens psicografadas. Essa ideia de *fraternidade* veio a ser popularizada na historiografia brasileira, principalmente através do historiador Sérgio Buarque de Holanda (1936), em sua obra *Raízes do Brasil*, quando esclarece ao Brasil a necessidade de se reconhecer, valorizando seus inquilinos em seus aspectos socioculturais.

Os elementos presentes, nessa mensagem, se imbricam com a expectativa brasileira de “terra do por vir”, a esperança futura se embasa através dessa mensagem (do conhecimento, ‘em espírito e em verdade’) na construção de dois valores nacionais: a fraternidade na conquista da união social e a caridade como princípio da salvação pessoal/nacional/internacional. Ou seja, fazer realizar a sua “missão espiritual” brasileira, missão que se pretende internacional ou universal.

Essas mensagens e a obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* são artefatos de ressignificação do Brasil do “por vir”, dotando este de um “projeto espiritual”. Com base nisso propomos fazer uma leitura dessa ressignificação através das categorias históricas proposta por Reinhart Koselleck (2012, p. 306), horizontes de expectativas.

Trata-se de categorias do conhecimento capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. Em outras palavras: todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem. [...] Manifestamente, as categorias “experiência” e “expectativa” pretendem um grau de generalidade mais elevado, dificilmente superável, mas seu uso é absolutamente necessário. Como categorias históricas, elas equivalem-se às de espaço e tempo. (KOSSELECK, 2012, p. 306-307)

As categorias “experiência” e “expectativa”, levantadas pelo pesquisador Koselleck (2012), possuem uma relação de interdependência. Portanto, não há experiência sem expectativa, como não há expectativa sem experiência. Essas duas categorias são bases para a leitura da fonte *Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, para compreendermos a ressignificação realizada para o Brasil enquanto “terra do por vir”. Um horizonte de expectativa de responsabilidade, de missão espiritual, aquele dotado de levar o Espiritismo para o mundo, mas antes era preciso unificar o movimento espírita, estar forte no campo religioso brasileiro.

O livro em análise, *Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, aparece no movimento espírita brasileiro quando tal movimento ainda buscava a sua consolidação, haja vista as dificuldades de consensos para sua unificação, que só viria nos fins da década de 1940 do século XX. Conforme refletimos, anteriormente, o sucesso da unificação do movimento

espírita aconteceu devido ao trabalho de diversas lideranças (autoridades espíritas) e do sucesso do projeto “febiano”.

Dessa forma, a consolidação do Espiritismo era algo almejado, uma “expectativa” para os agentes do campo religioso espírita. A Federação Espírita Brasileira instituição bastante articulada, assim como toda instituição/agente, busca uma hegemonia no campo, e, para isso, era necessário responder às expectativas advindas dos espaços de experiência, da realidade, ao tempo em que para o agente, tais respostas fazem parte de uma expectativa própria e de novas experiências no espaço. Como vimos em Bourdieu, à medida que o agente consegue traduzir as demandas dos leigos, ele consegue mais autoridade para com estes, e passa a buscar ser hegemônico.

Assim, verificamos que a consolidação do espiritismo brasileiro se funda principalmente no uso como referência do livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. A autoridade carismática⁷⁷ do médium Chico Xavier e o autor espiritual Humberto de Campos, ressignificaram a “terra do por vir” com “a missão espiritual brasileira”. A expectativa aparentemente era a mesma, mas que dependia de uma nova experiência no espaço. Apesar da ideia de “missão espiritual brasileira” ter se consolidado na obra de Francisco Cândido Xavier, outros artefatos culturais espíritas como as mensagens psicografadas de autoria espiritual de Allan Kardec (*apud* Abreu, 1981, p.75-84) e Ismael (*apud* Souza, 2000b, p. 4) realizaram o prenúncio dessas ideias para o movimento espírita brasileiro.

2.2.2 - Demais referências históricorreligiosas construídas através da experiência espírita no campo religioso brasileiro

A ideia de “missão espiritual” é compreendida nesse trabalho como uma categoria a mais as já apontadas por Lewgoy (2008). Como vimos, ela foi construída com base numa tradição brasileira, inclusive com a colaboração dos portugueses. Acreditamos que essa ideia funcione como categoria propulsora das ações das autoridades religiosas espíritas no(s) campo(s) religioso(s), pois reproduz uma responsabilidade “missionária”, reconhecida no seu campo religioso, principalmente através da obra de Francisco Cândido Xavier, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938) e em diversas mensagens psicografadas,

⁷⁷ ARRIBAS, 2014, p. 149.

pelos espíritos de Allan Kardec, Ismael, Fernando de Lacerda, e outros⁷⁸ que até os dias atuais reproduzem esse convite missionário.

Utilizamos junto à categoria “missão espiritual” às categorias que fazem referências históricorreligiosas construídas através da experiência espírita no Brasil, apontadas por Bernardo Lewgoy (2008) no ensaio inicial acerca da temática: *a Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: uma discussão inicial*, são elas: (a) o modelo federativo da FEB; (b) organização e funcionamento dos centros espíritas; (c) o *ethos*, os estilos rituais e as ênfases praticadas pelo kardecismo no Brasil; (d) a incorporação patrimônio bibliográfico do espiritismo brasileiro, especialmente as obras psicografadas de Chico Xavier e Divaldo Franco.

De acordo com Bernardo Lewgoy (2008, p. 87), o Modelo Federativo da Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884, funcionava como alternativa religiosa frente à hegemonia católica no fim do império. Para a época, era um dos raros espaços que dava vida ao pluralismo de ideias. Em 1904, Leopoldo Cirne, presidente deste local, lidera, na Federação Espírita Brasileira, o lançamento do documento, aprovado por seus delegados em Assembleia, conhecido como *As Bases de Organização Espírita*⁷⁹. A ideia era organizar e direcionar o movimento espírita brasileiro, que se encontrava bastante difuso, cuja primeira orientação foi reconhecer a divisão da doutrina espírita em seu tríplice aspecto (ciência, filosofia e religião).

Apesar da ideia do tríplice aspecto da doutrina não ter sido propagada por Allan Kardec, como alerta Augusto Araújo (2016), as noções de ciência, filosofia e religião foram identificadas nos escritos kardequianos em períodos distintos de sua produção. Tais ideias tiveram seus conceitos ressignificados nas obras, diferentes do senso comum, como se verifica na citação abaixo:

Em todos os sentidos, o Espiritismo se colocaria, portanto, acima das representações comuns de ciência, filosofia e religião. Colocando-se nesta posição privilegiada, fora dos problemas e das limitações destas três formas de conhecimento, o Espiritismo seria capaz, não apenas de contribuir separadamente para o progresso de cada uma delas, mas também poderia oferecer um horizonte teórico a partir do qual elas se reencontrassem numa perspectiva mais ampla. Foi assim com a proposta de firmar o espiritismo o

⁷⁸ Mensagem do Espírito de Bezerra de Menezes - **O Brasil e a sua Missão Histórica de “Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”** In: *Revista Reformador*, ano 118, abril, n. 2053, 2000. Disponível em: [http://bvespirita.com/Revista%20Reformador%20-%202000%20-%20Abril%20\(Federacao%20Espirita%20Brasileira\).pdf](http://bvespirita.com/Revista%20Reformador%20-%202000%20-%20Abril%20(Federacao%20Espirita%20Brasileira).pdf)

⁷⁹ Disponível em: *Revista Reformador*, ano XXII, n.º 21, novembro de 1904.

período científico-filosófico, como ciência filosófica ou uma filosofia de bases científicas. (ARAÚJO, 2016, p. 289)

Apesar de Augusto Araújo (2016, p. 288) reconhecer que o Espiritismo poderia contribuir separadamente para cada ideia, em contrapartida, acredita ele que Kardec não aceitaria que a identidade do Espiritismo fosse formada por simplificações identitárias as quais visassem reduzir a doutrina a qualquer um desses conceitos específicos: seja ciência, filosofia ou religião.

Acerca do aspecto filosófico, Augusto Araújo (2016, p.288) esclarece que o Espiritismo se diferencia por suas supostas bases empíricas, tendo como preceito os fenômenos mediúnicos inteligentes controlados em seu conteúdo pela aplicação de um método de codificação. Seria fruto da aplicação do método positivo, como ocorreria, segundo Kardec, com todas as demais ciências. Para ele, se abrir às questões filosóficas e religiosas não significava se orientar por uma filosofia especulativa, ou por formas tradicionais de religião.

Foi “[...] no chamado período científico-filosófico [que] a doutrina havia sido definida por Kardec a partir do que poderíamos chamar de um duplo aspecto. [...] E, o mais importante, pela via de negação de seu caráter religioso.” (ARAÚJO, 2016, p. 290) No segundo período, Kardec nega diversos aspectos da religião tradicional (sem cultos, sem hierarquia, sem templos), mas ele parece aceitar um tipo específico de *religião*, quando vemos que:

De fato, minha compreensão é que, a partir de uma dinâmica de ruptura e continuidade, Kardec teria apresentado o Espiritismo, no último período de sua produção, como uma reforma do cristianismo. Principalmente o cristianismo de matriz Católico-Romana que, segundo sua própria convicção, conteria em germe todos os princípios do Espiritismo. Através de sua proposta de releitura da memória social da tradição cristã, o Espiritismo kardeciano se coloca em tensão com a representação hegemônica do cristianismo francês. [...] Se a Igreja não aceita o auxílio que lhe está prestando o Espiritismo; se excomunga os espíritas e os afasta de suas celebrações, que os espíritas, então liguem-se pelos laços da verdadeira caridade, em torno dos verdadeiros ensinamentos do Cristo. (ARAÚJO, 2016, p. 291)

Na visão de Augusto Araújo (2016, p. 291), Kardec parece ter acreditado que para o Espiritismo ser chamado de religião teria de ser como que a encarnação da religião natural dos iluministas. E isso em sentido bastante estrito: uma religião baseada no conhecimento das leis

naturais que regeriam o mundo espiritual. Uma religião em sentido filosófico, como ele preferia; segundo Augusto Araújo (2016, p. 288), uma nova religião.

Essas reflexões nos ajudam a compreender a interpretação das autoridades no campo religioso brasileiro acerca do tríplice aspecto da doutrina espírita. Para uma melhor leitura dos escritos nos artigos da *Revista Estudos Psíquicos*, buscaremos aproximá-las das categorias construídas e difundidas pelo movimento espírita brasileiro, através do documento chamado *As Bases para Organização Espírita*, que reconhecia a doutrina nos seus três aspectos (ciência, filosofia e moral).

No documento *As bases de Organização Espírita*, divulgado pela *Revista Reformador* (1904, p. 339), há o reconhecimento do tríplice aspecto da doutrina – científico, filosófico e moral - e a orientação para o não desmembramento por exclusivismo algum. De acordo com este documento, o aspecto científico viria através da observação dos fenômenos; o filosófico com as induções e deduções das leis divinas ou naturais ou a confirmação das já conhecidas como verdade, o que se liga inevitavelmente à moral, tida como instituída pelo Cristo. Para tanto, o documento *As bases de Organização Espírita* previa uma necessidade de organização metódica, criando institutos educativos com vistas a uma instrução geral – apresentação das noções básicas do espiritismo para crianças e adultos, com vistas à sua rápida divulgação.

As lideranças da FEB acreditavam que as capitais de cada estado deveriam criar um centro nos moldes⁸⁰ da Federação do Rio de Janeiro. A ideia era formar uma rede de Associações – os centros espíritas de cada estado estariam filiados às Associações/Federações estaduais, e essas, estariam ligadas à Federação Espírita Brasileira. A adesão à FEB significava seguir o seu programa, ou seja, reconhecê-la enquanto porta voz do Espiritismo, e tudo era justificado em prol de uma união dos centros espíritas e associações no campo religioso brasileiro. A Federação Espírita Brasileira buscava ser hegemônica⁸¹, assim como qualquer outra instituição de base religiosa. A sua busca é pela autoridade religiosa no campo, as suas ações a fazem conseguir o apoio majoritário do movimento espírita brasileiro e sua consagração chega quando há a realização do pacto áureo, em 1949.

O documento *As Bases de Organização Espírita* (1904) foi importante, pois era o documento base que serviu para as reformulações do modelo federativo nos fins da década de 1940. As orientações gerais que pautam esse documento consistem em três pontos centrais e

⁸⁰ De acordo com o relatório da FEB de 28 de fevereiro de 1904 publicados na *Revista Reformador*, ano XXII, n. 5, março de 1904, as atividades realizadas no ano anterior: (1) Sessões de estudo (Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns, o Evangelho (compilação e síntese d’Os *Quatro Evangelhos*, feita da *Revelação da Revelação* dada a Roustaing, pelo nosso saudoso confrade Antonio Luiz Sayão); (2) Assistência aos Necessitados; (3) Livraria (editora); (4) Biblioteca; (5) Serviços de Curas (homeopatia e passes magnéticos);

⁸¹ Ver mais em: AMORIM, Pedro Paulo. (2017)

orientações complementares. Os dois primeiros são uma orientação com base nas práticas religiosas ligadas às experimentações, observações e deduções dos fenômenos mediúnicos e para a vida. No campo científico e filosófico:

(a) Para a parte experimental, na observação e análise dos phenomenos espíritas e connexos, creando-se para isso “Escola de Mediuns” em que, antes do ensaio das faculdades, receberão elles a instrucção doutrinaria completa, para uso e segurança do seu exercito, adaptando-se para o *Livro dos Médiuns* como vademecum indispensável; (As Bases da Organização Espírita, *Reformador*, nov., 1904, p. 339)

(b) Para a parte philosophica, no estudo analytico e commentado, por ordem seguida, do *Livro dos Espíritos*, podendo ser completado com o *d’Ceus e o Inferno*, do mesmo modo; (As Bases da Organização Espírita, *Reformador*, nov. 1904, p. 339)

A Federação sugeria que antes da atuação da prática mediúnica, os membros espíritas deveriam estudar o *Livro dos Médiuns*, para usá-lo como roteiro seguro. Portanto, os centros espíritas deveriam oferecer cursos sobre a obra. Desse modo, para que o médium fosse capaz de dominar o transe mediúnico, bastava-lhe como ponto de partida o estudo. A filosofia espírita possuía uma base racional: compreender para disciplinar suas práticas sociais. Disciplina essa vista até nas manifestações mediúnicas espíritas que, independente do seu propósito, funcionava também como forma de distinção identitária para com grupos de religiões mediúnicas afro ou das religiões da população autóctone brasileira.

O último ponto, relativo a parte moral, diz respeito em outras palavras às orientações evangélicas. A prática espírita deveria ter um único fim, a caridade, a razão para a salvação, a fé, mãe de todas as virtudes, assim como propagada por Allan Kardec. Tinha que ser lógica, racional, para que gerasse um efeito de amor, de caridade, tendo em Jesus Cristo, a referência “perfeita” dessa prática.

(c) Para a parte moral, no estudo dos Evangelhos, adoptando *O Evangelho Segundo O Espiritismo* os que assim o entenderem, ou *Os Quatro Evangelhos ou Revelação da Revelação*, dada a J. B. Roustaing, os que preferirem, em todos esses estudos permitindo-se sempre a permuta de opiniões, para perfeito entendimento das questões tratadas. (As Bases da Organização Espírita *Reformador*, nov., 1904, p. 339)

A Federação Espírita Brasileira, visando uma conciliação, apesar das divergências do movimento, faz referência às duas obras: o livro de Allan Kardec, mas também o de J. B. Roustaing, como obras fundamentais, necessárias para o melhor entendimento da moral do

Cristo. Como vimos nos capítulos anteriores, o silêncio unificador⁸² também vai ser percebido em 1949, quando há a realização do Pacto Áureo, visando à unificação do Espiritismo no campo religioso brasileiro.

As ideias complementares desse documento pauta diversas práticas comumente identificadas no movimento espírita brasileiro:

Além d'isso, como complemento demonstrativo da moral que professam os seus filiados, as associações espíritas se esforçarão por criar e manter caixas de socorros, da natureza da Assistência aos Necessitados, ou semelhante criando igualmente gabinetes mediúnicos receiptistas nos moldes da Federação, para cura gratuita dos enfermos e distribuição de medicamentos homeopáticos. [...] Serão criadas também aulas gratuitas de instrução elementar, ou secundária, com uma parte dedicada ao estudo da philosophia ou da moral espírita. (As Bases da Organização Espírita *apud Reformador*, nov.,1904, p. 339)

O modelo federativo, difundido pelo documento acima referenciado, foi propagado através da revista *Reformador* de Norte a Sul do Brasil. Como vimos, essas ações foram resultantes da compreensão da doutrina e do papel que a Federação Espírita Brasileira trouxe para si. Os centros espíritas precisavam seguir o modelo federativo, criar ambientes propícios para o estudo (sessões de estudo, biblioteca, livraria), mecanismos de socorro, assistência e proteção às famílias necessitadas (serviços de cura através da homeopatia, passes magnéticos e assistência social), nos seus diversos aspectos, morais, sociais e espirituais.

Não por acaso, no início do século XX, há uma explosão de instituições espíritas, principalmente hospitais psiquiátricos, creches, escolas, abrigos, entre outros.

Mesmo com a difusão das *Bases de Organização Espírita*, para todos os centros espíritas no Brasil, não houve uma adesão majoritária, fato que só vai ocorrer em 1949, com a realização do *Pacto Áureo* – a busca por uma unificação em torno da FEB. É só com o *Pacto Áureo* que o modelo federativo vai se consolidar. As orientações para fundação de Federativas e Associações estaduais foram seguidas e no dia 5 de outubro de 1949, a maioria dos diretores e representantes dessas Federações e Uniões se reuniram em prol de unificação do movimento espírita brasileiro, amparado pelas ideias de Francisco Cândido Xavier, de reconhecimento do papel do Brasil, enquanto Coração do Mundo e Pátria do Evangelho.

Para tanto, foi deliberada através do *Pacto Áureo* (1949) a criação do CFN – Conselho Federativo Nacional permanente, com objetivo de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual organização, quando possível, composto por representantes das Federações e

⁸²

Ver mais em: Pedro Paulo Amorim, 2011.

União estaduais. O Conselho, com apoio de três juristas, elaborou o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propôs modificações nos atuais estatutos da Federação Espírita Brasileira. Entre os dezoito artigos aprovados, o artigo 12º afirma que as sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. Porém, essas sociedades devem seguir o programa básico que a doutrina expõe em suas obras: *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Como já explicado, deixando livre a escolha de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* de Allan Kardec e/ou *Os Quatro Evangelhos* de J. B. Roustaing, pois naquele momento este era ponto de divisão do movimento.

A FEB se consolidou no campo religioso brasileiro, em meados século XX. Vamos notar que ela foi implementando, aos poucos, suas ações no campo religioso internacional. Entre as décadas de 1940-1980, devido ao contexto específico, o movimento espírita do campo religioso português fica mais aberto às influências brasileiras. As autoridades espíritas brasileiras, motivadas pelo elemento transcendental, missionário, se dispõem a colaborar na difusão do Espiritismo no mundo. Em Portugal, o movimento espírita brasileiro vira referência, modelo a ser seguido.

O antropólogo Bernardo Lewgoy (2008) apresenta como segunda referência um padrão na forma de (b) *Organização dos Centros Espíritas*. De acordo com as orientações da FEB, há um direcionamento para que as práticas dos centros espíritas estejam voltadas para a assistência, seja ela social, moral ou espiritual. Para o atendimento moral e espiritual, os centros espíritas oferecem: palestras (mini-conferências, uma exposição temática dos princípios doutrinários e passagens do evangelho de Jesus), terapias de passe; fluidificação da água; atendimento fraterno (realizada antes e/ou após as exposições temáticas) e a prática de desobsessão (prática que se assemelha ao “exorcismo”, mas com uma proposta amorosa de reeducação do espírito, visando o arrependimento e socorro desses espíritos tidos como sofrendores).

No ano de 1914, Aristides de Souza Spínola, então presidente da FEB, dá início à evangelização infantil na sede da Federação, em outubro de 1926. O Conselho Federativo da FEB faz um debate acerca das noções do Espiritismo para crianças e, em 1927, sua livraria, lança a tradução do livro de A. Bonnefout, *Lições de Espiritismo para crianças*, que foi distribuindo por todo o Brasil. Em 1939, o livro *Sementeira Cristã*, prefaciado por Leopoldo Machado, era destinado à formação das crianças e dos adolescentes. (FEB⁸³, 2018)

⁸³ FEB, 100 anos de Evangelização Espírita na FEB, 2018. Disponível em: <http://www.souleitorespirita.com.br/reformador/destaque/100-anos-de-evangelizacao-espirita-na-feb/>

A evangelização infanto-juvenil, após as diversas campanhas do final da década de 1970, se intensificam, abrindo campo para novas discussões e materiais propostos para a expansão do movimento espírita. A implantação dos currículos para as escolas de evangelização espírita infanto-juvenil, no ano de 1978, foi, durante décadas, [re]atualizada, mas é importante ressaltar que ,em 1982, a edição já havia sido traduzida para o espanhol, sendo este currículo distribuindo não só no Brasil, mas em diversos países. O papel de Cecília Rocha, assim como veremos, será importante na implantação da evangelização infanto-juvenil em diversos países, inclusive Portugal. (FEB, 2018).

A respeito das questões sociais, Bernardo Lewgoy (2008, p. 87-88) afirma que havia uma abertura de ação no receitismo mediúnico, com médicos homeopatas. Muitas instituições nasceram pensadas para suprimir as demandas sociais ao tempo em que realizavam o princípio básico dos postulados espíritas: a caridade. Na primeira metade do século XX, podemos destacar a fundação de diversas instituições no Brasil: hospitais⁸⁴, creches/orfanatos⁸⁵, escolas⁸⁶ e albergues⁸⁷.

As ações de assistência social e promoção social era uma demanda de uma população que vivia um contexto de desequilíbrios sociais. A prática da caridade, enquanto máxima espiritista, vai estar diretamente relacionada ao terceiro aspecto levantado por Bernardo Lewgoy.

O terceiro aspecto apontado por Bernardo Lewgoy (2008, p. 88) está intimamente relacionado (c) ao *ethos*, os estilos rituais e as ênfases praticadas pelo kardecismo no Brasil. Qual o *ethos* que permeia o movimento espírita brasileiro? Como já afirmamos, a partir de Artur Isaia (2001, p. 199) a revelação das leis naturais, fazia o Espiritismo vislumbrar um novo modelo de *ethos*. Tal modelo se cercava das deduções sobre as leis naturais, como sendo a lei de justiça, amor e caridade, sendo a caridade, o princípio norteador do *ethos* espírita. No

⁸⁴ Hospital Espírita de Porto Alegre (Porto Alegre, 1914); Sanatório Espírita de Uberaba (Minas Gerais, 1933); Maternidade "Casa da Mãe Pobre" (Rio de Janeiro, 1940); Hospital Espírita de Pedro Alcântara (Rio de Janeiro, 1945); Sanatório Jesus de Nazaré (1940, São Paulo); Hospital Angélica (São Gonçalo – RJ) entre outros.

⁸⁵ Orfanato Casa de Luciá, do Rio de Janeiro; Lar-Escola Francisco de Paula; Orfanato de Dr. March (Niterói, Rio de Janeiro) entre outros;

⁸⁶ Instituto Maria (Minas Gerais, 1944); Instituto Jesus (Minas Gerais); Escola Jesus Cristo (Campos, Rio de Janeiro) entre outros;

⁸⁷ Abrigo Espírita Lar de Jesus (Recife, 1947); Lar de Jesus (Nova Iguaçu, Rio de Janeiro); Lar de Maria (Macaé, Rio de Janeiro); Casa da Criança Abandonada (Cachoeira Paulista, São Paulo); Lar Manuel Pessoa de Campos (Três Rios, Rio de Janeiro); Abrigo Jesus (Belo Horizonte, Minas Gerais); Abrigo Thereza de Jesus (Rio de Janeiro); Amparo Thereza Christina (Rio de Janeiro); Asilo Anália Franco (Rio de Janeiro); Asilo de Órfãs Anália Franco (São Manoel – SP); Asilo Deus, Cristo e Caridade (Cachoeiro de Itapemirim – ES); Asilo Espírita João Evangelista (Rio de Janeiro); Abrigo Thereza de Jesus (Rio de Janeiro); Seara dos Pobres Dispensário Antonio de Pádua (Rio de Janeiro); Asilo Legião do Bem (Rio de Janeiro).

Brasil, de acordo com Bernardo Lewgoy (2001), Francisco Cândido Xavier torna-se a síntese do modelo de cidadania para os espíritas, compreendido, pois, com as ênfases na disciplina (renúncia), no trabalho (caridade e o perdão) e do estudo (compreensão).

No Brasil, vemos ainda a sinalização do *ethos* espírita e suas ênfases, principalmente nas práticas religiosas da caridade citadas, mas também nas práticas doutrinárias. Em fevereiro de 1981, a *Revista Reformador* (fev, 1981, p. 19) traz, na coluna de Salomão Jacob Benchaya, uma reportagem relatando a aprovação do documento denominado “Orientação ao Centro Espírita”. No segundo capítulo, há uma recomendação da instalação de grupos de “Estudos Sistematizados da Doutrina”, uma reunião privativa, regular, que tem como objetivo o estudo aprofundado da doutrina espírita e em hipótese alguma viria a substituir a exposição/palestra pública.

A proposição, segundo Alberto Nogueira da Gama (*Revista Reformador*, março, 1984, p.78), foi feita pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), na reunião ordinária do dia 2 a 4 de julho de 1980, mas o lançamento da campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita só foi realizado na sessão da Plenária do referido órgão, em 27 de novembro de 1983. A ideia de estudo em grupo era propagada por Allan Kardec, mas no Brasil, havia uma maior difusão desses estudos em apostilas, com os materiais produzidos por algumas Federativas e Uniões Estaduais e, principalmente, pela própria Federação Espírita Brasileira (FEB).

A última categoria, apontada por Bernardo Lewgoy (2008) diz respeito à (d) *incorporação do patrimônio bibliográfico brasileiro*. Como vimos, o movimento espírita brasileiro funda um dos aspectos do seu *ethos*: a grande valorização do estudo. É necessário compreender o sentido da existência humana. Para tanto, há as palestras, grupos de estudos, evangelização infanto-juvenil, mas, todos eles se fundamentam no estudo dos livros espíritas, seja a base kardequiana e/ou os demais livros que ganharam espaço no campo religioso.

Entre os autores brasileiros mais influentes no campo espírita brasileiro e internacional, destacamos Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco. Segundo Bernardo Lewgoy (2008, p. 89), “Divaldo foi fundamental no proselitismo e constituição de redes espíritas no exterior entre brasileiros e estrangeiros. Em Portugal e na Espanha, onde o espiritismo era perseguido pelas ditaduras da época, as conferências de Divaldo tiveram um sabor de resistência e luta pela liberdade religiosa.” Francisco Cândido Xavier, com seus mais de 450 livros e Divaldo P. Franco, com seus mais de 250 livros psicografados, deram o tom do movimento espírita brasileiro e português e continuam nos dias atuais com sua influência.

Durante a década de 1990, o Conselho Espírita Internacional – CEI (1992) foi fundado a partir de uma articulação iniciada pela FEB. É interessante constatar que este conselho, na atualidade, se apresenta como porta voz do Espiritismo no mundo. Com 24 anos de história, ele possui 36 federações nacionais espíritas em seu quadro, fazendo dele o “legítimo representante” do Espiritismo no mundo. Em uma breve observação pela internet na difusão de divulgação de obras espíritas pelo mundo, constatamos que os livros mais difundidos através da Editora do Conselho Espírita Internacional são de Allan Kardec, e em segundo e terceiro lugar, dos brasileiros Francisco Cândido Xavier e Divaldo P. Franco, com obras traduzidas em diversas línguas.

3 O ESPIRITISMO E O CAMPO RELIGIOSO PORTUGUÊS

O Espiritismo se inseriu no campo religioso português logo nos primeiros anos após o lançamento de *O Livro dos Espíritos* (1857), mas sua expansão considerável só aconteceu no início do século XX. Depois, em meados do século XX sofreu um declínio, principalmente por conta do governo de Antonio Salazar. Ao final do regime salazarista, verifica-se uma (re)construção do movimento espírita português, uma ‘nova expansão espírita’ influenciada por referências históricoreligiosas consolidadas no campo religioso brasileiro, em fins da década de 1970. A conexão histórica, ‘o intercâmbio’ entre Portugal e Brasil não ficou apenas no passado remoto dos dois países, pelo contrário, é tão dinâmico que se reinventa continuamente e se ressignifica em ambos os campos religiosos.

Constatado que havia essa troca de experiências através desse intercâmbio, podemos indagar: como foi o processo de inserção e de declínio do Espiritismo no campo religioso português? Como se fundamentou esse processo de (re)construção do movimento espírita português? Porque o movimento espírita brasileiro se legitimou enquanto grande protagonista do campo religioso português? Quem são as principais autoridades religiosas brasileiras, luso-brasileiras e portuguesas que contribuíram demasiado no fortalecimento desse intercâmbio entre os campos religiosos português e brasileiro?

Para responder a estes questionamentos dividiremos este capítulo em três partes: (1) o Campo Religioso Português no século XIX; (2) A inserção, expansão e declínio do Espiritismo em Portugal; (3) O Intercâmbio espírita Brasil-Portugal e a (re)construção do movimento espírita português (1940-1980).

No primeiro momento, a inserção do Espiritismo no campo religioso português é explicada através das transformações e/ou ressignificações do campo religioso europeu e/ou

português. Desse modo, faz-se imprescindível voltar o olhar ao passado e realizar dois movimentos de análise: o primeiro de (a) identificação e, posteriormente, o de (b) reflexão acerca dos acontecimentos mais significativos desse campo religioso, apresentando os fatos que favoreceram a inserção das ideias espiritistas no campo religioso português.

No segundo momento, avaliaremos a trajetória que o Espiritismo trilhou no campo religioso português, ou seja, como se inseriu no campo que tinha o Catolicismo enquanto religião hegemônica, que estratégias foram utilizadas para sua expansão, principalmente no início do século XX, e, quais os fatores que propiciaram o seu declínio.

Na última etapa, analisamos, através das páginas da *Revista Estudos Psíquicos*, entre os anos de 1940-1980, o papel das autoridades espíritas brasileiras, portuguesas e luso-brasileiras, sejam elas intelectuais, institucionais ou carismáticas, na (re)construção do Espiritismo no campo religioso português, uma vez que suas atuações dizem respeito a um tipo de direcionamento cultural com referências histórico-religiosas construídas através de experiências espíritas consolidadas no campo religioso brasileiro.

3.1 – A inserção do Espiritismo no cenário religioso português do século XIX e expansão e declínio no Campo Religioso Português (XX)

O campo religioso português é plural, de intensas mudanças e complexas transformações. A história deste campo é permeada de conflitos entre o pensamento tradicional, conservador e o pensamento revolucionário, transformador. Tais posturas sempre estiveram em disputa e, de acordo com Bourdieu (2007, p. 59-60), conservação e mudança (subversão) da ordem são elementos constitutivos da existência do próprio campo religioso. O século XIX é o período em que diversos agentes minoritários do cenário religioso português começavam a trazer respostas às demandas dos leigos, as quais o Catolicismo ou outras religiões não respondiam plenamente, como sinaliza Luís Aguiar Santos:

Este campo religioso [português], com a mudança nas relações com a Igreja hegemônica e o surgimento de redes, grupos e outras igrejas, articula-se, assim, a partir de escolhas dos indivíduos – e nestas interfere a percepção pelo indivíduo dos riscos, custos e benefícios envolvidos. Partindo daqui, poder-se-á observar e analisar o campo religioso português como um todo, integrando todas as expressões que fizeram e fazem a sua diferenciação – e por diferenciação entende-se a emergência de uma expressão religiosa com experiências, símbolos, ou princípios de fé que se distinguem ou de outras expressões ou dum padrão dominante num determinado campo religioso. A grande maioria desse campo é ocupado, nos séculos XIX e XX, por expressões cristãs – além da Igreja Católica Romana, pelas denominações

(grupos) e igrejas protestantes (mais recentemente também por igrejas ortodoxas). [...] As expressões não-cristãs incluem tanto expressões ligadas a correntes religiosas tradicionais (o judaísmo, o islão, o complexo religioso hindu, o budismo) como tais as restantes e a generalidade dos fenómenos religiosos, de maior ou menor organicidade. (SANTOS, 2002, p. 404-405)

Deste modo, diversas religiões/grupos/movimentos vão ganhando corpo e começam, aos poucos, a buscar seu espaço. Não por acaso, as lutas por permanência(s) (ou não) das práticas religiosas, das interpretações doutrinárias, enfim, do modo do(s) sujeito(os) se relacionar(em) com o sagrado, envolve, sobremaneira, o campo político. Há uma interconexão entre as ideias político-religiosas.

Como vimos, a partir de Pierre Bourdieu (2007, p. 58), é no “campo” que acontecem as disputas pela “autoridade religiosa”, isto é, os agentes religiosos disputando o monopólio do exercício legítimo de manipulação do poder religioso sobre os leigos e também a gestão dos bens de salvação. Quanto mais apoio dos leigos, mais poder os agentes dispõem no campo religioso ou até mesmo em outros campos. Deste modo, torna-se relevante refletir sobre os principais acontecimentos que dizem respeito à vida religiosa portuguesa nos séculos XIX e XX, importantes para a compreensão do contexto em que grupos sociais fiéis às primeiras ideias espíritas encontram seu espaço no campo religioso português.

Ressaltamos que não temos a pretensão e nem conseguiríamos construir uma história da religião em Portugal. Os silêncios inevitavelmente serão encontrados, não conseguiremos desvendar toda a complexidade que envolve o campo religioso português, mesmo fazendo uma seleção desta temporalidade. Assim, daremos atenção aos acontecimentos históricos e/ou movimentos socioculturais, principalmente religiosos, que mais se relacionam com nosso objeto de pesquisa.

Atentaremos para o que Carlos Moreira Azevedo (2000a, p. 11) em a *História Religiosa de Portugal* nos adverte:

O objecto de análise não se reduz à religiosidade institucional, mas à dimensão antropológica do sistema de sentido, que transcende os indivíduos. Assim, a religião baseia-se na capacidade da pessoa humana transcender a própria natureza biológica, através da construção de um conjunto articulado de significados objectivos e moralmente vinculativos. São processos sociais e individualizados que conduzem à construção do Eu. Não se identificando religião com auto transcendência, qual base antropológica, importa valorizar os relativos universos simbólicos, conscientes da incapacidade de controlar a expansão ilimitada dos fenómenos a compreender.

Temos o objetivo de ampliar nossas possibilidades de compreensão do objeto e assumir para além de uma análise institucional. Buscaremos valorizar os relativos universos simbólicos, mesmo compreendendo as nossas limitações na leitura das variantes na composição do campo religioso português. Interessa-nos, entender a capacidade do humano em construir, de forma simbólica, um conjunto articulado de significados que ganha sentido no campo social e se perpetua enquanto crença ou prática religiosa.

Em se tratando da produção historiográfica acerca da história religiosa de Portugal, destacamos: *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)* por Vitor Neto (1996); *História Religiosa de Portugal*, dirigido por Carlos A. Moreira Azevedo (2000); *A História de Portugal*, dirigida por Rui Ramos e outros (2009); *História Prodigiosa de Portugal – Vol. II, intitulada Magia & Mistérios* por Joaquim Fernandes (2015).

A partir dessas referências, sobretudo, percebemos que, no século XIX, a Igreja Católica continuava hegemônica, porém o cenário que se apresentava não era uniforme, mas sim plural. Havia diversas religiões e crenças que circulavam no espaço territorial português, inclusive a chamada religião popular⁸⁸. A presença francesa no território português no início do século XIX favoreceu para que houvesse essa diversidade religiosa. Os protestantes,⁸⁹ principalmente calvinistas, apesar de minoria, compunham o campo religioso português. Argumenta Vitor Neto (1996, p. 526) que o protestantismo na França foi um dos componentes do laicismo, cujas ideias liberais que se propagaram rapidamente no campo social francês chegavam com mais ênfase ao campo social português.

O efeito foi visto nas ações políticas de D. João VI, quando em Portugal, de regresso do Brasil, aprovou a Constituição de 1822, mas sua tentativa de transformar o absolutismo em uma monarquia constitucionalista, livre, não dura muito tempo⁹⁰. A iniciativa da Constituição de 1822 foi um marco quanto às lutas pela liberdade, as bases para o surgimento da democracia e de um campo político mais aberto.

Apesar das ideias liberais propagadas pela nova constituição, a abertura religiosa acontecia lentamente, já que no art. 25º se afirmava: “A Religião da Nação Portuguesa é a Católica Apostólica Romana. Permite-se, contudo, aos estrangeiros, o exercício particular de seus respectivos cultos.”, ou seja, só quem podia desfrutar da liberdade de culto era o

⁸⁸ Para Luís Aguiar Santos (2002, p. 406) “como a manifestação de uma vivência religiosa espontânea, sem nível de reflexão letrada, e transmitida aos indivíduos pelas famílias e comunidades locais, de uma forma que não se distingue do processo geral de socialização que assegura reprodução de valores e comportamentos.”

⁸⁹ Ver mais sobre o Protestantismo em Portugal: François Guichard, *Le Protestantismo au Portugal*. Arquivos do Centro Cultural Português, Paris, volume, XXVIII, 1990.

⁹⁰ “a Carta Constitucional de 1826 será reconhecida como o diploma em que se irão rever os liberais conservadores.” (HOMEM, 2000, p. 266-267)

estrangeiro, o que de certa forma vai incentivar a entrada de religiões diversas através da ação dos imigrantes.

Devido à atuação inicialmente dos estrangeiros, o século XIX vai ser marcado por intensas disputas no cenário religioso. A hegemonia Católica mobilizou estratégias para manter sua tradição, mesmo que isso significasse atuar junto a autoridades do campo político. De acordo com Luís Aguiar Santos (2002, p. 411), as mudanças no campo político do início do século XIX propiciaram, a partir de 1834, a existência de um processo de reconstrução.

As estratégias da Igreja Católica pareciam não conter o avanço da diversidade religiosa em Portugal. De acordo com Luís Aguiar (2012, p. 411), o criptojudaísmo⁹¹ fora, desde o século XVI, uma forma latente de diferenciação quase orgânica e as lojas maçônicas, a partir do século XVIII, foram introduzindo essa organicidade de forma patente.

A Igreja Presbiteriana, em meados dos anos de 1875, foi reorganizada por António de Matos, primeiro na capital portuguesa e depois na Ilha da Madeira. Matos criou estruturas duráveis que serviram de base para formação das primeiras comunidades presbiterianas de língua portuguesa. (NETO, 1996, p. 531)

Segundo Vitor Neto (1996, p. 532), entre os séculos XVI e XIX, a reforma não teve influência significativa em Portugal, embora alguns de seus ecos possam ser detectados. Nas primeiras décadas do século XIX, a Inquisição não deixou de levantar as suas suspeitas sobre alguns indivíduos. Todavia,

a ordem jurídica liberal que se consolidou na segunda metade de Oitocentos foi possibilitando uma lenta organização de facto da diferenciação religiosa em redes e grupos: esta organização escudava-se nos direitos individuais de consciência, associação e imprensa, reconhecidos pela nova ordem jurídica (a Carta Constitucional de 1826 reconheceu as liberdades de consciência e imprensa e o Código Civil de 1867 a liberdade de Associação). (SANTOS, 2002, p. 411)

Em fins do século XIX, o *modern spiritualism* chega ao campo religioso português e traz consigo o Espiritismo, lançado na França em 1857. É uma doutrina que diz racionalizar o conhecimento do “sobrenatural”. Acredita Luís Aguiar Santos (2002, p. 413) que a Igreja, num primeiro momento, tenha se acomodado nas suas ações contra as novas doutrinas, as quais chegavam ao campo religioso português, o que gerou um aumento das expressões religiosas neste século.

⁹¹ Judeus que realizavam culto em segredo.

No século XX, as autoridades da ICAR acreditam estar perdendo seu espaço de domínio no campo, o que faz com que a instituição católica modificasse suas ações ou mesmo suas estratégias de ação. O Concílio Plenário Português de 1926, segundo Luís Aguiar Santos (2002, p. 414), foi uma alternativa para que o modelo de mobilização fosse corporizado na Ação Católica⁹² (1933-1974). A ideia era reduzir a indiferença, o movimento era de recristianização, que passava pelo modelo de vivência eclesiástica. Acredita Luís A. Santos (2002, p. 414) que apesar do esforço ter melhorado o funcionamento orgânico da estrutura eclesiástica, não conseguiu “reconquistar” sua antiga autoridade, nem reduzir a diferenciação dentro da própria Igreja.

Tais resultados deram-se numa época em que, após cerca de 100 anos de liberalismo, a diferenciação religiosa na sociedade portuguesa já avançara suficientemente para tornar extremamente difícil uma tal regressão ao modelo da uniformidade – sobretudo essa uniformidade pretendesse ser construída apenas a partir das estruturas eclesiásticas e sem o apoio da coerção do Estado.” (SANTOS, 2002, p. 414)

Apesar de não conseguirem uma uniformidade, as autoridades da Igreja Católica constroem uma importante parceria com o campo político durante o regime salazarista em que, além do apoio do governo à sua instituição, acaba criando algumas leis regulatórias. Mesmo pregando uma “liberdade” religiosa aparente, o Governo, na prática, passa a considerar diversos movimentos religiosos, durante uma boa parte do século XX, como práticas públicas ilegais.

O Espiritismo no campo religioso teve, nesse período, uma grande redução nas suas práticas, principalmente a partir de 1953, quando a Federação Espírita Portuguesa e diversos centros espíritas foram fechados e tiveram seus bens confiscados. O movimento espírita ficou reduzido a um movimento familiar e/ou clandestino. Acontecia principalmente nos lares, apesar das exceções, pois, nesse período, alguns raros centros espíritas funcionavam e um único periódico havia em circulação, a *Revista Estudos Psíquicos*. A *Revista Fraternidade* começa a circular a partir de 1963.

Encontramos na *História Religiosa de Portugal* muitos silêncios no que se refere à história do movimento espírita português. No terceiro volume dessa obra, há um único artigo de quatro páginas que trata acerca do Espiritismo, este artigo é intitulado *O Espiritismo e os*

⁹² “A Ação Católica no Brasil nasceu com o mesmo espírito que Pio XI desejava, ou seja: uma associação de católicos que, a partir do seu próprio ambiente, participa ativamente da missão apostólica da Igreja. O papel inicial da Ação Católica Brasileira foi a defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política.” (SOUZA, 2006, p. 48)

limites culturais da diferenciação, do pesquisador Luís Aguiar Santos (2002), enquanto que no *Dicionário de História Religiosa de Portugal* não há nenhuma citação direta ao Espiritismo.

Diante de tais constatações, após a leitura dessas obras, nos questionamos a respeito do porquê da ausência do tópico ‘Espiritismo’. Teria o Espiritismo uma participação limitada no campo religioso português? O que esse silêncio acadêmico nos revela? Poderíamos afirmar que os espíritas portugueses não acreditassem estar seguindo uma religião?

O Espiritismo, como vimos, tem sua origem demarcada através da publicação de *O Livro dos Espíritos*, em 1857, por Allan Kardec. Esta obra estava essencialmente conectada com o contexto da época, ou seja, era uma doutrina que trazia soluções quanto às explicações de fenômenos tidos como “sobrenaturais”. Mas antes dos primeiros indícios do Espiritismo em Portugal, de acordo com Joaquim Fernandes (2015, p. 174), os lusos não escaparam aos fenômenos das mesas girantes⁹³, pelo contrário, na primavera de 1853, era tido como um divertimento da classe burguesa. Segundo o autor, esta nova prática não viera substituir as sessões de magnetismo animal, em uso desde há uma década na cultura popular urbana portuguesa.

De acordo com Joaquim Fernandes (2015, p. 175-177), José Maria Latino Coelho⁹⁴ foi o primeiro acadêmico português a estudar o fenômeno das mesas girantes, esclarece ainda que o fenômeno que antes parecia ser um absurdo, poderia ser considerado um fenômeno natural, explicado por uma visão racional e técnica.

Em Lisboa, de acordo com Joaquim Fernandes (2015, p. 179), o entusiasmo logo invadiu salões e cafés. O Grêmio Literário ou Café Marrare, na Baixa Lisboa, era um dos locais preferidos pelos lisboetas adeptos das “Mesas Girantes”, lugar bastante frequentado pela alta sociedade, e acadêmicos que as experimentavam e afirmavam ser reais os seus fenômenos. O Dr. José Vicente Barbosa du Bocage⁹⁵ era outro que compartilhava das mesmas conclusões de José Coelho, quando afirma que:

O movimento de rotação é real, é evidente: os incrédulos que experimentem e convencer-se-ão; cadeia (magnética) pode estabelecer-se de diversos modos; a direção do movimento não depende de ser ímpar ou par o número de experimentadores e a direção é facilmente indicada pela direção dos

⁹³ Ver mais em: FERNANDES, Joaquim. Mesas Girantes In: História Prodígiosa de Portugal, vol. II – Magia & Mistérios, 2015, p. 171.

⁹⁴ Engenheiro militar, jornalista, par do Reino, deputado, Ministro da Marinha, lente da Escola Politécnica de Lisboa e secretário perpétuo da Academia Real das Ciências. (FERNANDES, 2015, p. 176)

⁹⁵ “Zoólogo de reputação, curador do Museu de História Natural de Lisboa, notável ensaísta sobre a fauna do Império, conselheiro e ministro da Marinha e dos Negócios Estrangeiros.” (FERNANDES, 2015, p. 182)

dedos ou das mãos sobrepostas; chega-se exatamente aos mesmos resultados com homens ou mulheres; objetos de vidro não são refratários (isoladores) ao movimento; o movimento não pode considerar-se como resultado de impulsões involuntárias e inapercebidas que cada um dos experimentadores imprima, sem consciência, ao objeto em que se experimenta. (BOCAGE *apud* FERNANDES, 2015, p. 183-184)

Posteriormente, a popularização das “mesas girantes” chega a outras classes sociais. As questões abertas acerca desses fenômenos geram uma demanda nos leigos que aguardam respostas. Os espiritualistas americanos divulgavam no texto editado pelo *Brás Tisana* (Jornal Portuense) que o fenômeno era encarado como uma possibilidade de comunicação com espíritos, seres inteligentes, enquanto que no campo científico, o físico francês Jacques Babinet esclarece que tais fenômenos se tratavam de impulsos involuntários físicos. Babinet tirava todo o efeito sobrenatural do fenômeno em si. (FERNANDES, 2015, p. 199-210),

O Prof. Hippolyte L. D. Rival, após sua análise do fenômeno das mesas girantes, se convence da existência de seres inteligentes por trás daqueles fenômenos, e a partir de então aprofunda suas pesquisas, fruto que deu origem ao *O Livro dos Espíritos* (1857). Os espíritas argumentavam que o “sobrenatural” podia agora ser explicado, compreendido. Todas as questões sem respostas poderiam ser compreendidas através de leis (naturais ou divinas), até então desconhecidas, que regiam a natureza física e espiritual.

De acordo com Luís Aguiar Santos (2002, p. 477), o Espiritismo tem empreendido uma forma de resistência às concepções materialistas, ao tempo que teve inspirações em crenças ancestrais como a “reencarnação”. O Espiritismo em Portugal, com inserção semelhante ao Brasil, vai encontrando espaço, principalmente nos periódicos.

O Espiritismo se inseriu em Portugal a partir de periódicos oitocentistas. De acordo com Luis Aguiar Santos (2000, p. 477), poderíamos citar: (1) *A Aurora d'Além Túmulo*⁹⁶ (Ponta Delgada, 1879); (2) *O Espiritismo*⁹⁷ (Lisboa, 1887); (3) *Revista Espírita do Porto*⁹⁸ (Porto, 1896); *Revista Psychismo* (1899). Entretanto,

[...] esta primeira presença espírita não frutificou, restringindo-se provavelmente a pequenos grupos de curiosos que a entenderiam como pouco mais que uma compensação; só os contactos com o espiritismo internacional em vias de organização institucional criariam condições (e disponibilizariam recursos necessários) para ampla difusão das doutrinas e o

⁹⁶ Revista Semanal de litteratura espírita michaelense. Propri. Manuel Maria da Câmara; Typ. De Manuel C. Botelho (SANTOS; RAFAEL, 2001, p. 86).

⁹⁷ Jornal de Estudos Psychologicos; typographia Popular.

⁹⁸ Órgão dirigido por Claudino Netto.

estabelecimento dos primeiros grupos permanentes. (SANTOS, 2002, p. 477)

Joaquim Fernandes (2015, p. 253), na obra *História Prodigiosa de Portugal – Vol. II, intitulada Magia & Mistérios*, relata no capítulo 7 – Espiritismo na *Belle Époque*, que em 16 de setembro de 1900, o *Jornal de Notícias* em Porto, trazia o tema “O Espiritismo no mundo. As almas do outro mundo.” Relata o autor que a novidade incentivou a curiosidade das famílias portuenses a respeito de informações, que desencadearam as experiências domésticas e as inesperadas revelações sobre contatos com espíritos.

De acordo com Luis Aguiar Santos (2002, p. 477), o movimento espírita português começa a se fortalecer após o contato de autoridades portuguesas com autoridades espíritas de outras nações, principalmente francesas. De acordo com Manuela Vasconcelos (2015, p. 10), José Alberto de Sousa Couto participou do Congresso Espiritualista de Paris, em 1900. Alguns anos depois, em 1905, vem a público o lançamento da primeira edição da revista portuguesa *Estudos Psychicos – Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental* (1905-1909).

A revista contou com colaboradores de diversos países: Laurent de Faget⁹⁹ (França), De Reyle¹⁰⁰ (França), Marzorati (Itália), Roso de Luna (Espanha), Wolowski, Dr. Maxwell, Quintin Lopes (Espanha) e Martins Velho (Portugal). Espíritas influentes em Portugal e na Europa que, junto com Sousa Couto, buscavam aprofundar o conhecimento espírita voltado aos estudos psíquicos e à Psicologia. Seu diretor, Sousa Couto (1905, p. 1), argumenta que as pesquisas vão se servir de rigorosa observação e experiência, incidindo na flagrância dos fatos externos e submetendo-os ao método positivo, de indução, iniciado pelos Bacon, e firmados segura e principalmente por Comte, Littré, Mill e Spencer, dessa forma, ele reafirma o caráter científico da revista.

Luís Santos (2002, p. 477) afirma que os primeiros centros espíritas que tiveram suas atividades conhecidas surgiram em Lisboa e no Porto em 1911, denominados como centros

⁹⁹ “Adolphe-Laurent de Faget - Poète et publiciste, né Le 8 octobre 1846, á Montpellier. Entre temps, cet écrivain donnait une quantité considérable d’articles á des revues et des journaux, sur la philosophie en general et, plus particulièrement, sur Le spiritisme. Rédacteur em chef du journal Le Spiritisme, remplacé em 1894 par Le Progrés Spirite, qu’il dirige, président du Comité de propagande spirite, á Paris: longtemps membre du comité directeur de l’Académie des Letres, Sciences et Beaux-Arts de la province, M. Laurent Faget fait partie, em outre, de la Société des auteurs, éditeurs et compositeurs de musique.” (CURINIER, 1919, p. 150-151)

¹⁰⁰ Poeta Francês, publicou o livro *Páginas de Amor* (1902).

n.1 e n.2 do Universal Science Instituto, dirigidos por Gilberto S. Marques¹⁰¹. Manuela Vasconcelos aponta que ele esteve no 1º Congresso Espírita Universal¹⁰².

A difusão do Espiritismo no campo religioso português não ficou a cargo apenas de autoridades intelectuais e institucionais, como Sousa Couto e Gilberto Marques. No dia 6 de agosto de 1865, em Loures, nas intermediações de Lisboa, nascia Fernando Lacerda¹⁰³ que se destacou no campo religioso português, através do domínio de suas práticas religiosas, a mediunidade.

No livro *Fernando de Lacerda, o médium Português*, Manuela Vasconcelos (2009) afirma que ele, após a sua conversão ao Espiritismo na primeira década do século XX, teria várias comunicações mediúnicas de espíritos de grandes escritores da literatura portuguesa e de diversas personalidades estrangeiras. Em 1908, a Associação Luz no Caminho, de Braga, edita o primeiro e o segundo volume de sua obra *Do País da Luz*. Em 1911, publica o terceiro volume e em 1926, no Brasil, veio à público uma reedição pela FEB com a inclusão do quarto volume dessa coletânea¹⁰⁴ e autorização dos familiares de Fernando de Lacerda.

Em 1911, "em decorrência dos tumultos políticos provocados em Portugal pelo estabelecimento da República" (AUBRÉE, 2001, p. 147), Fernando Lacerda se mudou para o Rio de Janeiro, onde foi bem acolhido pela Federação Espírita Brasileira. No mesmo período, o movimento espírita português começava a se organizar politicamente. Manuela Vasconcelos (2015, p. 444) e Luís Santos (2002, p. 478) afirmam que a Aliança Neoespiritualista Portuguesa foi fundada em 1912, por Gilberto Marques, que também lançou o periódico quinzenário *Novos Horizontes* (1913) e criou o Instituto Português de Psicologia. Para Santos (2002, p. 478), o surgimento dos novos centros espíritas, de Lagos e de Braga, dão início ao crescimento de grupos e periódicos que marcarão a I república.

A Igreja Católica não vai assistir a essa expansão em silêncio. Sua autoridade hegemônica no campo religioso português vai ser notada principalmente através da imprensa. Joaquim Fernandes (2017, p. 259) cita o jornal católico *A palavra* como um dos mais reativos.

¹⁰¹ "Diplomado com o Curso Superior de Comércio pelo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, antigo director e professor da escola industrial e comercial 'Nun'Álvares', de Viana do Castelo, doutor pela Faculdade de Medicina da International University" (VASCONCELOS, 2015, p. 444)

¹⁰² "1º Congresso Espírita Universal, realizado em Bruxelas de 14 a 18 de Maio de 1910, onde foi criado o 'Bureau International Du Spiritisme', com sede em Liège (Bélgica), sendo nomeado, em 5 de Julho de 1911, delegado do Bureau em Portugal. Para poder participar do 2º Congresso Espírita Universal cria a 'Aliança Neo-Espiritualista Portuguesa', com sede na Rua de Infantaria 16, nº. 51, 3º Dtº., e da qual fazem parte os espíritas que conseguiu reunir para o efeito." (VASCONCELOS, 2015, p. 445)

¹⁰³ Saiba mais: Manuela Vasconcelos, Fernando de Lacerda, o médium português. Lisboa: Comunhão Espírita Cristã, 2009.

¹⁰⁴ Todos esses autores se expressaram pelas mãos de Fernando de Lacerda: Eça de Queiros, Littré, Tolstoï, Victor Hugo, Antero de Quental, Michelet ou Teresa de Ávila. (AUBRÉE, 2012, p. 147)

Em suas páginas, enfrentava a divulgação espírita realizada pelo *Jornal de Notícias*. Após os sucessivos ataques ao movimento espírita, realizados pelos jornais católicos, *A Palavra*, *A Nação* e outros, o movimento espírita vai presenciar sua maior expansão no campo religioso português. Conforme Santos:

Os distritos de Lisboa, Porto e Faro foram aqueles em que esse crescimento foi maior, mas, na década de 1920, existiam centros espíritas em 16 distritos do continente e ilhas: o espiritismo estava já então presente em cerca de meia centena de localidades e contava duas dezenas de periódicos, publicados no Barreiro, Beja, Braga, Évora, Funchal, Leiria, Lisboa, Portimão, Porto e Tomar. (SANTOS, 2002, p. 478)

Enquanto no Brasil, a Federação Espírita havia sido fundada em 1884, em Portugal, a Federação Espírita Portuguesa só veio a ser criada um ano após a realização do I Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa no ano de 1925. O impulso inicial à fundação da Federação Espírita Portuguesa em 26 de maio de 1926, foi dado, de acordo com Luís Aguiar Santos (2002, p. 478), por 12 centros espíritas e principalmente médicos e militares espíritas. O comerciante Antônio Castanheira foi um dos seus fundadores e o advogado Afonso Acácio Martins Velho, o primeiro presidente.

Nos seus estatutos, a FEP declarava ser seu objectivo a integração «na grande corrente neo-espiritualista do pensamento científico contemporâneo» de todos os grupos e centros espíritas do país; para isso, tentou implantar mais centros por todo o território (surgiram em 1926 o Centro Espírita Amor e Caridade em Viseu, em 1927 a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas e em 1928-1929 mais seis centros) e lançou duas revistas bimestrais de publicação alternada, a *Revista de Espiritismo* e o *Mensageiro Espírita*. (SANTOS, p. 478)

O movimento espírita português parecia caminhar para sua consolidação no campo religioso. Existia uma Federação mais forte, com cada vez mais filiados, mais autoridade; existiam também cerca de cinquenta centros espíritas filiados e vinte periódicos que circulavam no campo religioso português. Mas, essa expansão retroagiu em função da II Guerra Mundial. De acordo com Luís Santos (2002, p. 478), apesar da inauguração de sedes próprias em Lisboa e Porto, bem como da fundação de novas revistas (*Estudos Psíquicos*, 1939, dirigida por Isidoro Duarte Santos e a *Revista de Metapsicologia*, 1949, dirigida pelo coronel Faure da Rosa), o número de centros espíritas no início da década de 50 reduziu para aproximadamente para trinta.

Em 25 de janeiro de 1953, foi inaugurado, pelo departamento científico da Federação Espírita Portuguesa, o Laboratório de Estudos Metapsíquicos, sendo seus diretores: Luís Avelar Aguiar, Ramiro da Fonseca e Estevão da Silva. António Castanheira era o então presidente da Federação Espírita Portuguesa (*Revista Metapsicologia*, n. 1, 1953, p. 26). O spiritismo português seguia uma ênfase científica mais destacada entre as demais bases da doutrina espírita. O repórter Z (*Revista Metapsicologia*, n.2, p. 37, 1953) parecia sintetizar aquele momento, reproduzindo uma frase atribuída a Allan Kardec: “O Espiritismo, ou será científico ou não terá razão de existir”.

O campo religioso português não tinha lugar apenas para os centros com ênfases científicas, reconhecidos pela FEP. Luís Santos (2002, p. 478) afirma que existiam grupos de religiosidade popular, que muitas vezes recorriam à doutrina espírita. Esses eram continuamente denunciados pela FEP, pois os federados acreditavam que as atividades por eles desenvolvidas eram incompatíveis com o Espiritismo. Relata o autor que a FEP visava demarcar suas práticas, porém, para o grande público, esta distinção era sutil.

De facto, o spiritismo debatia-se, nas suas franjas de adesão mais «popular», com a concorrência destes fenómenos, enquanto, junto da sua audiência de cultura letrada, continuava a lutar pelo reconhecimento da sua seriedade «científica» [...] Nessa tentativa de afirmação «científica», o spiritismo encontrava pela frente a resistência da cultura científica dominante na universidade e na intelligentsia, pouco predisposta a cedências «espiritualistas» devido à sua marca positivista. Simultaneamente, a forma como Kardec e a doutrina espírita reinterpreta o Evangelho, fazendo de Jesus um ser espiritual bem diferente do da cristologia ortodoxa, fazia dos espíritas um género de cristãos heterodoxos, que indispunham a Igreja Católica e os protestantes; na realidade, a grande parte dos espíritas diziam-se e dizem-se cristãos, vendo o kardecismo de forma compatível com o cristianismo. (SANTOS, 2002, p. 478-479)

A ação da Federação Espírita Portuguesa não teve sucesso com o governo de António Salazar. Ficava claro que as ações do Governo reproduziam a demanda das classes dominantes. A Igreja Católica tinha uma autoridade ante o Governo de Salazar de forma mais destacada. As ideias espíritas no campo religioso português eram um incômodo à comunidade cristã e ao campo científico dominante.

O salazarismo foi a mais longa ditadura da Europa. Fernando Rosas (2012), na sua obra *Salazar e o Poder – a Arte de Saber Durar*, busca compreender quais os fatores que

propiciaram a duração¹⁰⁵ do regime salazarista. Aponta Fernando Rosas (2012, p. 18) que os principais fatores do “saber durar” foram: (1) o papel da violência preventiva e repressiva; (2) as forças armadas; (3) A Igreja Católica¹⁰⁶; (4) O corporativismo; (5) Composição dos interesses dominantes; (6) a apetência totalitária; (7) o “homem novo”, ou seja, a construção de uma identidade.

Dentre os aspectos apontados, acreditamos que, motivados pelo pensamento da Igreja Católica e da composição dos interesses dominantes, o Governo de Salazar indeferiu a solicitação da Federação Espírita Portuguesa. Em 1953, a FEP buscava ser amparada pela nova legislação¹⁰⁷ relativa a entidades pedagógicas ou científicas. Ela submeteu ao Ministério da Educação Nacional a aprovação dos seus estatutos. A ideia era ter um reconhecimento oficial de suas atividades, porém, além de indeferir o pedido, a FEP teve suas atividades suspensas por um despacho do governo, que não a reconhecia como entidade pedagógica ou científica. Em dezembro do mesmo ano, a sede da FEP em Lisboa foi encerrada e selada e, em 1962, outro despacho ordenou que os seus bens fossem arrolados e vendidos (SANTOS, 2002, p. 479).

O duro golpe realizado pelo Governo de António Salazar ao movimento espírita português não ficou restrito às ações contra FEP. Luis Santos (2002, p. 479) afirma que após 1953, quase todos os centros espíritas do campo religioso português foram encerrados, considerados ilegais, à exceção de cinco instituições espíritas¹⁰⁸, do periódico *Estudos Psíquicos*, de Isidoro Duarte Santos, e a partir de 1963, com a revista *Fraternidade* dirigida por Eduardo Matos Fernandes, recém inaugurada, conseguiu se manter.

Parecia que a ideia era só atacar a ênfase científica da doutrina espírita. Em 1971, a nova lei de liberdade religiosa incluiu (no ponto 2) uma menção específica a não serem ‘consideradas religiosas as actividades relacionadas com os fenómenos metapsíquicos ou parapsíquicos’ (disposição que, curiosamente, era mantida numa proposta de revisão da lei apresentada, mais de 20 anos depois, pela Aliança Evangélica Portuguesa). (SANTOS, 2002, p. 479)

¹⁰⁵ Precisamente 48 anos de ponta a ponta (1926-1974), estando incluso nesse transcurso a Ditadura Militar (1926-1933), o Estado Novo Salazarista que dela saiu (1933-1968) e a ponta final do marcelismo (1968-1974). (ROSAS, 2012, p. 13).

¹⁰⁶ Art. 140.º As missões católicas portuguesas do ultramar e os estabelecimentos de formação do pessoal para os serviços delas e do padroado terão personalidade jurídica e serão protegidos e auxiliados pelo Estado, como instituições de ensino e assistência e instrumentos de civilização, nos termos das concordatas e mais acordos celebrados com a Santa Sé. (Constituição Portuguesa de 1933).

¹⁰⁷ O decreto-lei n.º37 545 de 8 de Setembro de 1949 conferia a prerrogativa de zelar pelos padrões científicos e pedagógicos de todo o ensino, público e particular, ministrado no país (SANTOS, 2012, p. 479).

¹⁰⁸ Duas em Lisboa: uma era Centro Espiritualista Luz e Amor, uma no Porto, Associação Espírita de Lagos e uma em Leça da Palmeira.

Embora o autor Luís Santos (2002, p. 479) afirme que eram realizadas conferências de temática espírita por todo o país, elas foram bastante reduzidas e não deixavam de ser vigiadas. Até 1974, o movimento espírita português, em grande medida, se resume a um movimento espírita mais familiar, só retornando de forma pública e livre, após a queda do regime salazarista. Só em fins da década de 1970, a FEP foi reaberta, reestruturada, (re)organizada, fato que contou com a ajuda de autoridades espíritas brasileiras.

Luís Santos (2002, p. 480) afirma que em fins da década de 90, o campo religioso português atingiu cerca de 20 instituições, enquanto que, segundo Manuela Vasconcelos (2015, p. 520-522), em 2003, havia 60 centros/associações espíritas federadas. Nos dias atuais (2018), a ADEP - Associação de Divulgadores do Espiritismo de Portugal, na última atualização realizada por eles (do dia 30 de abril de 2018) indica que o campo religioso português possuía 123¹⁰⁹ instituições espíritas.

¹⁰⁹ lista disponível em: http://adep.pt/wp-content/uploads/2018/05/2018_04_30_centros_espíritas_portugueses.pdf, acessado em 20 de maio de 2018.

3.2 – Entre Campos – O Intercâmbio espírita Brasil-Portugal e a (re)construção do espiritismo português (1940-1980)

Para nos auxiliar nessa leitura histórica, fundamentaremos nossa análise em Pierre Bourdieu (2007). Para ele, os agentes religiosos ou as autoridades religiosas são reconhecidos a partir de uma teia de sociabilidades e a tudo que os liga em busca da autoridade religiosa no campo de disputa. Para tanto, cada agente, conhecendo o seu lugar no campo que não é fixo, é simbólico e assim terá suas próprias estratégias de ação, que serão repercutidas nas suas práticas culturais/sociais. Compreender essas relações sociais é o grande desafio, pois nem tudo está visível nesse jogo de disputas, em busca da autoridade, da hegemonia, de ter para si o poder de consagração da autoridade, inclusive em outros campos.

Dentre os agentes religiosos, utilizamos a divisão proposta pela pesquisadora Célia Arribas (2014), que pedagogicamente apresenta três tipologias de autoridades religiosas: Intelectual, Institucional e Carismática. A proposta é mesclar as tipologias desses tipos de autoridades religiosas com as categorias que fazem referências histórico-religiosas, construídas através da experiência espírita no Brasil, apresentadas por Bernardo Lewgoy (2008) no ensaio inicial acerca da temática: *A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: uma discussão inicial*,

Bernardo Lewgoy (2008), em seus estudos, identifica um tipo de Espiritismo transnacional brasileiro, fundado na formação de grupos de imigrantes que, movidos numa afirmação identitária, exportavam referências histórico-religiosas espíritas brasileiras, a “brasilianização”. Ou seja, os imigrantes pretendiam simultaneamente ter laços com a origem brasileira e afirmarem-se universais. Para tanto, classifica as referências resultantes da experiência espírita brasileira como: o modelo federativo da FEB; organização e funcionamento dos centros espíritas; o *ethos*, os estilos rituais, as ênfases praticadas pelo kardecismo no Brasil e a incorporação patrimônio bibliográfico do Espiritismo brasileiro, especialmente as obras psicografadas por Chico Xavier e Divaldo Franco.

Apoiados em Bernardo Lewgoy (2008), pretendemos reconhecer tais referências históricas do Espiritismo brasileiro, no intercâmbio Brasil-Portugal de (re)construção do movimento espírita português, junto à categoria “espiritual”, propulsora das demais categorias levantadas por Lewgoy (2008). Essa categoria transcende as demais, por ser a que legitima em grande medida as ações das autoridades religiosas, principalmente fora do campo religioso brasileiro, se apresentando enquanto “missão espiritual”.

Acreditamos que o uso do conceito “brasilianização” nos traz problemas no campo da hermenêutica, haja vista que o nome por si já caracteriza um caminho de via única, apontando para um movimento de exportação de referências, distante das trocas culturais, religiosas, dos campos envolvidos, apresentando apenas mudanças no campo receptor. Porém, no processo histórico que desencadeou na (re)construção do movimento espírita em Portugal, percebemos que as trocas culturais entre esses campos são bem mais profundas e dinâmicas do que uma simples exportação.

A “categoria transcendental ou espiritual”, em especial, foi construída com base numa tradição espírita brasileira, que reforça o caráter missionário do Brasil, uma ressignificação do Brasil enquanto “terra da promessa”, “terra do porvir”, essa categoria traz consigo uma responsabilidade missionária, de motivar ações das autoridades religiosas espíritas brasileiras em outros campos religiosos, reproduzindo as práticas e interpretações espíritas reconhecidas no seu campo religioso, a se reproduzir em uma “missão espiritual”, embasada principalmente na obra de Francisco Cândido Xavier, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938).

Procuramos compreender o processo de (re)construção do movimento espírita português, através da análise principalmente da *Revista de Estudos Psíquicos*, órgão mais influente em Portugal, durante o período de declínio e (re)nascimento do movimento espírita português (1940-1980).

A *Revista Estudos Psíquicos – Revista de Estudos Psíquicos e Neoespiritualismo Experimental*¹¹⁰ foi [re]fundada em 1939 por Isidoro Duarte Santos e sua esposa Maria Gonçalves Duarte Santos, com o apoio do brasileiro Chelmicki Afflalo do Rio de Janeiro. A revista foi impressa, inicialmente, pela tipografia Silvas¹¹¹. Fizeram ressurgir o título de uma revista que tinha circulado em Portugal na primeira década do século XX. A primeira versão era chamada de *Estudos Psychicos – Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental* e fora fundada pelo advogado José Alberto de Sousa Couto¹¹², tendo seu primeiro número circulando em junho de 1905 e seu último, em 1909.

No fim do século XIX e início do século XX, foi o período de expansão do movimento espírita português através dos inúmeros periódicos, que circulavam Portugal, como: a *Aurora d’Além Túmulo* (1879), *O Espiritismo* (1887). Em 1896, era fundada, por Claudino da Silva

¹¹⁰ Redação e Administração – Rua do Salitre, n. 149, ^a, 1^o a direita, Lisboa.

¹¹¹ Tipografia Silvas, ltd – Rua D. Pedro V, 120.

¹¹² Era filho de José Alberto de Sousa, natural de Sandim - distrito do Porto, rua das Colchas, n. 4.

Neto, na cidade do Porto, a *Revista Espírita do Porto* (1896-1910), o periódico *Psychismo* (1899) e *Estudos Psychicos* (1905).

A primeira versão da revista portuguesa *Estudos Psychicos – Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental* (1905-1909), nos seus primeiros números, constavam os seguintes colaboradores: Laurent de Faget¹¹³ (França), De Reyle¹¹⁴ (França), Marzorati (Itália), Roso de Luna (Espanha), Wolowski, Dr. Maxwell, Quintin Lopes (Espanha) e Martins Velho (Portugal), espíritas influentes em Portugal e na Europa que, junto com Sousa Couto, buscavam aprofundar o conhecimento que naquele momento estava em expansão, os estudos psíquicos e a Psicologia, os quais reafirmavam seu caráter científico.

Ao utilizar como fonte primária *Revista de Estudos Psíquicos* (1939-1985), reconhecemos sua autoridade de porta-voz do espiritismo, não só no campo religioso português. A Revista atuava em diversos países e em todos os de língua portuguesa. Seu diretor Isidoro Duarte Santos alcança o cargo de presidente da Federação Espírita Portuguesa, nos primeiros momentos de sua (re)abertura, cargo que exige um reconhecimento entre seus pares.

Entre esse período de ascensão, queda e renovação do espiritismo no campo religioso português, percebemos através da *Revista Estudos Psíquicos* que ela funcionou como vetor de fortalecimento desse intercâmbio religioso principalmente entre os anos de 1940-1980. A partir da análise, dividimos esse período em três etapas: (a) O Espiritismo nas páginas da *Revista Estudos Psychicos* (1905-1909) e a ascensão do Espiritismo “brasileiro” na *Revista Estudos Psíquicos* (1940-1955); (b) Intercâmbio fortalecido - autoridades espíritas portuguesas no campo religioso brasileiro (1955- 1965); (c) o papel das autoridades espíritas brasileiras na (re)construção do movimento espírita português (1965-1980).

Essa luta é protagonizada pelos agentes religiosos, que lutam numa perspectiva macro, buscando ser a religião hegemônica, e micro, almejando ser a autoridade religiosa mais representativa dentro daquela religião e/ou crença. Dentro dessa perspectiva, a autora Célia Arribas (2014), na sua tese intitulada: *No Princípio era o Verbo – Espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira*, contribui, quando separa os tipos de autoridades religiosas presentes no movimento espírita brasileiro. Porém, a partir de uma perspectiva macro, estas

¹¹³ Adolphe-Laurent de Faget - Poète et publiciste, né Le 8 octobre 1846, á Montpellier. Entre temps, cet écrivain donnait une quantité considérable d'articles á des revues et des journaux, sur la philosophie en general et, plus particulièrement, sur Le spiritisme. Rédacteur em chef du journal Le Spiritisme, remplacé em 1894 par Le Progrés Spirite, qu'il dirige, président du Comité de propagande spirite, á Paris: longtemps membre du comité directeur de l'Académie des Letres, Sciences et Beaux-Arts de la province, M. Laurent Faget fait partie, em outre, de la Société des auteurs, éditeurs et compositeurs de musique. (CURINIER, 1919, p. 150-151)

¹¹⁴ Poeta Francês, publicou o livro *Páginas de Amor* (1902).

mesmas categorias poderiam ser utilizadas para ajudar a compreender as ações desses tipos ideais de autoridades religiosas espíritas em outros lugares.

As autoridades religiosas ou os agentes religiosos espíritas são tratados pela pesquisadora Célia Arribas (2014, p.135-136) como “Clero” Espírita. O conceito tratado não parece ser o ideal, pois a autora argumenta que o clero, aqui, não se trata de um corpo de especialistas dedicados a uma igreja institucionalmente constituída. Ela busca então desatrelar o conceito originário de clero da instituição eclesiástica e propõe um conceito que seja exportável a outras denominações religiosas.

No modelo proposto por Célia Arribas(2014, p. 137), primeiro se define o que é o “clérigo” de forma geral para depois seguir as suas categorias específicas. Ela define clérigo em quatro pontos: (1) o clérigo é uma pessoa religiosa; (2) ele é o especialista de uma tradição religiosa determinada; (3) ele é membro de um corpo sacerdotal, agente legítimo de uma instituição; (4) ele pode exercer um poder sobre a sociedade.

O clérigo, segundo Célia Arribas (2014, p. 137) é um *expert* da religião, que trabalha com base em uma tradição religiosa determinada e que o seu papel social, dentro da mesma, vai depender do lugar e do valor dessa determinada religião na sociedade e na tradição religiosa particular à qual ele serve. Ele carrega em si uma aura divina, caracteres simbólicos, “mágicos”, é o portador da mensagem religiosa, que para Bourdieu (2007, p. 46) é um efeito de consagração. Em outras palavras, Pierre Bourdieu (2007, p. 47) afirma que “a religião permite a legitimação de todas as propriedades [arbitrárias] características de um estilo de vida singular, [...] associadas a este grupo/classe, na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social”.

De acordo com Célia Arribas (2014, p. 141-143), o agente espírita que detém alguma legitimidade no meio pode acionar, ou mesmo se utilizar de três formas de autoridade: (1) autoridade carismática; (2) autoridade institucional e (3) autoridade intelectual. Essa separação é justificada pela autora, pois, “defini-las somente como componentes do “clero espírita” talvez esconda o fato de haver uma série de diferenciações entre elas – às vezes tênues, outras vezes nem tanto – em termos de atributos, competências, habilidades, ou se preferir, de disposições sociais e de *habitus*.” (ARRIBAS, 2014, p. 142).

Ainda segundo Célia Arribas (2014, p. 143), tipificar esses três tipos ideais de autoridade nos ajuda a elucidar as fontes de legitimação no espiritismo. Só assim, começaremos a entender a dinâmica própria desse segmento religioso, principalmente de seu corpo de especialistas. Antes de tudo, é preciso ressaltar que independente da forma de autoridade, há, em todas as ações tipificadas no padrão ideal dos protagonistas espíritas, a

prática comum da caridade. (ARRIBAS, 2014, p. 143) A caridade é expressão de um *ethos*, baseado na moral cristã.

A (1) **autoridade carismática** – se funda no carisma pessoal ou a partir de meios ditos “mágicos”. Numa religião mediúnica como o espiritismo, aquele que domina a prática mediúnica, que consegue exercer sua faculdade mediúnica seguindo os princípios doutrinários espíritas, consegue destaque no seu campo religioso, sendo reconhecido como possuidor de um dom, uma graça, uma qualidade extraordinária. A força desse tipo de autoridade repousa na confiança, na fé, na certeza íntima de estar lidando com um vocacionado, um missionário, uma pessoa especial. (ARRIBAS, 2014, p. 150).

Para permanecer como fonte de autoridade no espiritismo, a mediunidade precisa cumprir necessariamente dois papéis: manter-se em constante produtividade e, o principal deles, ser uma atividade benéfica ao próximo, sendo, por isso mesmo, oferecida gratuitamente, sem fins lucrativos. “Daí de graça o que de graça recebestes”: eis o princípio que norteia a autoridade carismática do tipo mediúnica no espiritismo. Dedicção, devotamento, entrega, altruísmo são outras qualidades associadas ao domínio carismático. (ARRIBAS, 2014, p. 151)

No espiritismo português, Fernando Lacerda é um exemplo dessa tipologia de autoridade, no Brasil, Francisco Cândido Xavier¹¹⁵ foi o mais destacado. Suas mensagens psicográficas e psicofônicas tiveram grande repercussão no campo religioso brasileiro e português.

Já a (2) **autoridade institucional** – consiste em um tipo de autoridade racional-legal que apóia boa parte de sua legitimidade em uma posição ou cargo ou posto institucional ocupado pelo agente. Seus portadores, geralmente, são os agentes que se engajaram na criação e manutenção de instituições espíritas e através delas se tornaram conhecidos no meio. (ARRIBAS, 2014, p. 145) “A função e o *status* que angariaram, no entanto, puderam naturalmente se mesclar com outras funções ou atividades ao mesmo tempo, mas os cargos ocupados não podem deixar de ser considerados o traço ou a fonte principal de sua autoridade.”(ARRIBAS, 2014, p. 149)

Por fim, a (3) **autoridade intelectual ou ideológica** – cujo portador é geralmente o criador ou mantenedor de convicções, práticas e crenças específicas. De acordo com Célia Arribas (2014, p. 155), trata-se de uma autoridade que usa o intelectualismo como meio para atingir a experimentação com o divino, com a fé, com o transcendente. É através do

¹¹⁵ Suas mais de 450 obras, mais de dez mil cartas psicografadas, 50 milhões de obras vendidas (ARRIBAS, 2014, p. 152).

intelectualismo que se busca chegar ao sentido da existência e do mundo, a compreensão da existência e dos problemas correspondentes a uma espécie de ajuda, um consolo.

Esse saber integraria, ao mesmo tempo, uma dimensão impessoal e pessoal, dimensões necessárias para a sua consagração e que são parcialmente independentes das qualidades morais dos seus portadores. [...] o tipo designado aqui de intelectual espírita e como ele interfere no processo de consolidação do espiritismo dentro do quadro do pluralismo religioso brasileiro, para interessante observar, ao menos, dois passos que caracterizam esse personagem: (1) a produção da crença e (2) a legitimação da crença – respectivamente: saber e poder. (ARRIBAS, 2014, p. 155)

O papel do intelectual espírita é, portanto, o agente construtor e/ou (re)construtor da religião, que produz conhecimento religioso, em busca de pacificar a angústia dos leigos, responder as suas demandas, respostas amparadas pelo saber. É através da fácil articulação com o saber que conseguem exercer o seu poder, o seu domínio. Não por acaso, muitos após os seus feitos se tornaram também autoridades institucionais. O exemplo máximo de intelectual espírita é o próprio codificador da doutrina espírita, Allan Kardec. Para além de sua produção, também foi fundador da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em 1 de abril de 1858, para a qual foi escolhido presidente.

No processo de intercâmbio na (re)construção do movimento espírita português, vimos a ação articulada dos três tipos de autoridades, em três etapas distintas: (a) O Espiritismo nas páginas da *Revista Estudos Psychicos* (1905-1909) e a ascensão do Espiritismo “brasileiro” na *Revista Estudos Psíquicos* (1940-1955); (b) Intercâmbio fortalecido - autoridades espíritas portuguesas no campo religioso brasileiro (1955- 1965); (c) o papel das autoridades espíritas brasileiras na (re)construção do movimento espírita português (1965-1980).

Em todas as etapas, independente das ações promovidas pelas autoridades, quer sejam em conferências, reuniões, conselhos, entrevistas, artigos, entre outros, há uma preocupação, por uma parte significativa dessas autoridades, na defesa principalmente difusão da ênfase religiosa, praticada e propagada no Brasil.

São essas autoridades que reproduzem, constataam, e sugerem referências histórico-religiosas construídas na experiência espírita no Brasil, inclusive com ajuda de portugueses, apresentadas nas seguintes categorias: (a) o modelo federativo da FEB; (b) organização e funcionamento dos centros espíritas; (c) o *ethos*, os estilos rituais e as ênfases praticadas pelo kardecismo no Brasil; (d) a incorporação patrimônio bibliográfico do espiritismo brasileiro, especialmente as obras psicografadas de Chico Xavier e Divaldo Franco e (e) “missão espiritual”.

3.2.1—O Espiritismo nas páginas da *Revista Estudos Psychicos* (1905-1909) e a ascensão do Espiritismo “brasileiro” na *Revista Estudos Psíquicos* (1940-1955)

Nessa primeira etapa, entre os anos de 1940-1955, notamos que os agentes religiosos espíritas portugueses, principalmente o diretor e redator da *Revista Estudos Psíquicos*, representavam em destaque (capas e editoriais) as autoridades religiosas (brasileiras e luso-brasileiras), instituições e suas práticas no campo religioso brasileiro, desta maneira, acabavam por reproduzir referências históricorreligiosas consolidadas no movimento espírita brasileiro.

A *Revista Estudos Psíquicos – Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental*, conforme já afirmamos, foi [re]fundada em 1939 por Isidoro Duarte Santos e sua esposa, Maria Gonçalves Duarte Santos, com o apoio do brasileiro Chelmicki Afflalo do Rio de Janeiro. A revista foi impressa, inicialmente, pela tipografia Silvas. Eles fizeram ressurgir o título de uma revista que tinha circulado em Portugal na primeira década do século XX. A primeira versão era chamada de *Estudos Psychicos – Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental*, foi fundada pelo advogado José Alberto de Sousa Couto¹¹⁶ e teve seu primeiro número circulando em junho de 1905 e seu último saiu em 1909.

No fim do século XIX e início do século XX, se deu o início da expansão do movimento espírita português através dos inúmeros periódicos, que circulavam em Portugal, como: *A Aurora d’Além Túmulo* (1879), *O Espiritismo* (1887). Em 1896, era fundado por Claudino da Silva Neto, na cidade do Porto, a *Revista Espírita do Porto* (1896-1910), o periódico *Psychismo* (1899) e *Estudos Psychicos* (1905).

A proposta do periódico *Estudos Psychicos* visava a implantação do método da ciência moderna e positivista na observação e experiência rigorosa dos fatos externos em busca da verdade, com uma proposta de verificação experimental, distante das especulações filosóficas ou processos metafísicos. Afirma o diretor da revista, na sua primeira edição, que a atividade anímica do espírito poderia ser captável em circunstâncias especiais.

A primeira versão da revista portuguesa *Estudos Psychicos – Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental* (1905-1909), nos seus primeiros números, traz os seguintes colaboradores: Laurent de Faget¹¹⁷ (França), De Reyle¹¹⁸ (França), Marzorati

¹¹⁶ Era filho de José Alberto de Sousa, natural de Sandim - distrito do Porto.

¹¹⁷ Adolphe-Laurent de Faget - Poète et publiciste, né Le 8 octobre 1846, á Montpellier. Entre temps, cet écrivain donnait une quantité considérable d’articles á des revues et des journaux, sur la philosophie en general et, plus particulièrement, sur Le spiritisme. Rédacteur em chef du journal Le Spiritisme, remplacé em 1894 par Le Progrés Spirite, qu’il dirige, président du Comité de propagande spirite, á Paris: longtemps membre du comité

(Itália), Roso de Luna (Espanha), Wolowski, Dr. Maxwell, Quintin Lopes (Espanha) e Martins Velho (Portugal), espíritas influentes em Portugal e na Europa que, junto com Sousa Couto, buscavam aprofundar o conhecimento que naquele momento estava em expansão, os estudos psíquicos e psicológicos, os quais reafirmavam seu caráter científico.

Foi preciso que o magnetismo e hypnotismo se estudassem accuradamente, na sua interessante dinamica d'exteriorisação, nas phases ultraclassicas, antes inexploradas, na sua acção transperiférica, para começar a fazer-se uma idéa mais justa da sua interpretação; e foi preciso também, que observações e experiências, denominadas espíritas, viessem completar o edificio, habilitando-nos a inferências mais amplas, logicamente deduzidas dos novos materiaes. (SOUSA, Couto. *Revista Estudos Psychicos*, n.1, ano 1, 1905, p. 2)

Para observarmos as ênfases de conteúdo dos artigos publicados nessa primeira fase da revista, dividimos em quatro categorias: (a) Filosófico; (b) Científico; (c) Moral e/ou religioso e (d) Indiferente.

Quadro 5 – Conteúdo da Revista *Estudos Psíquicos* – 1º Ano / Junho

1º Ano – (junho de 1905 – maio de 1906)					
Número 1 – Junho de 1905 [Artigos]					
Autor(es)	Sobre	Título	Páginas	Conteúdo	Nacionalidade
Sousa Couto	?	Plano Materiaes	4-7	Filosófico	Português
J. Maxwell ¹¹⁹	Madame Agullana ¹²⁰	Phenomeno d'exteriorisação e visão a distancia	7-8	Científico	Francês
Dr. Edmond Dupouy ¹²¹	Dr. Dariex e Ch. Richet	Uma manifestação expontânea em casa do dr. Dariex, redactor, com Ch. Richet dos Annaes de Sciencias Psychicas de Paris	9-10	Científico	Francês
Sousa Couto	Ermelinda ¹²²	Um médium analphabeto	10-11	Científico	Português
Erny e Gabriel Delanne	Anderwood ¹²³	Exemplo de uma comunicação por meio d'um médium escrevente	11	Científico	Francês
Henri Carreras	?	Manifestação d'um espírito com provas d'identidade	12-13	Científico	Italiano
F. Barker ¹²⁴	?	Apparição telephatica no estado de vigília	14	Científico	Inglês
J. B. Milési ¹²⁵ e outros	Politi ¹²⁶	Uma sessão com o médium Politi – Phenomenos de Materialização.	14-16	Científico	Italiano

directeur de l'Académie des Letres, Sciences et Beaux-Arts de la province, M. Laurent Faget fait partie, em outre, de la Société des auteurs, éditeurs et compositeurs de musique. (CURINIER, 1919, p. 150-151)

¹¹⁸ Poeta Francês, publicou o livro *Páginas de Amor* (1902).

¹¹⁹ Doutor em medicina e procurador da República junto à relação de Bordéus;

¹²⁰ Médium

¹²¹ Psiquiatra Francês, autor da obra *Sciences Occultes et Physiologie Psychique* (1903);

¹²² Médium sonambúlica;

¹²³ Colaboradora, norte americana? do jornal *Boston Investigador*;

¹²⁴ Antigo reitor da Universidade de Cottenham, Cambridge;

¹²⁵ Professor da Universidade de Roma;

?	Dr. Cyrax	Para obter phenomenos é preciso insistir	16-17	Científico	?
Vassalo ¹²⁷	Eusapia Paladino ¹²⁸ Prof. Morzelli ¹²⁹	Alguns phenomenos obtidos com o médium Eusapia Paladino	18-19	Científico	Italiano
Diversos	Afonso Liguori	Um facto histórico de visão a distancia	20	Científico	?

Fonte: Dados da Revista, autoria própria (2018)

Quadro 6 – Conteúdo da *Revista Estudos Psíquicos* – 4º Ano / Abril

4º Ano – (Junho 1908 – maio de 1909)					
Número 11 – abril de 1909 [Artigos]					
Autor(es)	Sobre	Título	Páginas	Conteúdo	Nacionalidade
Sousa Couto	?	Um valioso testemunho	201	Indiferente	Português
Lacombe	Craddock	O médium inglez Craddock – II	205	Científico	Portuguesa
Cesar Lombroso ¹³⁰	?	Casas assombradas ou morada aberta – II	208	Científico	Italiano
Redacção	?	Phenomenos vários	214	Científico	Português
F. Ziogaropoli	Eusapia Paladino	Eusapia Paladino ainda produz bons phenomenos	216	Científico	Italiano

Fonte: Dados da Revista, autoria própria (2018)

Quadro 7 – Conteúdo da *Revista Estudos Psíquicos* – 4º Ano / Maio

4º Ano – (Junho 1908 – maio de 1909)					
Número 12 – maio de 1909 [Artigos]					
Autor(es)	Sobre	Título	Páginas	Conteúdo	Nacionalidade
Sousa Couto	?	Novas Afirmacões, novos factos	221	Científico	Português
Dr. Giuseppe Venzano	Craddock	O médium inglez Craddock - III	228	Científico	Italiano
M. Frondoni Lacombe	?	Contribuição para o estudo das materializações – XIV	233	Científico	Portuguesa
Sousa Couto	?	Algumas informações sobre este médium	234	Indiferente	Português

Fonte: Dados da Revista, autoria própria (2018)

Ao compararmos as temáticas publicadas na primeira revista e nas duas últimas, constatamos que a orientação de conteúdo da *Revista Estudos Psychicos* perdurou de 1905-1909 e que havia a prioridade de publicação do conteúdo científico, assim como propunha seu diretor desde o primeiro número dessa revista, um Espiritismo experimental, cujos fenômenos anímicos e espirituais pudessem ser observados, reproduzidos e analisados.

¹²⁶

Médium;

¹²⁷

Escritor, diretor do Século XIX

¹²⁸

Médium;

¹²⁹

Professor de Psicologia da Universidade de Gênova;

¹³⁰

Psiquiatra, criminalista italiano.

Essa aproximação dos aspectos científicos da doutrina espírita fez Sousa Couto relacionar sua revista a autoridades espíritas de outros países que buscavam compreender os aspectos científicos da doutrina. Entre eles, destacamos: franceses, italianos, ingleses e espanhóis.

A revista *Estudos Psychicos*, em seus primeiros anos, firma-se no aspecto científico da doutrina espírita. Entre os temas mais pesquisados estão: magnetismo, hipnotismo, manifestações transcendentais, telepatia, exteriorização da sensibilidade, da motricidade, do pensamento etc. Os temas que abrangem o estudo da revista neste período, em grande medida, foram relacionáveis aos primeiros grupos sociais que aderiam às ideias espíritas em Portugal.

As contribuições das autoridades intelectuais propagadas nessa revista visavam a compreender melhor tais fenômenos, mesmo que isso significasse produzir e/ou refletir sobre metodologias aplicáveis a estes. Entre os pesquisadores que contribuíam com a revista não vemos a presença de brasileiros; havia uma aproximação maior com os países vizinhos: Itália (Marzorati, Cesare Lombroso), Espanha (Roso de Luna, Quintin Lopes), Inglaterra e a França (Laurent de Faget, De Reyle, J. Maxwell¹³¹, Henri Durville¹³²) descritos na tabela abaixo:

Quadro 8 – Autoridades Intelectuais – Colaboradores da *Revista Estudos Psíquicos* (1905)

1º Ano, n.º 1, Junho – 1905	
Diretor: Sousa Couto	
Colaboradores	Nacionalidade
Laurent de Faget	França
De Reyle	França
Marzorati	Itália
Roso de Luna	Espanha
Quintin Lopes	Espanha
Martins Velho	Portugal

Fonte: Dados da Revista, autoria própria (2018)

A França, lugar de origem do Espiritismo, era bastante influente no movimento espírita internacional. Segundo Manuela Vasconcelos (2015, p. 10-11), o Congresso Espírita e Espiritualista, de 1900, em Paris, com abertura de Gabriel Delanne, teve diversas personalidades portuguesas presentes, como Gilberto Marques e Sousa Couto, diretor da *Revista Estudos Psíquicos*. Os portugueses aproximavam o movimento espírita português do

¹³¹ J. Maxwell – Doutor em medicina e procurador da república junto a relação de Bordeaux. (MAXWELL, Revista Estudos Psíquicos, n.1, ano 1, 1905, p. 7-8)

¹³² Magnetizador e pesquisador francês no campo do magnetismo animal (A. Mesmer), filho de Hector Durville. Investigava sobre sonambulismo e plexos nervosos.

francês. Segundo Aubrée e Laplantine (2009, p. 125), nos anos 1920, o espiritismo estava no ápice de sua glória. De 6 a 13 de setembro de 1925, ocorreu, no Congresso Espírita Internacional de Paris, uma grande manifestação de delegações de vinte e quatro países, tendo como presidente de honra do congresso o francês Léon Denis.

No Brasil, nesse período, aconteceu a fundação da *Revista Internacional do Espiritismo*¹³³ (1925) no interior de São Paulo, por Cairbar Schutel, no início do século XX. Inicialmente esta revista não foi um artefato com fins de internacionalização do Espiritismo brasileiro, para tanto reafirmamos as considerações de Pedro Paulo Amorim (2017, p. 76) em que diz que as publicações nessa revista se reservavam a autores estrangeiros, principalmente: Oliver Lodge, Conan Doyle, Charles Richet, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Léon Denis, ou seja, era a difusão do movimento espírita internacional sob atuação protagonista, principalmente do movimento espírita francês.

O movimento espírita português, dos fins do século XIX e início do século XX, foi bastante influenciado por autoridades religiosas francesas, dentre elas, destacamos Léon Dennis, Camille Flammarion, Adolphe Laurent de Faget e Gabriel Delanne¹³⁴, fundador da *Revista Scientifícae Moral do Espiritismo* (1896-1926), que publicaram uma série de artigos e livros¹³⁵ enfatizando o aspecto científico do Espiritismo, e Adolphe Laurent de Faget, o qual fundou a revista francesa *Le Progrès Spirite*¹³⁶ (1895-1912).

Podemos apontar que Gabriel Delanne e Camille Flamarion tiveram uma contribuição considerável no aspecto científico, enquanto que A. Laurent de Faget e Léon Dennis enfatizaram mais os aspectos filosóficos da doutrina em suas produções. No que tange ao trabalho de direção dos periódicos de Léon Denis e Laurent de Faget, notamos que apesar das ênfases preferidas, abriam espaço¹³⁷ para discussões filosóficas e científicas em seus

¹³³ “A Revista Internacional de Espiritismo, fundada em 15 de fevereiro de 1925 em Matão – SP, também por Cairbar Schutel, é dos poucos periódicos espíritas que possuem uma vida tão longa, completando esse ano 92 anos de vida. Inicialmente tinha como objetivo principal atingir um público diferenciado do público-alvo de O Clarim, voltado para o público em geral. Dessa forma, o RIE publicava trabalhos vinculados a autores não brasileiros como Oliver Lodge, Conan Doyle, Charles Richet, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Léon Denis e outros.” (AMORIM, 2017, p. 76)

¹³⁴ Foi presidente da União Espírita Francesa;

¹³⁵ O Espiritismo perante a Ciência (1885); O Fenômeno Espírita (1893); A Evolução Anímica (1895); A Alma é Imortal (1897); Pesquisas sobre a mediunidade (1898), entre outros; Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Gabriel-Delanne.pdf>

¹³⁶ Essa revista, muda seu nome diversas vezes: *Organe de La Federación Spirite Universelle* (1895 – Julho de 1896); *Sciences Occultes – Psychologie Expérimentale* (Agosto/1896); *Organe de Propagande de La Doctrine Spirite* (1897-1900); *Philosophie Kardecists e Psychologie Expérimentale* (1908-1912)

¹³⁷ Gabriel Delanne escreve no periódico *Le Progrès Spirite*, primeiro ano, n. 11, novembro de 1895, o artigo intitulado *Le Réveil du Spiritualisme* (O Despertar do Espiritualismo); Laurent de Faget era colaborador da *Revista Estudos Psychicos* (1905-1909) de Sousa Couto, notadamente com ênfase científica.

periódicos. Não há disputas entre as ênfases, mas escolhas individuais, que às vezes se confundem intimamente, ligadas às suas expectativas quanto ao entendimento da doutrina.

A primeira versão da *Revista Estudos Psicicos* foi encerrada em 1909, de acordo com Manuela Vasconcelos (2015, p. 11), por conta de uma grave doença que acometeu Sousa Couto, deixando-o impossibilitado de dar continuidade a este projeto. O projeto da *Revista Estudos Psíquicos* retorna em 1939 com Isidoro Duarte Santos e sua esposa Maria Gonçalves Duarte Santos.

O fundador da *Revista Estudos Psíquicos*, Isidoro Duarte Santos, nascido em Cebolais de Cima¹³⁸, em 2 de abril de 1907, foi militar da Marinha Portuguesa e jornalista. De acordo com Manuela Vasconcelos (2015, p. 449), em uma das viagens que fizera a Cabo Verde, um amigo doou-lhe *O Livro dos Espíritos*. Entusiasmado com a obra, conheceu o Centro Espírita Luz e Caridade, em Braga, fundado por três irmãos portugueses que estavam de regresso do Brasil. Isidoro passou a colaborar com a instituição espírita de Braga, com a *Revista Luz e Caridade*, e posteriormente, com a Federação Espírita Portuguesa, logo após a sua fundação, em 31 de julho de 1926.

A atuação de Isidoro Duarte Santos foi se ampliando no campo religioso português. Ele desempenhou um papel importante enquanto autoridade espírita intelectual e institucional. De acordo com António Cardoso (1974, p. 353), Isidoro D. Santos, com vinte e quatro anos de idade, era colaborador da *Revista Espiritismo*, órgão da Federação Espírita Portuguesa. No ano de 1935, quatro anos depois, ele compunha a comissão de diretoria e, em 1937, foi nomeado diretor. Também dirigiu o jornal *Mensageiro Espírita* dessa mesma Associação.

Isidoro Duarte Santos, além de liderar o projeto de fundação da *Revista Estudos Psíquicos* (1939), dirigiu o Centro Espiritualista Luz e Amor. De acordo com António Cardoso (1974, p. 353), ele passou 35 anos na direção da *Revista Estudos Psíquicos* e 26 anos na direção do Centro Espiritualista Luz e Amor. Entre maio e novembro de 1974 ocupou os cargos de presidente da Federação Espírita Portuguesa e do Centro Espírita Perdão e Caridade, só saindo após vir a óbito por causa de uma parada cardíaca fulminante. (VASCONCELOS, 2015, p. 450)

Alguns fatos da vida de Isidoro Duarte Santos merecem nossa atenção. Isidoro D. Santos (*Revista Estudos Psíquicos*, 1950, n.º1, p. 6) argumentava que a revista aparecia junto com a Segunda Guerra Mundial de 1939 e avaliava que, naquela época, o Espiritismo português ou extinguiu-se ou abastardava-se de uma vez. A proposta de Isidoro Duarte Santos

¹³⁸

Freguesia Portuguesa, situada na região central de Portugal, foi agregada a freguesia de Retaxo.

era de reunir em um mesmo propósito os adeptos que estavam descontentes com os rumos do movimento espírita português.

Nos primeiros anos da revista vimos que ela já contava com quatro redatores correspondentes de três países distintos:

Quadro 9 – Autoridades Intelectuais – Colaboradores da *Revista Estudos Psíquicos* (1942)

3º Ano, n.º 16, – 1942	
Diretor: Isidoro Duarte Santos	
Colaboradores/Redatores	Nacionalidade
Gabriel Gobron	França
Carlos Imbassahy	Brasil
Inácio Ferreira	Brasil
Luiz M. di Cristóforo	Argentina

Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Os redatores compartilhavam das funções de autoridades intelectuais, aqueles dotados do domínio doutrinário, com responsabilidade de conservar e (re)interpretar a doutrina, traduzindo suas percepções derivadas dos seus estudos em crenças e práticas específicas. Entre esses redatores acima citados, Inácio Ferreira, médico psiquiatra, da cidade de Uberaba; Gabriel Gobron e Luiz M. di Cristóforo, havia em comum, o interesse por um Espiritismo mais filosófico e científico, enquanto que Carlos Imbassahy¹³⁹, advogado, jornalista e parapsicólogo, via o Espiritismo no seu tríplice aspecto, inclusive já defendia¹⁴⁰ o aspecto religioso da doutrina. Como vimos em alguns artigos e séries de artigos desses intelectuais na Revista Estudos Psíquicos: *As três ideias da Imortalidade* (Luiz M. di Cristóforo, n. 23, 1943,); *Espiritismo, ciência suprema* (Inácio Ferreira, Revista Estudos Psíquicos, n. 3, 4, 5, 6 1945); *Filosofia* (Carlos Imbassahy, Revista Estudos Psíquicos, n.9, 1960); *O Tríplice Aspecto* (Carlos Imbassahy, Revista Estudos Psíquicos, n.9, 1961) e *Vidas Sucessivas* (Carlos Imbassahy, Revista Estudos Psíquicos, n.10, 1961).

Carlos Imbassahy teve uma atuação de destaque no movimento espírita, sua atuação foi bastante evidenciada na pesquisa de Pedro P. Amorim (2017), sua contribuição em diversos jornais e revistas romperam as fronteiras nacionais, como vimos, ele teve participação importante na revista *Estudos Psíquicos*, em Portugal. No Brasil, ele teve uma aproximação com a Federação Espírita Brasileira, instituição a qual também tinha suas críticas, como aponta Pedro Paulo Amorim:

¹³⁹ Ver mais em: (AMORIM, 2017, p. 231-239)

¹⁴⁰ Carlos Imbassahy, Religião. FEB, 1942;

[Manuel Quintão] Após assumir a presidência da FEB, pela terceira vez em 1929, convidou Imbassahy para fazer parte de sua diretoria. Em 1930, Guillon Ribeiro, o próximo presidente da FEB (1930 – 1943), nomeou Imbassahy redator do Reformador [...] Com a morte de Guillon Ribeiro, em 26 de outubro de 1943, foi eleito para assumir a presidência da FEB Antônio Wantuil de Freitas, ocupando o cargo por 27 anos (1943-1970). Nesse período, inicia-se o afastamento de Imbassahy da FEB em virtude de suas já declaradas aversões aos postulados Roustainguistas, professados de forma rígida pelo novo presidente (AMORIM, 2017, p. 234)

A revista *Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, instrumento importante de difusão da doutrina no Brasil, espaço compartilhado por diversos espíritas, especialmente as autoridades intelectuais, dentre elas, Carlos Imbassahy, suas ações na revista não perduraram, como vimos, ele foi se afastando de suas atividades na revista *Reformador* no período do então presidente Antônio Wantuil de Freitas (1943-1970) por diferenças interpretativas da doutrina.

Os diretores da *Revista Estudos Psíquicos* acreditavam que era através da difusão da doutrina nas suas diversas ênfases que a união iria se estabelecer no movimento espírita português. Constatamos que após seus primeiros dez anos, a revista alcançava o campo religioso internacional e vinte anos após seu lançamento, no ano de 1960, já contava com a colaboração de autoridades intelectuais de diversos países: Argentina¹⁴¹, México¹⁴², Inglaterra¹⁴³ e, principalmente, o Brasil¹⁴⁴.

A retração do movimento espírita foi vivenciada principalmente nos países centrais da Europa, em grande medida devido às guerras e os sucessivos governos autoritários ligados às religiões hegemônicas. Em contrapartida, no Brasil, sem guerras e por existência de uma maior liberdade religiosa no campo social, o cenário era mais favorável ao Espiritismo quanto à sua consolidação.

A consolidação espírita brasileira foi favorecida pela construção de uma tradição dotada de uma “missão espiritual” legitimada através do *ethos* cristão espírita com base na caridade e que permeava outros aspectos (a disciplina, o trabalho e o estudo), propagado principalmente por Francisco Cândido Xavier. A reprodução desse *ethos* nas práticas

¹⁴¹ Luís Postiglioni (Buenos Aires) e Tito Lívio Bascescu (Rosário).

¹⁴² Pedro Alvarez y Gasca (México)

¹⁴³ A. W. Singleton (Londres)

¹⁴⁴ Os redatores correspondentes do Brasil eram: Alfredo Miguel (Bahia); Aleixo Vitor Magaldi (Volta Redonda – Rio de Janeiro); Deolindo Amorim (Rio de Janeiro); Mário Travassos (Rio de Janeiro) Martins Peralva (Belo Horizonte – Minas Gerais); Nelson Baptista de Azevedo (Rio de Janeiro); Newton G. de Barros (Nova Iguaçu - Rio de Janeiro); Noraldino de Melo Castro (Belo Horizonte - Minas Gerais); Paulo Hecker (Porto Alegre – Rio Grande do Sul) e Zalmينو Zimmermann (Porto Alegre – Rio Grande do Sul).

religiosas espíritas, no modelo de organização e na sua bibliografia principalmente, favoreceram para o (re)conhecimento do Brasil enquanto porta voz autorizado a representar o espiritismo no campo religioso internacional, com atuação bastante enfática no final do século XX, início do século XXI, mas que teve início em meados do século XX, passando a ocupar os espaços que antes eram do movimento espírita francês.

A segunda versão da *Revista Estudos Psíquicos*, que teve apoio do brasileiro Chelmicki Afflalo, incentivador da criação da revista, amigo de Isidoro Duarte Santos, foi proporcionando um grande intercâmbio entre os campos religiosos. Essa revista foi sendo construída junto a diversas autoridades religiosas espíritas do mundo, porém os brasileiros foram aos poucos adquirindo mais espaço de atuação na revista, dentre eles destacamos inicialmente: Carlos Imbassahy, Inácio Ferreira e Leopoldo Machado. Também tiveram participação importante os portugueses que viviam no Brasil, as personalidades luso-brasileiras: Henrique Magalhães e José Simões de Matos.

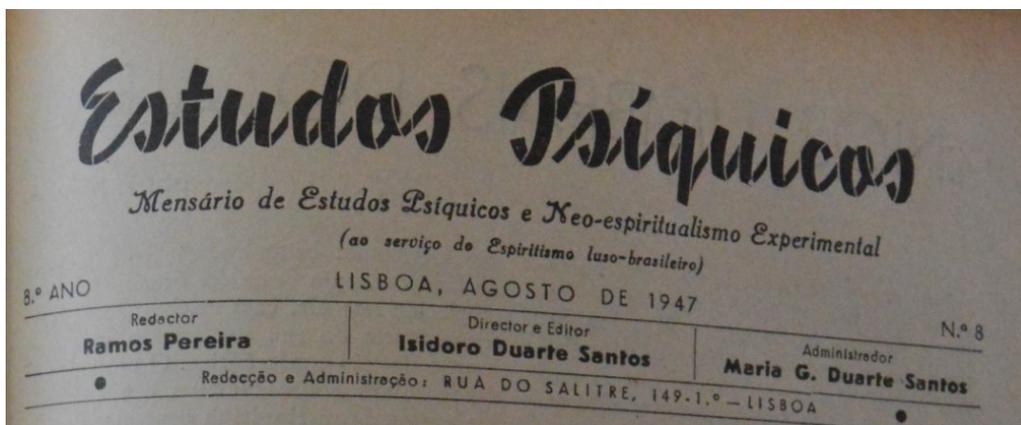
Enquanto que em 1905-1909a *Revista Estudos Psychicos* se apresentava como *Revista Mensal de Animismo e Espiritismo Experimental*, é interessante constatar que para Sousa Couto, a doutrina espírita era uma ciência. No ano de 1942, *Revista de Estudos Psíquicos e Neoespiritualismo experimental*, se apresentava como órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor.

Entre os anos de 1940 a 1960, visualizamos um direcionamento das referências históricorreligiosas de experiências religiosas consolidadas no campo religioso brasileiro, sendo propagadas pela revista, por autoridades portuguesas, brasileiras e luso-brasileiras. A começar pelo elemento de “missão espiritual” que em parte incentivava a propagação das demais referências espíritas brasileiras. A ideia missionária do Brasil enquanto pátria do evangelho passa pelo reconhecimento de autoridades portuguesas no intercâmbio com o Brasil, a começar pelo próprio diretor do periódico, Isidoro Duarte Santos:

O intercâmbio espírita luso-brasileiro, pelo qual temos pugnado sempre, continuará a animar-nos. Assim, estamos a preparar elementos para nova secção que consistirá numa série de biografias intituladas "vultos do Espiritismo", em que o Brasil se fará representar condignamente [...] "O Brasil é um prolongamento material e espiritual da Lusitânia. Os seus anseios são os nossos anseios. Povo irmão oriundo do mesmo tronco rácico, temperado ao calor da aventura secular, não admira que lhe queiramos como se vivesse dentro de nossas próprias fronteiras. (SANTOS, Revista Estudos Psíquicos, editorial, n.1 1944, p.1)

No ano de 1944, Isidoro Duarte Santos apresenta, no editorial da revista, a necessidade de uma maior aproximação com o movimento espírita brasileiro. O caminho defendido era o intercâmbio; para tal, vinha o reconhecimento de suas autoridades e instituições religiosas e sociais. A posição de apresentar uma série de biografias intituladas “vultos do espiritismo” legitima o momento de *apresentação* das autoridades espíritas brasileiras e luso-brasileiras como modelos que precisavam ser [re]conhecidos no campo religioso português, pois acreditavam que o Brasil era o prolongamento material e espiritual de Portugal.

Figura 1 – “Ao Serviço do Espiritismo luso-brasileiro”



Fonte: Revista Estudos Psíquicos (1947, ano 8, n.8, p. 315)

Figura 2 – Órgão Oficial da Maternidade Casa de Mãe Pobre, Rio de Janeiro



Fonte: Revista Estudos Psíquicos (1949, ano 10, n.1, p. 1)

tinha um objetivo: aproximar dois campos religiosos. A mensagem era enfática, vinha na capa, abaixo do nome da revista. Essa era a nova função da revista, e, em janeiro de 1949 (figura 2), ela torna-se órgão oficial da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro. Em julho de 1955 é a vez da Casa do “Tio Juca” (figura 3), de Salvador, Bahia e, em março de 1957, o Lar de Jesus, de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

O interesse da *Revista Estudos Psíquicos*, no movimento espírita brasileiro, aproximou diversas autoridades brasileiras e luso-brasileiras da revista. As autoridades a liam como uma oportunidade para difusão do Espiritismo, mas entre elas haviam as que acreditavam que era a oportunidade de colaborarem com uma “missão espiritual”. Tais ideias repercutiram, inclusive, no aumento dos colaboradores (como se vê no quadro 11, de 1955) em comparação com poucos anos antes (como no quadro 10, de 1942):

Quadro 10 – Autoridades Intelectuais – Colaboradores da *Revista Estudos Psíquicos* (1955)

16º Ano, n.º 11/12, – 1955	
Diretor: Isidoro Duarte Santos	
Colaboradores/Redatores	Nacionalidade
Deolindo Amorim	Brasil
Leopoldo Machado	Brasil
Inácio Ferreira	Brasil
Alfredo Miguel	Brasil
Noraldino de Melo Castro	Brasil
Paulo Hecker	Brasil
Georges Tiret	França
Luís Postiglioni	Argentina
Achille Biquet	França
Sérgio Vale	Brasil
Tito Lívio Bancescu	Argentina
Pedro Alvarez y Gasca	México
Luis de Barros Castro	Luanda

Fonte: Dados da revista, autoria própria (2018)

Em 1942, havia apenas dois redatores brasileiros (Carlos Imbassahy e Inácio Ferreira). Em 1955, a maioria de redatores eram brasileiros, os quais colaboravam com a *Revista Estudos Psíquicas*, entre eles: Deolindo Amorim¹⁴⁵, jornalista, conferencista,

¹⁴⁵ “Sua atuação no Movimento Espírita foi das mais renomadas e festejadas através dos tempos, nos mais diversos periódicos espíritas. Como vimos anteriormente, Deolindo Amorim iniciou suas atividades espíritas em 1935, no Centro Espírita Jorge Niemeyer. Quatro anos depois, o encontramos idealizando e organizando o I Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas do Brasil, na sede da ABI, na cidade do Rio de Janeiro, do qual foi eleito presidente, tendo atuação marcante junto com Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy. Como fruto desse trabalho, identificamos a futura constituição da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas

sociólogo, pedagogo e filósofo, fez parte da Liga Espírita do Brasil – LEB, antes dessa ser filiada a FEB, sendo ele contra a assinatura do Pacto Áureo, como afirma Pedro P. Amorim (2017, p. 215); Leopoldo Machado, era redator correspondente da *Revista Estudos Psíquicos*, mas antes teve um papel bastante importante no movimento espírita brasileiro, além de ser um ótimo articulador, desempenhou atividades enquanto: orador, conferencista, dramaturgo, poeta, escritor, jornalista, professor, entre outros. Podemos destacar sua articulação para criação dos grupos de mocidades espíritas (1929), a fundação do Centro Espírita “Fé, Esperança e Caridade” em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro além de uma diversidade de projetos sociais.

É interessante constatar que entre os redatores correspondentes da *Revista Estudos Psíquicos* era comum ocuparem cargos importantes em instituições ligadas a Federação Espírita Brasileira principalmente a partir do Pacto Áureo (1949). O mineiro Noraldino de Melo Castro, por exemplo, além de fundar o Centro Espírita “Amor e Caridade”, do qual foi o primeiro presidente, atuou na União Espírita Mineira, tornando-se, em 1966, vice-presidente, onde permaneceu por mais de duas décadas, foi ainda membro efetivo do Conselho Federativo Nacional/FEB; já Paulo Hecker, advogado e farmacêutico, com atuação no Rio Grande do Sul, dirigiu a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (1931-1932), federativa que, após o pacto, foi oficializada como representante do estado, assim como afirma Scherer (2015, p. 165); e Alfredo Miguel, baiano, foi redator do “Luz da Verdade”, órgão oficial da União Espírita Baiana, conhecida atualmente por Federação Espírita do Estado da Bahia.

Na década de 1950, enquanto havia um declínio do movimento espírita português, FEP e instituições espíritas fechadas por terem suas atividades consideradas ilegais, no Brasil, havia o desejo de fortalecimento da unificação realizada no Pacto Áureo (1949), amparado principalmente pela ideia de “missão espiritual”, ideia que vinha se propagando no campo religioso brasileiro, desde 1938.

De acordo com Célia Arribas (2014, p. 155), o papel dos colaboradores/redatores da revista, as autoridades intelectuais, era manter as convicções, práticas e crenças específicas. Ela se utiliza do intelectualismo como caminho para atingir a experimentação com o divino, buscar compreender a existência, almejar um consolo. Na *Revista Estudos Psíquicos*, percebemos que as autoridades intelectuais¹⁴⁶ que colaboravam nessa revista repercutiram

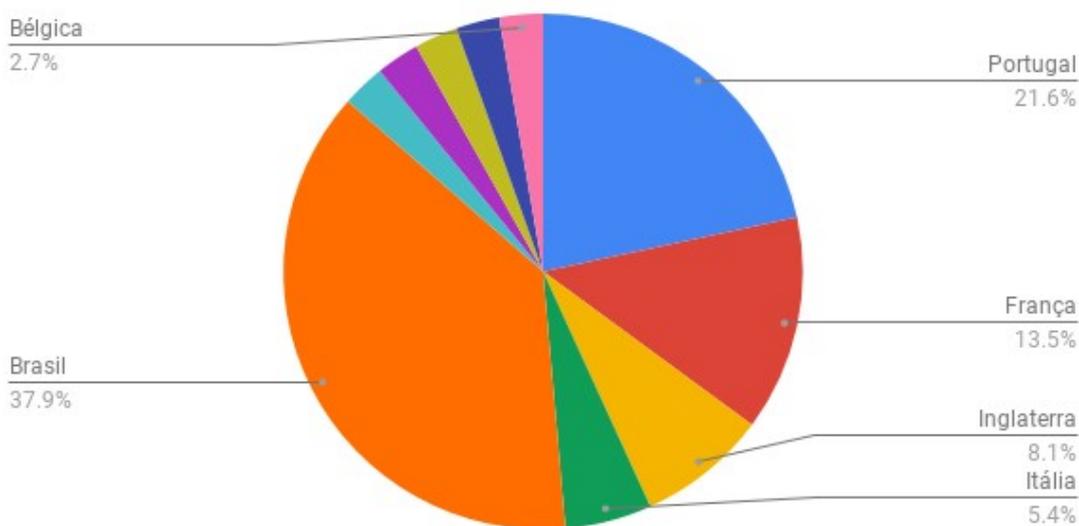
(ABRAJEE), da qual foi sócio fundador e presidente durante vários anos” (AMORIM, 2017, p. 252); Ver mais em: (AMORIM, 2017, p. 250-260).

¹⁴⁶ As autoridades intelectuais que mais colaboravam com a revista, seus redatores estavam divididos no Brasil nos seguintes estados: No Rio de Janeiro (Marechal Mário Travassos, Deolindo Amorim e Nelson Baptista Azevedo); Nova Iguaçu (Newton G. de Barros); Volta Redonda (Aleixo Vítor Magaldi); Bahia (Alfredo

instituições e ações de diversas autoridades espíritas intelectuais, institucionais e carismáticas que atuavam no Brasil. As suas inserções na revista tornaram essas autoridades conhecidas nos países que circulavam a revista, principalmente Portugal e nas colônias portuguesas na África, propagando suas experiências de vida, suas histórias.

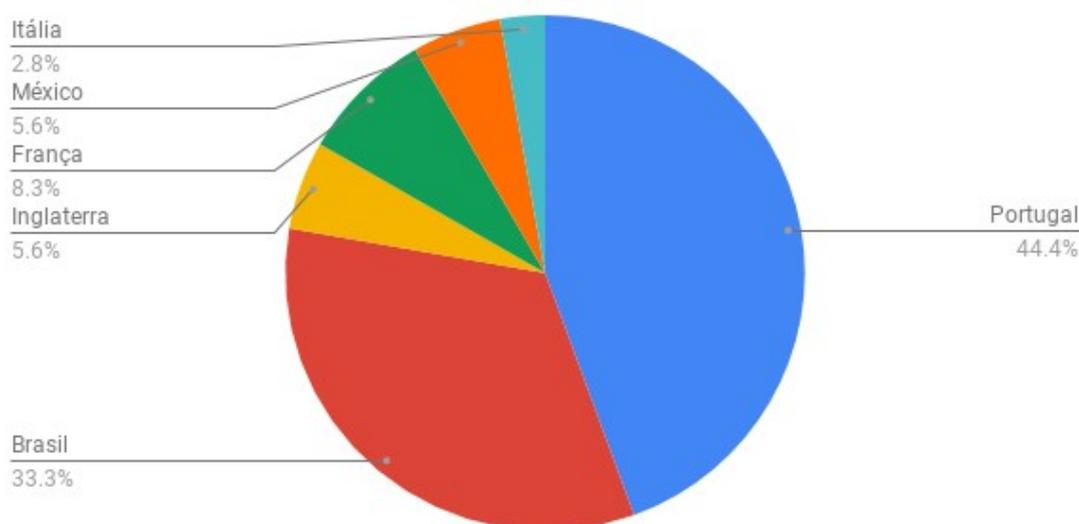
Veremos a seguir alguns gráficos que representam as inserções de: (1) autoridades espíritas e (2) instituições espíritas nas capas da *Revista Estudos Psíquicos*, em dois períodos distintos: (a) 1943-1949; (b) 1950-1955.

Gráfico 1 – Autoridades Espíritas em destaque nas capas da *Revista Estudos Psíquicos* (1943-1949)



Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Gráfico 2 – Autoridades Espíritas em destaque nas capas da *Revista Estudos Psíquicos* (1950-1955)



Fonte: Dados da revista, autoria própria (2018)

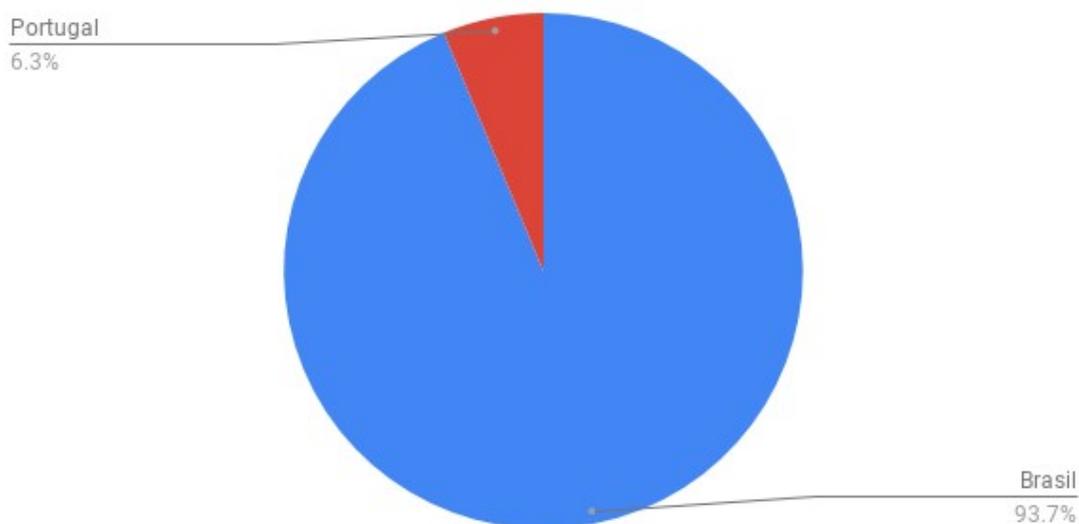
Os gráficos (1) e (2) acima apresentam a distribuição dos conteúdos que tiveram destaques nas capas da *Revista Estudos Psíquicos* no período de 1943-1955. No gráfico (1), o Brasil ficava em primeiro lugar com 37,9% de inserção nas capas, quando o tema era autoridade espírita, seguido por Portugal com 21,6%, França 13,5% e Inglaterra 8,1%. No gráfico (2), as autoridades portuguesas ficaram em primeiro lugar, com exposição em 44,4% das capas da temática de autoridade espírita, a frente das autoridades brasileiras, com 33,3%. Em uma observação mais cuidadosa, após a morte de Maria Gonçalves Duarte Santos, esposa do diretor dessa revista, que foi capa de cinco revistas¹⁴⁷, houve uma redução, principalmente na exposição de autoridades francesas para 8,3% e inglesas para 5,6%. Mesmo as autoridades brasileiras não ficando em primeiro lugar no conteúdo direcionado, as autoridades espíritas nessa revista não deixaram de ter um dado bastante expressivo.

Quando a temática é instituição espírita, a exposição é ainda mais enfática:

¹⁴⁷

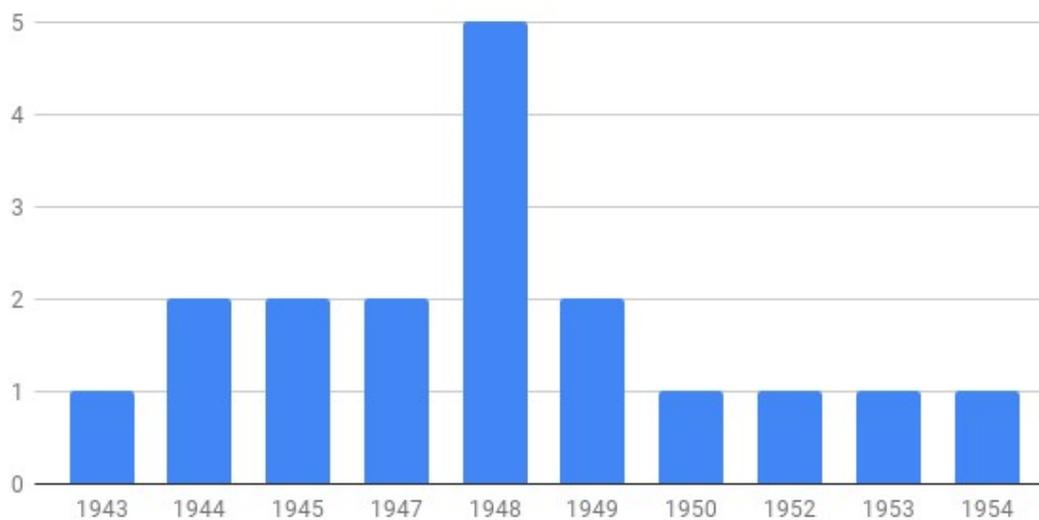
Revista Estudos Psíquicos (1950, n.1, 6 e 8); (1951, n.1); (1953, n.1);

Gráfico 3 – Instituições Espíritas em destaque nas capas da *Revista Estudos Psíquicos* (1943-1960)



Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Gráfico 4 – Instituições espíritas brasileiras em destaque nas capas da *Revista Estudos Psíquicos* (1943-1955)

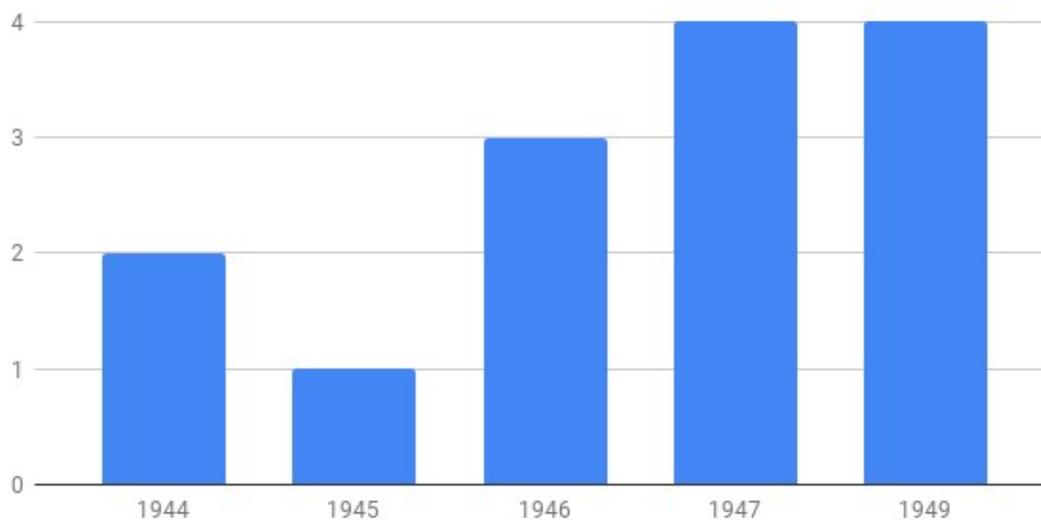


Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Os gráficos (3) e (4) retratam a exposição de instituições espíritas no período de 1943-1960. Durante esse período, a revista publicou trinta capas que traziam instituições e/ou associações espíritas em destaque. Destas, 93,7% tratavam de instituições brasileiras. O movimento espírita brasileiro, assim se apresentava para Portugal e para o campo

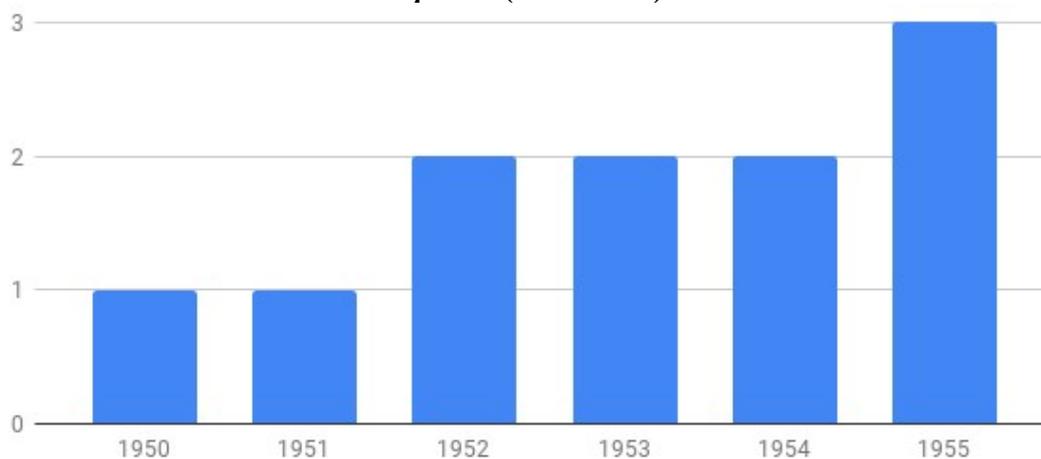
internacional. As instituições apresentadas se dividiam em: (a) Associações e Centros Espíritas¹⁴⁸; (b) Instituições de Assistência Social¹⁴⁹; (c) Sociedades de Estudo e Pesquisa¹⁵⁰.

Gráfico 5 – Inserções de Autoridades Espíritas Brasileiras nas capas da *Revista Estudos Psíquicos* (1943-1949)



Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Gráfico 6 – Inserções de Autoridades Espíritas Brasileiras nas capas da *Revista Estudos Psíquicos* (1950-1955)



Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

¹⁴⁸ Centro Espírita Irmã Terezinha; Federação Espírita do Paraná; Confederação Espírita Cearense; Mocidade Espírita Pestalozzi (RJ); Sinagoga Espírita Nova Jerusalém.

¹⁴⁹ Hospital Espírita de Teresópolis; Maternidade "Casa da Mãe Pobre"; Sanatório Espírita de Uberaba; Lar de Jesus; Orfanato Casa de Lucia; Hospital Espírita de Pedro Alcântara, Rio de Janeiro; Hospital Espírita de Porto Alegre.

¹⁵⁰ Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

A exposição das autoridades brasileiras e luso-brasileiras no campo religioso português era algo latente. O espiritismo no campo brasileiro estava fortalecido, a união parecia apontar no horizonte após a realização do Pacto Áureo, em 1949. Entre as autoridades que conseguiram destaque na revista, porta voz do Espiritismo em Portugal, organizamos esse quadro, com os nomes e os tipos de autoridades específicas, apontadas por Célia Arribas (2014).

Quadro 11 – Autoridades brasileiras que foram capa da *Revista Estudos Psíquicos* (1940-1955)

Nome	Estado de Atuação	Função	Atuação Intelectual	Atuação Institucional	Atuação Carismática
Abel Gomes ¹⁵¹	Minas Gerais	Professor, poliglota, poeta, guarda-livros, orador.	Um dos pioneiros do Espiritismo e do Esperanto em Minas Gerais.	Fundou o grupo espírita Luz e Trabalho, posteriormente o Cabana Espírita.	-
Alfredo Miguel ¹⁵² (1902 – 1985)	Bahia	Escritor – cronista, conferencista	Redator de Luz da Verdade (órgão da União Espírita Bahiana), Redator correspondente da revista Estudos Psíquico, entre os livros produzidos: <i>A tese das vidas múltiplas e o fenômenos anímicos e espíritas.</i>	Dirigiu o jornal Bahia-Espírita.	-
Aura Celeste Adelaide Augusta Câmara ¹⁵³ (1874/1944)	Rio Grande do Norte/Rio de Janeiro	escritora, poetisa e conferente.	Psicografou diversas obras: <i>Vozes d'Alma; Sentimentais; Aspectos da Alma</i> , entre outras.	Fundadora do Asilo João Evangelista.	Médium psicografa do grupo Ismael da FEB
Bezerra de Menezes ¹⁵⁴ (1831-1900)	Ceará	Médico, escritor, e político brasileiro, conferencista	Articulista de “O País”. Escreveu diversos livros, entre eles: <i>A Loucura sob Novo Prisma.</i>	Vereador e deputado da província do Rio de Janeiro. Foi presidente da FEB.	-
Coelho Neto ¹⁵⁵ (1864-1934)	Maranhão	Escritor, político e professor	Um dos pioneiros do espiritismo no Brasil.	Fundador da academia brasileira de letras.	-
Delfino Ferreira ¹⁵⁶	Rio de Janeiro	Coronel	Articulista “Espiritismo nas Religiões”.	-	-
Deolindo Amorim ¹⁵⁷ (1906-1984)	Rio de Janeiro	Jornalista, Escritor, Conferencista, Membro da Academia Brasileira de Filosofia	Redator correspondente da Revista Estudos Psíquicos; Diretor da Revista Espírita do Brasil (órgão oficial da Liga); “A psicologia e suas relações com a filosofia” tese apresentada 1º Congresso e Jornada Latino-americana de	Presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil; Presidente de honra da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas; Ajudou na realização do Primeiro Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas; Secretário Geral da	-

¹⁵¹ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 11 e 12, 1955;

¹⁵² *Revista Estudos Psíquicos*, n. 5, 1947;

¹⁵³ *Revista Estudos Psíquicos*, n.10, 1952;

¹⁵⁴ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 7, 1944;

¹⁵⁵ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 4, 1949;

¹⁵⁶ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 8, 1955;

¹⁵⁷ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 3, 1946; n. 2, 1955.

			Psicologia. (1 a 9 de dezembro de 1953) (p. 34-35).	Liga.Espírita do Brasil; Secretário e colaborador do Mundo Espírita.	
Francisco Cândido Xavier ¹⁵⁸ (1910-2002)	Minas Gerais	Médium	Psicografia de mensagens e diversos livros espíritas.	-	Médium
Inácio Ferreira ¹⁵⁹	Minas Gerais	Médico Psiquiatra / Escritor	Redator correspondente de Estudos Psíquicos.	Diretor do Sanatório Espírita de Uberaba (MG).	-
João Amado Venâncio ¹⁶⁰	Rio Grande do Sul	Comerciante e conferencista	Pioneiro do Espiritismo no Estado.	-	-
Joaquim da Silva Gomes ¹⁶¹	Pernambuco	-	Representante da revista Estudos Psíquicos em Recife.	Vice-Presidente do Instituto Espírita João Evangelista.	-
José Carlos de Chelmicki Afflalo ¹⁶²	Rio de Janeiro	-	Incentivador da Revista Estudos Psíquicos.		-
Leopoldo Machado ¹⁶³	Rio de Janeiro	Orador, conferencista, poeta, dramaturgo, escritor, Jornalista, professor, escritor, compositor.	Redator correspondente da Revista E.P./ Ele e a esposa tomaram a iniciativa de construir o Albergue Noturno Allan Kardec e o Lar de Jesus para meninas órfãs.	Em 1929, o "Criador de Mocidades Espíritas" mudou-se para a cidade de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, onde participou, com Marília e vários companheiros, da fundação do Centro Espírita "Fé, Esperança e Caridade". Como seu mais atuante presidente, edificou o Albergue Noturno "Allan Kardec" e, posteriormente, o "Lar de Jesus", Escola de Alfabetização "João Batista". Presidente do centro espírita, Fé, Esperança e Caridade.	-
Marcolina Alves ¹⁶⁴	Rio de Janeiro	Tesoureira, oradora, orador.	-	Tesoureira do Lar de Jesus – Nova Iguaçu.	-
Marília F. de Almeida Barbosa ¹⁶⁵	Rio de Janeiro	-	-	Fundadora do Lar de Jesus (RJ), esposa de Leopoldo Machado; criou o serviço de assistência social; sopa dos pobres; visitas periódicas as cadeias e hospitais.	-
Martins Peralva ¹⁶⁶	Minas Gerais	Escritor	Representando da Revista E. P em Belo Horizonte.	Jornal Seara Juvenil.	-
Nelson Kerensky ¹⁶⁷	Pernambuco	Major – saiu do exercito para ser um divulgador da doutrina, orador.	Redator correspondente do Estudos Psíquicos; Colabora semanalmente em programas radiofônicos; Foi diretor da revista Raios de Luz.	Presidente da Liga Espírita de Pernambuco; Dirige os departamento de ação social, imprensa e instrução da Fraternidade Raios de Luz.	-
Olímpio Leomilde Vasconcelos ¹⁶⁸	São Paulo	Humanidades - Comércio	-	Junto com sua esposa Rosa Leomil	-

¹⁵⁸ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 2, 1944;

¹⁵⁹ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 1, 1945;

¹⁶⁰ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 11, 1946;

¹⁶¹ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 4, 1952;

¹⁶² *Revista Estudos Psíquicos*, n. 12, 1947;

¹⁶³ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 9, 1947; n. 7, 1951;

¹⁶⁴ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 7, 1946;

¹⁶⁵ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 11, 1949;

¹⁶⁶ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 11, 1954;

¹⁶⁷ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 2, 1947;

¹⁶⁸ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 12, 1953;

				(professora.cozinheira, mãe das crianças, diretora), fundou o Orfanato Casa de Lucía.	
Orlando Romero ¹⁶⁹	Paraíba	Engenheiro agrônomo	Colaborador da Revista Reformador.	Vice-presidente da FEPB.	-
Sérgio Vale ¹⁷⁰	São Paulo	Odontólogo, médico	Artigo “A Filosofia de Ubaldo”, articulista do espiritismo, pesquisador.	-	-

Fonte: dados principalmente da revista, autoria própria (2018).

Quadro 12 – Autoridades brasileiras que foram capa da *Revista Estudos Psíquicos* (1956-1960)

Nome	Estado de Atuação	Função	Atuação Intelectual	Atuação Institucional	Atuação Carismática
Acyr Faria ¹⁷¹	Três Rios	-	Representante E. P.	-	-
Amadeu Santos ¹⁷²		Advogado e Jornalista	Articulista “O discurso sobre o método”.	-	-
Américo Lopes Vieira ¹⁷³	Rio de Janeiro	-	Gerente da Revista Reformador (1927-1929) / ocupou cargos na FEB.	-	-
Antônio Augusto dos Santos ¹⁷⁴	Minas Gerais	Engenheiro	-	Fez a planta da casa de saúde “André Luiz”, do Hospital Espírita “André Luiz” e da União Mineira, esta última instalada no prédio que ele foi construtor.	
Antônio J. Monteiro ¹⁷⁵	Rio de Janeiro	-	-	Representante da Revista Estudos Psíquicos.	Médium
José Simões de Matos ¹⁷⁶	Rio Grande do Sul	-	Artigo - tese sobre a “doutrina espírita”.	-	-
Leopoldo Machado ¹⁷⁷	Rio de Janeiro	Orador, conferencista, poeta, dramaturgo, escritor, Jornalista, professor, escritor, compositor.	Redator correspondente da Revista E.P./ Ele e a esposa tomaram a iniciativa de construir o Albergue Noturno Allan Kardec e o Lar de Jesus para meninas órfãs.	-	-
Mario Travassos ¹⁷⁸ (1891-1973)	Rio de Janeiro	Marechal e escritor	primeiro Presidente da Sociedade Pró-Livro-Espírita Em Braille "SPLEB".	Representante de Estudos Psíquicos. Apoio a “Cruzada dos Militares”.	-
Newton Gonçalves de Barros ¹⁷⁹ (1915-1997)	São Paulo/Rio de Janeiro	Professor de Matemática e História, escritor e	Colaborador da Revista Internacional do Espiritismo, redator da revista Estudos Psíquicos.	Presidiu o Grupo da Fraternidade Irmã Scheila, foi diretor de propaganda do Centro E. Fé, Esperança e	

¹⁶⁹ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 9, 1949;

¹⁷⁰ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 6, 1953.

¹⁷¹ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 5, 1958;

¹⁷² *Revista Estudos Psíquicos*, n. 1, 1956;

¹⁷³ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 7, 1956;

¹⁷⁴ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 12, 1956;

¹⁷⁵ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 11, 1958;

¹⁷⁶ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 3, 1956;

¹⁷⁷ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 10, 1957;

¹⁷⁸ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 5, 1956;

¹⁷⁹ *Revista Estudos Psíquicos*, n. 2, 1958.

		conferencista	Autor do livro espiritualista: “Quem são meus irmãos?”	Caridade, membro do conselho fiscal do Lar de Jesus, doutrinador do Grupo Espírita André Luís e da Federação Espírita Brasileira, professor da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos e do Instituto Brasileiro de Cultura Espírita.	
Paulo Hecker ¹⁸⁰	Rio Grande do Sul	Advogado e farmacêutico	Redator correspondente da Revista E.P. Artigo “Assistência aos Psicopatas” tese aprovada no 2º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul em 1951.	Dirigiu a Federação Espírita do Rio Grande do Sul. (1931-1932)	-

Fonte: dados principalmente da revista, autoria própria (2018).

Os quadros (11) e (12) destacam as autoridades brasileiras na *Revista Estudos Psíquicos*; no quadro (11), que faz referência a fase entre o período de 1943-1955, vinte autoridades brasileiras ganharam exposição no campo religioso português através das capas dessa revista, enquanto que no quadro (12), entre os anos de 1956-1960, tivemos mais dez referências. Mais da metade possuíam funções doutrinárias nas duas tipologias: intelectual e institucional. Apenas Francisco Cândido Xavier, Aura Celeste e António J. Monteiro foram representados em destaque na revista com características carismáticas, que de acordo com Célia Arribas (2014, p. 150), era aquele perfil que possuía o domínio da prática mediúnic, que consegue exercer sua prática mediúnic e dela obter reconhecimento.

Deste modo, a atenção da *Revista Estudos Psíquicos*, entre as décadas de 1940 a 1960, foi dar visibilidade a autoridades que possuíam um domínio doutrinário e que tinham atuação institucional, Eram diretores de jornais, escritores, presidentes de instituições, redatores, colunistas. Entre essas autoridades até mesmo Francisco Cândido Xavier e Aura Celeste, que tinham ênfase na mediunidade, no aspecto “mágico” da doutrina, também escreviam através da psicografia muitas obras, possuindo assim o domínio doutrinário.

Faremos um quadro para buscar compreender quais ênfases doutrinárias foram mais reproduzidas pelas autoridades brasileiras e luso-brasileiras em atuação na *Revista Estudos Psíquicos*, entre os anos de 1943-1949. Para tal, de acordo com o tríptico aspecto construído no movimento espírita brasileiro, devidamente questionado por Augusto Araújo (2016), porém propagado pela Federação Espírita Brasileira (FEB), nos basearemos nos conceitos descritos no documento *As Bases da Organização Espírita* para identificarmos entre os

180

Revista Estudos Psíquicos, n. 8, 1956.

artigos escritos, aqueles que possuem uma ênfase de conteúdo mais direcionada a um aspecto específico: (a) Filosófico¹⁸¹; (b) Científico¹⁸²; (c) Moral/Religioso¹⁸³ e (d) Diverso¹⁸⁴.

Quadro 13 – Ênfases doutrinárias nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na *Revista Estudos Psíquicos* entre os anos de 1943-1949.

Ano	Autor(es)	Título	Conteúdo	Referência
1943	Leopoldo Machado	A Fraude no Espiritismo	Diverso	n. 23, p. 323
1943	Henrique Magalhães*	Ide, e pregai o Evangelho	Moral/Religião	n.24, p.
1944	Levindo Melo	Casos interessantes de Medicina e Espiritismo	Ciência	n. 4, p. 114-115.
1944	Francisco Cândido Xavier	Orientação (Emmanuel)	Moral/Religião	n. 5, p. 133
1944	Henrique Magalhães*	Os primeiros discípulos e a pesca maravilhosa	Moral/Religião	n. 10, p. 298
1944	Francisco Cândido Xavier	Facciosismo (Emmanuel)	Moral/Religião	n.10, p. 319
1944	Deolindo Amorim	Alma e sensação	Filosofia	n. 11, p. 343
1945	Inácio Ferreira	Espiritismo - Ciência Suprema	Ciência	n. 3, p. 78
1945	Inácio Ferreira	Espiritismo - Ciência Suprema II	Ciência	n. 4, p.103
1945	Francisco Cândido Xavier	Duas Crônicas (Humberto de Campos)	Moral/Religião	n. 4, p. 121-123
1945	Inácio Ferreira	Espiritismo - Ciência Suprema III	Ciência	n.5, p. 141
1945	Henrique Magalhães*	Discurso de Jesus sobre a sua Missão	Moral/Religião	n.5, p. 142-143
1945	Inácio Ferreira	Espiritismo - Ciência Suprema IV	Ciência	n.6, p. 180
1945	Deolindo Amorim	Uma carta do Brasil	Diverso	n.8, p. 246
1945	Henrique Magalhães*	Dinheiro, arma de dois gumes	Moral/Religião	n. 9, p. 261- 262
1945	Inácio Ferreira	Ciência Suprema V	Ciência	n. 9, p.272
1945	Inácio Ferreira	Ciência Suprema V	Ciência	n.10, p
1945	J. Leomar Falcão	No Mundo Sobrenatural – Poderão os chamados fenômenos espíritas ser explicados pela “quarta dimensão”, ou pela existência de um “sexto sentido”?	Filosofia	n. 10, p. 299
1946	Deolindo Amorim	Africanismo e Espiritismo	Filosofia	n.3, p. 70
1946	Leopoldo Machado	Lições de Páscoa	Moral/Religião	n. 4, p. 119
1946	Leopoldo Machado	Ismos Científicos	Filosofia	n.5, p. 136
1946	Leopoldo Machado	Ismos Científicos II	Filosofia	n. 6, p. 163-165

¹⁸¹ Baseia-se no estudo analítico e comentado com base no *Livro dos Espíritos*;

¹⁸² Baseia-se no experimento, na observação e análises dos fenômenos espíritas;

¹⁸³ Baseia-se na propagação do evangelho, que resulta como vimos no *ethos cristão* – a caridade (disciplina, trabalho e estudo);

¹⁸⁴ Quando não tem nenhum dos aspectos evidenciado.

1946	Dr. Viriato Correia	Conte o seu caso... Como se tornou espírita?	Diverso	n.7, p. 212-215
1946	Leopoldo Machado	Ismos Científicos III	Filosofia	n. 8, p. 226-228
1946	Deolindo Amorim	Africanismo e Espiritismo II	Filosofia	n.8, p. 237-241
1946	Dr. Viriato Correia	Conte o seu caso... Como se tornou espírita?	Diverso	n.8, p. 246-249
1946	Dr. Viriato Correia	Conte o seu caso... Como se tornou espírita?	Diverso	n.9, p. 271-274
1946	J. B. Chagas	Determinismo Divino	Moral/Religião	n. 9, p.269
1946	Deolindo Amorim	Africanismo e Espiritismo III	Filosofia	n.10, p. 282-285
1946	J. B. Chagas	Conte o seu caso... Como se tornou espírita?	Diverso	n. 10, p.297-298
1946	Arnaldo S. Tiago	Prolegómenos ao Estudo do Espiritismo	Ciência	n.11, p. 308-310
1947	Deolindo Amorim	O Espiritismo em França	Diverso	n.1,p.2-3
1947	Coronel Delfino Ferreira	Filosofia Espírita	Filosofia	n. 1, p. 23
1947	Nelson Kerensky	Realidade Espírita	Moral/Religião	n.2, p.40-42
1947	Frederico Finger	Conte o seu caso... Como se tornou espírita?	Diverso	n.2, p. 51-52
1947	Leopoldo Machado	Conte o seu caso... Como se tornou espírita?	Diverso	n.3, p. 69-72
1947	Idalina de Aguiar Bastos	Carta do Brasil	Diverso	n. 3, p. 73
1947	Arnaldo S. Tiago	Diferenças	Filosofia	n. 3, p. 86-87
1947	José Simões de Matos*	Portugal no Brasil	Diverso	n. 3, p. 90
1947	Leopoldo Machado	Esquizofrenia e Obsessão	Ciência	n.4, p. 100-101
1947	Deolindo Amorim	Resumo da Doutrina Espírita	Filosofia	n.4, p. 120-121
1947	Alfredo Miguel	O Espiritismo na Bahia	Diverso	n. 5, p. 224-225
1947	José Simões de Matos*	O Espiritismo no Brasil	Diverso	n. 7, p. 303-304
1947	Deolindo Amorim	Tendências do Movimento Espírita Brasileiro	Filosofia	n. 8, p.319-321
1947	José Simões de Matos*	Despertar	Moral/Religião	n. 8, p. 325
1947	Deolindo Amorim	Tendências do Movimento Espírita Brasileiro II	Filosofia	n.9, p. 350-352
1947	Henrique Magalhães*	Materializações e Curas a distância	Ciência	n. 9, p.359-360
1947	Leopoldo Machado	O Espiritismo em Nova-Iguaçu	Diverso	n.9, p. 368
1947	Deolindo Amorim	Tendências do Movimento Espírita Brasileiro III	Filosofia	n.10, p. 384-385
1947	Leopoldo Machado	Espiritismo de Vivos (Decálogo)	Moral/Religião	n.10,p. 388-389
1947	José Simões de Matos*	Gratidão	Moral/Religião	n.10, p. 392
1947	Nelson Kerensky	Do Isolacionismo a Fraternidade	Filosofia	n.10, p. 400-401
1947	J. B. Chagas	Estudos Evangélicos – Velhos e Moços	Moral/Religião	n.11, p.422-424
1947	Nize A. Santos	O Milagre da dor	Moral/Religião	n. 11, p.426

1947	Noraldino de Melo Castro	Roteiro do Espírito	Moral/Religião	n. 12, p. 453-455
1947	Arnaldo S. Tiago	“Data Venia” a Ramos Pereira sobre o comentário do livro História das Religiões	Filosofia	n.12, p. 456
1947	José Simões de Matos*	A ilusão do Discípulo	Moral/Religião	n. 12, p. 462
1948	Everaldino Ascetes da Fonseca	Têm alma os animais?	Filosofia	n.1, p. 2-4
1948	Nabor da Graça Leite	A Unificação do Espiritismo	Diverso	n.1, p. 9-11
1948	José Simões de Matos*	A Intuição	Moral/Religião	n.1, p. 11
1948	Everaldino Ascetes da Fonseca	Têm alma os animais? II	Filosofia	n.2, p. 38-40
1948	Carlos Imbassahy	A dupla personalidade	Filosofia	n.2, p. 45-46
1948	Francisco Cândido Xavier	Princípios Redentores (André Luiz)	Moral/Religião	n. 2, p.46
1948	Henrique Magalhães*	Um Menino Endiabrado	Moral/Religião	n.2,p.48-49
1948	Francisco Thiesen	Conte seu caso... Como se tornou espírita?	Diverso	n.2, p. 59
1948	Everaldino Ascetes da Fonseca	Têm alma os animais? III	Filosofia	n.3, p.70-72
1948	Geraldo de Oliveira	Intercâmbio Espiritual	Moral/Religião	n. 3, p. 86-87
1948	Arnaldo S. Tiago	Invocação	Moral/Religião	n.3, p. 87
1948	Vicente Neto	O Espiritismo em Campinas	Diverso	n.4, p.106
1948	Carlos Imbassahy	A nossa vida mental	Moral/Religião	n.5, p. 137-139
1948	Deolindo Amorim	Hospital Espírita de Pedro Alcântara	Diverso	n.5, p. 147-148
1948	Francisco Thiesen	Obras	Moral/Religião	n.5, p. 156
1948	José Simões de Matos*	Juventude	Moral/Religião	n.6, p. 166
1948	Carlos Imbassahy	“A nossa vida mental e a opinião de três sábios”	Moral/Religião	n.6, p.167-169
1948	Francisco Cândido Xavier	Maternidade “Casa da Mãe Pobre” (Emmanuel)	Moral/Religião	n.6, p.169
1948	José Peres Fontenelle	Lázaro Luís Zamenhof (Criador do Esperanto)	Diverso	n.6, p. 184)
1948	Carlos Imbassahy	A nossa vida Mental - O Caso de Helena Smith	Moral/Religião	n.7, p.201-203
1948	Leopoldo Machado	Fundação de uma mocidade Espírita (Normas – modelo brasileiro)	Diverso	n. 7, p. 204-206
1948	Carlos Imbassahy	A nossa vida Mental – e os grandes médiuns	Filosofia	n.8, p. 226-228
1948	Carlos Imbassahy	A nossa vida mental –Eusápia Paladino	Moral/Religião	n.9, p. 263-264
1948	Henrique Magalhães*	O jogo das hipóteses	Filosofia	n. 9, p. 270
1948	Paulo Hecker	Justiça	Filosofia	n.10, p. 296-297
1948	Alfredo Miguel	Intercâmbio com os espíritas do Uruguai	Diverso	n.10, p. 300-301
1948	José Simões de Matos*	Sejamos Perfeitos	Moral/Religião	n.10, p. 305-306

1948	Henrique Magalhães*	Uma casa de Saúde	Moral/Religião	n.10, p. 309
1948	(Autores Diversos) - A.N. Pinheiro Ramos, Martins Peralva Sobrinho, Arlindo Colaço, Felipe Soares de Melo	4º Congresso Espírita Nordeste (Brasil)	Ciência	n. 10, p. 310-312
1948	A.N. Pinheiro Ramos	A Reencarnação e os Evangelhos	Moral/Religião	n.11, p. 328-329
1948	Henrique Magalhães*	Uma casa de Saúde	Moral/Religião	n.11, p. 341-342
1948	A.N. Pinheiro Ramos	A Reencarnação e os Evangelhos	Moral/Religião	n.12, p. 354
1949	Henrique Magalhães*	Um ano de existência	Diverso	n.1, p. 16
1949	Nabor da Graça Leite	Escola de Médiuns	Moral/Religião	n.1, p. 26-27
1949	Deolindo Amorim	A moral e os recursos da Natureza	Moral/Religião	n.1, p. 32-33
1949	Nelson Kerensky	E... Ai de Nós	Moral/Religião	n.1, p. 37
1949	Henrique Magalhães*	Casa de Repouso para os inválidos espíritas	Moral/Religião	n.2, p. 44
1949	A.N. Pinheiro Ramos	A reencarnação e os evangelhos	Moral/Religião	n.2, p. 49
1949	José Simões de Matos*	Vida Espírita Federativa	Diverso	n. 2, p. 52
1949	Djalma de Matos	O reino contra si mesmo	Moral/Religião	n.2, p. 52-53
1949	Nabor da Graça Leite e Isidoro Duarte Santos	A semana espírita na cidade de Baurú	Diverso	n. 2, p.60-61
1949	J.B. Chagas	O 3º Congresso de Confraternização	Diverso	n. 2, p. 65-66
1949	Deolindo Amorim	O Cientismo e Espiritismo	Ciência	n. 3, p. 81
1949	Leopoldo Machado	Congresso Brasileiro de Unificação Espírita – Liga Espírita de São Paulo	Diverso	n. 3, p. 84-86
1949	Henrique Magalhães*	As duas Cruzes	Moral/Religião	n.3, p. 92-93
1949	A.N. Pinheiro Ramos	A reencarnação e os evangelhos	Moral/Religião	n.3, p. 96
1949	A.N. Pinheiro Ramos	A reencarnação e os evangelhos	Moral/Religião	n.4 114-115
1949	José Simões de Matos*	Médiuns	Moral/Religião	n.4,115
1949	Ary C. Silva	Três Perguntas – dedicadas a Sônia T. Araújo	Moral/Religião	n.5, p. 142
1949	J. B. Chagas	Congressos	Diverso	n. 5, p. 143
1949	-	A Festa do Livro Espírita (RJ) – (org. Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil)	Diverso	n.5, p. 148-149
1949	Antônio Lara	Uma sessão de Efeitos Físicos	Ciência	n.5, p. 155
1949	Nabor da Graça Leite	Juventude Espírita de Bauru	Diverso	n. 5, p. 156-157
1949	A.N. Pinheiro Ramos	A reencarnação e os evangelhos	Moral/Religião	n. 5, p. 159
1949	Francisco Cândido Xavier	Gotas (poesia de Casimiro Cunha)	Moral/Religião	n. 5, p. 160-161
1949	José Simões de Matos*	A verdadeira Senha	Moral/Religião	n.6, p. 176
1949	Henrique Magalhães*	A Semente Vital	Moral/Religião	n.6, p. 177

1949	Noraldino de Melo Castro	Trajectórias de Almas	Moral/Religião	n.6, p. 182
1949	A.N. Pinheiro Ramos	A reencarnação e os evangelhos	Moral/Religião	n.7, p. 211
1949	Noraldino de Melo Castro	O Cireneu	Moral/Religião	n.8, p. 244-245
1949	A.N. Pinheiro Ramos	A reencarnação e os evangelhos	Moral/Religião	n.8, p. 245-246
1949	Leopoldo Machado	Allan Kardec, um símbolo	Filosofia	n.8, p. 251
1949	Airton L. Machado	Festa do livro Espirita no Brasil	Diverso	n. 8, p. 252-253
1949	Leopoldo Machado	Livro, código das revelações	Filosofia	n.8, p. 255
1949	Paulo Hecker	Multiplicidade de Vidas	Filosofia	n.8, p. 256
1949	José Simões de Matos*	Pensando e Meditando	Filosofia	n. 8, p. 257
1949	Leopoldo Machado	Os dois Lutos	Moral/Religião	n. 9, p. 280
1949	Deolindo Amorim	Estudos Históricos	Filosofia	n. 9, p. 283
1949	A.N. Pinheiro Ramos	A reencarnação e os evangelhos	Moral/Religião	n.9, p. 287
1949	José Simões de Matos*	Liberdade	Filosofia	n.10, p. 301
1949	Deolindo Amorim	Estudos Históricos	Filosofia	n.10, p. 305-306
1949	Deolindo Amorim	Sistema didático no ensino do Espiritismo (modelo Centro espírita 18 de abril)	Diverso	n. 10, p. 307-309
1949	Francisco Cândido Xavier	Um burro de Carga (Neio Lúcio)	Moral/Religião	n.10, p.312-313
1949	Henrique Magalhães*	“Casa da Mãe Pobre” - Uma Instituição Modelar	Moral/Religião	n. 10, p. 320-321
1949	Leopoldo Machado	A saudade da querida esposa – Marília de Almeida Barbosa	Diverso	n.11, p. 335
1949	Clóvis Tavares	História de um moço Judeu	Moral/Religião	n. 11,p. 339
1949	(Autores Diversos) Deolindo Amorim, Noraldino de Melo Castro, Alfredo Miguel e João Ghinone	A marcha do Espiritismo – Realizou-se no Rio de Janeiro o 2º Congresso Espirita Pan-Americano	Ciência	n.11, p. 346-348
1949	Henrique Magalhães*	Tarefeiros do bem	Moral/Religião	n.11, p. 354
1949	Henrique Magalhães*	Expressão Mediúnica	Moral/Religião	n.12, p. 369
1949	Djalma Farias	Doutrinas Novas	Moral/Religião	n. 12, p. 373
1949	Corina Novelino	Sorria Sempre	Moral/Religião	n. 12, p. 383

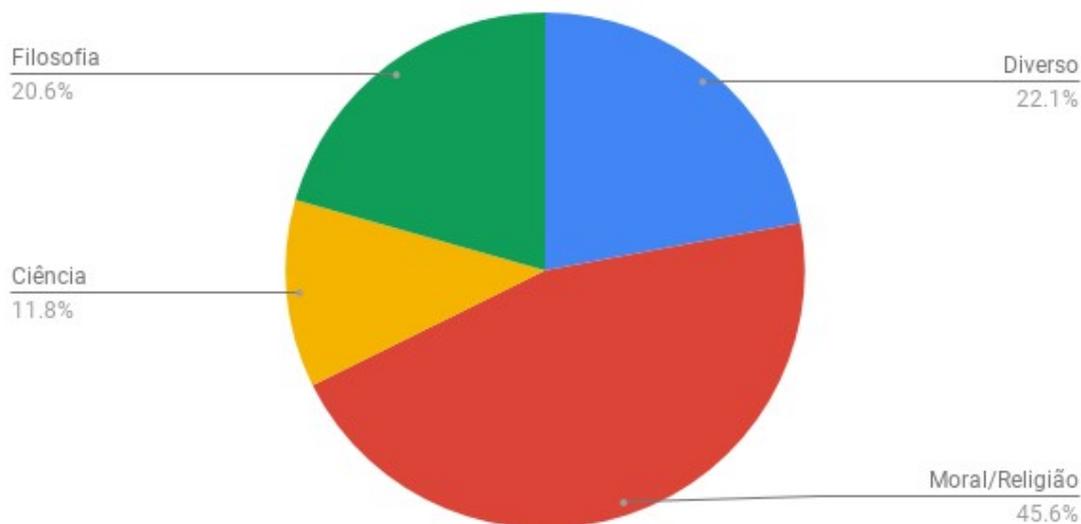
*portugueses que se tornaram espíritas no Brasil

Fonte: dados principalmente da revista, autoria própria (2018)

Diferentemente da primeira versão da *Revista Estudos Psychicos*, do início do século XX, que tratava apenas de conteúdo científico, de experimentações e reflexões dos fenômenos mediúnicos, vimos em seis anos da primeira década dessa *Revista* que havia uma mescla nas ênfases de conteúdo (quadro 13), além da inserção e ampliação de publicações realizadas por

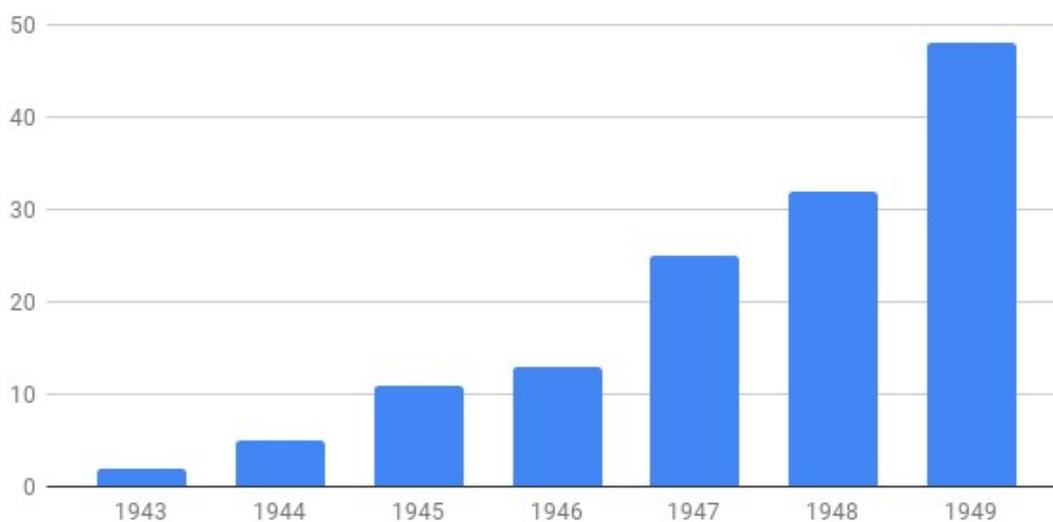
autoridades brasileiras e luso-brasileiras. Veremos abaixo, como ficou distribuído no gráfico (7) as ênfases de conteúdo dessas publicações nesse período:

Gráfico 7 - Ênfases doutrinárias nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na *Revista Estudos Psíquicos*, entre os anos de 1943-1949.



Fonte: dados principalmente da revista, autoria própria (2018)

Gráfico 8 – Número de publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na *Revista Estudos Psíquicos* entre os anos de 1943-1949.

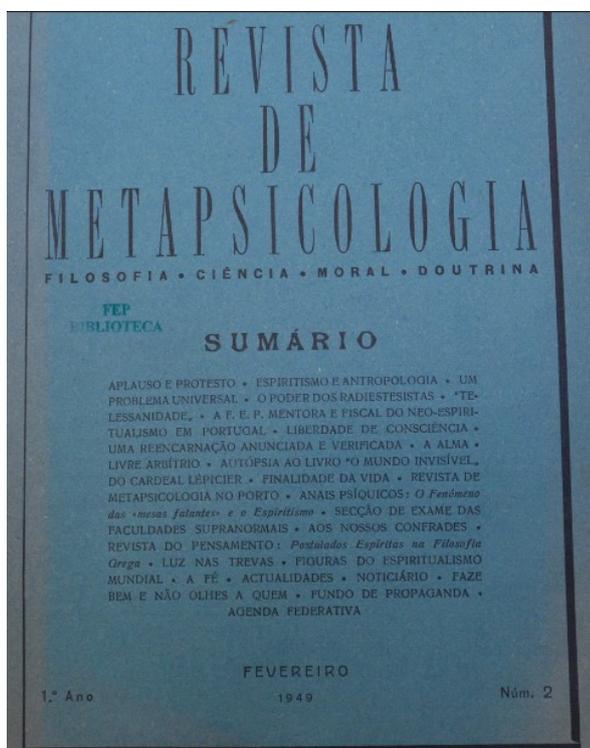


Fonte: dados principalmente da revista, autoria própria (2018)

No gráfico (8), percebemos uma curva ascendente no número de publicações¹⁸⁵ de brasileiros e luso-brasileiros na *Revista Estudos Psíquicos* entre os anos de 1943 a 1949. A inserção de novos colaboradores/redatores propiciou esse aumento expressivo. A *Revista Estudos Psíquicos* parecia simpatizar com o movimento espírita brasileiro, que cada vez mais lhe abria novos espaços.

A direção da Federação Espírita Portuguesa (FEP) parecia não se agradar da forma como a *Revista Estudos Psíquicos* difundia o Espiritismo. Em fins da década de 1940, suas ações foram associadas para fortalecer a ênfase filosófico-científica. De acordo com Luís Santos (2002, p. 478), uma revista de viés cientificista foi criada pela FEP, a *Revista de Metapsicologia*¹⁸⁶ (1949) e, em 25 de janeiro de 1953, foi inaugurado pelo departamento científico da FEP, o Laboratório de Estudos Metapsíquicos Charles Richet¹⁸⁷. O repórter Z (Revista *Metapsicologia*, n.2, p. 37, 1953) publicou uma reportagem sobre essa inauguração, reproduziu uma frase que acredita ser de Allan Kardec, frase esta que parecia sintetizar aquelas ações: “O Espiritismo, ou será científico ou não terá razão de existir”.

Figura 5– Revista de Metapsicologia – Ano 1, n. 2, fevereiro de 1949



Fonte: *Revista de Metapsicologia* (1949, ano 1, n.2)

185

De artigos, relatos, reportagens e mensagens;

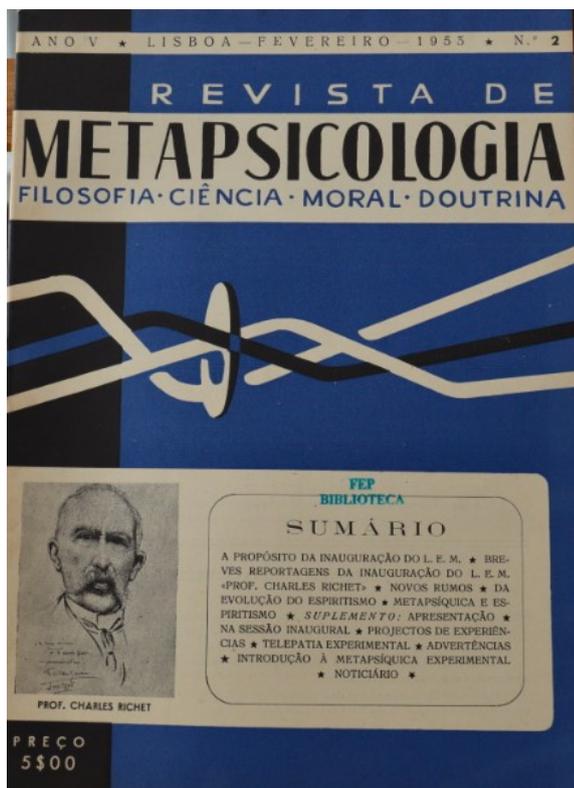
186

Dirigida pelo coronel Faure da Rosa;

187

Sendo seus diretores: Luís Avelar Aguiar, Ramiro da Fonseca e Estevão da Silva.

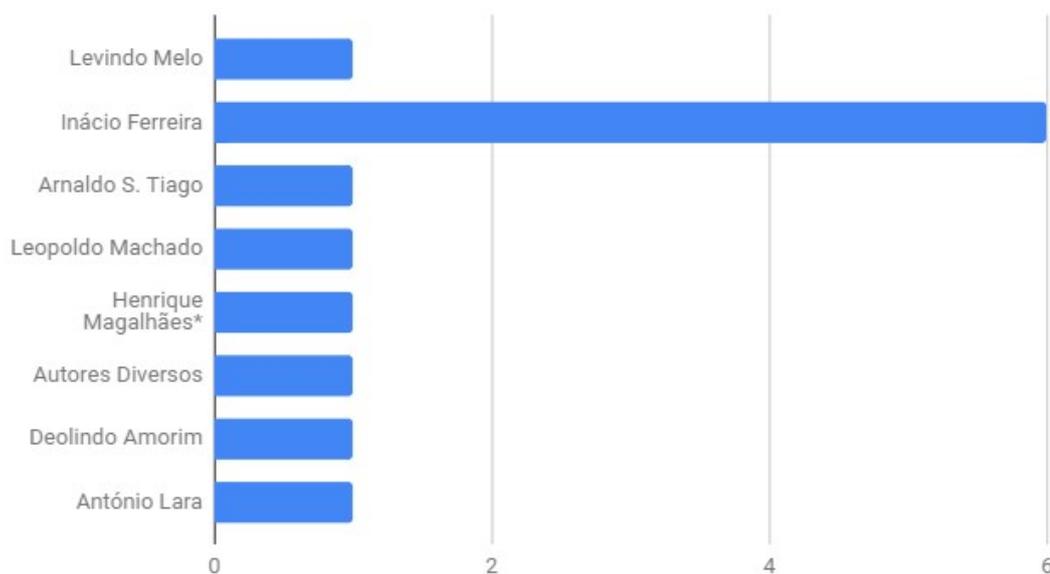
Figura 6 – *Revista de Metapsicologia* – Ano 5, n. 2, fevereiro de 1953



Fonte: *Revista de Metapsicologia* (1953, ano 5, n.2)

A *Revista Metapsicologia*, apesar de não anular o conteúdo moral, era uma resultante das pesquisas científicas e deduções filosóficas. Parecia uma ação contra a visão mais plural da *Revista Estudos Psíquicos*, pois esta se abria ao viés moral/religioso, às referências que se consolidavam no Brasil. Vejamos adiante, as autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras que mais repercutem as ênfases doutrinárias: (a) científica (gráfico 9); (b) moral/religiosa (gráfico 10) e (c) filosófica (gráfico 11).

Gráfico 9 – Ênfase doutrinária –“Científica” nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na *Revista Estudos Psíquicos* entre os anos de 1943-1949

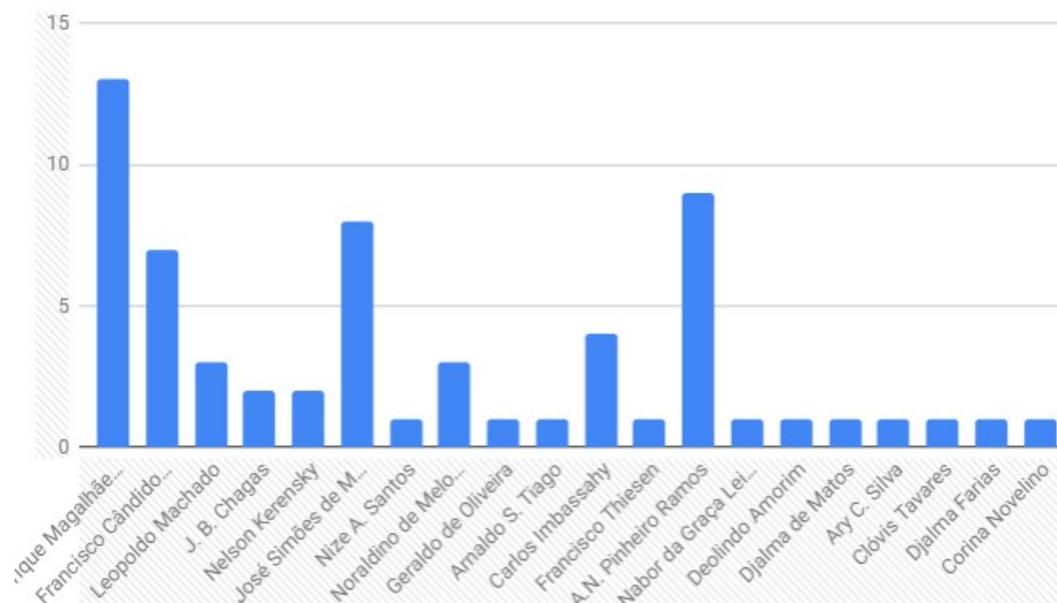


Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Durante o período de 1943-1949, as participações das autoridades brasileiras e luso-brasileiras quanto a publicações na ênfase científica não tiveram tanto destaque. A figura que mais publicava com essa ênfase era o psiquiatra, de Uberaba, Inácio Ferreira que, em 1945, publicou uma série de artigos¹⁸⁸ sobre a “ciência suprema”, na qual desenvolveu seus estudos acerca do Espiritismo, enfatizando os desequilíbrios psíquicos e nervosos. Constatamos uma queda quanto à publicação de artigos dessa natureza, nos fins dos anos de 1949.

¹⁸⁸ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 3, 1945, p. 78; n. 4, 1945, p. 103; n. 5, 1945, p. 141; n. 6, 1945, p. 180; n. 9, 1945, p. 272; n. 10, 1945).

Gráfico 10 – Ênfase doutrinária –“Moral/Religiosa” nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na *Revista Estudos Psíquicos* entre os anos de 1943-1949.



Fonte: dados da revista, autoria própria (2018).

Entre as autoridades que mais discorrem sobre o conteúdo moral/religioso, podemos destacar: (1) Henrique Magalhães; (2) A. N. Pinheiro Ramos; (3) José Simões de Matos; (4) Francisco Cândido Xavier. Suas publicações variavam entre novas interpretações bíblicas, passagens bíblicas, mensagens, poesias e fábulas. Textos que se relacionavam ao *ethos* cristão. Henrique Magalhães privilegiava os conteúdos bíblicos e na *Estudos Psíquicos* de 1943 (n.24) publicou “Ide e Pregai o Evangelho”; em 1944: “Os primeiros discípulos e a pesca maravilhosa”¹⁸⁹; 1945, o “Discurso de Jesus sobre a sua missão”, entre outros. Já entre os anos de 1948-1949, A. N. Pinheiro Ramos publicou uma coletânea¹⁹⁰ de artigos a respeito da “Reencarnação e os Evangelhos”, enquanto José Simões de Matos privilegiava conteúdos do *ethos* cristão, quando publicou temas como: “Despertar”¹⁹¹, “Gratidão”¹⁹², “A ilusão do discípulo”¹⁹³, “A intuição”¹⁹⁴, “Sejamos perfeitos”¹⁹⁵, “A verdadeira senha”¹⁹⁶. Enquanto que

¹⁸⁹ *Revista Estudos Psíquicos* (n.10, 1944, p. 298)

¹⁹⁰ *Revista Estudos Psíquicos* (n.11, 1948, p. 328-329; n.12, 1948, p. 354); (n.2, 1949, p. 49; n.3, 1949, p. 96; n.4, 1949, 114-115; n. 5, 1949, p. 159; n.7, 1949, p. 211; n.8, 1949, p. 245-246; n.9, 1949, p. 287).

¹⁹¹ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 8, 1947, p. 325);

¹⁹² *Revista Estudos Psíquicos* (n. 10, 1947, p. 392);

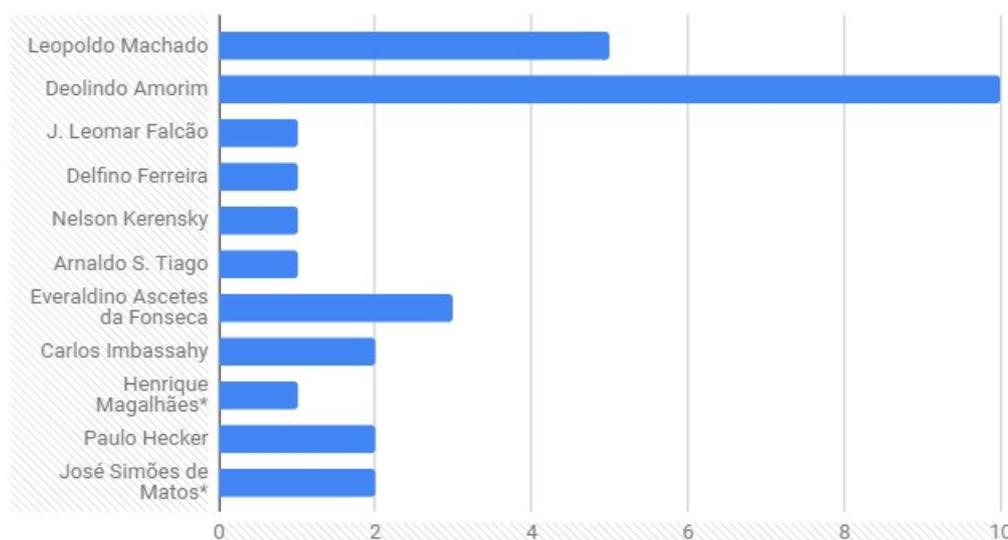
¹⁹³ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 12, 1947, p. 462);

¹⁹⁴ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 1, 1948, p. 11);

¹⁹⁵ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 10, 1948, p. 305-306);

os textos publicados de Francisco Cândido Xavier estavam mais relacionados a mensagens, poesias e fábulas, como vemos em: Facciosismo (Emmanuel)¹⁹⁷, Orientação (Emmanuel)¹⁹⁸, Duas Crônicas (Humberto de Campos)¹⁹⁹, Princípios Redentores (André Luiz)²⁰⁰, Gotas (poesia de Casimiro Cunha)²⁰¹ e Um burro de Carga (Neio Lúcio)²⁰².

Gráfico 11– Ênfase doutrinária –“Filosófica” nas publicações realizadas por autoridades intelectuais brasileiras e luso-brasileiras na *Revista Estudos Psíquicos* entre os anos de 1943-1949.



Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Entre as autoridades brasileiras e luso-brasileiras que tiveram em suas produções a identificação da ênfase filosófica, destacamos: (1) Deolindo Amorim e (2) Leopoldo Machado. Deolindo Amorim, em 1946, publicou uma série de três artigos problematizando o “Africanismo e Espiritismo”²⁰³, o autor considerava as práticas “africanistas”, como “afrocatólicas”, ou seja, mais próximas do Catolicismo do que do Espiritismo.

Deolindo Amorim, em 1947 (n.8, p. 319-321), inaugura uma série de artigos²⁰⁴ tratando sobre as *Tendências do Espiritismo Brasileiro*:

¹⁹⁶ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 6, 1948, p. 176).

¹⁹⁷ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 10, 1944, p. 319).

¹⁹⁸ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 5, 1944, p. 133).

¹⁹⁹ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 4, 1945, p. 121-123).

²⁰⁰ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 2, 1948, p. 46).

²⁰¹ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 5, 1949, p. 160-161).

²⁰² *Revista Estudos Psíquicos* (n. 10, 1949, p. 312-313).

²⁰³ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 3, 1946, p. 70; n.8, 1946, p. 237-241; n. 10, 1946, p. 282-285)

²⁰⁴ *Revista Estudos Psíquicos* (n. 8, 1947, p.319-321; n. 9, 1947, p.350-352; n. 10, 1947, p.384-385)

Diz-se que o Espiritismo no Brasil é mais religioso do que científico. Sob o ponto de vista prático, prefiro dizer mais social, isto é, mais inclinado para as obras de assistência (asilos, orfanatos, creches, hospitais, escolas, abrigos, albergues, etc) do que realmente para trabalhos experimentais. [...] a tendência religiosa do Espiritismo no Brasil [...] não se resume a oração, no lado místico: tem seu lado humanitário, dinâmico. [...] As obras de assistência constituem, por assim dizer, a preocupação absorvente do meio espírita brasileiro. (AMORIM, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 8, 1945, p. 319)

Deolindo Amorim, neste mesmo artigo, reconhece a ênfase hegemônica e divide o movimento espírita brasileiro em três grupos de opinião: (1) os que acham que o Espiritismo deve abranger o campo de assistência social, realizando obras e dando exemplo à sociedade; (2) os que desaprovam a interferência do Espiritismo no terreno social, por considerarem que ao Estado, exclusivamente, é que cabe cuidar do corpo, enquanto a missão do Espiritismo é cuidar do espírito, evangelizando a humanidade pela iluminação interior e pela reforma moral do homem; e (3) os que, colocando-se à margem desses dois grupos, encaram o Espiritismo exclusivamente sobre o aspecto cultural ou científico, e por isso fazem estudos particulares, de âmbito pessoal.

A tendência religiosa, distante das experimentações científicas em laboratórios, centrava suas ações na leitura e estudo do evangelho, para a propagação, em palestras e/ou conferências, eventos, cursos, evangelização para infância-juventude. Segundo o *ethos espírita*, identificado por Lewgoy (2014) na figura de Chico Xavier, o estudo era necessário para sensibilizar o sujeito para o trabalho no bem, a caridade.

Em setembro de 1947, Leopoldo Machado publica, na *Revista Estudos Psíquicos*, um artigo que se intitula *O Espiritismo em Nova Iguaçu*, em que ele apresenta como é organizado o movimento espírita nessa cidade, a começar pelo Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, fundado em 1920. O Centro comemorava seus vinte e sete anos e funcionava diariamente, de dia e de noite. As aulas de moral cristã e o seu gabinete dentário foram inaugurados em agosto de 1934.

Também nesse mesmo ano, 1934, funcionava a Escola João Baptista, mas já havia assistência aos necessitados desde 1927. As sessões mediúnicas eram privativas e aconteciam à noite, abertas ao público, além de haver cursos para estudar *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o *Livro dos Espíritos*, o *Livro dos Médiuns* e o *Evangelho do Cristo*. Aos

primeiros domingos, tertúlia lítero-artístico-doutrinária²⁰⁵ dedicada a outras entidades de sua afinidade.

De acordo com Leopoldo Machado (*Revista Estudos Psíquicos*, n.9,1947, p. 369), a confraternização não ficava restrita aos membros do Centro Espírita. Havia a Confraternização Espírita ‘Lar de Jesus’ que reunia um grupo de centros espíritas da região de Nova Iguaçu. Além desse, outros eventos aconteciam como: as Semanas Espíritas, Congresso Espírita Fluminense de Confraternização²⁰⁶, Congressos de Confraternização interestaduais entre Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. As publicações das autoridades espíritas brasileiras e luso-brasileiras resultavam no reconhecimento dessas autoridades, o diretor da *Revista Estudos Psíquicos*, Isidoro Duarte Santos reconhece, quando afirma:

Que formoso movimento está agitando a mocidade brasileira de um extremo a outro daquele grande e belo país feito à imagem do nosso! Que lufada de ar puro e sadio satura a alma da juventude, ligando-a entusiasticamente a ideias nobres de rejuvenescimento e boa formação moral! [...] Esta ideia está sendo impulsionada pelo professor Leopoldo Machado, redactor-correspondente de "Estudos Psíquicos" em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, donde têm partido as normas e sugestões para a fundação das Juventudes Espíritas de todo Brasil e que já chegaram à casa das centenas! É seu patrono João Evangelista, o apóstolo mais jovem do Cristo e a finalidade do movimento é assegurar a continuidade da acção evangelizadora nas gerações porvindouras. [...] Leopoldo Machado sabe que assim é e nesse sentido tem agido, como precursor de uma ideia que pairava no cérebro de muitos, mas que só ele soube pôr em prática. [...] Temos fundada a esperança no êxito da "experiência" de Leopoldo Machado, o animador incansável dessa falange de combatentes voltados para o sol do porvir e em cujas mãos os velhos deporão o mandato que reverbera, de seus antecessores. Que eles saibam trabalhar na propagação da Doutrina Espírita, à luz da nova alvorada! (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 6, 1947, p. 251)

O depoimento de Isidoro Duarte Santos traz à tona especificidades do movimento espírita brasileiro quanto à organização também para as juventudes. Leopoldo Machado acreditava que o futuro do movimento espírita estava na capacidade de articulação das mocidades espíritas no estudo da doutrina e no trabalho do bem, articulando o *ethos cristão espírita*, como vimos, consolidado por Francisco Cândido Xavier.

A juventude espírita mais antiga do Brasil foi fundada em junho de 1935, por Leopoldo Machado, em Nova Iguaçu.

De acordo com Pedro Paulo Amorim

²⁰⁵ “Após a tertúlia vai-se para o lar do confrade, para o recreio espiritual: onde fazem a crítica construtiva do programa da tertúlia, troca de pontos de vista doutrinário e números de arte a cargo dos jovens” (MACHADO, n.6, 1947, p.252) tinha como objetivo levar o espiritismo aos lares.

²⁰⁶ Realizado anualmente no mês de agosto, não se discutiam teses, mas estudos substanciosos para 25 minutos de arte espiritualista;

Leopoldo Machado, contando com a ajuda de Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Lins de Vasconcelos, entre outros, foi o maior incentivador e criador do 1º Congresso das Mocidades Espíritas do Brasil, ocorrido de 17 a 23 de julho de 1948, na sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo, contando com a presença de mais de cem grupos de Mocidades Espíritas e mais de seiscentos participantes. (AMORIM, 2017, p. 244)

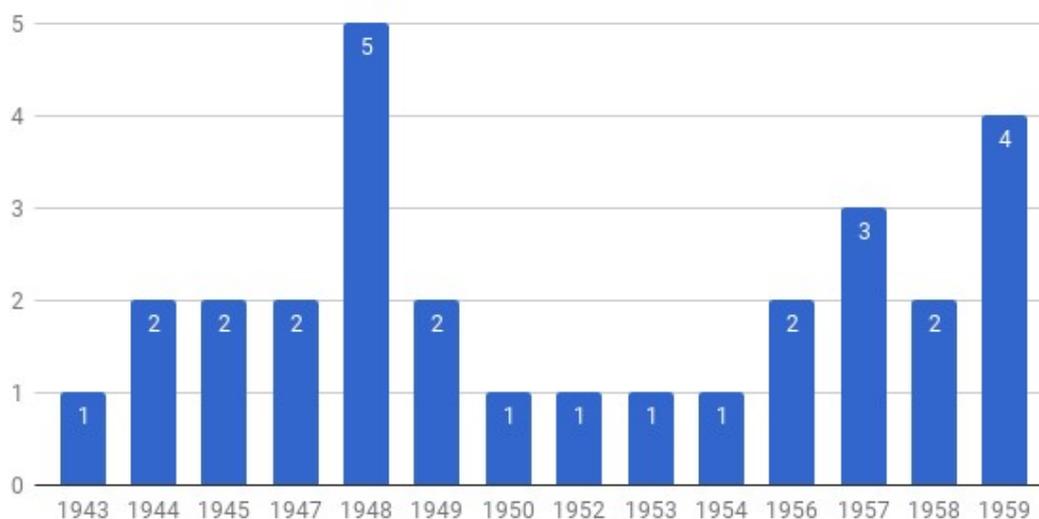
Além de criador do 1º Congresso das Mocidades Espíritas do Brasil, ele implementou e difundiu o programa “Espiritismo de Vivos”²⁰⁷ para inúmeras mocidades espíritas do Brasil e que foi propagado pela *Revista Estudos Psíquicos* no campo religioso português. Era um programa tanto para os jovens, como para os demais simpatizantes e seguidores da doutrina - menos com ênfase ao mediunismo, aos fenômenos mediúnicos e mais com atenção ao estudo doutrinário, ao evangelho e à prática da caridade. A mediunidade não era descartada, mas precisava ter um cuidado específico, que vinha através da educação.

Como vimos, o *ethos espírita* identificado em Francisco Cândido Xavier, por Lewgoy (2001), era visto também no programa de Leopoldo Machado “Espiritismo de Vivos”. A disciplina (renúncia), o trabalho (caridade) e o estudo (compreensão) vão estar intimamente ligados. Não há educação mediúnica sem disciplina, trabalho no bem, sem caridade e uma submissão divina sem a compreensão da verdade revelada pela doutrina espírita. A compreensão da lei divina ou natural era conquistada através do estudo da doutrina espírita.

As autoridades espíritas brasileiras e luso-brasileiras conseguiram exposição na *Revista Estudos Psíquicos*, tiveram seus nomes difundidos principalmente no campo religioso português, suas ações e instituições eram consideradas modelares, pois apontavam para um novo modelo de organização do Espiritismo em Portugal, sejam eles os centros e/ou associações, federativas. Abaixo veremos o número de Instituições espíritas brasileiras que tiveram destaque na *Revista Estudos Psíquicos*:

²⁰⁷ Ver mais em (MACHADO, O Espiritismo de Vivos (decálogo). *Revista Estudos Psíquicos*, n.10, 1947, p. 388-389).

Gráfico 12 – Instituições Espíritas Brasileiras que foram capa da *Revista Estudos Psíquicos* (1940-1960).



Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Entre as Instituições apresentadas, podemos identificar três tipos: (a) Centros e/ou Associações Espíritas: Centro Espírita Irmã Terezinha, Federação Espírita do Paraná, Confederação Espírita Cearense, Mocidade Espírita Pestalozzi (RJ), Sinagoga Espírita Nova Jerusalém; (b) Instituições de Assistência Social: Hospital Espírita de Teresópolis, Sanatório Espírita de Uberaba, Maternidade "Casa da Mãe Pobre", Lar de Jesus, Orfanato Casa de Lucia, do Rio de Janeiro, Hospital Espírita de Pedro Alcântara, Rio de Janeiro, Hospital Espírita de Porto Alegre; (c) Instituições de Pesquisa: Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Essas Instituições despertaram a curiosidade dos diretores e redator da *Revista Estudos Psíquico*. Nos anos de 1955 em diante, o movimento espírita brasileiro passa por sucessivas visitas, enquanto que no contexto português, a FEP e a maioria dos centros espíritas tinham sido reconhecidos como ilegais.

3.2.2–Intercâmbio fortalecido - Autoridades espíritas portuguesas no campo religioso brasileiro (1955- 1965)

A exposição das inúmeras autoridades e das instituições espíritas no Brasil, através das páginas da *Revista Estudos Psíquicos*, propagam a ideia de um movimento espírita consolidado, preocupado em exercer a caridade tanto quanto em difundir as ideias espíritas no campo religioso brasileiro e em outros países. Vemos que a caridade (o exercício do *ethos cristão espírita*) legitimava a própria difusão das ideias espíritas.

Na década de 1950, motivados pelas notícias que vinham do Brasil, as viagens de diversos portugueses ao campo religioso brasileiro ficaram mais comuns, tinham um objetivo claro: conhecer como se organizava e funcionava o espiritismo no Brasil. As viagens²⁰⁸ do diretor e redator da *Revista Estudos Psíquicos* tiveram bastante registros: (a) Isidoro Duarte Santos (1955) e (b) António Cardoso (1959-1960).

Destacaremos em especial as visitas dos portugueses ao Brasil até antes da ida de autoridades brasileiras a Portugal, ou seja, consideramos relevante para essa parte do capítulo as visitas de Isidoro D. Santos e António Cardoso. Segue abaixo o quadro das publicações deles sobre a viagem ao Brasil.

Na *Revista de Estudos Psíquicos* de n. 4, de 1955, Isidoro Duarte Santos escreveu sobre sua primeira viagem ao Brasil com a carta intitulada *Rumo ao Brasil*. Essa viagem era apresentada como sendo simbólica, uma vez que ele trazia para si a responsabilidade de reconciliação simbólica, (re)aproximação espiritual entre as duas pátrias, como podemos constatar:

Lá, no vasto rincão onde o milagre da vontade supera o que se pode imaginar de admirável e portentoso, espíritos prepostos reatarão laços que se haviam perdido na noite das idades e firmarão alianças que se manterão no porvir. [...] Eu serei um arauto de união a trabalhar perenemente a colaborar com todas as correntes neoespiritualistas na grande obra comum que só a causa interessa. (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n.4, 1955, p. 97)

A *Revista Estudos Psíquicos*, sob a atuação de Isidoro Duarte Santos, foi o ponto de encontro entre o espiritismo desses dois campos religiosos. Ele apoiava um movimento espírita unificado, um Espiritismo luso-brasileiro, uma região utópica para os geógrafos, sem fronteiras, unindo dois países. O que Pierre Bourdieu (1998, p. 108) chama de uma região simbólica. Era através do reconhecimento da força do Espiritismo luso-brasileiro que um “cronista” vai apresentar o movimento espírita brasileiro não só para os portugueses, mas para os europeus e os próprios brasileiros. Assim, Isidoro afirma que era preciso selar esta reconciliação: “Foi nesta expectativa que embarquei no ‘Vera Cruz’ em demanda do Brasil. Vim à nova descoberta. Cabral trouxe um mundo à civilização; eu vou mostrar um mundo à velha Europa e, sobretudo, ao querido Portugal.” (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 5, 1955, p. 144)

As aproximações entre Portugal e Brasil são históricas, esse intercâmbio encontra-se ressignificado principalmente na obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*

²⁰⁸

Em 1970 a diretora Maria Raquel Duarte Santos da *Revista Estudos Psíquicos* também visita o Brasil;

(1938), de Francisco Cândido Xavier, trazendo na constituição desse intercâmbio uma aura espiritual, de “missão espiritual”, uma vez que os portugueses foram vistos como grandes colaboradores desse projeto divino que se materializou nas terras brasileiras. Havia nas pretensões de Isidoro Duarte Santos a intenção de fortalecer esse intercâmbio, os laços fraternos com as autoridades espíritas que se destacavam no campo religioso brasileiro. Acreditava Isidoro Duarte que em parte essa era uma missão compartilhada com os portugueses, como veremos adiante.

No ano de 1955, n. 5, Isidoro Duarte Santos inaugurou na *Revista Estudos Psíquicos* uma sessão para crônicas, intitulada *Ecos de uma Viagem*. A sua primeira crônica conta sobre suas primeiras impressões dessa viagem que fez com o amigo João José Alves²⁰⁹. Ele fica impressionado com a sua recepção, quanto à atenção recebida dos brasileiros: na Bahia por Alfredo Miguel; no Rio de Janeiro, por Amadeu Santos, Henrique Magalhães, Leopoldo Machado, Nelson Baptista de Azevedo, Deolindo Amorim, entre outros. No Rio de Janeiro, o Dr. Ovídio Gil²¹⁰ ficou encarregado de o levar a Casa de Luciá, onde ficaria hospedado no Rio de Janeiro.

Durante essa viagem ao Brasil, Isidoro Duarte Santos escreveu aproximadamente 46 crônicas, que foram publicadas na *Revista Estudos Psíquicos* entre maio de 1955 a agosto de 1959, e que resultaram em dois livros: *O Espiritismo no Brasil (Ecos de uma Viagem) Vol. I e II (1960)*. Sua viagem se concentrou principalmente em três estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Amigos de Portugal, espiritistas militantes! É preciso ver para crer! Este movimento espantoso que se exerce de Norte a Sul do Brasil está criando raízes fundas em todos os recantos! Em face do que observamos, [...] temos a certeza de que a Doutrina subirá cada vez mais alto, engastada em legendas de fraternidade e bondade. (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n.6, 1955, p. 184)

O espanto transmitido através dessa sua mensagem aos portugueses trazia à tona um fato: o dinamismo do movimento espírita brasileiro parecia contrastar com a realidade do movimento espírita português, silenciado politicamente. Em quase todos os seus escritos, acerca do sucesso do movimento espírita brasileiro, vinha atrelado às declarações de contribuições portuguesas: “Em todas essas grandes obras que tenho visitado está o dedo

²⁰⁹ Também fundador do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa.

²¹⁰ Alto funcionário da Fazenda, ex-ministro interino, advogado, diretor da Casa de Luciá junto com uma portuguesa.

português a cimentar alicerces e a auxiliá-las generosamente.” (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n.6, 1955, p. 182). Como podemos constatar também em:

Ah Portugal pequenino! Como tu és grande! De longe é que podemos avaliar a tua grandeza! Enquanto outros retalham, tu unificas e imprimes seiva espiritual a novas populações! Que o diga este gigante florescido e unificado pelo teu gênio colonizador! Espiritistas lusos! Embora brasileiro pelo coração, nunca senti mais orgulho de ser português. O Brasil é a maior glória de Portugal!...”(SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, 1955, n.6, P. 184)

Isidoro Duarte Santos, em uma reprodução ufanista, movimentado pela emoção exacerbada do contexto em que estava, apresentou o Brasil como a maior glória portuguesa. No segundo capítulo, vimos como o Brasil foi sendo construído pelos portugueses a partir do mito (CHAUI, 2001) “terra abençoada por Deus”, “terra do porvir”. Uma esperança cristã católica, que foi ressignificada, principalmente por Francisco Cândido Xavier (1938). Uma esperança cristã, espírita, mas ratificada também por autoridades espíritas, inclusive portuguesas que buscavam para si essa irmandade missionária.

Vemos, através dos escritos de Paulo Alexandre Baía Mourinha (2015), que diversos portugueses conseguiram destaque no movimento espírita brasileiro, como por exemplo: Augusto Elias da Silva²¹¹, Antônio Gonçalves da Silva “Batuíra”²¹², Jerônimo Ribeiro, Claudino Dias, Inácio Bettencourt²¹³ “Bittencourt”, Fernando de Augusto Lacerda e Melo²¹⁴, João Leão Pitta, José Machado Tosta, Agostinho Pereira de Sousa, José Borges dos Santos, Antônio Pires do Rio, José Simões de Matos, Manoel Martins Guerra, Henrique Magalhães, Maria Cardoso, Ricardo Gouveia, Armanda Pereira da Silva e Azamor Serrão.

Entre as autoridades apresentadas por Mourinha (2015), havia portuguesas, que viraram autoridades no movimento espírita brasileiro, inclusive como articulistas (redatores correspondentes) da *Revista Estudos Psíquicos*, são eles: José Simões de Matos e Henrique Magalhães. De acordo com Paulo Mourinha (2015), José Simões de Matos (1892-1978) e Henrique Alves da Cunha Magalhães (1900-2004) não eram espíritas, ambos só devotam

²¹¹ Tornou espírita no Brasil, fundou a *Revista Reformador* em 21 de janeiro de 1883, quase um ano depois, no dia 1 de janeiro de 1884, funda a Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro

²¹² “Batuíra” em 16 de abril de 1890, colocou em funcionamento o *Grupo Espírita Verdade e Luz* em São Paulo, em 25 de maio do mesmo ano fundou o jornal *Verdade e Luz*, colaborou na unificação do movimento espírita em São Paulo, quando em 24 de maio de 1908, ajudou a fundar a União Espírita do Estado de São Paulo, ocupando o cargo de vice-presidente. (MOURINHA, 2015)

²¹³ Tornou espírita no Brasil, foi médium receiptista, conferencista, chegou a ser vice-presidente da Federação Espírita Brasileira.

²¹⁴ Médium psicógrafo português bastante conhecido, talvez o mais importante do campo religioso português, publicou dois volumes da obra *Do País da Luz* (1908) e um volume em 1911 em Portugal, nesse mesmo ano ele veio morar no Rio de Janeiro - Brasil.

atenção à doutrina espírita após a cura de suas filhas. Elas haviam sido desenganadas pela medicina tradicional. No entanto, a filha de José Simões de Mattos foi curada na Sociedade Espírita Paz e Amor, enquanto que a filha de Henrique foi curada após realizar um tratamento homeopático e fluido terapico. Após esses fatos, os dois iniciam seus estudos na doutrina espírita e se envolvem de tal forma que se tornam autoridades institucionais e/ou intelectuais do espiritismo.

José Simões, em 1932, já era vice-presidente da Sociedade Espírita Paz e Amor e, a partir de 1934, começa a escrever artigos para o periódico *Reencarnação*, órgão da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Posteriormente, torna-se articulista da *Revista Estudos Psíquicos*, em Portugal, e na *Revista Constância*, a Argentina. Em 1943, tem experiência enquanto presidente da Sociedade Espírita Paz e Amor; logo em seguida, tem três mandatos como presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. (MOURINHA, 2015, p. 159-164)

A atuação de José Simões e Henrique Magalhães ficou reservada aos trabalhos intelectuais e institucionais. José Simões ficou mais ligado aos aspectos doutrinários do Espiritismo, enquanto que Henrique Magalhães utilizou o conhecimento doutrinário para atuação nas questões sociais. De acordo com Paulo Mourinha (2015, p. 171-177), Henrique Magalhães, em Teresópolis, cidade que o acolheu desde 1931, fundou a Instituição Maria de Nazareth – Casa da Mãe Pobre²¹⁵ (1940), apresentada por Isidoro Duarte Santos²¹⁶ como instituição modelo. Em Teresópolis, o trabalho dessa instituição se expande e abre também a Creche e Lar Isabel, a Redentora, Grupo Escolar Isabel, a Redentora e a Mansão dos Velinhos. No Rio de Janeiro, abre o Hospital Maternidade e Ambulatório Dr. João Freitas, o Abrigo Sylvia Penteado Antunes, Lar Lúcio Ribeiro Torres e a Creche Marieta Navarro Gaió. Nos últimos anos de sua existência, conseguiu publicar ainda três livros: a) *A Casa da Mãe Pobre - 50 anos de Amor* (1991); b) *Como fundar e manter obras assistenciais* (1994); c) *Em prol da mediunidade – pequena história do espiritismo* (1998). Além disso, foi um colaborador do projeto da Federação Espírita Brasileira, ajudou na construção de sua sede central em Brasília, assim como do Departamento Gráfico, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Essas instituições e outras foram visitadas em sua viagem ao Brasil no ano de 1955, como vemos a seguir:

²¹⁵ Entre 1941-1946 é presidida por Coriolano de Góis, após a sua morte em 1946, Henrique Magalhães assume a presidência dessa Instituição.

²¹⁶ Na *Revista Estudos Psíquicos* de 1961, n.1.

Quadro 14 – Isidoro Duarte Santos no campo religioso brasileiro – Instituições visitadas

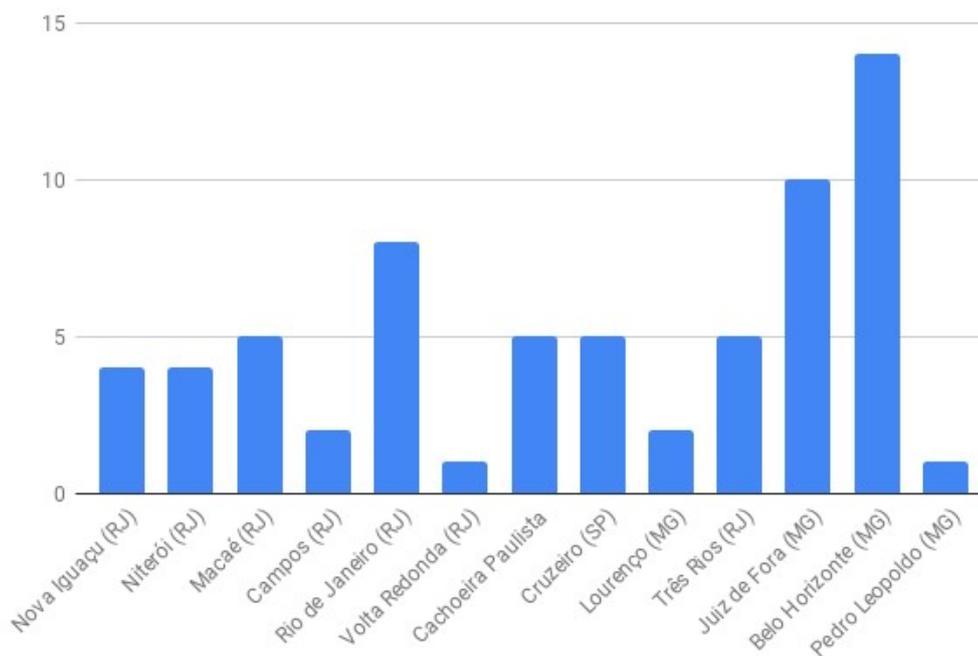
Instituição	Caract.	Autoridade Fundadora	Estado	Município	Ano	Referência
Colégio Leopoldo (1942)	Educacional	Leopoldo Machado e Marília Barbosa Machado	RJ	Nova Iguaçu	1955	n.5, 1955, p. 144-153 n.4, 1957, p. 112-117
Lar de Jesus		Leopoldo Machado e Marília Barbosa Machado	RJ	Nova Iguaçu	1955	n.5, 1955, p. 144-153 n.4, 1957, p. 112-117
Centro Espírita, Fé, Esperança e Caridade	Espírita	Leopoldo Machado	RJ	Nova Iguaçu	1955	n.5, 1955, p. 144-153 n.4, 1957, p. 112-117
Casa de Luciá	Orfanato	Rosa Leomil de Vasconcelos (LB)	RJ	Niterói	1955	n.6, 1955, p. 176-184; 1955, n.11e12, p. 344-351
Educandário Espírita Demétrio Monteiro	Educacional	Altiva da Silva Duarte Monteiro *Diretora	RJ	Niterói	1955	n.6, 1955, p. 176-184
Orfanato de Dr. March	Orfanato	Tomas de Aquino (LB)	RJ	Niterói	1955	n.6, 1955, p. 176-184
Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro	Espírita	?	RJ	Niterói	1955	n.6, 1955, p. 176-184
Lar de Maria		União Espírita Macaense	RJ	Macaé	1955	n. 7, 1955, p.208-221
Escola Jesus Cristo	Educacional	Amaro Carlos Teixeira (Diretor?)	RJ	Campos	1955	n. 7, 1955, p.208-221
Abrigo Dr. João Viana	Abrigo	Liga Espírita de Campos	RJ	Campos	1955	n. 7, 1955, p.208-221
Grupo Espírita Pedro – Casa de Peixoto Lins	Espírita	Peixoto Lins	RJ	Macaé	1955	n. 7, 1955, p.208-221
Grupo Francisco Xavier	Espírita		RJ	Macaé	1955	n. 7, 1955, p.208-221
União Espírita Macaense	Associação Municipal	1943 (Serafim de Almeida) (LB)	RJ	Macaé	1955	n. 7, 1955, p.208-221
Penitenciária - Escola Paulo de Tarso	Estado	?	DF	Brasília	1955	n.8, 1955, p. 240-248.
Hospital Pedro Alcântara	Saúde	Sociedade Espírita Obreiros do Bem - Agostinho Pereira de Sousa (Direção)	RJ	Rio de Janeiro	1955	n. 10, 1955, p. 304-310
Instituição Legionárias de Maria	Assistência Social	José Manuel Teixeira e Sara Morais, José Carvalho Lucena (LB)	RJ	Rio de Janeiro	1955	n. 2, 1956, p. 48-54
Centro “Estudos Espíritos”	Espírita	(1888) Fernandes Figueira funcionava na FEB	RJ	Rio de Janeiro	1955	n. 2, 1956, p. 48-54
Escola Sara de Morais	Educacional	Sara Morais	RJ	Rio de Janeiro	1955	n. 2, 1956, p. 48-54
Centro Espírita, Amor, Caridade e Esperança	Espírita	Maria Elvira Truche (Presidente)	RJ	Rio de Janeiro	15 de maio de 1955	n. 2, 1956, p. 48-54
Associação Espírita Estudantes da Verdade	Espírita	Vitor Magaldi (presidente)	RJ	Volta Redonda	Maior de 1955	n. 8, 1956, p. (240-246)
União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (1918)	Espírita	Alberto Gonçalves de Barros (presidente)	SP	Cachoeira Paulista	Maior de 1955	n. 9, 1956, p.272-278
Casa da criança abandonada	Creche	Nelson Lorena (presidente)	SP	Cachoeira Paulista	Maior de 1955	n. 9, 1956, p.272-278
Asilo Antônio de Pádua	Abrigo	União Espírita Cachoeirense	SP	Cachoeira Paulista	Maior de 1955	n. 9, 1956, p.272-278
Albergue Noturno “Nha Ge”	Abrigo	?	SP	Cachoeira Paulista	Maior de 1955	n. 9, 1956, p.272-278
Centro Espírita Maria Celeste	Espírita	Nelson Lorena (presidente)	SP	Cachoeira Paulista	Maior de 1955	n. 9, 1956, p.272-278
Sanatório de Jesus (1942)	Saúde	Antenor de Sousa	SP	Cruzeiro		n. 10, 1956, p. 304-310
Albergue Noturno	Abrigo	?	SP	Cruzeiro		n. 10, 1956, p. 304-310
Instituição Mavisou	Educacional	Maria Vieira Sousa	SP	Cruzeiro		n. 10, 1956, p. 304-310
Grupo Escolar Licínio Rodrigues Silva	Educacional	José R. Alves Sobrinho (diretor)	SP	Cruzeiro		n. 10, 1956, p. 304-310
Centro Espírita Paz e Alegria	Espírita	Pedro Werkhaizer (presidente)	SP	Cruzeiro		n. 10, 1956, p. 304-310
A Casa de Maria	Creche	Centro Espírita auxiliares Espirituais	MG	Lourenço		n.11, 1956, p. 337-342
Centro Espírita auxiliares	Espírita	Antônio Modesto	MG	Lourenço		n.11, 1956, p. 337-342

Espirituais		Negreiro (presidente)				
Lar Manuel Pessoa de Campo	Abrigo	Acir Faria	RJ	Três Rios		n.12, 1956, p. 368-374
Maternidade Dr. Walter Franklin	Saúde	?	RJ	Três Rios		n.12, 1956, p. 368-374.
Mocidade Espírita Bezerra de Menezes (1937)	Espírita	?	RJ	Três Rios		n.12, 1956, p. 368-374
Grupo Espírita Fé e Esperança	Espírita	Acir Faria	RJ	Três Rios		n.12, 1956, p. 368-374
Albergue Noturno	Abrigo	Acir Faria	RJ	Três Rios		n.12, 1956, p. 368-374
Instituto de Jesus (1944)	Educacional (meninos e idosos)	Ali Halfeld	MG	Juiz de Fora		n.1, 1957, p. 16-19
Instituto de Maria (1944)	Educacional (meninas e idosas)	Orville Derby Dutra (Direção)	MG	Juiz de Fora		n.1, 1957, p. 16-19
União Espírita de Juiz de Fora (Casa Kardec)	Associação Espírita	?	MG	Juiz de Fora		n.1, 1957, p. 16-19
Centro Espírita Humildade e Caridade	Espírita	Gouveia Franco, fundador, Português, médium curador. (LB)	MG	Juiz de Fora		n.1, 1957, p. 16-19
Casa Espírita de Juiz de Fora – Departamentos com diversos trabalhos sociais.	Espírita	?	MG	Juiz de Fora		n.2, 1957, p. 48-52
União Espírita Mineira	Associação Espírita	Bady Curi	MG	Juiz de Fora		n.2, 1957, p. 48-52 n.3, 1957, p. 80-84 n. 6, 1957, p. 256-260
Centro Espírita Ivon Costa	Espírita	Isaltino Silveira Filho (presidente)	MG	Juiz de Fora		n.2, 1957, p. 48-52
Abrigo Jesus	Abrigo	Osório de Moraes	MG	Juiz de Fora	29 de maio de 1955	n. 3, 1957, p. 80-84
Instituto Profissional Feminino Eugénia Braga	Educacional	Zuzu Braga de Miranda e Firmina Braga Esteves	MG	Juiz de Fora	29 de maio de 1955	n. 3, 1957, p. 80-84
Centro Espírita Amor ao Próximo – 8 Departamentos de obras sociais	Espírita	Alberto de Matos Sousa. (General Matos)	MG	Juiz de Fora	29 de maio de 1955	n. 3, 1957, p. 80-84
Albergue Noturno	Abrigo	Leopoldo Machado	RJ	Nova Iguaçu	20 de Abril de 1955	n.4, 1957, p. 112-117
Casa transitória (1949)	Casa de passagem	Maria de Lourdes Carvalho	MG	Belo Horizonte	1 de junho de 1955	n. 6, 1957, p. 256-260
Conservatório de Schubert		?	MG	Belo Horizonte	1 de junho de 1955	n. 6, 1957, p. 256-260
Sociedade de Amparo a Pobreza	Assistência Social	Domingos Moutinho Teixeira (Diretor)	MG	Belo Horizonte	1 de junho de 1955	n. 9, 1957, p. 288-292
Cenáculo Espírita Tiago Maior	Espírita	Domingos Moutinho Teixeira (Diretor)	MG	Belo Horizonte	1 de junho de 1955	n. 9, 1957, p. 288-292
Centro Espírita Célia Xavier	Espírita	Martins Peralva	MG	Belo Horizonte	1 de junho de 1955	n. 9, 1957, p. 288-292
Hospital Espírita André Luiz	Saúde	Augusto dos Santos (Construtor), Dr. Schembri (Diretor clínico)	MG	Belo Horizonte	2 de junho de 1955	n. 11, 1957, p.352-356
Centro Espírita, Luz, Amor e Caridade (1912)	Espírita	Bady Curi	MG	Belo Horizonte	3 de junho de 1955	n. 11, 1957, p.352-356
Centro Espírita Francisco de Assis	Espírita	Elias José	MG	Belo Horizonte	3 de junho de 1955	n. 11, 1957, p.352-356
Escola Primária Espírita	Educacional	Pascoal Comanducci	MG	Belo Horizonte	3 de junho de 1955	n. 11, 1957, p.352-356
Centro Umbanda em busca da Luz	Espiritualista	General Berselino Figueira Veloso (Diretor)	MG	Belo Horizonte	3 de junho de 1955	n. 11, 1957, p.352-356
Meca do Espiritismo – Pedro Leopoldo		-	MG	Pedro Leopoldo	3 de junho de 1955	n.12, 1957, p. 384-389
Centro Espírita Luiz Gonzaga	Espírita	?	MG	Pedro Leopoldo	3 de junho de 1955	n.1, 1958, p. 16-21

Ginásio o Precursor (1954)	Educacional	União Espírita Mineira	MG	Belo Horizonte	n.4, 1958, p. 112-116
Associação Cristã Educadora	Educacional	União Espírita Mineira	MG	Belo Horizonte	n.4, 1958, n.4, p. 112-116
Centro Espírita Luz e Humildade (1939)	Espírita	Dr. Alexandre Sete Câmara	MG	Belo Horizonte	n.4, 1958, n.4, p. 112-116
Inauguração da nova União Espírita Mineira	Espírita	Wantuil de Freitas (Pres. da FEB)	MG	Belo Horizonte	n.7, 1958, p. 208-212
Departamento editorial da FEB	Editora	Wantuil de Freitas (Pres. da FEB)	RJ	Rio de Janeiro	n.10, 1958, p. 304-308
Sinagoga Espírita “Nova Jerusalém”	Espírita	Antônio Trindade (Português - LB)	RJ	Rio de Janeiro	n. 1, 1959, p.16-21
Lar Escola Francisco de Paula (1920)	Creche	?	RJ	Rio de Janeiro	n.8, 1959, p.240-244

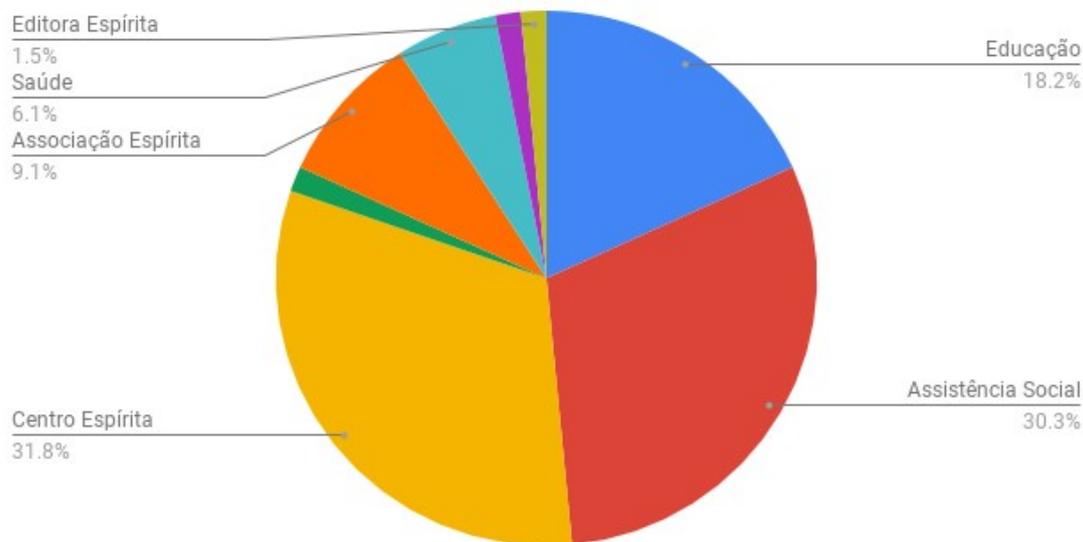
Fontes: dados da *Revista Estudos Psíquicos*, autoria própria (2018)

Gráfico 13 – Número de instituições por cidades que Isidoro Duarte Santos conheceu no Brasil (1955)



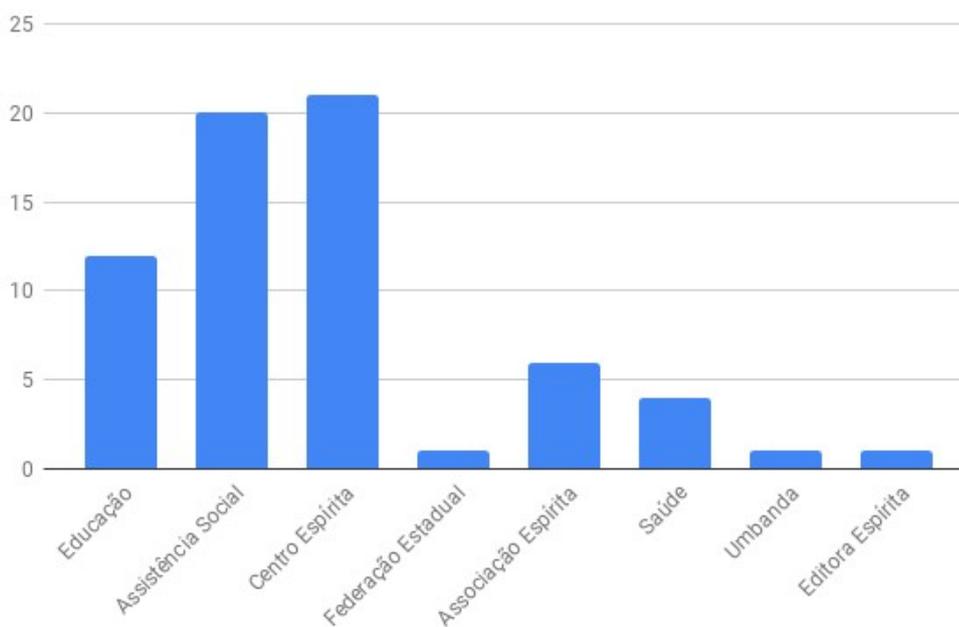
Fonte: dados da *Revista Estudos Psíquicos*, autoria própria (2018)

Gráfico 14 – Tipo das instituições que Isidoro Duarte Santos conheceu no Brasil (1955)



Fonte: dados da *Revista Estudos Psíquicos*, autoria própria (2018)

Gráfico 15 – Número de instituições por tipologia que Isidoro Duarte Santos conheceu no Brasil (1955)



Fonte: dados da *Revista Estudos Psíquicos*, autoria do autor (2018)

Isidoro Duarte Santos apresentava um movimento espírita voltado para a assistência social e espiritual, com a atuação distribuída numa rede de associações e centros espíritas que cuidavam de uma série de trabalhos sociais: creches, abrigos, escolas, asilos, sanatórios,

maternidades, colégios, hospitais, entre outros. Havia um interesse especial para compreender como funcionavam essas instituições e/ou departamentos.

No dia 15 de maio, Isidoro D. Santos (*Revista Estudos Psíquicos*, n.2, 1956, p. 48-54) visitou o Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, no Rio de Janeiro, centro presidido, à época, por Maria Elvira Truche, ali identificou que as atividades realizadas eram: trabalhos Mediúnicos, às terças-feiras; estudo d'O Livro dos Espíritos e d'O Evangelho Segundo o Espiritismo, às sextas-feiras; e na última semana do mês, sessão especial de oração para os desencarnados, com palestra doutrinária.

Nesse mesmo mês, Isidoro Duarte Santos (*Revista Estudos Psíquicos*, n.9, 1956, p.272-278) visitou a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE, a qual possuía um Departamento de Cultura e Infância (Curso de Moral Cristã – dividido em sete grupos: três na sede, e quatro nos bairros, que tinha aproximadamente 200 crianças inscritas. O grupo seguia o programa “Educação Cristã da Infância”, editado e difundido pela Federação Espírita Brasileira.

Em Juiz de Fora, Isidoro Duarte Santos (*Revista Estudos Psíquicos*, n.1, 1957, p. 16-19) conheceu a União Espírita de Juiz de Fora (MG), associação que reunia 19 escolas espíritas do Evangelho, as quais funcionavam nos centros espíritas associados. Afirmava ele que essas escolas contavam com 1300 inscritos e envolviam crianças de 5 a 14 anos. Leopoldo Machado foi o fundador do primeiro grupo de mocidade espírita, para os que tinham acima de 14 anos. Sua proposta era incluir os jovens na evangelização e no trabalho do bem. Isidoro Duarte (*Revista Estudos Psíquicos* n. 5, 1955, p. 144-153; n.4, 1957, p. 112-117) foi conhecer presencialmente as instituições/departamentos²¹⁷ do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, fundado por Leopoldo Machado, do qual só havia tido conhecimento através de publicações dos próprios brasileiros.

Os centros espíritas e associações municipais, estaduais e a federação, possuíam em sua organização departamentos específicos para o trabalho social e doutrinário, e uma diversidade de autoridades espíritas a frente dessas instituições, muitas inclusive intelectuais e carismáticas, como: os também redatores da *Revista Estudos Psíquicos*: (1) Leopoldo Machado construiu o Albergue Noturno Allan Kardec e o Lar de Jesus para meninas órfãs; (2) Olímpio Leomil Vasconcelos fundou o Orfanato Casa de Lucía; (3) Henrique Magalhães, idealizador e fundador da Maternidade Casa da Mãe Pobre, 1940; (4) Inácio Ferreira ajudou a fundar do Sanatório de Uberaba, 1933, entre outros.

²¹⁷Colégio Leopoldo (1942), Lar de Jesus, abrigo Noturno, mocidade espírita (*Revista Estudos Psíquicos*, n.5, 1955, p. 144-153; n.4, 1957, p. 112-117)

Independente da tipologia de autoridade, a prática da caridade de acordo com Célia Arribas (2014, p. 143) era o padrão ideal dos protagonistas. Portanto, exercê-la em parte sendo fundador e/ou diretor de um centro espírita e de seus departamentos e/ou instituições de assistência social, funcionava como mecanismo de legitimação dessa autoridade. A prática da “caridade” no espiritismo brasileiro tornou-se um *habitus* religioso, de acordo com Bourdieu (2007, p. 57), princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, uma prática social ‘padrão’ de autoridades e instituições espíritas, justificada por um *ethos* espírita cristão, e amparada por uma representação religiosa específica do mundo natural e/ou sobrenatural ou espiritual.

Para ratificar esse padrão da prática da “caridade” e principalmente da ideia do trabalho assistencial no movimento espírita brasileiro, refletiremos sobre os relatos da primeira viagem ao Brasil de António Cardoso, redator da *Revista Estudos Psíquicos*, nos anos de 1959-1960. António Cardoso (*Revista Estudos Psíquicos*, 1960, n.5, p.152) argumentava que: “sendo o Brasil o grande foco do Espiritualismo Ocidental, [...] lógico é supor-se que os Institutos Metapsíquicos lá proliferem em todas as cidades, ou pelo menos, nas principais.”, após a visita ao Brasil chegou à seguinte conclusão:

Por mais inverossímil que isso nos pareça, por mais estranho que o leitor ache, a verdade é esta: não há no Brasil, actualmente, centro algum de Parapsicologia. Se é certo que até determinado ponto podemos compreender esta anomalia (não esqueçamos que o Espiritismo Brasileiro surgiu não por necessidade científica, mas como apoio moral e social à miséria do povo), também não é menos verdade que não obsta a que uma elite intelectual se dedique ao estudo sério e criterioso da fenomenologia supranormal. (*Revista Estudos Psíquicos*, 1960, n.5, p.152)

Influenciado pela tradição na ênfase científica que o movimento espírita português possuía, António Cardoso transmitia uma mensagem na tentativa de explicar o porquê do aspecto científico ter ficado em segundo plano no Brasil, apesar de algumas autoridades ter se dedicado a esse aspecto. Ele considerava uma anomalia, parecia achar incompatível com uma doutrina em que seu codificador era considerado um homem de ciência, embora, como argumenta Augusto Araújo (2016, p.288), o aspecto científico possuía uma base empírica distinta da ciência tradicional, os estudos dos fenômenos mediúnicos, embora fosse aplicado o método positivo.

Segue abaixo os artigos de António Cardoso publicados entre os anos de 1960-1961 resultantes dessa viagem ao movimento espírita brasileiro, sua trajetória entre os estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

Quadro 15–Lugares visitados por António Cardoso no campo religioso brasileiro presente em suas publicações na *Revista Estudos Psíquicos*(1960-1961)

Instituição/Autoridade	Caract.	Observação	Estado	Município	Ano	Referência Bibliográfica	Título do artigo
Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro	Científica	Milton de Andrade (presidente)	RJ	Rio de Janeiro	Dez/1959	n. 5, 1960, p. 152-153	Pelo Mundo da Metapsíquica
Hernani Guimarães	Cientista	-	SP	São Paulo		n. 5, 1960, p. 153-154	Pelo Mundo da Metapsíquica - Entrevista
USE – União das Sociedades Espíritas	Organização Espírita		SP	São Paulo		n. 5, 1960, p. 153	Pelo Mundo da Metapsíquica
Casa Mal Assombrada	Residência		MG	Uberaba		n.6, 1960, p.162-164	Brasil País de Magia (Fenômenos de efeito físico)
Casa Mal Assombrada	Residência		PR	Curitiba		n.6, 1960, p.162-164	Brasil País de Magia
Centro Anita Zippin – Grupo mediúnico dirigido por Fernando Alves (ele era português do Centro Espírita de Leiria)	Centro Espírita	As médiuns desse grupo eram quase todas portuguesas	PR	Curitiba		n.6, 1960, p.162-164	Brasil País de Magia
Centro de Umbanda	Terreiro		PR	Curitiba		n.6, 1960, p.162-164	Brasil País de Magia
Centro Ildefonso Correia	Espírita		PR	Curitiba		n.7, 1960, p.194-195	Fenômenos Psicográficos - Reunião mediúnica (grupo de psicografia)
Centro Taba Itapú	Centro de Umbanda		PR	Curitiba		n.7, 1960, p.194-195	Índios e Pretos velhos dirigem a sessão mediúnica, misturando o Kardecismo a outras correntes. (Escrita psicográfica esotérica)
Hercílio Maes	Médium	Do espírito Ramatis	PR	Curitiba		n.7, 1960, p.194-195	Entrevista – Sobre sua obra e os avanços da ciência acerca do planeta Marte.
Francisco Cândido Xavier	Médium		MG	Uberaba	2 de janeiro de 1960	n.8, 1960, p. 233-235	O que vi no Brasil
Waldo Vieira	Médium		MG	Uberaba	2 de janeiro de 1960	n.8, 1960, p. 233-235	O que vi no Brasil

Centro Baturá	Centro Espírita	Realizou uma Conferência	MG	Uberaba	3 de janeiro de 1960	n.8, 1960, p. 233-235	O que vi no Brasil
Federação Espírita de São Paulo	Associação Espírita	Conferência	SP	São Paulo		n.9, 1960, p. 276-277	Uma tarde em Guarulhos
Igreja Espírita Evangélica	Protestante e Espírita		SP	Guarulhos		n.9, 1960, p. 276-277	Uma tarde em Guarulhos – Dona Isabel Laureano Lopes (Médium)
José Arigó	Médium		MG	Belo Horizonte		n.10, 1960, p. 294-295	O que vi no Brasil VII
Clínica do dr. Octávio Lopes	Clínica – Magnetismo (Passes)		RS	Porto Alegre?		n.12, 1960, p. 366-367	O que vi no Brasil 0 O magneto - hipnotismo
Centro Espírita “Padre Zabeu”	Centro Espírita		SP	São Paulo	10 de janeiro de 1960	n.2, 1961, p. 40-41	Fenômenos de Materialização
Templo do Cristianismo Espírita	Centro Espírita		SP	São Paulo	10 de janeiro de 1960	n.2, 1961, p. 40-41	Fenômenos de Materialização
Inácio Ferreira	Cientista		RS	Porto Alegre		n. 5, 1961, p.152-153	Da Radiação Mental à desobsessão
Hospital Espírita de Porto Alegre	Hospital		RS	Porto Alegre		n. 5, 1961, p.152-153	Da Radiação Mental à desobsessão
Campanhas para Assistência Social	-		-	-		n. 8, 1961, p.236-237	Aspecto Social do Espiritismo Brasileiro
O Lar Iclêa	Orfanato		PR	Curitiba		n. 9, 1961, p. 264-265	“Ela honra sobremaneira o Espiritismo social brasileiro.”
O Lar do Amigo Germano	Escola de Artes e Ofício		RS	Porto Alegre		n. 11, 1961, p. 342-343	O Lar do Amigo Germano
Centro Espírita que Henrique Magalhães dirigia		Conferências	RJ	Rio de Janeiro		n. 12, 1961, p. 364-365	Maternidade Casa da Mãe Pobre
Maternidade Casa da Mãe Pobre		Henrique Magalhães	RJ	Rio de Janeiro		n. 12, 1961, p. 364-365	Maternidade Casa da Mãe Pobre

Fonte: dados da *Revista Estudos Psíquicos*, autoria própria (2018)

A viagem de António Cardoso parecia direcionada a conhecer o Brasil enquanto “mundo da metapsíquica”, título do seu primeiro artigo (*Revista Estudos Psíquicos*, n. 5, 1960, p. 152-153), porém o que ele encontra é o “país da magia” (*Revista Estudos Psíquicos*, n.6 e n.7, 1960), dos “fenômenos mediúnicos” (*Revista Estudos Psíquicos*, n. 7, n.8, n.9, n.10, 1960; n. 2 e 5, 1961) e do “espiritismo social” (*Revista Estudos Psíquicos*, n. 8, 9, 11 e 12, 1961).

Das instituições visitadas, António Cardoso (*Revista de Estudos Psíquicos*, n.5, 1960, p.152) destaca que na *Sociedade de Medicina e Espiritismo* do Rio de Janeiro, apesar de não ser uma sociedade de metapsíquica, havia funcionado um departamento de investigações

experimentais que se dividia em três seções: “1ª – “Física e Electrónica”; 2ª – “Química e Fotografia”; 3ª “Laboratório de Investigação Psíquica”. Tal laboratório estava montado com grande e sensível máquina fotográfica, para registro dos fenômenos físicos.”(CARDOSO, *Revista Estudos Psíquicos*, n.5, 1960, p.152). Afirma António Cardoso (*Revista Estudos Psíquicos*, n.5, 1960, p. 152) que a promessa de ser uma instituição científica com experiências que iam desde materializações a curas psíquicas, não seguiu em frente.

Apesar de não encontrar os Institutos de Metapsíquica no Brasil, António Cardoso (*Revista Estudos Psíquicos*, n.5, 1960, 152-153) afirma também ter encontrado alguns grupos de estudiosos, aos quais ele chama de núcleo de intelectuais que se dedicam em prol do Espiritismo Científico. Além de se encontrar com o redator da *Revista Estudos Psíquicos*, Inácio Ferreira, médico, pesquisador de Uberaba/MG, que aliava psiquiatria e espiritualidade, ressaltados a partir da obra *Novos Rumos à Medicina*. No estado de São Paulo, ele identificou um núcleo na União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE, de acordo com António Cardoso (*Revista Estudos Psíquicos*, n. 5, 1960, p. 152), o grupo era formado apenas por pessoas de cultura universitária, que dedicavam seus estudos à Parapsicologia.

No movimento espírita brasileiro, a maior referência nos estudos acerca da parapsicologia, segundo António Cardoso (*Revista Estudos Psíquicos*, n.5, 1960, 152-153), era Hernani Guimarães, engenheiro, paulista, que se destacava nas pesquisas sobre metapsíquica e havia publicado a *Teoria Corpuscular do Espírito* (1958). Ele estava trabalhando numa espécie de guia de trabalhos práticos de metapsíquica, pensando em futuras publicações acerca da mecânica dos arquétipos e as consequências filosóficas da teoria corpuscular. E ainda planejava a construção de dois aparelhos, esses projetos foram apresentados pelo próprio Hernani Guimarães:

O primeiro chama-se *Tensionador Espacial Eletromagnético*, baseado, claro, na minha teoria corpuscular destinado a demonstrar a existência do campo biomagnético e, portanto, a existência de um campo biológico organizado, ou seja, do espírito. [...] O segundo é uma *Câmara Espiritoscópica*, que combina o primeiro aparelho com o ectoplasma artificial (psicoplasma). Esta câmara tem um funcionamento baseado na possibilidade de, no espaço, provocar condensações materiais em torno dos fulcros biomagnéticos do Espírito. (GUIMARÃES *apud* CARDOSO, *Revista Estudos Psíquicos*, n.5, 1960, p. 153)

António Cardoso era um entusiasta da ênfase científica. O encantamento por Hernani Guimarães descrevia no seu artigo²¹⁸, que [Hernani Guimarães] “é hoje um dos grandes

²¹⁸ *Revista Estudo Psíquicos*, n.5, 1960, p. 153.

metapsiquistas mundiais”, “a sua obra, atravessando fronteiras, indo a todos os lugares há centos ou núcleos de Parapsicologia, há de mostrar a todos que ali, no Brasil – *O Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho* – a Metapsíquica tem um dos mais ilustres representantes.” Apesar da tentativa de António Cardoso em mostrar um movimento espírita científico dinâmico, o que vimos é a reafirmação de um movimento com sua ênfase religiosa, e a aceitação da ideia de um *Brasil, coração do Mundo Pátria do Evangelho*, com a inclusão de uma ênfase científica.

Na representação de “o país da magia”, António Cardoso (*Revista Estudos Psíquicos*, n.6 e n.7, 1960), conta casos de “Casas mal assombradas” no Paraná e Uberaba nas quais ocorriam fenômenos de efeito físico, ao tempo em que diferencia a Umbanda do Espiritismo quando diz que:

A Umbanda oferece-nos nas suas variadíssimas modalidades um extenso campo de estudo e observação. Claro que Umbanda não é Espiritismo; mas certos ritos selvagens não o são igualmente e isso não obsta que encontremos em ambos curiosas manifestações psíquicas. O Espiritismo é uma doutrina científica, filosófica e ética. Mas a mediunidade, não é seu exclusivo. [...] as práticas de umbanda quase fazem parte da vida da grande maioria do povo brasileiro. Mesmo os que seguem determinada religião (e os católicos estão nesse caso) vão à noite ao terreiro assistir os trabalhos! Só no Rio Grande do Sul disseram-me que há 12.000 centros! Não será um exagero? (CARDOSO, *Revista Estudos Psíquicos*, n.6, 1960, p. 163-164)

Desse modo, António Cardoso apresentou uma ênfase científica do movimento espírita brasileiro praticamente isolada, provável que não fosse uma demanda primordial dos leigos naquela conjuntura. Em contrapartida, apresentava a magia como sendo mais próxima dos terreiros de Umbanda do que do movimento espírita. O movimento espírita se caracterizava em sua generalidade num meio termo.

Em contrapartida, presencia nos centros espíritas visitados “fenômenos mediúnicos” (*Revista Estudos Psíquicos*, n.7, n.8, n.9 e n.10, 1960; n. 2 e 5, 1961) que mereciam uma investigação científica. Na ocasião dessas visitas, conheceu diversos médiuns como: Hercílio Maes²¹⁹, Francisco Cândido Xavier²²⁰, Waldo Vieira²²¹, José Arigó²²², Isabel

²¹⁹ Médiun psicógrafo (*Revista Estudos Psíquicos*, n.7, 1960, p.194-195)

²²⁰ “Chico Xavier não é somente um dos seus mais extraordinários médiuns psicógrafos. Ele é a personificação viva da Humildade e da Bondade (CARDOSO, *Revista Estudos Psíquicos*, n.8 1960, p. 234)

²²¹ Médiun psicógrafo (*Revista Estudo Psíquicos*, n.8, 1960, p. 233-234)

²²² Médiun que realiza cirurgias espirituais (*Revista Estudos Psíquicos*, n.10, 1960, p. 294)

Laureano Lopes²²³. Ele considerava esses médiuns respeitáveis, mas que mereciam uma investigação científica para compreensão e certificação do fenômeno mediúnico.

Nas demais publicações realizadas por António Cardoso (*Revista Estudos Psíquicos*, 1961, n. 8, 9, 11 e 12), apesar de não aparentar ser este o foco de sua viagem, ele visita ao que chama de “espiritismo social”, confirmando o destaque do movimento espírita brasileiro nesse campo, quando diz que: “Todos reconhecem a superioridade do Espiritismo Brasileiro no campo social.” (CARDOSO, *Revista Estudos Psíquicos*, n.8, 1961, p.236), para tanto destaca quatro instituições: Hospital Espírita de Porto Alegre; Lar Iclêa, Lar Amigo Germano, Maternidade Casa da Mãe Pobre.

A vinda das autoridades portuguesas ao Brasil significou o fortalecimento do intercâmbio entre os campos religiosos, que saía apenas das páginas da *Revista Estudos Psíquicos* e ganhava cor, brilho, vida, encantamentos e desencantamentos. Mas que isso: foi a base para fortalecimento de um progressivo intercâmbio cultural entre o espiritismo nos campos religiosos português e brasileiro. Em uma estrutura hierárquica de redes (Federações - Associações - Centros Espíritas), que gerava um conjunto de práticas religiosas, a FEB conseguiu imprimir, no campo religioso espírita brasileiro, uma ênfase religiosa-moral, um espiritismo cristão, em detrimento dos outros aspectos, que não os negava, mas ficavam em segundo plano.

Isidoro Duarte parecia ter compreendido melhor a mensagem da Federação Espírita Brasileira – FEB do que propriamente António Cardoso, porém, ambos reconheciam em seus escritos *O Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Isidoro Duarte Santos, mais enfático que António Cardoso, apoiava-se na contribuição de portugueses no campo religioso brasileiro, para justificar que a “missão espiritual” também era uma missão portuguesa, que visava unir propósitos, o que colaborou com o intercâmbio e suas aproximações entre os campos. Em consequência a essas ações, em 1965, o intercâmbio iria se intensificar, através do aceite das autoridades brasileiras aos diversos convites realizados principalmente a autoridades de tipologia carismática e institucional, com objetivo de colaborar na (re)estruturação do espiritismo em Portugal.

3.2.3 – O papel das autoridades espíritas brasileiras na (re)construção do movimento espírita português (1965-1980)

²²³ MEDIUM cega e leprosa da Igreja Espírita Evangélica de Guarulhos, São Paulo. (*Revista Estudos Psíquicos*, n.9, 1960, p. 276-277)

As autoridades espíritas brasileiras que mais contribuíram em solo português com a (re)construção do movimento espírita português, estavam distribuídas principalmente em dois tipos específicos de autoridades: a carismática e a institucional. Para compreendermos qual o papel elas desenvolveram, é necessário antes, retomarmos os conceitos trabalhados por Célia Arribas.

A atuação das Autoridades Carismáticas, como vimos, de acordo com Célia Arribas (2014, p.150), se baseia no carisma pessoal, que é correspondente a uma qualidade extraordinária, um dom. O carisma, numa religião mediúnica como o Espiritismo, vai estar conectado com a capacidade dessa autoridade em dominar a prática mediúnica, ao passo em que segue o *ethos* espírita. Com o vimos, de acordo com Bernardo Lewgoy (2001), o *ethos* espírita repercutido por Francisco Cândido Xavier apresenta três aspectos que o define: (1) a disciplina; (2) o trabalho e o (3) estudo. Reconhecemos que a base desse *ethos* está no *ethos* cristão, a expressão pura da caridade, o amor, reconhecendo Jesus como modelo, para os espíritas exemplo maior de perfeição.

A atuação atrelada ao *ethos* das autoridades carismáticas, no campo religioso português, aconteceu de diversas formas e isso foi possível através do fortalecimento do intercâmbio religioso entre esses dois campos. O primeiro a viajar ao campo religioso português foi Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, porém em 1955, foi visitado ainda no Brasil por Isidoro Duarte dos Santos, nos fins dos anos 1950. Para Isidoro D. Santos, a cidade de Pedro Leopoldo foi uma das mais aguardadas:

Iríamos visitar o grande médium Francisco Cândido Xavier, que tantas obras primas têm veiculado. [...] Alguém chamou “Meca do espiritismo” a Pedro Leopoldo. E falou com propriedade porque a obra mediúnica de Chico Xavier é enorme caudal que jorra sobre a América do Sul e parte da Europa ocidental. (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n.2, 1957, p. 384-385)

O reconhecimento de Francisco Cândido Xavier não ficava apenas entre os leigos. Agentes religiosos o seguiam, seu carisma ultrapassava fronteiras e muitos o procuravam. Isidoro D. Santos (1957, n. 2, p. 383) apresentava a real situação como podemos ver no seguinte trecho:

Chico Xavier não chamava ninguém. Os outros é que solicitavam as visitas. E têm que esperar muitos dias, muitos meses, para enfileirar na romagem à cidade mineira de Pedro Leopoldo, onde os homens são iguais a outros homens, onde uma grande fábrica trabalha dia e noite em holocausto ao progresso da roda que orienta os destinos do mundo. (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 2, 1957, p. 383)

Francisco Cândido Xavier tornou-se exemplo ideal da autoridade carismática. Ele conseguiu através do domínio das faculdades mediúnicas e da reprodução em vida do *ethos* espírita, ser reconhecido no campo social cristão como um vocacionado, um missionário, um “santo”. Apesar de ter sido a mais importante personalidade do Espiritismo no século XX, outras autoridades espíritas carismáticas faziam parte do campo religioso brasileiro: Divaldo Franco da Bahia, Jorge Rizzini e Luís Antônio Gasparetto de São Paulo, Zilda Gama de Minas Gerais, entre outros.

A atuação de Francisco Cândido Xavier foi impressionante no campo religioso brasileiro, e resultou para o movimento espírita brasileiro num novo horizonte de expectativas ressignificado, que legitimava a atuação em outros campos religiosos. Sua inserção, através principalmente dos seus livros, fundamentaram as bases de atividades de diversas autoridades religiosas espíritas, no Brasil ou fora dele, por exemplo: sua inserção no campo religioso português: em dezembro de 1950, a *Revista Estudos Psíquicos*, chega a indicar 62 obras²²⁴ espíritas de autoridades brasileiras, dentre elas, 23 apenas de Francisco Cândido Xavier.

A propagação de seus livros resultou no movimento em prol do estudo da doutrina. Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, a partir *dos espíritos Emmanuel e André Luiz*, apresentam, através da obra *Estude e Viva* (1965) quando dizem: “estudemos Allan Kardec, ao clarão da mensagem de Jesus Cristo, e, seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na

²²⁴ Em dezembro de 1950, a Revista Estudos Psíquicos colocava a disposição de seus leitores os seguintes livros de autoridades brasileiras: **Inácio Ferreira:** (1) Conselhos a meu filho; (2) Espiritismo e Medicina; (3) Novos Rumos a Medicina; (4) Tem Razão?; **Francisco Cândido Xavier:** (5) Alvorada Cristã; (6) Boa Nova; (7) Caminho, Verdade e Vida; (8) O Consolador; (9) Cartilha da Natureza; (10) Crônicas do Além-Túmulo; (11) Emmanuel; (12) Há dois mil anos; (13) 50 anos depois; (14) Lázaro Redivivo; (15) Libertação; (16) Luz Acima; (17) Os Mensageiros; (18) Missionários da Luz; (19) Nosso Lar; (20) No Mundo Maior; (21) Novas Mensagens; (22) Obreiros da Vida Eterna; (23) Parnaso de Além-Túmulo; (24) Paulo e Estevão; (25) Renúncia; (26) Reportagens de além-túmulo; (27) Volta Bocage; (28) Voltei; **Pedro Granja:** (29) Afinal, Quem Somos?; **Celestina Arruda:** (30) O beijo da morta; **Henrique Andrade:** (31) A bem da Verdade; **Bezerra de Menezes:** (32) A Casa Assombrada; (33) Loucura, sob o Novo Prisma; **Miguel Timponi:** (34) O Caso Humberto de Campos; **Carlos Imbassahy:** (35) Ciência e Metapsíquica; **Alexandre Dias:** (36) Contribuições para o Espiritismo; **Antônio Lima:** (37) Cruzada Redentora; (38) A Sonâmbula; **Carlos Lomba:** (39) Didaquê Espírita; **Frederico Pereira da Silva Junior:** (40) Do Calvário ao Apocalipse; (41) Jesus perante a Cristandade; **Zilda Gama:** (42) Do Calvário ao Infinito; (43) Dor Suprema; (44) Redenção; **Arlindo Colaço:** (45) Domínio Nefando; **Antônio Luiz Sayão:** (46) Elucidações Evangélicas; **Carlos Imbassahy:** (47) O Espiritismo a luz dos factos; **Padre Marechal:** (48) O Espírito Consolador; **Deolindo Amorim:** (49) O Espiritismo e os Problemas Humanos; **Cairbar Schutel:** (50) O Espírito do Cristianismo; (51) Parábolas e Ensinos de Jesus; (52) Vida e Actos dos Apóstolos; **Alexandre Dias:** (53) A Fazenda Mal Assombrada; **F. L. de Azevedo Silva:** (54) Fundamentos Científicos do Espiritismo; **Alfredo Miguel:** (55) As Heroínas de Hydesville; **Almerindo Martins de Castro:** (56) O Martírio dos Suicidas; **Benedito A. da Fonseca:** (57) O Protestantismo e o Espiritismo; **Antão de Vascelos:** (58) Revelações de Além-Túmulo; **Oswaldo Melo:** (59) Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos; **Leopoldo Machado:** (60) Teatro da Mocidade; **Nogueira de Faria:** (61) O Trabalho dos Mortos; **Fernando do Ó:** (62) E as Vozes falaram.

palavra, recordemos que o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação.” (XAVIER; VIEIRA, 1965, p. 40)

No livro *Entre Irmãos de Outras Terras*, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira/Emmanuel e André Luiz (1966) apresentam uma série de mensagens psicografadas durante suas viagens ao exterior. Uma dessas mensagens trata de um pequeno estudo sobre as mortes ocasionadas pela loucura²²⁵ e pelo suicídio²²⁶ em dez dos países que possuem os índices mais elevados no mundo desse tipo de morte. O estudo foi divulgado pela *Demographic Yearbook – 1963*²²⁷, através de pesquisa realizada entre os anos de 1961 e 1962, o qual dizia: “O presente estudo estatístico, em torno do suicídio e da loucura, considerados, em tese, como sendo moléstias do materialismo, excetuados naturalmente os casos de natureza puramente orgânica” (XAVIER; VIEIRA, 1966, p. 26). Após a explanação dos dados, há um pedido dos espíritos: “foi a pedido dos benfeitores espirituais Emmanuel e André Luiz, para que se avalie a divulgação do Espiritismo Evangélico entre as nações.” (XAVIER; VIEIRA, 1966, p. 26).

A mensagem intitulada *As Super Culturas e calamidades morais*, psicografada no dia 19 de agosto de 1965, na cidade de Paris, França, apresenta o contexto em que as lideranças brasileiras foram intimadas pelos espíritos a colaborar:

Não basta ajuntar valores materiais para garantia de felicidade. A supercultura consegue atualmente na Terra feitos prodigiosos, em todos os reinos da Natureza física, desde o controle das forças atômicas às realizações da Astronáutica. No entanto, entre os povos mais adiantados do Planeta, avançam duas calamidades morais do materialismo, corrompendo-lhes as forças: o suicídio e a loucura, ou, mais propriamente a angústia e a obsessão. (XAVIER; VIEIRA, 1966, p. 27)

A problemática da loucura e do suicídio no século XX era visto como problemas que poderiam ser evitados. O Espiritismo era apresentado enquanto a terceira revelação, mensagem pura do Cristianismo redivivo, o consolador prometido. O Espiritismo se

²²⁵ Número de casos registrados por cem mil habitantes: (1) França – 165,7 (1962); (2) Portugal - 143,1; (3) Bélgica – 142,9 (1961); (4) Polônia – 138,8 (1961); (5) Japão – 75,3 (1962); (6) Alemanha, República Federal da Alemanha – 73,9 (1961); (7) Áustria – 41,6 (1962); (8) Suíça – 14,9 (1961); (9) Inglaterra e País de Gales – 14,5 (1961); (10) Estados Unidos – 10,6 (1962); (*Demographic Yearbook apud* XAVIER; VIEIRA, 1966, p. 25, 1963)

²²⁶ Números de casos registrados por cem mil habitantes: (1) Áustria – 22,4 (1962); (2) Alemanha, República Federal Alemã – 18,7 (1961); (3) Suíça – 18,2 (1961); (4) Japão – 17,3 (1962); (5) França – 15,1 (1962); (6) Bélgica – 14,7 (1961); (7) Inglaterra e País de Gales – 12,0 (1961); (8) Estados Unidos – 10,8 (1962); (9) Polônia – 8,8 (1961); (10) Portugal – 8,6 (1962); (*Demographic Yearbook apud* XAVIER; VIEIRA, 1966, p. 25, 1963)

²²⁷ *Edição das Nações Unidas, New York, 1964; Ver mais em:* (XAVIER; VIEIRA, 1966, p. 25).

considerava capaz de responder essa demanda social. Para tanto, as mensagens, como esta: “Espíritas, amigos! Atendamos à caridade que suprime a penúria do corpo, mas não menosprezemos o socorro às necessidades da alma! Divulguemos a luz da Doutrina Espírita! Auxiliemos o próximo a discernir e pensar” (XAVIER; VIEIRA, 1966, p. 27), que circulavam entre os espíritas brasileiros eram de difusão, divulgação do Espiritismo cristão, ou seja, mais voltado às suas ênfases evangélicas, religiosas.

No ano de 1957, o *Reformador* trazia a notícia do *The Allan Kardec Spiritualist*, em que a fundadora do centro espírita nos Estados Unidos já apresentava o movimento espírita brasileiro como referência.

Em São Francisco da Califórnia, fundado pela Srta. Josette Thomas, acha-se em funcionamento um centro com o nome “The Allan Kardec Spiritualist”. Por ocasião do 1.º Centenário da Codificação, o referido centro realizou solenes comemorações, nas quais foram lembrados os pioneiros do Espiritismo, e com especial carinho a figura e obra de Allan Kardec. Um dos oradores, a Srta. Josette Thomas, dedicou grande parte de sua conferência ao movimento espírita no Brasil, ressaltando os benefícios que ele vem prodigalizando à coletividade. (*Revista Reformador*, outubro, 1957, p. 235)

As notícias acerca do movimento espírita brasileiro eram difundidas entre as nações, o que abria espaço de atuação para as autoridades brasileiras, que vinham através de convites realizados, ou seja, de reconhecimento. De acordo com Irineu Alves (1966, p.75-85), no *Anuário Espírita de 1966*, a viagem de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira aos Estados Unidos e a Europa teve uma duração aproximada de quatro meses, além dos EUA, eles visitaram: Inglaterra, França, Itália, Espanha e Portugal, conheceram diversas instituições espíritas, lançaram nos Estados Unidos o livro *Ideal Espírita* pela *Philosophical Library of New York*, que foi distribuído para mais de 100 países.

Na *The Spiritist Magazine*, n. 25 de 2014, a editora chefe Psyd., Phd Vanessa Anseloni relata acerca da parceria entre Chico Xavier, Waldo Vieira e Salim Haddad, parceria esta que resultou na fundação do *Christian Center Spiritist*, em 1965. A viagem de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira aos Estados Unidos tinha o objetivo de abrir as portas do campo religioso dos Estados Unidos para facilitar a difusão do Espiritismo. A paisagem por trás das portas era sem dúvida o movimento espírita brasileiro, um Espiritismo cristão, com ênfase na prática social e que tinha na sua base responder a uma “missão espiritual”.

Na *Revista Estudos Psíquicos* (n. 7, de 1965, p. 215), na sessão *Ecos da Imprensa Espírita*, há uma reprodução de uma notícia do semanário espírita de Uberaba, *A Flama Espírita*, que tratava do convite de dois espíritas paulistas para visitar os Estados Unidos. A

alegação de Chico Xavier era: “Vou aos Estados Unidos – esclareceu o médium – para uma aproximação espiritual com os nossos irmãos norte-americanos. Vou ver como eles trabalham e aprender um pouquinho também.”

Estudos Psíquicos informa que, até hoje, incluindo a obra “Estude e Viva”, já anunciada pela Federação Espírita Brasileira, Francisco Cândido Xavier produziu 79 livros em 224 edições, consistindo em 1.150.000 exemplares (um milhão e setecentos e cinquenta mil). Glória ao médium e ao Departamento Editorial da Federação. (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n.7, 1965, p. 215)

Os números que a Federação Espírita Brasileira divulgava eram sentidos nos campos religiosos em que o Brasil fazia intercâmbio religioso. Assim como nos Estados Unidos, de acordo com a imprensa e com o anuário espírita de 1966 (ALVES, 1966, p. 75-85), as ações de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira foram direcionadas para dois aspectos: (a) a história do Espiritismo: (1) Visita a monumentos reconhecidos do movimento espiritualista e espírita; (2) Coleta de documentos diversos (livros, cartões, jornais, revistas, fotos...) do movimento espiritualista e espírita; e, (b) os mecanismos de difusão espírita: (1) as mensagens espirituais recebidas durante a viagem; (2) fundação de grupos e centros espíritas; (3) contato com editoras, responsáveis pela difusão das obras traduzidas; (4) parcerias com periódicos e/ou autoridades espíritas que atuavam na reprodução de conteúdo espírita nos países de atuação e/ou no mundo.

De acordo com Irineu Alves (1966), no *Anuário Espírita*, em 1965, Chico Xavier e Waldo Viera, durante a viagem realizada, visitaram algumas redações de periódicos e/ou das editoras. Em Londres, foram à redação do *Psychic News* e de *Two Worlds*, fizeram contato com o escritor Maurice Barnabelle Charles K. Shaw da Associação da Grã-Bretanha. Na Itália, visitaram a revista *Luce e Ombra*, periódicos que traziam nas suas páginas diversas autoridades intelectuais italianas, dentre eles Ernesto Bozzano²²⁸.

Na Espanha, de acordo com Irineu Alves (1966, p. 75-85), o movimento espírita ficava restrito às residências, a pequenos grupos, pois sofriam por conta da censura. Em Portugal não foi muito diferente. Lá, Chico Xavier e Waldo Vieira antes de retornar a São Paulo, procuraram falar com Isidoro Duarte Santos da *Revista Estudos Psíquicos*. Em setembro de 1965, ele escreve um artigo sobre a visita de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira a Lisboa:

²²⁸ Obras de destaque: Animismo e Espiritismo; Pensamento e Vontade; Os Enigmas da Psicometria; A Crise da Morte; Xenoglossia; Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte. (Anuário Espírita de 1966, Araras: Ide, 1966.)

Parece incrível, mas é verdade. Dois grandes médiuns brasileiros conhecidos em todos os meios espíritas do mundo latino estiveram em Lisboa no dia 4 do corrente mês em visita especial ao diretor desta revista. Foi uma verdadeira surpresa, maravilhosa, emocionante, agradável. Ainda não estamos refeitos do choque. [...] Eram dez e meia da manhã. Entraram na Livraria de Estudos Psíquicos Editora. Vinham para o abraço. [...] Não sabemos muito bem, mas esperávamos tudo menos isto. Os maiores médiuns psicográficos do Brasil e talvez da terra estavam em nossa frente para o amplexo fraterno, de amigo para amigo, de confrade para confrade. Era o coração a transbordar de sentimento e de saudade numa espécie de sonho que não podíamos compreender. E dirigimo-nos os três para o nosso escritório. Ia começar a conversa. (SANTOS, n.9, 1965, p.268-269)

No relato, está presente todo o reconhecimento à autoridade de Francisco Cândido Xavier, a viagem foi um marco para o Espiritismo brasileiro. Chico Xavier e Waldo Vieira sentiram seu reconhecimento. A receptividade de suas ações religiosas lhes transformaram em protagonistas, nos campos religiosos que realizaram seus intercâmbios, e, para isto, contaram com a ajuda da imprensa na difusão de suas ações no campo religioso brasileiro que se espalharam em diversos países, inclusive Portugal.

A *Revista Estudos Psíquicos* teve responsabilidade em difundir o Espiritismo brasileiro de Portugal para toda Europa e as antigas colônias portuguesas na África. Para as revistas daquela época, estar presente em diversos países em mais de três continentes foi um feito para o movimento espírita brasileiro. Na ocasião da visita de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, o diretor Isidoro Duarte Santos tira algumas dúvidas que circulavam no movimento espírita. Podemos destacar a questão dos direitos autorais das obras publicadas, como constatamos no seguinte trecho:

Direitos autorais? – exclamou -. Nós nunca recebemos qualquer paga por serviço mediúnico. Eu acabo de me aposentar no cargo de humilde escrivão do Ministério da Agricultura que desempenhei durante 30 anos consecutivos. Por isso sempre vivi do meu trabalho profissional. E os livros de nossa mediunidade foram entregues com absoluto desinteresse, na certeza de cumprir um dever. Sentimos até satisfação de comprar os livros, quando são publicados. [...] O Waldo poderá dizer alguma coisa, visto ser autor mediúnico sem proventos. Além disso, como clínico, prometeu ao mundo espiritual que cuidaria dos doentes gratuitamente. Realmente – diz Waldo – seguimos esta orientação em todos os livros. Os direitos são aproveitados em assistência social e obras de divulgação espírita. [...] No meu caso pessoal, eu trabalhava anteriormente na administração de uma escola superior, um conjunto de Faculdades onde me formei, estudei e tenho amigos; mas devido à falta de tempo e para cuidar da medicina e da mediunidade e outras coisas na instituição onde trabalhamos, tive de abandonar o encargo onde estava desde rapaz e constituímos uma sociedade agrícola com alguns companheiros e parentes. Isto é que me sustenta. Como sou solteiro e tenho a família já encaminhada, tudo que aufero é aplicado desta maneira. (SANTOS, *Revista de Estudos Psíquicos*, n.9, 1965, p. 270)

O movimento espírita brasileiro, suas autoridades, principalmente as autoridades carismáticas e institucionais, no início da década de 1960, fortaleceram o intercâmbio com diversos países, em especial Portugal. A atuação de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira fortaleceu a autoridade religiosa brasileira. O início das traduções de suas obras e distribuições em diversos países era a expressão do seu domínio no campo religioso internacional. Além deles, diversas outras autoridades espíritas brasileiras atuaram no campo religioso internacional. Em específico, no campo religioso português: Divaldo Pereira Franco, Jorge Rizzini, Francisco Thiesen, Luís Antônio Gasparetto, Henrique Rodrigues, Newton Boechat, Ariston Santana Telles e Maria Cecília Paiva. Apresentaremos os que tiveram mais visibilidade na revista.

Quadro 16 – Autoridade Carismática - as inserções de Divaldo P. Franco na Revista *Estudos Psíquicos* (1960-1980)

Ano	n.	Autor	Conteúdo	Tipo	Página(s)
1960	1	Alfredo Miguel		Notícia (Divaldo no Brasil)	p.25
1960	12	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia – Centro Espírita Caminho da Redenção – Divaldo Franco	Notícia (Divaldo no Brasil)	p. 380
1961	5	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia – Brasil – Sobre o trabalho social do Caminho da Redenção	Notícia (Divaldo no Brasil)	p. 154
1961	7	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia – Brasil – Serviços Assistenciais do Centro Espírita Caminho da Redenção e Conferência de Divaldo Franco	Notícia (Divaldo no Brasil)	p. 217
1967	11		A viagem de Divaldo Franco	Notícia (Divaldo no Brasil)	p. 330-331
1969	4	Aureliano Alves Neto	Entrevista com Divaldo Franco	Entrevista (Divaldo em Portugal)	p. 123-124
1969	6	Divaldo Pereira Franco	Calúnia – (Joanna de Angelis)	Mensagem psicográfica	p. 169
1969	11	Divaldo P. Franco	Imortalidade (Joana de Angelis)	Mensagem psicográfica	p. 339
1970	4	Aureliano Alves Neto	Entrevistando Divaldo Franco	Entrevista (Divaldo em Portugal)	p. 114-115
1970	9		Divaldo Franco em Portugal	Notícias (Divaldo em Portugal)	p. 281
1970	12	Divaldo Pereira Franco	Presença (Joanna de Angelis)	Mensagem psicográfica	p. 361
1971	5	Divaldo P. Franco	Em Reverência (Joana de Angelis)	Mensagem psicográfica	p.134
1971	8		Divaldo Franco em Angola	Notícias (Divaldo em Angola)	p. 245-146

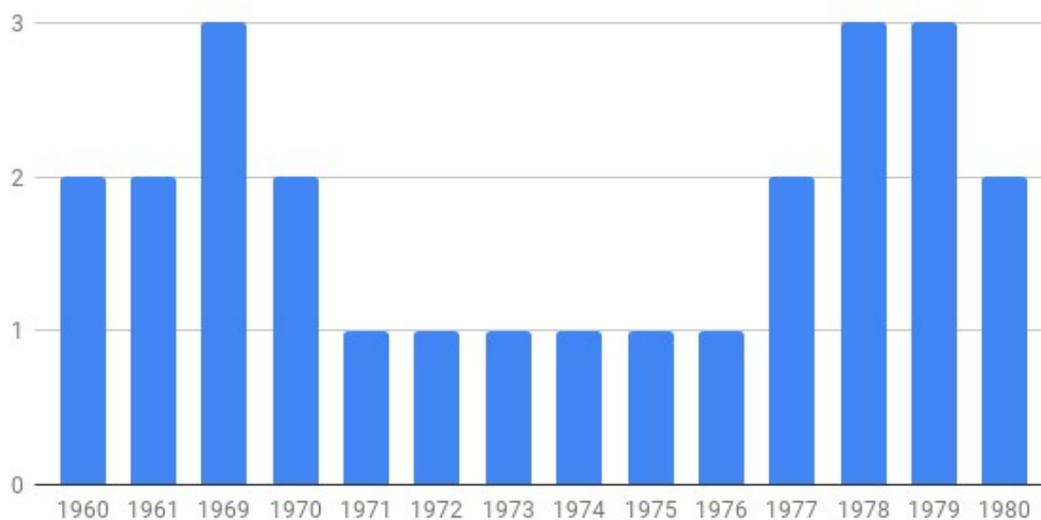
1971	10		Divaldo Franco no ultramar português	Notícias (Divaldo em Portugal)	p. 310
1972	4	Divaldo P. Franco	Tolerância (Joana de Ângelis)	Mensagem psicográfica	p. 124
1973	3	Divaldo P. Franco	Investimentos (Joana de Angelis)	Mensagem psicográfica	p. 92
1974	3	Divaldo P. Franco	Velórios (Joanna de Angelis)	Mensagem psicográfica	p. 92
1975	5	João Xavier de Almeida	Divaldo Pereira Franco em Angola	Notícias (Divaldo em Angola)	p. 114-115
1976	9	Divaldo Pereira Franco	Poema da Gratidão	Mensagem psicográfica	p. 270-271
1977	5	Divaldo P. Franco	Divaldo Pereira Franco – Com sua presença amiga na sede da Federação Espírita Portuguesa e acompanhando o Presidente da Federação Espírita Brasileira, saúda o movimento espírita português.	Notícias (Divaldo em Portugal)	p.135-137
1977	7		Reportagem - O Presidente da FEB e Divaldo P. Franco na Figueira da Foz	Notícias (Divaldo em Portugal)	p. 200-203
1977	7	Jorge Augusto Raimundo	Palavras sentidas – Em reunião de despedida ao presidente da Federação Espírita Brasileira, Divaldo Pereira Franco e Nilson Pereira, efectuada na sede da Federação Espírita Portuguesa (20/6/77)	Notícias (Divaldo em Portugal)	p. 205
1977	7		Conta-Gotas – O Divórcio, responde Divaldo Pereira Franco	Entrevista (Divaldo em Portugal)	p. 208
1978	10	António Cardoso	Divaldo Pereira Franco em Portugal	Notícias (Divaldo em Portugal)	p. 263-269
1978	11	Maria Raquel Duarte Santos	Divaldo Pereira Franco, fala a "Estudos Psíquicos"	Entrevista (Divaldo em Portugal)	p. 292-296
1978	12	Divaldo Pereira Franco	Saudade (Eros)	Mensagem psicográfica	p. 329
1979	1	Divaldo Pereira Franco	O Equilíbrio Psíco-físico do ser humano – Tema do Colóquio que Divaldo Pereira Franco, realizou por iniciativa da Federação Espírita Portuguesa em Lisboa	Notícias (Divaldo em Portugal)	p.10-15
1979	7	Divaldo Pereira Franco	Conta-Gotas - Divaldo Pereira Franco, responde	Entrevista ²²⁹ (Divaldo em Portugal)	p. 208-211
1979	8 e 9	Divaldo Pereira Franco	Mãe (Amélia Rodrigues)	Mensagem psicográfica	p. 238
1980	8 e 9	Reprodução de uma entrevista	Divaldo Pereira Franco – um dos maiores tribunos do Brasil	Entrevista (Divaldo no Brasil)	p. 198-201
1980	10	Maria	Divaldo Pereira Franco fala à Federação Espírita	Entrevista	p. 229-

		Raquel Duarte Santos	Portuguesa	(Divaldo em Portugal)	236
--	--	----------------------	------------	-----------------------	-----

Fonte: dados da revista, autoria própria, 2018.

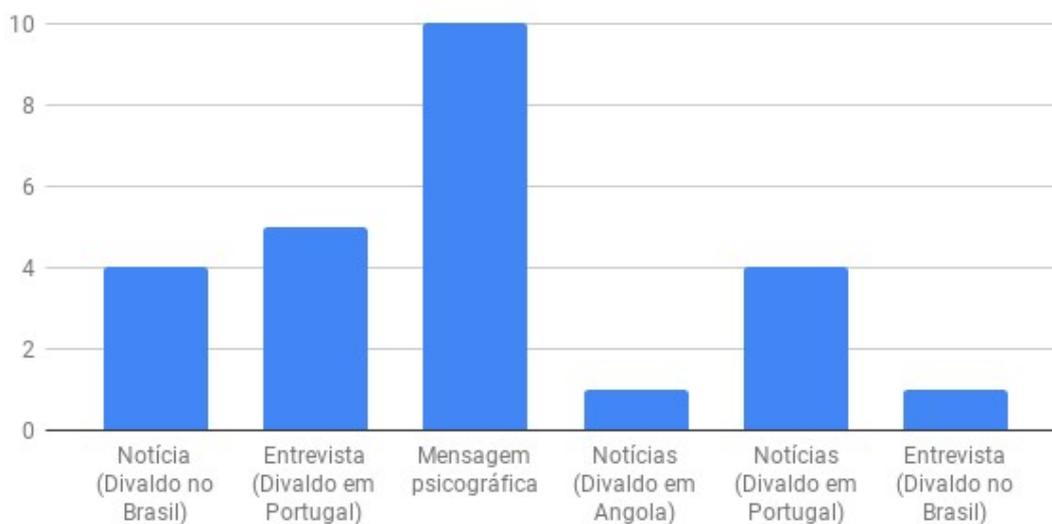
Vejamos nos gráficos:

Gráfico 16 - Número de inserções de Divaldo Franco na *Revista Estudos Psíquicos* (1960-1980)



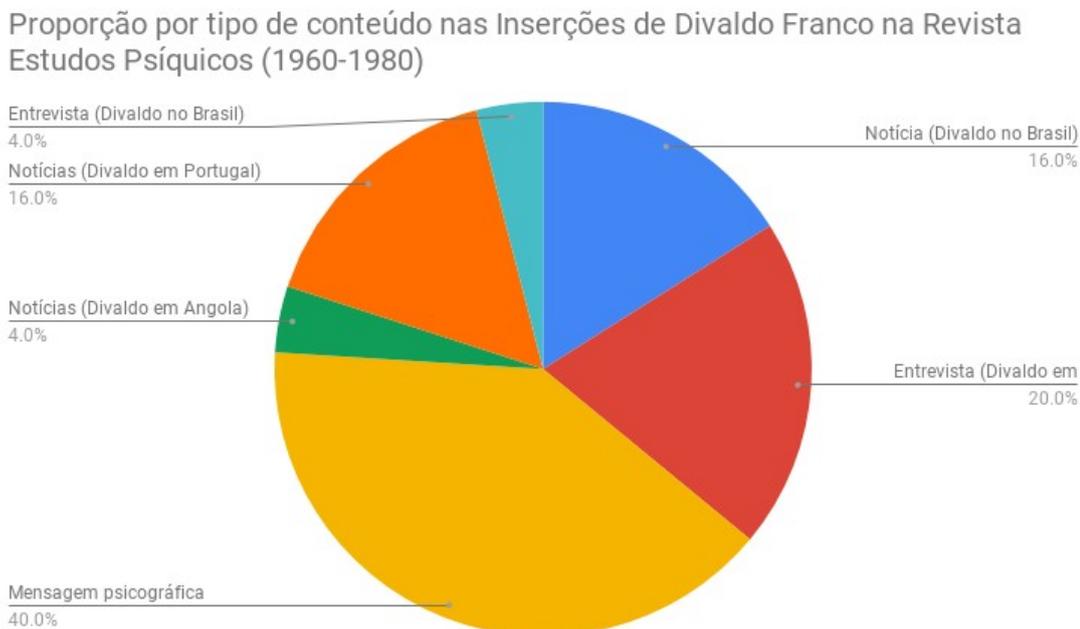
Fonte: dados da revista, autoria própria (2018)

Gráfico 17 - Número de publicações sobre Divaldo Franco por direcionamento de conteúdo na *Revista Estudos Psíquicos* (1960-1980)



Fonte: dados da Revista, autoria própria (2018)

Gráfico 18 - Proporção das publicações sobre Divaldo Franco por direcionamento de conteúdo, na *Revista Estudos Psíquicos* (1960-1980)



Fonte: dados da Revista, autoria própria (2018)

Entre os citados, quem mais se destacou foi Divaldo P. Franco. Entre 1960 a 1970, há 11 publicações sobre ele, na *Revista Estudos Psíquicos*. Quase metade dessas foram publicações sobre ele e sua atuação no Brasil. Entre 1970 a 1980, o número de publicações na *Revista Estudos Psíquicos* da obra, vão para 22. De acordo com o gráfico (18), visualizamos que 40% dessas publicações são mensagens psicografadas, principalmente pelo “espírito” de Joanna de Ângelis, sua mentora. Quase 60% das publicações foram feitas sobre suas práticas religiosas (conferências, reuniões, interpretações doutrinárias, entre outros). O número de entrevistas, assim como, as atividades realizadas em Portugal, demonstra que Divaldo conseguiu um reconhecimento no campo religioso português que não se encerrou na década de 70 do século passado. Suas viagens a Portugal se tornaram constantes. Em 2017, pudemos presenciar o retorno de Divaldo P. Franco a Portugal, repetindo boa parte do trajeto que havia realizado na sua primeira viagem em 1967, há cinquenta anos. Nessa viagem, continuou a fazer reuniões com trabalhadores da Federação Espírita Portuguesa, com lideranças de centros espíritas e realizou palestras/conferências e seminários. Seu roteiro aconteceu entre os dias 21 de julho a 29 de julho, percorrendo as cidades de Lisboa, Coimbra, Leiria, Évora, Ourique, Lagos e Faro, como vemos em algumas imagens abaixo:

Figura 7 – Conferência de Divaldo Franco em Leiria, Portugal - 24 de julho de 2018



Crédito: do autor

Figura 8 – Conferência de Divaldo Franco em Lagos, Portugal - 27 de julho de 2018



Crédito: do autor

Apesar de sua divulgação da doutrina iniciar em 1967, em Portugal, sua participação aumenta após 1977, ano em que foi convidado a participar das reuniões que fundamentaram as bases para a (re)estruturação da Federação Espírita Portuguesa – FEP.

Pode-se dizer que a inserção e influência dele no meio espírita estão divididas em três áreas de atuação: a) no âmbito do mercado editorial ou da literatura espírita, e pela editora LEAL²³⁰, a qual ajudou a fundar; b) no âmbito de divulgação (doutrinária) do Espiritismo, através de palestras e entrevistas concedidas no Brasil e no mundo; c) no âmbito da educação e da assistência social, através da instituição Centro Espírita Caminho da Redenção e Mansão do Caminho, que pela dimensão de sua atuação tem sido vista como uma espécie de instituição modelo para os espíritas.

Com relação ao segundo aspecto citado, o *site* oficial de Divaldo Franco (FRANCO, 2013) informa que, até 2012, ele teria realizado mais de treze mil conferências, em mais de duas mil cidades em todo o Brasil e sessenta e cinco países dos cinco continentes, tendo concedido mil e quinhentas entrevistas para rádio e TV, no Brasil e no exterior. Em contraste com sua atuação religiosa, sua atuação e formação profissional é bem menos expressiva. Coursou a Escola Normal Rural de Feira de Santana, recebendo seu diploma de professor primário. Em 1943 passa a trabalhar como escriturário no antigo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado - IPASE, em Salvador, aposentando-se na mesma função, em 1980 (FRANCO, 2013).

Sua atuação, no movimento espírita, inclui ainda a fundação do Centro Espírita Caminho da Redenção, em 1947, instituição que deu origem à "Mansão do Caminho" (MANSÃO DO CAMINHO, 2013), em 1952, instituição sem fins lucrativos, fundada juntamente a seu grande amigo Nilson de Souza Pereira, no bairro Pau da Lima, um dos bairros periféricos mais carentes de Salvador/BA. Segundo o *site* oficial dessa instituição (MANSÃO DO CAMINHO, 2013), ela, inicialmente, acolheu crianças sob regime de lares substitutos, tendo viabilizado a educação de mais de seiscentos filhos adotivos e mais de duzentos netos e bisnetos. Posteriormente, foram construídas no local: escolas, oficinas profissionalizantes e postos de atendimento médico. Hoje, ainda de acordo com o *site*, a "Mansão do Caminho" possui 83.000m² e atende mais de três mil crianças e jovens de famílias de baixa renda da região, tendo ao longo dos anos passado por ela mais de trinta e cinco mil crianças. Esse é um trabalho financiado em parte por doações e através de parcerias

²³⁰ Segundo Mansão do Caminho (2013), a editora LEAL, que tem sua sede na Mansão do Caminho, na cidade de Salvador, Bahia, publica 178 obras, das quais 90, já foram traduzidas para 15 idiomas, tendo vendido mais de sete milhões de unidades.

com os governos municipal, estadual e federal. Mas de acordo com seu *site*, a maior contribuição vem da receita dos livros psicografados e vendidos pela LEAL. Este trabalho lhe rendeu diversas homenagens²³¹ no Brasil e no mundo.

A prática caritativa é um aspecto, como vimos, que remonta sua atuação aos primeiros espíritas brasileiros, marcadamente influenciados pelo modo de assistência social católico e praticado sob o código da "caridade", aspecto que pode ser observado, em parte, no trabalho realizado por Giumbelli (1995).

Desde 1960, Divaldo Pereira Franco já vinha sendo notícia no campo religioso português, através da *Revista de Estudos Psíquicos* (1960, n.1, p. 25) do correspondente da Bahia, Alfredo Miguel, que o apresenta primeiro na sessão de notícias da Bahia. Na *Revista Estudos Psíquicos* de janeiro de 1960, Divaldo P. Franco foi citado quando da exposição realizada sobre a Unificação do Espiritismo, sob a égide de Allan Kardec, tendo por pedestal os ensinamentos de Jesus, na comemoração de aniversário do Instituto Kardecista da Bahia, um dos mais antigos do movimento espírita desse estado.

Em dezembro, Alfredo Miguel (1960, n.12, p. 380) apresentava as dimensões do projeto doutrinário e social organizado principalmente por Divaldo Pereira Franco e Nilson Pereira. A notícia era da inauguração da ampliação da nova sede do Centro Espírita Caminho da Redenção²³², que agora contava com quatro pavimentos para trabalho doutrinário e assistencial, enquanto que a antiga sede ficara exclusivamente para a Mansão do Caminho, fundação ligada ao centro espírita, onde foi criado o lar das crianças. Alfredo Miguel, na mesma notícia, descreve como estava organizado o Centro Espírita Caminho da Redenção:

No pavimento térreo fica o salão de conferências doutrinárias com capacidade para 600 cadeiras, onde está um perfeito serviço de ampliação de som, livraria especializada, ficando o 1.º pavimento da Escola de Jesus Cristo, Ambulatório Médico, Gabinete Odontológico, Gabinete Médico, Farmácia e Laboratório de Análises e sala para os trabalhos mediúnicos. No 2.º andar fica a Escola Jesus Cristo funciona em dois turnos nas cinco salas existentes; no 3.º pavimento, a Secretaria Geral, Tesouraria, Sala de Corte e Costura, Salão Social da "Caravana Auta de Sousa" e Sala de Directores; no Terraço, a lavanderia. (MIGUEL, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 12, 1960, p. 380)

De acordo com Alfredo Miguel (*Revista Estudos Psíquicos*, n.2, 1960, p. 380), Heitor Dias e Divaldo Franco fizeram uma conferência de inauguração com apresentações de um

²³¹ De acordo com Franco (2013) foram: 20 comendas, 334 placas de prata, douradas e bronze, 54 medalhas, 49 troféus, 43 moções de congratulações, 187 diplomas e certificados, 12 títulos honoríficos.

²³² Situada na ocasião na Rua Barão de Cotegipe, 124, no bairro da Calçada;

coro infantil, por orientação da professora e evangelizadora espírita Cecília Rocha²³³. Para ter uma ideia superficial do alcance social das ações do Centro Espírita Caminho da Redenção, na revista de julho, de 1961, o Centro Espírita divulgou seu relatório trimestral dos serviços de assistência social: 2.753 pessoas atendidas, entre crianças, homens e mulheres em: aplicações de injeções, fornecimento de receituário, distribuição de remédios, pequenas intervenções cirúrgicas e outros serviços.

Divaldo iniciou suas viagens de divulgação do espiritismo brasileiro no campo religioso internacional, nos fins da década de 1950, na Argentina. Continuou na década de 1960 em diante, atuando na Colômbia, Portugal, Estados Unidos, Espanha, Alemanha, Angola, entre outros países.

De acordo com Divaldo Franco (1978, p. 31) e a *Revista Estudos Psíquicos* (1967, n.11, p. 330), ele realizou a primeira visita ao velho continente em 1967, sob a companhia do português Júlio Lopes Trindade e de sua esposa, D. Estela Trindade, visitando naquela oportunidade Portugal, França, Espanha e Inglaterra. Isidoro Duarte Santos não pôde acompanhá-lo durante a viagem, mas delegou para que o diretor da *Revista Fraternidade*²³⁴, Eduardo Fernandes de Matos²³⁵, o acompanhasse.

Eduardo F. de Matos acompanhou Divaldo Franco em Portugal, porém na época a liberdade religiosa de culto e de organização que permeava o campo religioso era bastante controversa como afirmava a Constituição Portuguesa de 1933:

Art. 45.º **É livre o culto público ou particular de todas as religiões**, podendo as mesmas organizar-se livremente, de harmonia com as normas da sua hierarquia e disciplina constituindo por essa forma associações ou organizações a que o Estado reconhece existência civil e personalidade jurídica. **Parágrafo único:** Exceptuam-se os actos de culto incompatíveis com a vida e integridade física da pessoa humana e com os bons costumes. (PORTUGAL, 1933, grifo nosso)

Art. 46º Sem prejuízo do preceituado pelas concordatas na esfera do Padroado, o Estado mantém o regime de separação em relação à Igreja Católica e a qualquer outra religião ou culto praticado dentro do território português, e as relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal com recíproca representação. (PORTUGAL, 1933)

²³³ “um baluarte da orientação evangélica da criança que entre nós vem trazendo a sua proveitosa colaboração em palestras e ensinamentos básicos sobre a evangelização da criança brasileira, palestras estas que continuamente são realizadas em vários centros da Bahia, sob o patrocínio da União Social Espírita da Bahia.” (MIGUEL, 1960, n. 12, p. 380)

²³⁴ *Revista de Cultura Moral e Espiritualista* de caráter eclético.

²³⁵ Era diretor da Revista “Luz e Caridade”, mas 1963, depois da suspensão da revista ‘Luz e Caridade’, de Braga, cria a revista espiritualista ‘Fraternidade’, e consegue mantê-la circulando mesmo durante o tempo da proibição das práticas espíritas em Portugal. (VASCONCELOS, 2015, p. 507)

A Lei 2048 de 11 de junho de 1951 alterava esses artigos originais:

Art. 45.º É livre o culto público ou particular da religião católica como da religião da Nação Portuguesa. A Igreja Católica goza de personalidade jurídica, podendo organizar-se de harmonia com o direito canônico e constituir por essa forma de associações ou organizações, cuja personalidade jurídica é igualmente reconhecida. O Estado mantém em relação à Igreja Católica o regime de separação com relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal, mediante recíproca representação, e concordatas ou acordos aplicáveis na esfera do Padroado e outros em que sejam ou venham a ser reguladas matérias de interesse comum. (PORTUGAL, 1951, grifo nosso)

Art. 46.º O Estado assegura também a Liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas cujos cultos são praticados dentro do território português, regulando a lei as suas manifestações exteriores, e pode reconhecer personalidade jurídica às associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina. Parágrafo único: Exceptuam-se os actos de culto incompatíveis com a vida e integridade física da pessoa humana e com os bons costumes, assim como a difusão de doutrinas contrárias à ordem social estabelecida. (PORTUGAL, 1951, grifo nosso)

As alterações sinalizavam a aproximação do governo de António Salazar com a religião católica. Enquanto o Catolicismo tinha personalidade jurídica reconhecida, as demais religiões precisavam de uma confirmação do Governo. O controle das religiões ficava visível também nas leis.

A Federação Espírita Portuguesa, na figura do seu presidente António Castanheira, em 1953, quando buscava registrar o recente Laboratório de Estudos Metapsíquicos, nos seus estatutos, viu, além do não reconhecimento jurídico-político²³⁶, o governo de Salazar extinguir suas próprias atividades, além de ter confiscado seus bens.

Por conta dos silenciamentos do Espiritismo no campo religioso, a primeira viagem de Divaldo Franco aconteceu sob receios de novas ações do Governo português. A divulgação era realizada às escondidas. Manuela Vasconcelos (2015, p. 507) afirma que Eduardo F. de Matos promovia ‘passeios’ e piqueniques durante os quais uns e outros falavam da Doutrina Espírita – já que, em recintos fechados, era perigoso fazer-se reuniões devido à observação e intervenção das forças da ordem.

Segundo a *Revista Estudos Psíquicos* (n.11, 1967, p. 330-331), a estreia de Divaldo P. Franco fora em Lisboa, no salão da Casa da Comarca de Arganil, falando sobre o neoespiritualismo. Posteriormente, ele seguiu para o Algarve, depois Lagos, onde realizou

²³⁶O decreto-lei n.º37 545 de 8 de Setembro de 1949 conferia a prerrogativa de zelar pelos padrões científicos e pedagógicos de todo o ensino, público e particular, ministrado no país (SANTOS, 2012, p. 479).

uma conferência sobre a Felicidade, no Grêmio Recreativo Lacobrigense, secretariado por José Francisco Cabrita, D. Julieta Maria Marques, Sousa Picarreta e Eduardo Matos, e, em sequência retornou para Lisboa, falando sobre a existência de Deus. Ainda visitou: Vila de Almeirim, Coimbra, Porto e Viseu. Havia o desejo entre os portugueses de que a vinda dele a Portugal consolidasse o intercâmbio Brasil-Portugal. (*Revista Estudos Psíquicos*, n.11, 1967, p. 330-331)

Na *Revista Estudos Psíquicos* de abril de 1969, Aureliano Alves Neto publica uma entrevista realizada com Divaldo Franco, o qual afirma não ter dúvidas do protagonismo do Espiritismo brasileiro no mundo:

o espiritismo pregado e praticado no Brasil tem exercido influência considerável sobre os espíritas estrangeiros. Todos consideram o nosso movimento como o mais expressivo do Mundo, o que em realidade traduz uma verdade incontestável. As obras realizadas pelos espíritas brasileiros podem hoje competir, no sentido positivo, com o nobre trabalho do Serviço Social programado pelo Governo do País. Além disso, a Federação Espírita Brasileira, no sector do livro, tem conseguido a maior tiragem do Mundo, em obras espíritas, sendo a maior editora, no gênero, de toda a Terra. [...] Traduzindo as obras básicas do Espiritismo, como as que lhe são subsidiárias e as distribuindo por quase todos os países do Globo, notadamente os de além-cortina-de-ferro. (FRANCO, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 4, 1969, p. 123)

Em paralelo à entrevista de 1969, apontamos uma entrevista do dia 26 de janeiro de 2014, de Gibby Zobel, no jornal *The Guardian*, a Divaldo Franco²³⁷ (2014) intitulada: *Voices of Brazil: the spiritual medium*. Nessa entrevista, Divaldo Franco afirma que: “Spiritism is growing in Brazil because it attends to the cultural, emotion a land spiritual needs of society”. O modo de atuação do espiritismo brasileiro veiculado por Divaldo Franco foi motivado por uma tradição espírita brasileira percebida visivelmente na sua ação doutrinária e social, que se baseia nas orientações evangélicoespirituais e psicossociais. Sua segunda viagem à Europa foi realizada em 1970, a Portugal, França, Espanha e Itália. A terceira viagem, programada para o início de 1974, fora adiada, justificada pelo próprio autor por mudanças²³⁸ na política estrutural portuguesa. Viagem essa que só aconteceu no ano de 1977.

²³⁷ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jan/26/interview-with-spiritual-medium-divaldo-franco>.

²³⁸ De acordo com José Carlos Miranda Lucas: “Antes do 25 de Abril de 1974, no período da ditadura, Divaldo Franco foi considerado “persona non grata” pela ditadura portuguesa, devido a uma psicografia recebida, ditada pelo espírito de Monsenhor Alves da Cunha (inserida no livro “Sol de Esperança”), onde previa o banho de sangue que, se daria anos mais tarde, quando da descolonização.” (Disponível em: <http://www.mansaodocaminho.com.br/divaldo-franco-costa-da-caparica-e-lisboa-portugal-25042015/>).

Em 1974, após o 25 de abril (Revolução dos Cravos), a liberdade voltou a aparecer no campo religioso português. O médium Jorge Rizzini esteve presente em Portugal, em setembro de 1974 e na ocasião realizou uma entrevista com Isidoro Duarte Santos, que deixou uma mensagem aos espíritas brasileiros, publicada apenas na edição de janeiro/fevereiro de 1975, quando afirma que:

Vós que tendes disseminado heroicamente de norte a sula desse belo rincão, a terra brasileira, hospitais, orfanatos, escolas, tantos e tantos monumentos grandiosos que sintetizam e glorificam a nossa bela Doutrina, vós que tendes dado tantos exemplos a todos aqueles que vibram no mesmo ideal espalhados pela Europa, pela África, pela Ásia e pela Oceania, vós que sois o coração do mundo e a pátria do evangelho no dizer desse excelso espírito Humberto de Campos. (SANTOS, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 1, 1975, p.5)

Isidoro Duarte Santos (*Revista Estudos Psíquicos* n.12, 1974, p. 356), logo após o 25 de abril, trabalhou para a reabertura do Centro Espiritualista Luz e Amor e buscou reestruturar as bases da Federação Espírita Portuguesa. Ele retorna às tribunas para propagar e defender o Espiritismo. Foi eleito presidente da FEP em maio e ficou até o novembro de 1974, mês de seu falecimento. No seu lugar, o então primeiro secretário, António Ernestino de Lima Rodrigues, foi eleito por unanimidade pelo Conselho Superior Deliberativo, sendo este um continuador dos rumos defendidos por Isidoro Duarte Santos. Inclusive em anos anteriores, em viagem ao Brasil, já lhe tinha sido comunicado sua missão²³⁹ no ressurgimento do espiritismo em Portugal.

Em 1975, a Federação Espírita Portuguesa reivindica os bens confiscados pelo governo civil de António Salazar, que entre esses constavam: biblioteca, aparelhagem científica, mobiliário e obras de arte, além de dois importantes imóveis, um no Porto e outro em Lisboa, sendo este último o conhecido “Teatro Laura Alves”. (*Revista Estudos Psíquicos*, n.1e2, 1975, p. 31).

António Ernestino Lima Rodrigues, em entrevista para a *Revista Estudos Psíquicos* (n. 6, 1975, p. 138), via a necessidade de uma organização central no mundo. Lima Rodrigues acreditava que a organização central poderia ser a base para unificação e a consequente

²³⁹ “Em novembro de 1972, desloca-se pela primeira vez ao Brasil, numa viagem “por acaso” de serviço. Aí, visita personalidades ligadas à Doutrina, Centros e Federações. E é em São Paulo, na Federação, que vive alguns dias de intensa emoção, que assiste a trabalhos, que visita obras, que pode apreciar o espiritismo em toda sua grandeza. [...] É ainda em São Paulo, durante trabalhos realizados na Federação que lhe é comunicado uma missão que terá de levar a cabo e que se liga directamente com o ressurgimento do espiritismo em Portugal e com a Federação Espírita Portuguesa. Ao estalar o 25 de Abril, é dos primeiros a visitar Isidoro Duarte Santos e dar-lhe a sua adesão e iniciativa para a reorganização tão desejada e agora possível.” (*Revista Estudos Psíquicos*, n.6, 1974, p. 137)

uniformidade na prática espírita. Toda unificação já nos remete a busca por uma unidade, uma conformação de práticas. O Espiritismo brasileiro estava em atuação em diversos países, em especial em Portugal influenciando com seus direcionamentos específicos.

Em 1977, a *Revista Estudos Psíquicos* de Lisboa, n. 5 e 7, descreve visitas de autoridades brasileiras em terras lusitanas. No mês de maio daquele ano, o articulista relata ter participado de uma jornada espírita entre os dias 14 a 22 de maio. Sobre essa jornada, Divaldo Franco nos conta no seu livro *Viagens e Entrevistas* (1978) que:

Ao amanhecer do dia 14 de maio, sábado. [...] a presença das suas várias entidades em Lisboa, deram-nos uma calorosa recepção, feita de amizade e entusiasmo. Naquele mesmo dia, às 17 horas, na sede atual da Federação Espírita Portuguesa realizou-se uma sessão especial de boas vindas. [...] Vários representantes usaram da palavra, o Presidente da FEB, a nossa pessoa e a sessão foi encerrada. (FRANCO, 1978, p. 33)

Assim, como afirma Divaldo P. Franco, o momento era de comemoração da reabertura religiosa em prol de uma [re]organização do movimento espírita português. E estava presente Francisco Thiesen, autoridade institucional, presidente da Federação Espírita Brasileira– FEB. A convite dos portugueses, Thiesen discursou na sessão especial de boas-vindas na Federação Espírita Portuguesa. Segue abaixo, trechos deste discurso simbólico que marcou a união de dois entes Federativos do movimento espírita. A impressão do modelo brasileiro ficou cada vez mais forte no ente federativo português e, conseqüentemente, no movimento espírita português.

Realmente, é uma tarde histórica, realmente o momento é de maior importância não pelas nossas pessoas, mas por significar o encontro destes dois movimentos, **o movimento espírita brasileiro, pujante, activo, dinâmico, realizador em crescente progresso evolutivo e o movimento espírita português igualmente valoroso e dinâmico [...] porque reaparece saído das catacumbas**, saído de situação de clandestinidade para a luz do dia, e reconhecido hoje, por seu direito de falar alto e bom som, aos cérebros e aos corações da pátria portuguesa do continente europeu. [...] Federação Espírita Portuguesa que ressurgiu, que reaparece, para retomar o trabalho transitoriamente interrompido e levar a todos os corações, sob sua jurisdição, a palavra da codificação Kardequiana que outra não é, senão a palavra reviverescida do nosso mestre Senhor, do nosso amado Jesus Cristo. [...] **A Pátria do Evangelho a que muitos aqui se referiram, a Pátria de Ismael está construindo no coração do mundo, o Brasil, é a pátria de Portugal, é a pátria espiritual do futuro que hoje estreita Portugal, que abraça Portugal, para que seja uma só pátria, a pátria do evangelho – Brasil – Portugal para que Brasil e Portugal juntos, possamos amanhã admitir nessa comunidade da Pátria do Evangelho, sucessivamente todos os países da terra e para que atinjamos no grande futuro, a situação preconizada pelos**

ensinos de Jesus e agora a pouco lembrada na figura do Cristo. [...] **Nós temos que mostrar que a nossa Doutrina é a Doutrina do Evangelho de Jesus**[...] Não se faz Espiritismo sem os espíritos, mas também, não se faz Espiritismo sem os homens. Espiritismo é o entrelaçamento de duas secções duma mesma humanidade, a humanidade invisível e visível. [...] O Espiritismo é este calor, meus irmãos, porque se o Espiritismo se restringisse apenas às respeitabilíssimas questões da ciência e da filosofia, que devemos continuar cultivando e enaltecendo, sem dúvida alguma. [...] Estamos convidados pelo Senhor a edificar nada menos do que uma nova civilização [...] **a nova civilização do espírito, aquela que vem para ficar e vem para ficar à luz do Evangelho de Jesus Cristo, dentro de todos aqueles conceitos maravilhosos da doutrina sistematizada pelo sábio missionário de Lyon, o eminente Allan Kardec.** [...] Decorrido já meio ano: a nova edição do número 70 atinge neste momento 1.106.000 (um milhão, centro e seis mil) exemplares, edição esta que eu compulsei momentos antes de embarcar e que mostra o interesse, a procura, a ênfase das notícias de Jesus, através das definições e das conceituações do Espiritismo Kardequiano. [...] **O Livro espírita é a doutrina dos espíritos e do evangelho de Jesus e de muitas das melhores realizações da ciência, filosofia** de todos os séculos que está ao alcance da nossa mão, na hora em que estamos dispostos e temos possibilidade de educar o nosso coração e de cultivar o nosso espírito. [...] Inclusive vos digo, que **na nossa Federação Espírita Brasileira, na nossa diretoria há integrantes portugueses, sempre os tivemos.** No nosso conselho há portugueses. No nosso quadro social **somos duas pátrias em que se interpenetram,** duas pátrias que necessariamente viverão juntas, porque o Brasil, - não daremos novidade nenhuma - é resultado da acção dos portugueses, dos portugueses que em busca de novos mundos permitiram a realização daquele imenso e grandioso país. [...] **Mas, o Brasil retorna, para retornar o que Portugal nos mandou e Portugal nos mandou muito e tudo de bom.** [...] Que Portugal saiba que nos nossos corações de espíritas brasileiros estão os corações dos espíritas portugueses, como uma só família, como uma só comunidade de irmãos, não só no plano físico em que nos encontramos, mas no plano espiritual. [...] Que Jesus o nosso Divino Mestre e o glorioso Anjo Ismael que nos dirige, e dirige a Casa de Ismael, a Casa que lhe ostenta o nome desfraldando sua bandeira em que se acha inscrita a insígnia, Deus, Cristo e Caridade, abençoe os espíritas de Portugal e Brasil. (THIESEN, Revista Estudos Psíquicos, 1977, n. 5, p. 130-134, grifo nosso)

No discurso de Francisco Thiesen, a autoridade institucional que mais apoiou o intercâmbio do movimento espírita brasileiro, com o de outros países, traz na sua fala principalmente a ênfase de um Espiritismo cristão, de assistência espiritual e social, centrado na figura de Jesus Cristo. Assim, como nos relata Célia Arribas (2014, p. 145), o carisma dele, enquanto figura institucional, vinha de certa forma do cargo que ele ocupava, por ser presidente da Federação Espírita Brasileira. Sua viagem e atuação se justificam, principalmente, pela categoria “missão espiritual” com o intuito de uma integração simbólica, espiritual, entre Brasil e Portugal.

Mesmo após a morte de Isidoro Duarte Santos (presidente da FEP), em novembro de 1974, a Federação Espírita Portuguesa – FEP continua a busca por sua reestruturação. As referências históricorreligiosas consolidadas no movimento espírita brasileiro serviam de direcionamento para [re]organização do movimento espírita português. Favorecido pelo contexto de abertura político-religiosa em Portugal, a Federação Espírita Portuguesa buscava se reconstruir, ao tempo em que agia para retomar seu espaço de autoridade no campo religioso português, replicando em partes o modelo brasileiro: ênfase nos aspectos religioso/moral, mas com algumas ressalvas.

Maria Raquel Duarte Santos apresenta tais ressalvas em entrevista a Aureliano Alves Netto, quando esteve no Brasil em 1976:

Nesta minha actual visita mais se radicou em mim a impressão de que o Espiritismo se integrou totalmente no grande povo, pois ele se baseia mais no Evangelho e bem assim na sua divulgação, descurando um pouco do estudo profundo de sua filosofia e fenomenologia, resultando daí um certo misticismo, e por vezes demasiado, que encontrei na maioria dos Centros Espíritas que visitei. No entanto, isto não quer dizer que não haja no Brasil instituições espíritas – pois elas existem e em grande número – nas quais a Doutrina Espírita é estudada e difundida no seu contexto mais puro da Codificação Kardequiana. (SANTOS, Maria. *Revista Estudos Psíquicos*, 1977, n. 2, p. 35)

Essa ligação enfática do movimento espírita brasileiro com o aspecto religioso preocupou António Cardoso e também Maria R. Duarte Santos. Portugal vinha de uma tradição científica no seu movimento espírita, a ideia de que “O Espiritismo, ou será científico ou não terá razão de existir” (*Revista de Metapsicologia*, n. 2, 1953, p. 37) foi propagada no dia da inauguração do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, antes da suspensão das atividades da FEP. Daquele período em diante, houve um direcionamento no espiritismo português para uma maior aceitação do aspecto religioso (moral e social) apesar de não descolarem o aspecto científico.

As autoridades portuguesas viam no movimento espírita brasileiro a possibilidade de se organizarem, pois o modelo de organização do espiritismo no Brasil tinha repercutido positivamente. As autoridades convidadas em 1977, principalmente: Divaldo Franco e F. Thiesen passaram nove dias em Portugal. Foram realizadas visitas em diversas cidades portuguesas, a agenda de Divaldo Franco foi divulgada pelo jornal *Alpha* (n. 5, maio de 1977) de Lisboa, em 14 e 15 de maio; 16 de maio, Figueira da Foz; 17 de maio, Porto; 19 de maio, Vizeu; 20 de maio, Santarém; 21 de maio, Faro; 22 de maio, Lisboa. Nos relatos de Divaldo

Franco (1978), houve algumas mudanças na sua agenda: as cidades visitadas foram: Lisboa, Portimão, Faro, Figueira da Foz, Porto, Viseu, Coimbra e Santarém.

A importância do relato dessa viagem diz respeito ao reconhecimento e receptividade que os portugueses tiveram dos brasileiros²⁴⁰ em Portugal. Divaldo Franco (1978, p. 38) afirma que a viagem não se resumiu a divulgar os princípios doutrinários do Espiritismo, mas em colaborar na sua forma de organização administrativa.

Em seu relato, o presidente Francisco Thiesen, da Federação Espírita Brasileira, esteve em Portimão e Lagos para apresentar “conceitos muito elevados e consoladores, diretrizes administrativo-doutrinárias aos irmãos daquela região, num clima de alta espiritualidade, oferecendo-lhes a segurança, a sabedoria, que hauriu no estudo das obras básicas e complementares.” (FRANCO, 1978). No dia 23 de maio, Divaldo Franco (1978, p. 38) comenta sobre a participação de um “encontro na Federação Espírita Portuguesa, com o presidente da Federação, de uma reunião programada com seus diretores para tratar de questões pertinentes à tarefa que ali se estava desenvolvendo e na programação que se deveria desdobrar em relação ao futuro”.

No dia 11 de junho de 1977, “a Direcção da Federação Espírita Portuguesa, aprovou em sua reunião [...] as Bases da Organização Espírita Portuguesa” (VASCONCELOS, 2015, p. 319), estabelecendo este momento como de reunificação do movimento espírita português. A parceria FEB-FEP se manteve e se mantém viva até os dias atuais.

Em outro relato, a partir de Manuela Vasconcelos (2015, p. 348), em 1984, em Leiria, quando da realização da reunião do Conselho Nacional Federativo da FEP, o professor Altivo Ferreira, então vice-presidente da FEB, estava participando da “apresentação de trabalhos de características doutrinárias, com vistas a uma melhoria de interpretação, prática e propaganda da nossa Doutrina e da responsabilidade das referidas Associações²⁴¹”.

Os objetivos que a Federação Espírita Portuguesa se propôs alcançar com esta visita são vastos e complexos e só podem ter uma realização prática, se todos nós espíritas portugueses, nos compenetrarmos do inadiável dever de nos unirmos fraternalmente, numa íntima e estreita cooperação moral e

²⁴⁰ Um grupo contava com as presenças do então presidente da Federação Espírita Brasileira (Francisco Thiesen), Henrique de Magalhães (Presidente da Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro) e sua esposa, e o outro grupo: Divaldo P. Franco e Nilson Pereira, os dois grupos foram acompanhados pelos representantes da Federação Espírita Portuguesa, da Revista Fraternidade e do Centro Espírita Perdão e Caridade, entre outros militantes.

²⁴¹ (1) Associação Luz no Caminho; (2) Comunhão Espírita Cristã de Rio Tinto; (3) Associação Espírita de Lisboa; (4) Centro Espírita Perdão e Caridade; (5) Secretariado Espírita do Algarve; (6) Comunhão Espírita Cristã de Lisboa; (7) Associação Cultural Espírita e Espiritualista de Viseu; (8) Associação Espírita de Lagos; (9) Núcleo Espírita Rosa dos Ventos; (10) Associação Espírita do Paião.

social, pois só assim venceremos as dificuldades com que certamente depararemos. [...] será necessário encarecer a necessidade urgente de todos os Espíritas Portugueses se organizarem e federarem, para assim, numa união de íntima confraternização, trabalharmos harmonicamente, na propaganda do nosso ideal e de acordo com o expresso nos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa (FEP, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 5, 1977, p. 142)

Havia no relato da Federação Espírita Portuguesa uma renovação dos seus objetivos, que necessitaria inicialmente da união, de uma unificação em torno do projeto federativo. O movimento espírita português apostava no fortalecimento do projeto da Federação Espírita Portuguesa – FEP que tinha por trás uma missão a ser realizada. Como vemos no editorial “Luminosa Aliança” do primeiro número da *Revista Estudos Psíquicos* de 1980, numa mensagem²⁴² do espírito Fernando de Lacerda através do médium Hernâni T. de Sant’Anna.

Portugal e Brasil, fiéis a augusta missão que o Mestre Excelso lhes assinou, no Tempo e na História, selam agora portentosos compromissos de fundação evangélica, à face de todo um porvir que desde já se parteja, no berço generoso de uma aliança de trabalho comum e amor construtivo. Felizes operários, em serviço nestas terras benditas, neste momento de glórias indizíveis, somos naturais beneficiários dessa alvorada que jamais entardecerá, ainda que nuvens gigantescas possam temporariamente dar a impressão de noite irreversível. (SANT’ANNA *apud Revista Estudos Psíquicos*, 1980, n.1, p.3)

Em fins da década de 1970, a mensagem psicográfica, que vinha do Brasil, em nome de Fernando de Lacerda, foi reconhecida quando da reprodução na sessão destinada aos editores da *Revista Estudos Psíquicos*. Outras autoridades brasileiras e luso-brasileiras também reproduziram a ideia missionária. Destaque para Henrique de Magalhães que, entre os anos de 1978 e 1979, escreveu uma série de treze artigos intitulada *A Grande Missão do Brasil e de Portugal*²⁴³, em que utiliza como fonte base *Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. No artigo inaugural da série, ele introduz uma mensagem do guia espiritual de Francisco Cândido Xavier, Emmanuel que afirma:

O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a fornecer ao mundo inteiro, uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada, representando o maior celeiro de claridades espirituais do Orbe inteiro. (EMMANUEL *apud Revista Estudos Psíquicos*, 1978, n. 4, p. 98)

²⁴² Mensagem recebida na noite de 22 de novembro de 1979, no Grupo Ismael na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro. (*Revista Estudos Psíquicos*, 1980, n.1, p.3)

²⁴³ Em 1978, nos seus números: 4,5,6,7,8e9,10 e 12; Em 1979, nos seus números: 1,3,4,5,6 e 7.

A ideia de uma união missionária parecia legitimar as ações de unificação e fortalecimento da Federação Espírita Portuguesa - FEP e a implantação do Conselho Federativo Nacional, ou seja, do modelo federativo. Este, uma vez consolidado, colocaria em prática seus projetos e direcionamentos doutrinários.

Para tanto, Francisco Thiesen convidou Maria Raquel Duarte Santos, vice-presidente da Federação Espírita Portuguesa, para participar do VII Congresso Brasileiro de Escritores e Jornalistas Espíritas, em novembro de 1979. Durante essa viagem, visitou diversas instituições espíritas e fez contato com Maria Cecília Paiva, diretora do departamento de Infância e Juventude. (*Revista Estudos Psíquicos*, n. 12, 1979, p. 347) Apesar do evento possuir uma tradição mais filosófica e científica, possibilitou o encontro de autoridades espíritas como a já citada Maria Cecília Paiva, que colaborou com a implantação da evangelização infanto-juvenil em diversos países.

Divaldo Franco (*Revista Estudos Psíquicos*, n.10, 1980, p. 229), considerado pelo presidente da FEP como embaixador do espiritismo brasileiro, foi convidado em 1980 para um diálogo de esclarecimento doutrinário que visava preservar a pureza doutrinária para a sua difusão no movimento espírita português. “Para nós, o Espiritismo é uma religião no que diz respeito à colocação de profundidade da própria palavra e consoante ao conceito latino “religare”. Portanto, toda a doutrina que leva de volta o homem ao criador, religando-o, é uma doutrina religiosa, o que não implica ao conceito que o europeu faz do movimento religioso espírita no Brasil.” (*Revista Estudos Psíquicos*, 1980, n.10, p. 232), Divaldo P. Franco justificava assim o uso do termo religião no Brasil, ao tempo que também não se distanciava de ênfases filosófico-científicas Na mesma viagem, ele fez uma conferência sobre ‘Cultura e Ciência Espírita’, no dia 20 de setembro em Lisboa.

Acompanhando Divaldo Franco, estava a vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, Maria Cecília Paiva. Na *Revista Estudos Psíquicos* (1980, n. 11, p. 264), ela era apresentada junto a Divaldo P. Franco como responsáveis nos últimos anos por implantarem o Evangelho do Cristo em diversos países da América Latina e da América do Norte.

O Departamento de Infância e Juventude é órgão da FEB [...] Desenvolve o seu trabalho de evangelização com treinamentos, cursos, encontros de evangelizadores em diversos Estados do Brasil, desde o momento em que a FEB lançou a Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil. Organiza planos de curso e de aula, facilitando o trabalho. Ainda no espírito da Campanha Permanente, incentiva o Culto Cristão no Lar; o estudo das obras codificadas por Allan Kardec; leva ao ar, por duas

emissoras, programas evangélico-doutrinários. (PAIVA, *Revista Estudos Psíquicos*, n. 11, 1980, p. 265)

O Regulamento do Departamento da Infância-Juventude²⁴⁴ só foi aprovado em 22 de outubro de 1988, na Federação Espírita Portuguesa – FEP. Nesse ano também foram aprovados: a efetivação do Conselho Federativo Nacional e da Assembleia Geral. Um ano antes havia sido aprovado o Estatuto da Federação Espírita Portuguesa – FEP, “A Associação Federativa, fundada em 6 de março de 1986, **tem carácter científico, filosófico, moral e social**, designa-se por Federação Espírita Portuguesa, ou pela sigla FEP,[...]passa a reger-se por estes Estatutos.”(FEP, 1987, grifo nosso). Apesar de o Brasil utilizar o termo religioso, o movimento espírita português parecia receoso que a ênfase religiosa deixasse os demais aspectos de lado, transformando-se num movimento em parte místico.

O intercâmbio entre os dois campos através de autoridades carismáticas, institucionais e intelectuais foi primordial para a [re]estruturação do movimento espírita português. A difusão através de reuniões, entrevistas, conferências, entre outros, em boa parte das referências históricorreligiosas do movimento espírita brasileiro direcionaram o movimento espírita português a uma [re]estruturação construída em experiência no campo religioso brasileiro. O movimento espírita português não se fechou na ênfase científica, assim como não se abriu totalmente à ênfase religiosa.

Como foi visto, a difusão que começou com as autoridades intelectuais brasileiras se propagou com mais ênfase com a atuação das autoridades carismáticas e institucionais. Principalmente entre os anos de 1960 a 1980, houve uma reformulação do espiritismo no campo religioso português. A quase totalidade dos centros espíritas e da própria Federação Espírita Portuguesa não estava em funcionamento no campo religioso durante o governo de António Salazar. A reabertura, em 1976, da FEP e a reformulação dos seus estatutos em 1977 contaram com o apoio das autoridades brasileiras, as quais fortaleceram o elo com o campo religioso português e tiveram grande participação nos direcionamentos de [re]estruturação do movimento espírita em Portugal.

As autoridades espíritas brasileiras que mais apoiaram esse momento específico de [re]estruturação do movimento espírita português foram: Francisco Thiesen (Presidente da Federação Espírita Brasileira) e Maria Cecília Paiva (Diretora do Departamento de Infância e

²⁴⁴ Art. 2º tem por finalidade unir e aperfeiçoar moral e intelectualmente a Juventude Espírita, através dos postulados da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, com vista a formar e preparar futuros homens e mulheres esclarecidos e virtuosos que garantam a continuidade do Movimento Espírita Português. (FEP, Regulamento da Infância e Juventude, 1988, p. 2)

Juventude da FEB), que atuavam enquanto autoridades institucionais e Divaldo P. Franco²⁴⁵, enquanto autoridade carismática. As décadas de 1970 e 1980 foi um período de reafirmação de práticas e ênfases doutrinárias, que reorientavam práticas religiosas específicas, como por exemplo da evangelização espírita infanto-juvenil. A Federação Espírita Portuguesa era bastante próxima do viés científico até 1953. Em 1986, quando foi fundada a Associação Federativa, ela era orientada por um caráter científico, filosófico, moral e social. Em 1988, implantam o Conselho Federativo Nacional, Assembleia geral e o regulamento do Departamento da Infância-Juventude.

A *Revista Estudos Psíquicos* tornou-se artefato cultural bastante importante para o fortalecimento do intercâmbio entre o campo religioso português e o campo brasileiro. Ela se comportou durante os anos 1940 a 1980 como porta-voz autorizado do movimento espírita português. Suas autoridades diretivas, principalmente, Isidoro Duarte Santos, além de ser o fundador dessa revista, transformou-a nesse lugar de mediação, entre Portugal e diversos países, principalmente o Brasil.

O campo religioso brasileiro foi ganhando importância, à medida que colaboradores brasileiros e luso-brasileiros foram aderindo à *Revista Estudos Psíquicos*, inicialmente motivados por difundir a doutrina espírita, e, posteriormente, uma grande parte agia motivada por acreditar estar colaborando com uma “missão espiritual”, inclusive com o reconhecimento que partia do próprio diretor dessa Revista, Isidoro Duarte Santos. Diversas instituições e autoridades espíritas intelectuais, carismáticas e institucionais, para além de uma simples divulgação na *Revista Estudos Psíquicos* se transformaram em modelos que influenciaram a reestruturação do espiritismo no campo religioso português.

²⁴⁵As ações de Divaldo P Franco foram tão enfáticas no campo religioso português e internacional que resultaram na publicação de diversos livros, dentre os quais Podemos destacar: *Viagens e Entrevistas*, Divaldo P. Franco, 1978; *O Peregrino do Senhor*. Altiva Glória F. Noronha, 1987; *Divaldo: mais que uma voz, um hino de amor à vida*, Miguel de Jesus Sardana, 1999; *O Jovem que Escolheu o Amor*. BATISTA, Maria Anita Rosa, 1997; *O Paulo de Tarso dos Nossos Dias*. Ana Maria Spränger, 2003 e *A Jornada Numinosa de Divaldo Franco*, Sérgio Sinotti, 2009. Porém, essa atuação de Divaldo Franco vinha amparada por uma grupo enorme de autoridades intelectuais e institucionais que divulgavam o espiritismo brasileiro através da imprensa espírita internacional, motivados por serem partícipes de uma “missão espiritual”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Espiritismo teve sua origem na França, em 1857, com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*. Foi popularizado pelo mundo, com as atuações de suas diversas autoridades: Allan Kardec, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Adolphe de Faget, Amélie Gabrielle Boudet, León Dennis, entre outros. Augusto Araújo (2016), através da análise dos escritos de Allan Kardec, no século XIX, traz à tona o seu tríplice aspecto: Filosofia, Ciência e Religião, muitos embora tais conceitos na doutrina espírita reproduzissem conceitos distintos do senso-comum.

Em Portugal, a ênfase mais difundida do espiritismo até a década de 1950 era a ênfase científica, as consequências dos estudos científicos traziam as questões morais. Essa realidade é transformada na década de 1950, sob atuação política de Antônio Salazar, que quase extingue o movimento espírita institucionalizado. Já entre as décadas de 1960-1980, principalmente com a influência de autoridades espíritas brasileiras e luso-brasileiras, o Espiritismo no campo religioso português se revela com uma ênfase mais “religiosa”, apresentada no campo enquanto categoria “moral e social”, agora, prioritariamente não como resultante de pesquisas científicas, mas do evangelho do Cristo, a vida de Jesus.

No Brasil, o Espiritismo conseguiu se destacar em comparação com os movimentos espíritas de diversas outras nações, consolidando-se no campo religioso brasileiro, a partir da construção de uma tradição espírita dotada de uma “missão espiritual”, a qual legitimou a unificação do movimento espírita no campo brasileiro e funcionou como um vetor importante da ação espírita brasileira em outros países.

Ancorados na perspectiva teórica de Pierre Bourdieu (2004), vimos que os campos religiosos, português e brasileiro, são campos dinâmicos e plurais, durante sua trajetória histórica; principalmente no século XIX, apresentavam cenários religiosos parecidos, haja vista que a Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR reinava hegemônica enquanto religião oficial em seus campos. As disputas internas comuns no século XIX se intensificaram no século XX, com as políticas de laicização, a igreja perde espaço, seja em Portugal ou no Brasil, o movimento espírita busca sua consolidação nesses campos religiosos, muito embora com trajetórias distintas.

Com esse trabalho, procuramos demonstrar ou reforçar as seguintes ideias: (1) O Espiritismo se consolidou no campo religioso brasileiro no século XX, a partir de uma ênfase religiosa cristã e articulada principalmente pelo projeto da Federação Espírita Brasileira – FEB, tal consolidação veio com a unificação do movimento espírita brasileiro, o Pacto Áureo, em 1949, que apontava a obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, difundida no

campo religioso brasileiro desde 1938 (pela FEB), como a primeira recomendação para os espíritas brasileiros, o reconhecimento da “missão espiritual” do Brasil. A unificação veio atrelada ao reconhecimento desta missão que visava, com prioridade, acelerar a marcha evolutiva do espiritismo no Brasil, mesmo que isso significasse o silêncio para algumas práticas polêmicas no campo, como vimos em Pedro P. Amorim (2011).

Paralelamente, a consolidação do Espiritismo no Brasil contou com: (2) a construção de uma tradição espírita brasileira – que para além dos aspectos apontados por Bernardo Lewgoy (2008), esteve alicerçada e justificada na ideia de um país concebido como “coração do mundo” e “pátria do evangelho”, como foi visto em Fábio Luiz da Silva (2005), ideias que revelaram uma “missão espiritual” do Brasil, e que vimos atreladas ao mito fundador do Brasil, apontado por Marilena Chauí (2001). Este mito se ressignificou nas lides espíritas em um projeto missionário a ser realizado pelos brasileiros e/ou a todo aquele que reconheça o projeto.

Essa tradição criava para o Espiritismo um horizonte de expectativa de unificação e também de atuação no campo religioso internacional. O movimento espírita trazia para o Brasil a missão de cristianizar o mundo, através da atuação religiosa de suas diversas autoridades, que possuíam em comum o domínio doutrinário e o exercício de um tipo específico de *ethos espírita cristão*, como vimos em Lewgoy (2001), que considera Francisco Cândido Xavier síntese desse tipo específico de ênfase doutrinária do Espiritismo, após considerá-lo como mediador entre a doutrina espírita e elementos da cultura brasileira, o que favorece a difusão do *ethos espírita*, baseado na caridade, e nos aspectos: trabalho, disciplina e estudo.

Além disso, (3) a Federação Espírita Brasileira - FEB, como vimos, era uma instituição que organizava e estruturava sensibilidades religiosas, as quais formavam uma organização em rede dentro do próprio campo religioso brasileiro e fora dele. Ela foi compreendida enquanto porta-voz do espiritismo no Brasil, aquela que reproduz e divulga práticas religiosas através das ações de suas autoridades religiosas.

Assim como (4) as autoridades espíritas brasileiras, a partir da década de 1940, foram aos poucos atraídas em grande medida pelo elemento transcendental, “missão espiritual brasileira”, se dispondo a colaborar na difusão do Espiritismo no mundo. O movimento espírita brasileiro vira referência, modelo a ser seguido, suas diversas autoridades espíritas foram convidadas a colaborar com a *Revista Estudos Psíquicos* (1939), principal porta-voz do Espiritismo no campo religioso português, durante o regime salazarista. Com base em Célia

Arribas (2014), consideramos as autoridades espíritas, em três tipologias específicas: intelectuais, institucionais e carismáticas.

Para análise da *Revista Estudos Psíquicos* (1939), (5) partimos da compreensão do espiritismo apresentado na primeira versão da *Revista Estudos Psychicos* (1905-1909), na qual constatamos que era representado a partir de um viés científico, e tinha apoio de pesquisadores franceses, ingleses e italianos. As (6) autoridades intelectuais brasileiras só conseguiram inserção na segunda versão da *Revista Estudos Psíquicos* (1940-1955), período em que o Brasil passava por sua consolidação. As atuações das autoridades intelectuais brasileiras deram visibilidade a diversas outras autoridades espíritas carismáticas e institucionais e uma diversidade de instituições espíritas, apresentadas como modelos de instituições espíritas e sociais.

Com o (7) intercâmbio fortalecido, as autoridades espíritas portuguesas visitaram o campo religioso brasileiro (1955-1965). Quando o reconhecimento acerca do espiritismo brasileiro já existia, houve a intenção de conhecer pessoalmente as autoridades e instituições, compreender como funcionava o Espiritismo no Brasil. Assim a *Revista Estudos Psíquicos*, entre os anos de 1955-1960, traz inúmeros artigos do diretor, Isidoro Duarte Santos, do seu redator, António Cardoso, e de suas respectivas viagens ao campo religioso brasileiro.

Isidoro Duarte Santos escreveu uma série de artigos intitulados “Ecos de uma viagem”, que se transformou, em 1960, nos livros *O Espiritismo no Brasil, Vol I e II*. Nas publicações de Isidoro Duarte Santos, ele não só reconhece o Brasil enquanto dotado da “missão espiritual”, mas busca aproximar a ideia de “missão espiritual” ao campo religioso português. Faz contato com inúmeras autoridades carismáticas, intelectuais e institucionais, principalmente: Francisco Cândido Xavier, Leopoldo Machado, Waldo Vieira, Henrique Magalhães, José Simões de Barros, entre outros, fortalecendo assim o intercâmbio entre os campos religiosos desses países.

O redator António Cardoso da *Revista Estudos Psíquicos* acreditava que o Brasil era dotado dessa “missão espiritual”, mas que estava negligenciando em parte o aspecto científico. Ele veio ao Brasil para conhecer os Laboratórios de Metapsíquica e suas experimentações científicas. Porém, encontrou apenas pequenos grupos em São Paulo e Minas Gerais, representados nas pessoas de Herrnani Guimarães e Inácio Ferreira. Mas sua viagem reforça a ideia de ênfase religiosa e seus aspectos preponderantes ligados ao campo moral e social.

O fortalecimento desse intercâmbio levou essas autoridades brasileiras, enfim, a serem convidadas a participarem, com direcionamentos específicos, no momento de [re]construção

do espiritismo português. Haja vista que o movimento espírita português havia declinado desde 1953, com a suspensão das atividades da FEP e de diversos centros espíritas portugueses, com a revolução dos cravos, em 1974, e o fim do regime salazarista, o movimento espírita respira, finalmente uma liberdade religiosa, momento propício para a (re)abertura da Federação Espírita Portuguesa - FEP.

Refletimos acerca da atuação *in loco* das (8) autoridades brasileiras, principalmente institucionais e carismáticas, na [re]construção do movimento espírita português (1965-1980). E constatamos que elas usufruíram de um espaço privilegiado no campo religioso português, posto que eram reconhecidas referências autorizadas a falarem pelo movimento espírita brasileiro. Tal reconhecimento estava diretamente ligado ao progresso do movimento espírita brasileiro no próprio Brasil e às atuações específicas dessas autoridades: seja ocupando cargos importantes, seja através do sucesso de suas ações/práticas religiosas, disseminadas no campo religioso português, através da *Revista Estudos Psíquicos*.

As autoridades espíritas brasileiras que mais apoiaram esse momento específico de [re]estruturação do movimento espírita português foram: Francisco Thiesen (Presidente da Federação Espírita Brasileira) que atuava enquanto autoridade institucional; Divaldo P. Franco, autoridade carismática, Maria Cecília Paiva (Diretora do Departamento de Infância e Juventude da FEB). Estamos convencidos de que as transformações possíveis para o [re]nascimento do movimento espírita português foram construídas ao longo de sua história, passo a passo, com a colaboração externa principalmente das autoridades espíritas brasileiras e luso-brasileiras, nos seus diversos tipos de tipologias específicas, citadas ao longo do trabalho.

Vale ressaltar também (9) que o intercâmbio entre autoridades espíritas de Brasil e Portugal foi importante para [re]estruturação do movimento espírita português, conforme analisamos, influenciando práticas e ênfases doutrinárias que reorientavam práticas religiosas, pois o espiritismo português que até 1953 parecia restringir suas ações à ênfase científica, após a Revolução dos Cravos, em 1974, com a reabertura da Federação Espírita Portuguesa – FEP, e posteriormente, quando implantado, em 1986, o Conselho Federativo Nacional, Assembleia geral e o Regulamento do Departamento da Infância-Juventude, apresentou os seguintes direcionamentos: científico, filosófico, moral e social (FEP, 1987).

Até mesmo (10) nos nomes de algumas instituições, tinham uma conexão mais próxima com o movimento espírita brasileiro, seja no nome das autoridades espíritas, seus guias espirituais ou mentores, e/ou de uma de suas obras escritas, destacam-se: Messe de Amor – Associação De Estudos Espirituais, Braga; Centro Espírita Joanna De Ângelis,

Mamede De Infesta; Associação Espírita Joanna De Ângelis, Valongo; Associação Espírita Bezerra De Menezes, Porto; Associação Espírita “O Conforto” – Adolfo Bezerra De Meneses, Viseu; Associação Espírita A Caminho Da Luz, Nazaré; Associação Eurípedes Barsanulfo, Porto Salvo; Associação Espírita De Almada – Francisco Cândido Xavier, Almada; Associação Espírita De Alverca - Missionários Da Luz, Alverca.

Por fim, (11) o intercâmbio entre os campos religiosos português e brasileiro é dinâmico e se fortaleceu durante a trajetória de ambos, se reinventando em contextos históricos específicos. A consolidação do movimento espírita no Brasil e a necessidade de autoridades portuguesas de fortalecer o espiritismo em Portugal os aproximaram de tal modo que existiu um reconhecimento e compartilhamento de uma “missão espiritual” espírita cristã, ênfase “religiosa” e/ou “moral e social” espírita mais destacada da doutrina espírita nesses países, não silenciando os demais aspectos: filosóficos e científicos, e, com um direcionamento de ação no campo religioso internacional.

FONTES

BRASIL. **Constituição (1891) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1891. Disponível em <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm>.

CAMINHA, Pero Vaz de. [Carta] **Carta a El Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil**. Notas de Maria Paula Caetano e Neves Águas. Lisboa: Expo98, 1997.

CEI. **Conselho Espírita Internacional**. Disponível em: <http://cei.spirite.org/pt>, acessado no dia 05/09/2016 às 1h57.

CFN-FEB. **Pácto Áureo**. [documento]. 1949 Acessado em 24 de Abril de 2018, disponível em: http://www.febnet.org.br/ba/file/CFN/pacto_aureo_completo.pdf

FEB – Federação Espírita Brasileira. **As bases de organização espírita**. [Documento] Disponível em: *Revista Reformador*, ano XXII, n.º 21, novembro de 1904. (Acervo FEB)

FEBNET, **Federação Espírita Brasileira - FEB**, 2016. Disponível em:
<http://www.febnet.org.br/>

FEP, Federação Espírita Portuguesa. **Estatutos** – aprovado em Assembléia Geral realizada em 17 e 18 de janeiro de 1987. (Acervo FEP)

FEP, Federação Espírita Portuguesa. **Regulamento da Infância e Juventude**, 1988. (Acervo da FEP)

FEP, Federação Espírita Portuguesa. **Regulamento de Assembléia Geral**. Aprovado em 16 de dezembro de 1977. (Acervo da FEP)

FEP, Federação Espírita Portuguesa. **Regulamento do Conselho Federativo Nacional - CFN**, 1988. (Acervo da FEP)

FRANCO, Divaldo P. **Viagens e Entrevistas**. Rio de Janeiro: Livraria Espírita Editora Alvorada, 1978

IBGE, **Distribuição populacional segundo os grupos de religião (2000-2010)**, 2010.

Disponível em :

https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf

ISMAEL apud SOUZA, Juvanir Borges de. [mensagem] In: **Primórdios do Movimento Espírita no Brasil**. Palestra proferida na Conferência Espírita Brasil-Portugal, realizada em Salvador, de 16 a 19 de março de 2000. *Revista Reformador*, ano 118, n.º 2053, abril de 2000.

MENEZES, Bezerra. **O Brasil e a sua missão histórica de “Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”**. *Revista Reformador*, ano 118, n.º 2053, abril de 2000.

MENEZES, Gil Perche de. (Dir.) **Anuário Espírita de 1966**. Ano III, n. 3. Araras – São Paulo: IDE, 1966.

PORTUGAL, **Constituição Federal**, 1933.

PORTUGAL, **Lei 2048 de 11 de junho de 1951** – Constituição Federal de 1933.

Revista Reformador – Federação Espírita Brasileira (1883-2005). Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/>

Revista Reformador, outubro, 1957, p. 235. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/>

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho**. FEB: Rio de Janeiro, 1938.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Entre Irmãos de Outras Terras**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1966.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Estude e Viva**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1965.

ZOBEL, Gibby. **Voices of Brazil: the Spiritual médium**. [entrevista – Divaldo Franco], The Guardian, 26 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jan/26/interview-with-spiritual-medium-divaldo-franco>.

Jornal *Alpha*, n. 5, maio de 1977. (BNDigital – Hemeroteca)

O Cearense, ano VII, Terça-Feira, 2 de Agosto de 1853, n. 650, página 1-3. (BNDigital – Hemeroteca)

Revista de Metapsicologia, 1, n.2, 1949. (acervo da Federação Espírita Portuguesa)

Revista de Metapsicologia, 5, n.2, 1953. (acervo da Federação Espírita Portuguesa)

Coleções de Revistas

Revista Estudos Psíquicos, 1, n. 1-6, 1905. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psychicos (índices), 1, n.1 a 12, 1905-1906. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psychicos (índices), 2, n.1 a 12, 1906-1907. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psychicos (índices), 3, n.1 a 12, 1907-1908. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psychicos (índices), 4, n.1 a 12, 1908-1909. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 4, n. 16-24, 1942-43. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 5, n. 1 ao 12, 1943-44. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 6, n. 1 ao 12, 1944-45. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 7, n. 1 ao 12, 1946. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 8, n. 1 ao 12, 1947. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 9, n. 1 ao 9, 1948. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 10, n. 1 ao 12, 1949. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 11, n. 1 ao 12, 1950. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 12, n. 1 ao 12, 1951. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 13, n. 1 ao 12, 1952. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 14, n. 1 ao 12, 1953. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 15, n. 1 ao 12, 1954. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 16, n. 1 ao 12, 1955. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 17, n. 1 ao 12, 1956. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 18, n. 1 ao 12, 1957. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 19, n. 1 ao 12, 1958. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 20, n. 1 ao 12, 1959. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 21, n. 1 ao 12, 1960. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 22, n. 1 ao 12, 1961. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 23, n. 1 ao 12, 1962. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 24, n. 1 ao 12, 1963. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 25, n. 1 ao 12, 1964. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 26, n. 1 ao 12, 1965. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 27, n. 1 ao 12, 1966. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 28, n. 1 ao 12, 1967. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 29, n. 1 ao 12, 1968. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 30, n. 1 ao 12, 1969. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 31, n. 1 ao 12, 1970. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 32, n. 1 ao 12, 1971. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 33, n. 1 ao 12, 1972. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 34, n. 1 ao 12, 1973. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 35, n. 1 ao 12, 1974. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 36, n. 1 ao 12, 1975. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 37, n. 1 ao 12, 1976. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 38, n. 1 ao 12, 1977. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 39, n. 1 ao 12, 1978. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 40, n. 1 ao 12, 1979. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

Revista Estudos Psíquicos, 41, n. 1 ao 11, 1980. (Acervo disponível na Federação Espírita Portuguesa)

REFERÊNCIAS

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**. São Paulo: Ed, FEESP, 1981.

ALBUQUERQUE, Tiago Paz e. **A representação social de perfeição na memória das personalidades do Espiritismo**. 2009. 135p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ALBUQUERQUE, Tiago Paz e. **Chico Xavier e o mundo dos Espíritos: um estudo de representações sociais**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. **Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950)**. 2007. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2007.

AMORIM, Pedro Paulo. **As tensões no campo espírita brasileiro em tempos de afirmação (primeira metade do século XX)**. Tese (doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017.

AMORIM, Pedro Paulo. O Silêncio Unificador – A tentativa de União Patrocinada pela FEB. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n. 9, jan/2011. ISSN: 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

AMORIM, Pedro Paulo. Roustaing: a cisão no interior da Federação Espírita Brasileira (1920-1922). Simpósio Temático – Religiões e Religiosidades na Cultura Brasileira. **Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades**. Maringá (PR) v. I, Anpuh, 2007. ISSN: 1983-2859. Disponível em http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub_1.html

ANCINE, Agência Nacional do Cinema. **Informe de Acompanhamento de Mercado - Informe Anual (01 de janeiro a 30 de dezembro de 2010)**. Dados disponíveis em: http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/Informes/2010/Informe_Anuar_2010.pdf, acessado às 15h18m em 03/09/2013)

ARAÚJO, Augusto. **Espiritismo, esta loucura do século XIX: ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião? – A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARRIBAS, Célia da Graça. **No Princípio era o Verbo – Espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

AUBRÉE, Marion. A Igreja Universal na França In: A. P. Oro, A. Corten & J.P. Dozon (orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A Mesa, o livro e os Espíritos – Gênese evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió, Alagoas: EdUFAL, 2009.

AUBRÉE, Marion. Entre História e Mito: A Dinâmica da Literatura Espírita No Brasil. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 145-156, jul./dez. 2012.

AZEVEDO, Carlos Moreira (Direção). **História Religiosa Portuguesa – volume I - Formação e Limites da Cristandade**. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000.

BARBOSA, Elias. **No mundo de Chico Xavier**. Uberaba-MG, 1967.

BARLÉU, Gaspar. **O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

BARROS, José D'Assunção Barros. **O Campo da História – Especialidades e Abordagens**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009

BATISTA, Maria Anita Rosa. **O Jovem que Escolheu o Amor**. São Paulo: Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier", 1997.

BELLOTTI, Karina Kosicki. História das religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul./dez. 2011.

BESERRA, Bernardete. **Brasileiros nos Estados Unidos**. Hollywood e outros sonhos. São Paulo: HUCITEC, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. **A Monarquia Constitucional (1807-1910)**. Lisboa, Texto, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta. AMADO, Janaína. (Orgs.) **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro – Editora FGV, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A dissolução do religioso. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: editora perspectiva, 2007.

BRASIL. **Constituição (1891) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.** Rio de Janeiro, 1891. Disponível em <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm>.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história Social da Mídia – de Gutenberg à Internet.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006.

BUENO, Alexandre Marcelo. Língua, imigração e identidade nacional: análise de um discurso a respeito da imigração no Brasil da Era Vargas. **Revista estudos semióticos**, vol. 9, n.º 2. dezembro, 2013, p. 35-43.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta a El Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil.** Notas de Maria Paula Caetano e Neves Águas. Lisboa: Expo98, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silveira. “Evangélicos de missão” em declínio no Brasil: exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010.** Petrópolis: Vozes, 2013.

CARVALHO, Antonio Cesar Perri. **União e unificação na trajetória da FEB.** Reformador. Ano 132, n. 2.220, Março de 2014, p. 131-34;

CASTRO, Jonathan. **Uberaba investe para ser a meca do espiritismo no Brasil.** **Religião -** Jornal O Tempo, 29/12/2013. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/uberaba-investe-para-ser-a-meca-do-espiritismo-no-brasil-1.766750>, acessado no dia 08/07/2016.

CATROGA, Fernando. **O Republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910**, 3.ª ed., Lisboa, Casa das Letras, 2010.

CEI. **Conselho Espírita Internacional.** Disponível em: <http://cei.spirite.org/pt>, acessado no dia 05/09/2016 às 1h57.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil – Mito Fundador e Sociedade Autoritária.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

COLOMBO, Cleusa Beraldi. **Ideias Sociais Espíritas.** São Paulo/Salvador: Ed. Comenius e IDEBA, 1998.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. O Protestantismo no Brasil: Aspectos Jurídicos, Culturais e Sociais de sua Implantação. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade.** Volume 4, N.º 4, 2006.

DAMAS, Jorge Martins. **A História de Roustaing.** 2ª ed. Rio de Janeiro, 2002.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da Elite ao Povo – Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DOYLE, Artur Conan. **História do Espiritismo.** São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **L'Europe de 1815 à nos jours**. Paris: P.U.F., 1975

EDELMAN, Nicole. **Les tables tournantes arrivent en France**. L'Histoire n. 75, 1985.

EGLER, Tamara Tania Cohen. Espaço Social e Política Urbana Global. In: EGLER, Tamara Tania Cohen (org.). POGGIESE, Héctor. **Outro Desarrollo Urbano: Ciudad Incluyente, Justicia Social y Gestión Democrática**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLASO, 2009.

FALBEL, Nachman. São Bento e a ordo monachorum de Joaquim de Fiore (1136-1202). **Revista USP**, junho/agosto, São Paulo, 1996.

FEB Editora. **Editora da Federação Espírita Brasileira**, disponível em: <http://www.febeditora.com.br/quem-somos/>, acessado no dia 10 de julho de 2018.

FEB, Federação Espírita Brasileira. **Escorço histórico da Federação Espírita Brasileira**. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/126.pdf>, acessado em 26/08/2016.

FEBNET. Disponível em: <http://www.febnet.org.br>, acessado no dia 20 de maio de 2016 às 21h20.

FERNANDES, Joaquim. **História Prodígiosa de Portugal – vol. II – Magia & Mistérios**, Vila do Conde: Verso da História, 2015.

FERNANDES, Magali Oliveira. **Vozes do Céu – Os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil**. São Paulo : Edições Mandacaru, 2003.

FERRARO, Alceu Ravanello; KREIDLOW, Daniel. **Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais**. Revista ER – Educação & Realidade. N.º 29 (2), julho/dezembro, 2004.

FIGUIER, Louis. **Histoire Du Merveilleux**. Tomequatrième, 1860.

FRANCO, Divaldo. **Sítio Oficial de Divaldo Pereira Franco**. Disponível em: <http://www.divaldofranco.com.br/noticias.php?not=2>, acessado em 27 de agosto de 2016.

FRANCO, Divaldo. **Viagens e Entrevistas**. Rio de Janeiro: LEAL, 1978.

FRANZOLIM, Ivan. **Análise do mercado editorial espírita**. São Paulo: Mythos editora, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

GASPARIN, Agénor. **Des Tables Tournantes, Du Surnaturel em general et des Esprits**, 1854.

GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOMES, Adriana. **Entre a fé e a polícia: o espiritismo no Rio de Janeiro (1890-1909)**. (2013), 155fl, Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

GOULD, Stephen Jay. **Ever Since Darwin: Reflections in Natural History**, 1991.

GOUPY, M. **Explication des tables parlantes, des médiums, des Esprits et du somnambulisme**, 1860.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARDINGE, Emma. **History of Modern American Spiritualism**, 1870.

HEFFER, Jean (et al.). **O Século XIX, 1815-1914**, Lisboa, D. Quixote, 1999.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital - 1848-1875**. Lisboa: Presença, 1988.

HOMEM, Amadeu Carvalho. Jacobinos, Liberais e Democratas na Edificação do Portugal Contemporâneo. In: TENGARRINHA, José. (Org.) **História de Portugal**. Bauru, São Paulo: EDUSC; São Paulo: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2000.

HOOVER, Stewart. M. **Religion in the News: Faith and Journalism in American Public Discourse**. London: Sage, 1998.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, utopia e conciliação social. **Cadernos de CEOM**, ano 14, n.13, Unoesc, Chapecó, junho, 2001.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, República e Progresso no Brasil. In: HOMEM, Amadeu Carvalho; SILVA, Armando Malheiro; ISAIA, Artur Cesar (Coordenação). **Coletânea - Progresso e Religião: A República no Brasil e em Portugal, 1889 e 1910**. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, Portugal, 2007.

ISAIA, Artur Cesar. A república e a Teleologia Histórica do Espiritismo. In: ISAIA, Artur Cesar. MANOEL, Ivan Aparecido. (Orgs) **Espiritismo & religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 103-117.

KARDEC, Allan. **Notas Bibliográficas – Os Evangelhos Explicados**. in: Revista Espírita – Jornada de Estudos Psicológicos, junho, 1866.

KARDEC, Allan. **Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Editora FEB, 2004.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo?** Rio de Janeiro: Editora FEB, 2006.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2007.

- KARDEC, Allan. **Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: Editora FEB, 2007a.
- KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Editora FEB, 2011.
- KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo?** 56 ed. Brasília: FEB, 2013a.
- KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: Departamento editorial da FEB, 2013b.
- KOSSELECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto: ed. PUC-Rio, 2012
- LARAIA, Roque de Barros. Da Ciência Biológica à Social: A trajetória da antropologia no século XX. **Revista Habitus**, v.3, n.2, p. 321-345 jul/dez, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012
- LEAL. **Livraria Espírita Alvorada Editora**. Disponível em: <http://www.mansaodocaminho.com.br/mansao/livraria-leal/>, acessado no dia 23 de agosto de 2016.
- LEONARD, Êmile G. **O Protestantismo Brasileiro**. Estudo de Aclesiologia e História Social. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Revista de Antropologia**. [online]. 2001, vol.44, n.1, pp. 53-116. ISSN 0034-7701.
- LEWGOY, Bernardo. **Chico Xavier o grande mediador – Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- LEWGOY, Bernardo. **Incluídos e letrados – Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual**. In: F. Teixeira & R. Menezes (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LEWGOY, Bernardo. A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: uma discussão inicial. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n.1, 2008, p. 84-104.
- LEWGOY, Bernardo. A contagem do rebanho e a magia dos números: notas sobre o espiritismo no censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Lachâtre, 1997.
- MAIOR, Marcel S. **As vidas de Chico Xavier**. São Paulo: Editora Planeta, 2003.
- MARIZ, Cecília L.; GRACINO JR, Paulo. As igrejas pentecostais no censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

- MIRVILLE, J. Eudes de. **Des Esprits et de leurs manifestations fluidiques**. Deuxième édition, 1854.
- NETO, Vitor. **O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal: 1832-1911**. [Tese] Universidade de Coimbra, 1996.
- NORONHA, Altiva Glória F. **O Peregrino do Senhor**. Bahia: Livraria Espírita "Alvorada", 1987.
- NOVAES, Regina. Jovens “sem religião”: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- NUS, Eugène. **Choses de i'autre monde**. 2me édition, 1880.
- OLIVEN, Ruben George. Nação e região na identidade brasileira. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org.) **Região e Nação na América Latina**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 1999.
- ORO, Ari Pedro. (2004), "A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus". **Estudos Avançados**, vol. 18, nº 52: 139-155.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: as religiões no Brasil. In: V. Hellern, H. Notaker & J. Gaarder (orgs.). **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- PONSARDIN, Mickaël. **Chico Xavier, o Homem e o médium**. Brasília: Edcei, 2010.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- PRANDI, Reginaldo. **Sobre as religiões afro-brasileiras**. Horizonte, v. 11, n. 29, p. 10-12, 2013a.
- PROST, Antoine. Social e Cultural Indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1998.
- RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela. (Coordenação e Organização). **Jornais e Revistas Portugueses do séc. XIX – Volume I**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001.
- RAMOS, Rui (coord.). **História de Portugal**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.
- RAPPORT, Michael. **Nineteenth Century Europe**. Basingstoke, Palgrave, 2005.

REIS, João José. Presença Negra – Conflitos e Encontros. In: **Brasil, 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

REIS, José Carlos. Anos 1930: Sérgio Buarque de Holanda – A superação das raízes ibéricas. In: **As identidades do Brasil 1 – De Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – A formação e o sentido de Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Alexandre Caroli. Complicações de uma estranha autoria (O que se comentou sobre textos que Chico Xavier atribuiu a Humberto de Campos). **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v.16, n.2, jul./dez. 2012, p. 25-36.

ROCHA, Alexandre Caroli. **O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade**. Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária. Campinas: UNICAMP, 2008.

ROSAS, Fernando. **Salazar e o Poder – a Arte de Saber Durar**. Lisboa: Tinta-da-China MMXII, 2012.

SANTOS, José Luiz. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997.

SANTOS, Luís Aguiar. O Espiritismo e os limites culturais da diferenciação. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). **História Religiosa de Portugal** - vol. III – Religião e Secularização, Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.

SARDANA, Miguel de Jesus. **Divaldo: mais que uma voz, um hino de amor à vida**. Belo Horizonte: Minas, 1999.

SCHERER, Bruno. **A Federação Espírita do Rio Grande Do Sul e a Organização do Movimento Espírita Rio-Grandense (1934-1959)**. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de História. Centro de Ciências Sociais e História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

SEGATO, Rita Laura. Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização. In: A. P. Oro & C. A. Steil (orgs.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SETTON, Maria Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20. Maio/Jun/Jul/Ago, 2002.

SEYFERTH, G. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. *Mana: estudos de antropologia social*, Rio de Janeiro, 3(1):, 1997. p. 95-131.

SILVA, Eliane Moura. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista de Estudos da Religião**. Nº 2 / 2004 / p. 1-14.

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo – História e Poder (1938-1949)**. Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais – Uberaba, 1959/2001**. (mestrado), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

SOARES, Sylvio Brito. **Vida e Obra de Bezerra de Menezes**. 12 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Revista Tempo Social**. Vol. 12, n.º 1, São Paulo, maio 2000a. (on-line) [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702000000100005&script=sci_arttext]

ISMAEL apud SOUZA, Juvanir Borges de. Primórdios do Movimento Espírita no Brasil. Palestra proferida na Conferência Espírita Brasil-Portugal, realizada em Salvador, de 16 a 19 de março de 2000. **Revista Reformador**, ano 118, n.º 2053, abril de 2000b.

SOUZA, Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: Méritos e Limites. **Revista de Cultura Teológica**, v. 14, n. 55 - abr/jun, 2006.

SPRÄNGER, Ana Maria. **O Paulo de Tarso dos Nossos Dias**. Bahia: Livraria Espírita Alvorada, 2003.

STOLL, S. J. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: Edusp, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. Os dados sobre religiões no Brasil em debate. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, jul/dez, 2013, p.77-84.

THEML, Neyde. BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História Comparada: Olhares Plurais. **Revista de História Comparada**, v.1, n.1, junho, 2007.

VASCONCELOS, Manuela. **Movimento Espírita Português & Alguns Vultos**. Amadora, Lisboa: Federação Espírita Portuguesa, 2015.

VASCONCELOS, Manuela. **O Movimento Espírita em Portugal (1900-2004)**, 2004.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In: A. P. Oro & C. A. Steil (orgs.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

VIOLA, Paulo Roberto. **Barão de Santo Ângelo, o espírita na corte**. Rio de Janeiro: Lorenz, 2009.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: A Busca de Interfaces Metodológicas. **Revista de História Locus**, vol. 3, n.º 1, 1997. p. 84 a 97.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho**. Brasília: Editora Federação Espírita Brasileira, 1938.

WANTUIL, Zêus. **Mesas Girantes e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1978.

WANTUIL, Zêus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

WANTUIL, Z. e THIESEN, F. **Allan Kardec: o educador e o codificador**, Volume. I. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

ANEXOS

ANEXO I – MARIA RAQUEL DUARTE SANTOS EM VISITA AO BRASIL

Instituição	Característica	Autoridade Fundadora	Estado	Município	Ano	Referência Bibliográfica	Título Artigo/Sessão, outro.
Maria Raquel Duarte Santos a caminho do Brasil***					15 de Abril de 1970	1970, n.5, p. 141	Maria Raquel D. Santos – a Caminho da Brasil
Casa dos Espíritas	Centro Espírita	D. Iraci e José Noronha da Silva (dirigentes)	PE	Recife		1970, n.7, p. 200-203	Por Terras do Brasil, observações e notas
Policlínica Espírita Mizael Gomes da Silva (Casa dos Espíritas)	Policlínica	D. Iraci e José Noronha da Silva (dirigentes)	PE	Recife		1970, n.7, p. 200-203	Por Terras do Brasil, observações e notas
Instituto Espírita Daniel (Casa dos Espíritas)	Educandário	D. Iraci e José Noronha da Silva (dirigentes)	PE	Recife		1970, n.7, p. 200-203	Por Terras do Brasil, observações e notas
Federação Espírita de Pernambuco (1904)	Associação Espírita	Holmes Vicenzi (Presidente)	PE	Recife		1970, n.7, p. 200-203	Por Terras do Brasil, observações e notas
Antônio Joaquim Monteiro (rep. Estudos Psíquicos) Alda Caminha			RJ	Rio de Janeiro		1970, n.8, p. 230-232	Por Terras do Brasil, observações e notas
Fundação Marieta Gaio	Assistência Social	Fundado por Manuel Jorge Gaio (Pai de Alda Gaio) Fez parte José Chelmicki Aflallo	RJ	Rio de Janeiro		1970, n.8, p.230-232	Por Terras do Brasil, observações
Maternidade Casa da Mãe Pobre		Henrique Magalhães	RJ	Rio de Janeiro		1970, n.8, p.230-232	Por Terras do Brasil, observações
Waldo Vieira	Entrevista	-	RJ	Rio de Janeiro		1970, n.9, p. 261-265	Por Terras do Brasil, observações e notas – Afastamento de Waldo Vieira de Chico Xavier
Maternidade Casa da Mãe Pobre		Henrique Magalhães	RJ	Rio de Janeiro	25 de abril	1970, n.10, p. 296-300	Por Terras do Brasil, observações e notas
Lar Anália Franco (1922)	Abrigo para crianças abandonadas	Francisco Antônio Bastos (fundador)	RJ	Rio de Janeiro		1970, n. 10, p. 296-300	
Asilo Amparo Teresa Cristina	Asilo	?	RJ	Rio de Janeiro		1970, n.10, p. 296-300	
Grupo Espírita André Luís	Centro Espírita	Lígia Bastos Ribeiro (presidente)	RJ	Rio de Janeiro		1970, n. 10, p. 296-300	Programação de atividades do Centro Espírita
Federação Espírita do Estado de São Paulo	Associação Espírita		SP	São Paulo	maio	1970, n.11, p.324-328	Por Terras do Brasil, observações e notas
Carlos Jordão da Silva		Foi presidente da União Espírita de São Paulo, e vice-presidente da FEESP	SP	São Paulo	Maio	1970, n.11, p.324-328	Entrevista
Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (1901)	Instituto Educacional	Anália Franco (fundadora)	SP	São Paulo	3 de maio	1970, n.12, p. 356-360	“A sementeira de Anália Franco abrangeu 71 escolas, 1 colônia regeneradora para mulheres, 2 albergues, 23 asilos para órfãos, 1 banda

							musical feminina, 1 orquestra, 1 grupo dramático, além de oficinas de flores e chapéus em São Paulo e 23 cidades do interior.” (p. 360)
Livraria Allan Kardec Editora (LAKE)	Editora		SP	São Paulo		1970, n. 12, p. 356-360	Editora Espírita
Instituto Espírita “Amigo Germano” (1944)	Instituição sócio-educacional de amparo a menores	Adesa à Federação Espírita do Rio Grande do Sul – Paulo Santos (Direção)	RS	Porto Alegre	9 de maio	1971, n.2, p.36-40	Por Terras do Brasil, observações e notas
Federação Espírita do Rio Grande do Sul (1921)	Associação Espírita	José Simões de Matos (Presidente)	RS	Porto Alegre	12 de maio	1971, n.2, p. 36-40	Por Terras do Brasil, observações e notas
Trabalhos de Materialização	Fenômenos Mediúnicos	Túlio Chaves e D. Zillah (casal)	RJ	Rio de Janeiro	15 de maio	1971, n.3, p. 66-71	Por Terras do Brasil, observações e notas
Instituto de Cultura Espírita do Brasil	Instituto Educacional	-	RJ	Rio de Janeiro	16 de maio	1971, n.3, p. 66-71	Por Terras do Brasil, observações e notas
Federação Espírita Brasileira	Associação Espírita	-	RJ	Rio de Janeiro	19 de maio	1971, n.3, p. 66-71 1971, n.5, p. 135-139	Por Terras do Brasil, observações e notas
Departamento Editorial da FEB	Editora	-	RJ	Rio de Janeiro	19 de maio	1971, n.3, p. 66-71	Por Terras do Brasil, observações e notas
Centro Espírita “Casa de Jesus”	Centro Espírita	Antônio J. Monteiro (presidente)	RJ	Rio de Janeiro	19 de maio	1971, n.3, p. 66-71	Por Terras do Brasil, observações e notas
Hospital Pedro de Alcântara – (Associação Espírita Obreiros do Bem)	Hospital	Artur Donato (presidente)	RJ	Rio de Janeiro	19 de maio	1971, n.3, p. 66-71	Por Terras do Brasil, observações e notas
Tenda Espírita “Irmãos do Oriente”	Centro de Umbanda	J. Alves de Oliveira	RJ	Rio de Janeiro		1971, n.3, p. 66-71	Por Terras do Brasil, observações e notas
Lar de Jesus Nova Iguaçu	Albergue de Crianças	Leopoldo Machado e Marília	RJ	Nova Iguaçu		1971, n.3, p. 66-71	Por Terras do Brasil, observações e notas
Centro Espírita Dias da Cruz	Centro Espírita	Manuel Ribeiro Sobrinho (presidente português)	MG	Caratinga	22 e 23 de maio	1971, n.4, p.102-106	Sessões de Materializações e cura – Meca Espiritual de Minas Gerais
Sanatório Espírita de Uberaba	Sanatório	Dr. Inácio Ferreira (diretor)	MG	Uberaba	28 de maio	1971, n.4, p.102-106	Por Terras do Brasil, observações e notas
Residência de Francisco Cândido Xavier	Médium		MG	Uberaba	28 de maio	1971, n.4, p.102-106	Por Terras do Brasil, observações e notas
Comunhão Espírita Cristã	Centro Espírita		MG	Uberaba		1971, n.4, p.102-106	Reunião
Noraldino Melo de Castro e Celso Cardão	Amigos		MG	Belo Horizonte	5 de junho	1971, n.5, p. 135-139	Por Terras do Brasil, observações e notas
União Espírita Mineira	Associação Espírita	D. Maria Filomena Berutto (presidente) Noraldino Melo de Castro (Vice-presidente)	MG	Belo Horizonte		1971, n.5, p. 135-139	Por Terras do Brasil, observações e notas
Centro Espírita “Paulo de Tarso”	Centro Espírita	?	BA	Salvador		1971, n.5, p. 135-139	Por Terras do Brasil, observações e notas
Mansão do Caminho	Assistência Social	Divaldo P. Franco e Nilson Pereira	BA	Salvador		1971, n.5, p. 135-139	Por Terras do Brasil, observações e notas
Centro Espírita Caminho da Redenção	Centro Espírita	Divaldo P. Franco	BA	Salvador		1971, n.5, p. 135-139	Por Terras do Brasil, observações e notas
Grupo Espírita Casa de Emmanuel	Centro Espírita	Abel Mendonça (diretor)	BA	Salvador		1971, n.5, p. 135-139	Esse grupo edita o jornal <i>Convicção</i>
União Espírita Baiana	Associação Espírita	Élzio Ferreira de Sousa (Diretor)	BA	Salvador		1971, n.5, p. 135-139	Por Terras do Brasil, observações e notas

Residência de Joaquim da Silva Gomes	Entrevista	Maria Raquel Duarte Santos	PE	Recife	2 de dezembro 1976	1977, n.2, p. 35-37	Entrevista com Maria Raquel Duarte Santos (Aureliano Alves Netto)
		VII Congresso Brasileiro de Escritores e Jornalistas Espíritas (15 e 18 de novembro)...			Novembro-dezembro de 1979	1979, n.12, p. 347	A Federação Espírita Portuguesa em Visita ao Movimento Espírita Brasileiro

**ANEXO II – INSERÇÕES DAS(SOBRE AS)AUTORIDADES ESPÍRITAS
BRASILEIRAS QUE ESTIVERAM EM PORTUGAL.**

Ano	n.	Autor	Conteúdo	Tipo
1960	1	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia - Exposição de Divaldo P. Franco sobre a Unificação do movimento espírita no Instituto Kardecista da Bahia	Notícia
1960	2	José Simões de Matos	Culto do Evangelho no Lar – com base nas orientações de Emmanuel (Chico Xavier)	Orientação para a prática
1960	3	Francisco Cândido Xavier	No curso da vida (André Luiz)	mensagem
1960	4	Francisco Cândido Xavier	Aborto delituoso (Emmanuel)	mensagem
1960	7	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia - Brasil	Diversos
1960	8	Isidoro Duarte Santos	Antônio J. Trindade, presidente da sinagoga espírita Nova Jerusalém, de São Paulo	Entrevista
1960	8	Milton de Andrade	Uma carta da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro – Brasil a Revista Estudos Psíquicos.	Carta
1960	9	Isidoro Duarte Santos	Antônio J. Trindade, presidente da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, de São Paulo	Entrevista
1960	11	Mario Travassos	A cruzada dos militares espíritas e os cegos espíritas do Brasil	Conferência
1960	12	Francisco Cândido Xavier	Jovens (Emmanuel)	Mensagem
1960	12	Francisco Cândido Xavier	Se você quiser (André Luiz)	Mensagem
1960	12	José Simões de Matos	Médiuns curadores	
1960	12	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia – Centro Espírita Caminho da Redenção – Divaldo Franco	Notícias
1961	1		Maternidade "Casa da Mãe pobre" - Brasil, uma instituição modelar	Reportagem
1961	2	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia - Brasil	Notícias
1961	2	Francisco Cândido Xavier	Alma e Reencarnação (Emmanuel)	Mensagem
1961	2	Francisco Cândido Xavier	Pronto-Socorro (Emmanuel)	Mensagem
1961	2	Francisco Cândido Xavier	Quando voltares (Meimei)	Mensagem
1961	3	Francisco Cândido Xavier	Irmãos problemas (Emmanuel)	Mensagem
1961	3	Francisco Cândido Xavier	Na hora da morte (Emmanuel)	Mensagem
1961	4	Francisco Carlos	Nosso Lar (Francisco Cândido Xavier) - obra que dignifica o ideal espírita	Resenha
1961	4	Albertina Sousa Roque	Notícias da Bahia - Brasil	Notícias
1961	5	Francisco Carlos	Nosso Lar - obra que dignifica o ideal espírita	Resenha
1961	5	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia - Brasil;	Notícias
1961	6	Francisco Cândido Xavier	Dois trechos de Emmanuel	Mensagem
1961	7	Mário Travassos	I Congresso de Cegos Espíritas - Brasil	Relato
1961	7	Delfino Ferreira	O Espiritismo no Brasil	Artigo
1961	7		José Carlos de Chelmicki Afflalo - Brasil	Relato
1961	7	Alfredo Miguel	Notícias da Bahia - Brasil	Notícias
1961	8		Inauguração da casa de Emmanuel em Salvador - Bahia	Notícias
1961	9	Francisco Cândido Xavier)	Sofrimento e Eutanásia (Emmanuel)	Mensagem
1961	12	Francisco Cândido Xavier	Nós mesmos (Emmanuel)	Mensagem
1961	12	Francisco Cândido Xavier	Você e os outros (André Luiz)	Mensagem
1962	1	Francisco Cândido Xavier	Sexo e Amor por Emmanuel -	Mensagem
1962	1		Allan Kardec na Câmara dos deputados brasileira - Brasil	Notícias
1962	6		Chico Xavier na televisão - Brasil;	Notícias
1963	4	Jorge Rizzini	Chico Xavier e os grandes escritores	Artigo
1963	7	Francisco Cândido Xavier	Sonâmbulos (Emmanuel)	Mensagem
1963	9	Francisco Cândido Xavier	Incrédulos (Emmanuel)	Mensagem
1963	10	Francisco Cândido Xavier	Estar com tudo (André Luiz)	Mensagem
1963	12	Francisco Cândido Xavier	Pensamentos (Emmanuel)	Mensagem

1964	3	Francisco Cândido Xavier	Duas Mensagens (André Luís)	Mensagem
1964	6	Waldo Vieira	Divulgação Espírita (André Luís)	Mensagem
1964	12		"Materialização de Uberaba" (Jorge Rizzini)	
1965	2	Francisco Cândido Xavier)	A voz dos espíritos (Meimei)	Mensagem
1965	6	Francisco Cândido Xavier	Tribuna Espírita - Semeia, semeia...(Emmanuel)	Mensagem
1965	6	Waldo Vieira	A Lei da Renovação (Antônio da Silva Neto)	Mensagem
1965	6	Waldo Vieira	Estudo Espírita (Joaquim Travassos)	Mensagem
1965	6	Waldo Vieira	Mal-Entendidos (André Luiz)	Mensagem
1965	7	Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira	Ecos da Imprensa Espírita	
1965	9		Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira em Lisboa	
1965	12	Francisco Cândido Xavier	Cinco mensagens de Emmanuel	Mensagem
1966	5		"Materialização de Uberaba" livro de Jorge Rizzini.	Resenha
1967	11		A viagem de Divaldo Franco	Relato
1968	4	Roberto Freire	Arigó é a última esperança (Brasil)	Notícia
1968	4	Francisco Cândido Xavier	Aborto delituoso (Emmanuel)	Mensagem
1968	6	?	Mensagens espirituais (Lins de Vasconcelos)	Mensagem
1969	1	Francisco Cândido Xavier	Dez apontamentos básicos (André Luiz)	Mensagem
1969	2	Francisco Cândido Xavier	A transição (Emmanuel)	Mensagem
1969	4	Aureliano Alves Neto	Entrevista com Divaldo Franco	Entrevista
1969	6	Divaldo Pereira Franco	Calúnia (Joanna de Angelis)	Mensagem
1969	11		O presidente do Brasil protege o médium Zé Arigó	Notícia
1969	11	Divaldo P. Franco	Imortalidade (Joana de Angelis)	Mensagem
1970	1		Crônica Mundial (A TV alemã, Zé Arigó e Chico Xavier)	Crônica
1970	4		Jorge Rizzini em Portugal (Brasil)	Relato
1970	4	Aureliano Alves Neto	Entrevistando Divaldo Franco	Entrevista
1970	5		Encontro com Jorge Rizzini	Entrevista
1970	6		O médium Edvaldo Silva (Brasil)	Artigo
1970	8	Aureliano Alves Neto	A mediunidade de Edvaldo Silva (Brasil)	Relato
1970	9		Divaldo Franco em Portugal	Relato
1970	12	Divaldo Pereira Franco	Presença (Joanna de Angelis)	Mensagem
1971	3	Adelaide Ivone de Sousa	A missão social do espiritismo	Artigo
1971	4	Aureliano Alves Neto	Ainda o médium Edvaldo Silva (Brasil)	Artigo
1971	5	Divaldo P. Franco	Em Reverência, pelo espírito (Joana de Angelis)	Mensagem
1971	8		Reminiscência de uma visita a Pedro Leopoldo (Brasil)	Relato
1971	8		Divaldo Franco em Angola	Notícia
1971	10		Divaldo Franco no ultramar português	Notícia
1971	11		Francisco Cândido Xavier, na televisão de São Paulo	Notícia
1971	11		Jorge Rizzini, Médium Psicográfico	Artigo
1972	2	Zair Cansado	Chico Xavier, empolgou novamente na Televisão Brasileira	Artigo
1972	4	Divaldo P. Franco	Tolerância, pelo espírito Joana de Ângelis	Mensagem
1972	7	Aureliano Alves Neto	Entrevistando o Médium Edvaldo Silva	Entrevista
1973	3	Divaldo P. Franco	Investimentos (Joana de Angelis)	Mensagem
1973	6	Newton G. de Barros	Kardec Brasileiro	Artigo
1973	12	Jorge Rizzini	O nascimento de Jesus	Artigo
1974	3	Divaldo P. Franco	Velórios (Joanna de Angelis)	Mensagem
1974	6	Jorge Rizzini	Allan Kardec	Artigo
1974	7	Newton G. de Barros	Jorge Rizzini em Portugal	Relato
1974	9		Federação Espírita Brasileira FEB	Artigo
1974	9	Henrique Magalhães	Vida e Obra de Antônio Wantuil de Freitas	Artigo
1974	10	Henrique Magalhães	Vida e Obra de Antônio Wantuil de Freitas	Artigo
1974	11	Aureliano Alves Netto	Uma visita a Yvone A. Pereira	Relato
1975	1e2	Isidoro Duarte Santos	Mensagem de Isidoro Duarte Santos aos espíritas brasileiros	Mensagem

1975	5	João Xavier de Almeida	Divaldo Pereira Franco em Angola	Notícias
1975	6		Federação Espírita Portuguesa**	Artigo
1975	8	Jorge Rizzini	Anseio	Mensagem
1976	4		Amigos que nos visitam*	Relato
1976	9	Divaldo Pereira Franco	Poema da Gratidão	Mensagem
1976	10e11		Ante Falsos Profetas, extrato da obra de Francisco Cândido Xavier "Religião dos Espíritos"	Artigo
1976	10e11		Nos instantes difíceis (André Luiz)	Mensagem
1976	10e11		Raciocina Sempre (Meimei)	Mensagem
1976	12		Visita Inesquecível à Federação Espírita Brasileira	Relato
1977	1		As nossas entrevistas; Formação de Equipe (Guillon Ribeiro)	Entrevista
1977	2	Aureliano Alves Netto	Materialização de Chico Xavier	Artigo
1977	2	Francisco Cândido Xavier	O Caminho da Paz	Mensagem
1977	4	José Simões de Mattos	Portugal Espírita entrevista o Brasil cristão espírita	
1977	5		Divaldo Pereira Franco	
1977	5	Francisco Cândido Xavier	Doutrina Espírita	Mensagem
1977	7		Conferência de Imprensa do Presidente da Federação Espírita Brasileira	Conferência
1977	7		Reportagem - O Presidente da FEB e Divaldo P Franco na Figueira da Foz	
1977	7		Nova Constituição da Direcção da Federação Espírita Portuguesa*	
1977	8	Francisco Cândido Xavier	Doutrina Espírita	Mensagem
1977	8	Pedro Franco Barbosa	O Médium dos Impactos - Francisco Cândido Xavier	Artigo
1977	8	Pedro A. Valvano	Luis Antônio Gasparetto	Artigo
1977	8		Entrevistando Luis Antônio Gasparetto	Entrevista
1977	8	Antônio Cardoso	Luis Antônio Gasparetto em Portugal	Relato
1977	9	Pedro Franco Barbosa	O Médium dos Impactos - Francisco Cândido Xavier, II Parte	Artigo
1977	11		Impressões duma viagem, visita do presidente da Federação Espírita Brasileira FEB	Relato
1978	2	Pedro A. Valvano	Brasil e Portugal se Reencontram	Artigo
1978	4	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1978	4	José Francisco Cabrita	A Federação Espírita Portuguesa	Artigo
1978	4	Pedro Antônio Valvano	Chico Xavier, Incansável obreiro do Cristo	Artigo
1978	5	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1978	6	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1978	7	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1978	7	Deolino Amorim	Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas – Convida o pres. da FEP (Jorge Augusto Raimundo)	Notícia
1978	7	Reprod. Do Jornal da Bahia	Conta-Gotas (Entrevista com Divaldo Pereira Franco)	Entrevista
1978	8e9	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1978	8e9	Francisco Cândido Xavier	Mediunidade e Dever	Mensagem
1978	8e9	Ney Prieto Peres	Chico Xavier e a Reencarnação	Entrevista
1978	10	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1978	10	Antônio Cardoso	Divaldo Pereira Franco em Portugal	Relato
1978	11	Maria Raquel Duarte Santos	Divaldo Pereira Franco, fala a "Estudos Psíquicos"	Entrevista
1978	12	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1978	12	Divaldo Pereira Franco	Saudade	Mensagem
1978	12	Francisco Cândido Xavier	Petições de Natal	Mensagem
1979	1	Divaldo Pereira Franco	Esperança (Eros)	Mensagem
1979	1	Antônio Cardoso	O equilíbrio Psico-físico do ser humano – Conferência de Divaldo Franco	Artigo
1979	1	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1979	3	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1979	4	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1979	5	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1979	6	Herculano Pires	Chico Xavier: O homem Futuro	Artigo

1979	6	Antônio Cardoso	Desencarnou o professor Herculano Pires	Notícia
1979	6	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1979	6	Antônio Cardoso	Henrique Rodrigues em Portugal (16 de junho a 8 de julho)	Agenda
1979	7	Extrato do livro de Divaldo Franco, Viagens e Entrevistas.	Conta-Gotas - Divaldo Pereira Franco, responde	Entrevista
1979	7	Henrique Magalhães	A Grande Missão do Brasil e de Portugal	Artigo
1979	7	Saul Quadros	O amor salvará o mundo (Emmanuel)	Mensagem
1979	8e9	Jorge Rizzini	Portugal Liberto	Artigo
1979	8e9	Divaldo P. Franco	Mãe (Amélia Rodrigues)	Mensagem
1979	8e9	Antônio Cardoso	Ariston Santana Teles estará no Brasil	Notícia
1979	10	Maria Raquel Duarte Santos	Henrique Rodrigues visita o movimento espírita português	Relato
1979	10	Francisco Cândido Xavier	Estrada acima (Auta de Sousa)	Mensagem
1979	11	Maria Raquel Duarte Santos	Amigos que nos visitam: Newton Boechat e Ariston Santana Telles - Dois brasileiros em Portugal	Relato
1979		Antônio Cardoso	A Vice-presidente da Federação Espírita Portuguesa em Visita ao Brasil;	Relato
1980	3	Maria Raquel Duarte Santos	Encontro em Brasília - O presidente da FEB concede entrevista	Entrevista
1980	3	Deolindo Amorim	A doutrina espírita e as mudanças	Artigo
1980	3	Zeus Wantuil e Francisco Thiesen	Livros de todo o mundo - Allan Kardec	Reportagem
1980	5e6	?	Jornada de Amizade Luso-Brasileira (Bahia e Recife)	Relato
1980	7	Waldo Vieira	Programa íntimo (André Luiz)	Mensagem
1980	7	Waldo Vieira	Tormenta Hidromagnética (Floriano de Olival)	Mensagem
1980	7	Reprod. Do Correio Fraternal do ABC	O Prêmio Nobel da Paz, 1981 - Francisco Cândido Xavier como seu candidato	Notícia
1980	8e9	Reprod. Do Jornal Dia e Noite.	Divaldo Pereira Franco	Entrevista
1980	10	Maria Raquel Duarte Santos	Divaldo Pereira Franco fala à Federação Espírita Portuguesa	Entrevista
1980	11	Maria Raquel Duarte Santos	As nossas entrevistas - Maria Cecília Paiva fala a <i>Revista Estudos Psíquicos</i>	Entrevista